

MARIA NEUMA BARRETO CAVALCANTE

BICHO MAU: A GÊNESE DE UM CONTO

SAO PAULO

1991

MARIA NEUMA BARRETO CAVALCANTE

BICHO MAU: A GÊNESE DE UM CONTO

Tese de Doutorado apresentada ao
Departamento de Letras Clássicas
e Vernáculas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Hu-
manas da Universidade de São
Paulo.

Orientadora: Prof^a. D^a. Cecília de Lara

São Paulo

1991

AGRADECIMENTOS

à Prof^ã. Dr^ã. Cecília de Lara;

à Fundação de Auxílio à Pesquisa do Estado de São Paulo;

ao Prof. Dr. José Sebastião Witter,
Diretor do
Instituto de Estudos Brasileiros;

à Prof^ã. Dr^ã. Marta Rossetti Batista,
Vice-Diretora do Instituto de Estudos
Brasileiros;

à Prof^ã. Dr^ã. Elza Miné;

aos amigos e colegas funcionários do IEB;

à Sra. Maria Augusta de Camargo Rocha;

às amigas Lenira Marques Covizzi, Maria
Célia de Moraes Leonel, Maria Lúcia
Guelfi, Kátia Bueno Romanelli e Edna Maria
Fernandes Nascimento, da equipe
Guimarães Rosa;

à colaboração de Tereza Neuma, na revisão;
Betty, na revisão da digitação; Lenira e
Kátia, na leitura; Betão e Karel, na
iniciação em Micro;
ao Ozeas.

*"Só os abismos é que se transpõem; o resto
a gente passa e não repara."*

J. Guimarães Rosa - Série Originais.

BICHO MAU: A GÊNESE DE UM CONTO

Errata

Página	Linhas	Onde se lê	Leia-se
Capa		GENESE	GÊNESE
Pag. rosto		GENESE	GÊNESE
ÍNDICE		Transcrição	Cópia xerográfica
(2)	12	textos	"textos"
	16	da	de
	21	transforamações	transformações
(3)	6	procurando	procurando-se
	13	suscitatas	suscitadas
	15	diretamenta	diretamente
2	8	Guimarães Guimarães	Gúimarães
	12	acompanhar	acompanhar a
3	3	Segundonos	Segundo nos
	11	com a	com as
5	13	Sertao	Sertão
7	14	- um	- conta com um
	17	coletados	pesquisados
	1	Quando	"Quando
	9	Menor	Menor"
	12	restaurar	"restaurar
	16	filológica	filológica"
9	19	asua	a sua
15	21	Buriti	"Buriti
16	3	subsequentes	subseqüentes"
19	4	apóiamo-nos	apoiamo-nos

		23	narrativa, diálogos,	narração, diálogos)
21		4	organizei	organizamos
		8	seguí	seguimos
25		15	Foi	"Foi
		19	público (...)	público (...)"
26	nota	10	(E73)	(E7)
28		1	12, que	12 que
30		14	literatura	literatura
31	nota	19	transeunte	transeuntes
35		21	são texto	são
36		7	variantes Para	variantes. Para
		8	bmi	BMI
39		14	ortografia	ortografia.
	nota	25	muito	mais
41		22	ouvou	ou vou
51		11	Uma	"Uma
		14	sertão	sertão"
52		3	Você	"Você
		8	momento	momento"
		15	Dr.	"Dr.
		20	sistema...	sistema..."
55		5	uma	uma segunda
56		8	os	estes
		9	da e	da
58		17	negrito	em negrito
59		6	burrinhodo	burrinho do
		7	O homem	A estória do homem

		23	O homem	A estória do homem
60		1	O homem	A estória do homem
61		9	não me	não nos
		16	procurei	procuramos
		20	quero	queremos
Quadro [esq]		2	exa-	exata estória do
	[dir]	5	Burrinho	Burrinho do comandan- te
62	nota	42	porEduardo	por Eduardo
64		2	utilizo	utilizamos
		3	faço	fazemos
		4	adaptaados	adaptados
		8	texto	"texto"
		10	texto	"texto"
65		16	textos	"textos"
		18	texto	"texto"
		25	texto	"texto"
66		1	inter?	intraverbal
		4	texto	"texto"
		5	texto	"texto"
		9	texto	"texto"
		16	texto	"texto"
		16	BM2c	BM2
		17	BM2c	BM2
		20	texto	"texto"
111		7	cabeçum	cabeça um
117		3	dat,	dat:

		4	indicaçãodo	indicação do
154		6	emcima	em cima
		7	depranto	de pranto
155		2	azule	azul e
		3	ver]	verde]
156		5	do presente	do presente
		6	sobre sobre	sobre
158		12	BMI*	BMI**
159		4	subli.	sublinha
161		9	meu ver	nosso ver
		12	optei	optamos
		17	sua	a
		24	textos	"textos"
163	nota 4	4	é	e
164		21	chamar chamar	chamar
166		22	o Mau	Bicho Mau:
169		1	Daniel(11)	Daniel
171		19	narrativa	narração
175		3	ta	A
176		12	"Bico	"Bicho
		14	ccom	com
		17	incríveis	incríveis
177		4	devagar	"devagar
		4	arrastava	arrastava"
		10	querozena	querozene
		14	metro	metros
178		7	acabeça	a cabeça

	22	Guyimarães	Guimarães
	23	frase	frase:
180	1	accionando accionando	accionando
186	12	A a	a
	14	trabalhos	trabalhados
	16	vitalidade0	vitalidade. 0
187	25	ofato	o fato
	5	todas sob	todas
188	12	do ponto	do ponto
190	1	como a	como a
	20	geográfico..	geográfico.
	23	se referia	se referia .
	24	Halley	Halley
192	3	é manuscrito	é o manuscrito
	6	confirmam	confirmam
	10	BM3	BM1
196	4	Rosa não	Rosa não
	6	quando	quando
	10	isso	Isso
197	2	duas duas	duas
200	12	COVIZZI, Lenira Marques	COVIZZI, Lenira Mar- ques e NASCIMENTO, Edna Maria F.S.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

- O "Projeto de organização e exploração do Arquivo
Guimarães Rosa.....1
- Definição do *corpus*.....7
- Metodologia.....8

OS MANUSCRITOS

- A trajetória de "Bicho Mau".....21
- O dossiê da fase redacional e a tradição de "Bicho Mau".....32
- O dossiê de documentação redacional.....51
- A vida pública de "Bicho Mau".....58

CONFRONTANDO OS MANUSCRITOS

- Critérios.....64
- Transcrição.....238-279
- Confronto de EM1 com EM2.....68
- Confronto de EM2 com EM3.....99

LENDO AS VARIANTES.....156

CONCLUSÃO.....193

BIBLIOGRAFIA.....199

Apresentação

Até o Sec. XIX a filologia atribuía importância apenas aos manuscritos antigos e medievais, únicos testemunhos das obras literárias. Hoje a atenção se volta também para os manuscritos contemporâneos, testemunhos dos processos de criação e como tal parte integrante da cultura de uma nação. Para esta valorização mais ampla do manuscrito contribuíram decisivamente as universidades e instituições especializadas. São elas as guardiãs da herança representada pelos arquivos, para a qual podem dar um tratamento científico; delas partiu o incentivo para cursos de documentação arquivística de acervos pessoais; e nelas se desenvolvem métodos para o estudo do manuscrito como uma entidade viva e dinâmica.

A primeira parte deste trabalho aborda inicialmente o processo dentro do qual ele se situa, isto é, os objetivos do "Projeto de organização e exploração do Arquivo Guimarães Rosa", pertencente ao IEB/USP, do qual participamos enquanto organizadora da série *Originais*. Em seguida, expomos a proposta de trabalho consubstanciada na idéia de estudar a gênese do conto "Bicho Mau", a possibilidade de publicação de um "texto" inédito em vida do autor e, demonstrada a sua viabilidade, a forma de concretizá-la em uma edição.

Metodologicamente, apoiamo-nos nos conceitos formulados pela crítica genética, disciplina cujo objeto é a decifração e a crítica do manuscrito literário. Orientamo-nos principalmente no programa

para o estudo do manuscrito contemporâneo, desenvolvido por Pierre-Marc de Biasi, pesquisador do CNRS.

A segunda parte é dedicada ao dossiê dos manuscritos de "Bicho Mau" em suas fases pré-redacional e redacional. Aqui é reconstituída a história externa dos documentos (genética textual) com o apoio de informações para-textuais. Contamos, para a realização deste item, com a valiosa colaboração de D^a. Maria Augusta de Carvalho Rocha, amiga de Guimarães Rosa, que durante 10 anos acompanhou seu trabalho de criação literária.

Para o estudo da história interna dos documentos, objeto da terceira parte, utilizamos uma reprodução em cópia xerox do "texto" de base (BM1) para cotejar com ela os três textos seguintes da cadeia genética (BM2a, b e c) O levantamento das variantes foi realizado segundo os critérios estabelecidos pela equipe que, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Walnice Nogueira Galvão e a supervisão da Prof^a. Dr^a. Cecília de Lara, prepara a edição genético-crítica da *Grande Sertão: Veredas*, que será publicada sob os auspícios da UNESCO. Não foram necessários, para tanto, mais do que pequenas adequações à especificidade deste corpus. Vem em seguida o cotejo de BM2 com a versão mais recente do conto (BM3); para esta, pelas transformações profundas que sofreu, notadamente supressões e deslocamentos, foi feita uma transcrição descritiva, seguida dos trechos correspondentes de BM2 e dos manuscritos do dossiê documental.

Causa-nos um certo desconforto constatar que a linguagem,

num trabalho dessa natureza, traz o peso de uma marca demasiadamente técnica. Ocorre, contudo, que o rigor da pesquisa se impõe como um aspecto indispensável para uma descrição minuciosa e rigorosa do material.

A quarta parte está dedicada à leitura das variantes mais frequentes procurando compreender os procedimentos do escritor na construção de sua escritura. O livro de Mary Lou Daniel - *Travessia Literária* - aqui, nos foi de inestimável utilidade. Este livro teve uma origem fecunda e autorizada: escrito quando ainda vivo Guimarães Rosa, foi produzido com a ajuda de uma correspondência rica entre a escritora e o autor de "Bicho Mau".

A conclusão, parte cinco, é dedicada à procura de respostas para as questões suscitadas ao longo de todo o trabalho.

Cabe advertir, por último, que a bibliografia limita-se às obras que se ligam diretamente ao trabalho.

INTRODUÇÃO

*"às vezes quase acredito que
eu mesmo, João, sou um conto
contado por mim mesmo."*

J. Guimarães Rosa - Literatura é Vida.

O "Projeto de organização e exploração do Arquivo Guimarães Rosa" vem sendo desenvolvido no IEB desde 1979, sob a supervisão da Profa. Dra. Cecília de Lara, que iniciou a identificação do material do acervo do escritor, elaborou o Inventário Prévio e reuniu uma equipe de estagiários que está dando continuidade à organização, de forma mais efetiva e aprofundada, visando à elaboração de monografias, teses, edições críticas, ensaios etc.

O Arquivo compreende livros, já processados pela Biblioteca do IEB, e documentos classificados, a partir do Inventário Prévio, em séries e sub-séries. Sua descrição encontra-se, de forma detalhada, na tese de doutorado de Maria Célia de Moraes Leonel,(1) que integrou a equipe inicial de organização dos documentos. Os dados que se seguem procuram atualizar essas informações.

Série documentação pessoal - carreira diplomática e outros. Estes documentos são subsídios importantes para o estudo da obra do titular do ponto de vista biográfico.

Série Correspondência - aproximadamente 950 cartas: pessoais, burocráticas, com tradutores e/ou editores, postais, bilhetes etc. As cartas do autor são cópias datilografadas, às vezes com anotações manuscritas e desenhos; as recebidas por ele são originais datilografados ou manuscritos. Segundo as

1- Maria Célia de Moraes Leonel. Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto. Tese de Doutorado, mimeo. FFLCH/USP, 1985.

organizadoras da Série (2), é fonte preciosa para o conhecimento do processo da gênese da obra de Guimarães Rosa: detectar a intertextualidade; identificar termos técnicos, científicos, regionais e mitológicos; elucidar termos; descrever etimologias; esclarecer usos e costumes; analisar o processo de criação de neologismos etc.

Série Recortes - três mil e quinhentos recortes de Jornais e Revistas, nacionais e estrangeiros, de e sobre Guimarães Guimarães Rosa e de terceiros, e uma documentação complementar posterior à morte do escritor. Os volumes de um a nove foram organizados pelo autor, que fez anotações marginais em alguns deles. Esta série permite acompanhar trajetória da crítica sobre a obra de Guimarães Rosa e descortinar o universo de interesses do escritor.

Série estudos para obra - trinta e oito pastas, vinte e cinco cadernos e sete cadernetas. São anotações de viagens - à Europa, ao Pantanal matogrossense, ao interior de Minas-; vocabulários, expressões, frases, provérbios, listas (topônimos, antropônimos), índices, citações, fragmentos de conversas ouvidas em pontos de ônibus, anedotas, títulos para contos e livros etc. Os assuntos são os mais diversos: religião, moda, costumes, línguas, meios de transporte, fauna, flora. Há mapas, desenhos de animais, casas e cenas domésticas. Grande parte desse material está reunida sob títulos dado pelo autor (zoo, plantas, aves, Itália, boiada etc). Entre as cadernetas há uma, com o título *Madu*, que segundo me informou Dona Maria Augusta, resultou de uma viagem que ela fez ao interior de Minas. Dona Maria Augusta de Camargo Rocha era

funcionária do Itamarati, no departamento de publicações. Durante dez anos teve o privilégio de ser o primeiro leitor das narrativas de Guimarães Rosa. Segundo/nos contou, ele precisava de um ouvinte e ela sabia ouvir. Acompanhou todo o processo de elaboração de *Primeiras Estórias*, *Tutaméia*, *Ave*, *Palavra*, e foi com a sua ajuda que Paulo Rónai organizou o volume de *Estas Estórias*, conforme consta no prefácio do livro. D. Maria Augusta indo de férias para Minas, o escritor pediu-lhe para anotar tudo o que julgasse ser do seu interesse: superstições, histórias, expressões. Ela seria, lá no interior, seus olhos e seus ouvidos.(3) Daí resultou a *Caderneta da Madu* que, juntamente com a seis anotadas por Guimarães Rosa em suas viagens, constitui um dos tesouros da série *Estudos para obra*.

Série Originais - documentos datilografados, em sua maior parte, em diferentes etapas de elaboração de obras publicadas, de obras não publicadas, e outros que estão sendo identificados. A documentação se encontra nos mais diversos tipos de papel: sulfite, apergaminhado, jornal, folhas de cadernos, de cadernetas, com timbre do Ministério das Relações Exteriores etc; e tamanhos: desde o ofício até fragmentos, metades de páginas, tirinhas. Algumas folhas estão inteiramente aproveitadas, nas margens, no verso, nas entrelinhas. Foram usadas máquinas diferentes, caneta, grafite, lápis coloridos. Há desenhos, mapas, páginas de rosto, capas, provas tipográficas, cópias com carbono, reproduções mecânicas, folhetos turísticos, recortes de jornais e revistas, figuras coladas, constituindo um material que pode, ou não, relacionar-se com o tema

3 - Conversamos longamente com Dona Maria Augusta Camargo Rocha, em seu apartamento no Rio de Janeiro e, embora não tenhamos podido gravar as informações que recebemos - o que, embora respeitando sua vontade, lamentamos muito - estas surgirão, mesmo de forma subjacente, neste trabalho.

em elaboração ao qual estão agregados.

Quanto aos originais, editados ou não, existem manuscritos completos de: *Sagarana*, *Primeiras Estórias*, *Tutaméia*, *Ave*, *Palavra*, *Estas Estórias* (segundo a organização da edição corrente), o Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras (mais de 4 versões), *Magma*, prefácios, orelhas de livros e várias narrativas curtas inéditas em estágios diversos de elaboração. Alguns manuscritos são acompanhados de listas semelhantes às encontradas nos *Estudos*.

Apesar das dificuldades - principalmente materiais - o Arquivo já se encontra num estágio que permite o acesso de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. A série *Correspondência* foi utilizada por Edna F. Nascimento em sua tese de Doutorado *Estudo da Metalinguagem natural em Guimarães Rosa* e no ensaio sobre a vida e a obra do escritor - *Escritor singular, homem plural*, em colaboração com Lenira M. Covizzi.(4). Iná V. Rodrigues está desenvolvendo uma dissertação de mestrado sobre os processos de tradução na correspondência de Guimarães Rosa com Harriet de Onís. Katia B. Romanelli realizou a organização e indexação da série *Recortes* e preparou, para publicação, um volume de críticas selecionadas sobre a obra de Guimarães Rosa. Outro livro preparado, *Provisório x Eterno: JGR entrevistas e retratos*, tem organização, seleção e notas de Cecília de Lara.

Além da tese já citada, de Maria Célia, Sandra Gardini Teixeira de Vasconcelos reuniu elementos para sua dissertação de

4 - Edna Maria F.S. Nascimento e Lenira Marques Covizzi. *João Guimarães Rosa: homem plural escritor singular*. São Paulo, Atual, 1988.

mestrado *Baú de Alfaias* (5), sobre a incorporação à obra literária, pelo autor, da cultura popular. Com base na documentação do acervo, foi montada a exposição "Confluências: trilhas de vida e de criação", organizada pela Profª. Dra. Cecilia de Lara, com a colaboração dos estagiários, e levada a várias cidades do país e à França. O material para consulta dos professores candidatos ao concurso para ensino do português na França (CAPES) foi elaborado com as pesquisas feitas pelo Prof. Paul Teyssier, durante um mês, em 1986, no Arquivo João Guimarães Rosa.

Com estagiários que participam da organização do acervo, a Profª. Drª. Cecilia de Lara formou a equipe que, sob sua supervisão e coordenação da Profª. Drª. Walnice Nogueira Galvão, prepara o texto genético-crítico de *Grande Sertão: Veredas* a ser publicado pela Coleção Archives, da ALLAC da UNESCO.(6)

A compreensão da importância dos manuscritos de autores contemporâneos, acrescida dos estudos genéticos da obra literária, está levando as bibliotecas e universidades, em vários países, a adquirirem espólios de escritores e a montarem equipes para a descrição e exploração desses fundos(7). O Arquivo do IEB é depositário de acervos de quatro expoentes da nossa literatura contemporânea: Mário de Andrade, Oswald de Andrade (reproduções mecânicas), Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, além de outros acervos menores mas não menos expressivos (Artur de Azevedo, Freitas

5 - Sandra G.T. Vasconcelos. *Baú de Alfaias*. FFLCH/USP. Dissertação de Mestrado, 1984

6 - A Coleção projeta publicar 120 volumes de edição crítica de autores latino-americanos, africanos e do Caribe.

7 O Fundo Astúrias na Biblioteca Nacional de Paris, o Fundo Pasolini na de Roma, o Fundo Pessoa na de Lisboa etc.

Valle).

Um Arquivo com essas dimensões requer bom número de anos e equipes tecnicamente preparadas, não só para leitura e o trato com manuscritos, como conhecedora da obra do autor em estudo, além, evidentemente, de dedicação e persistência para estar sempre refazendo o trabalho, tanto para a identificação correta dos documentos como para a adoção de melhores e mais modernas técnicas de classificação, armazenamento e conservação.

O *Projeto de organização e exploração do Arquivo Guimarães Rosa* contempla também a possibilidade de preparo de edições críticas e/ou anotadas das obras do escritor e estudos genéticos dos seus manuscritos. O preparo dessas edições, partindo do cotejo das edições existentes e do(s) documento(s), corresponde a uma aspiração dos estudiosos do autor.

Definição do corpus

Após anos de convívio com o Arquivo Guimarães Rosa não pudemos ficar imune à sua sedução. Concluída a primeira fase de organização dos documentos da série *Originais*, optamos - e não foi fácil, diante de um leque tão amplo de alternativas - por trabalhar com o conto "Bicho Mau", que, das narrativas inéditas, em vida do autor, é a que tem uma história mais rica: é a mais antiga, esteve sempre presente nos projetos editoriais do escritor através de esboços de redação, índices de livros, títulos, etc; mantém uma ligação com a biografia de Guimarães Rosa - sua experiência como médico no interior de Minas; e ancorou um dos argumentos de Graciliano Ramos para negar-lhe o primeiro lugar no concurso literário Humberto de Campos, promovido pela Livraria José Olympio. Além do que - para o nosso projeto, o dado mais importante - um grande número de manuscritos das fases pré-redacional e redacional.

Terminado o inventário dos documentos relativos ao conto - coletados nas séries *Originais*, *Estudos para obra* (listas, cadernos e cadernetas) e *Correspondência* com tradutores - tínhamos estabelecido um *corpus* com 192 páginas datilografadas e 52 manuscritas, além das anotações em cadernos, listas e cadernetas. Nosso objetivo era o de estudar a gênese do conto a partir dos conceitos da genética textual.

Metodologia

Do século III aC até os dias atuais, o conceito de *manuscrito* e os métodos elaborados para estudá-lo têm passado por grandes transformações.

Até o século XV, o manuscrito era a única forma de transmissão da atividade intelectual. Reproduzidos artesanalmente, a fidelidade ao original dependia do grau de cultura e habilidade dos copistas, além de suas condições físicas. Umberto Eco, em *O nome da Rosa*, descreve o escritório de uma biblioteca, num convento do século IV, onde os copistas, debruçados sobre mesas colocadas ao pé de altas janelas, escreviam do amanhecer ao pôr do sol. Enquanto houvesse luz. E era um dos conventos mais preocupado com a cultura, mais rico e bem aparelhado da Idade Média. Além da inadequação de meios para o exercício da atividade dos copistas, muitos manuscritos que lhes serviam de referência já eram outras tantas cópias, acumulando assim cada vez mais erros e afastando-se do original.

Os estudiosos, sentindo a deteriorização a que seria levada a herança cultural, apoiada em suportes tão frágeis e vulneráveis, dedicaram-se a recuperá-la.

Quando os povos entram em exaustão de suas energias criadoras, isto é, num período de cansaço, via de regra se tornam saudosistas, debruçando-se sobre o seu passado numa tentativa de recriação. Foi o que sucedeu com a Grécia após o período de esplendor dos séculos V e IV (...) passado esse período de apogeu e a febre dominadora do reinado de Alexandre, inicia-se a fase helenística, em que a Grécia não só se volta a repensar o passado, mas exporta as formas de sua criação para o Mediterrâneo ocidental e para a Asia Menor.

Criam-se grandes bibliotecas onde os livros não eram apenas guardados, mas ordenados e catalogados com o objetivo de

restaurar os textos literários antigos, tornados ininteligíveis às gerações da época, sobretudo os poemas épicos de Homero - recuados cinco séculos e conhecidos através de versões discrepantes, lacunosas, desfiguradas por erros e interpolações. Foi, portanto, do amor à poesia que nasceu a ciência filológica.(8)

Na Idade Moderna o manuscrito convive já com o texto impresso, mas é só no fim do século XVIII que perde completamente asua função como veículo de comunicação adquirindo outra: *mais il se recentre sur une toute autre signification (qu'il a vraisemblablement toujours eue pour les écrivains, mais qui devient alors une `valeur` reconue): il devient la trace personnelle d'une création individuelle, d'une création* (9) e a atitude dos filólogos

8 - Segismundo Spina, *Introdução à Edótica*. S. Paulo, Cultrix/Edusp, p. 60/1.

9 - Pierre-Marc de Biasi. *La critique génétique*, in *Introduction aux Méthodes des*

também muda: a crítica textual volta sua preocupação para a recuperação do texto arquetípico, aquele que descende diretamente do original.

No início do século XIX, a *formulação de um método racional de recensão, classificação e colação dos manuscritos, abre uma perspectiva toda nova à hipótese "reconstrutiva", isto é, à possibilidade de remontar ao texto arquetípico pela comparação e a combinação de todos os testemunhos disponíveis* (10). Este método, definido por Karl Lachmann, foi superado, na França, por Bédier que funda a crítica assentada sobre a hipótese do melhor manuscrito.

Giuseppe Tavani, filólogo contemporâneo, da Universidade de Roma, rejeita igualmente a idéia de recuperação do arquetipo e do "bom manuscrito", porque apoiada no conceito de texto como um dado fixo e imutável, quando este, ao contrário, é *une agrégation de stades textuels successifs et, en même temps, coexistants, qui s'entrecroisent et s'entrelacent sans cesse* (11). Estes debates todos revitalizam os estudos sobre o manuscrito, que estavam coagulados há séculos. Louis Hay (pesquisador do CNRS) relaciona esta eclosão de novas atitudes críticas com a queda do Ancien Régime e os movimentos patrióticos que despertaram o *intérêt neuf pour les littératures nationales*.

Critiques pour l'analyse littéraire. Paris, Bordas, 1987, p.5/40.

10 - Giuseppe Tavani. Le texte: son importance, son intangibilité, in *Littérature Latino-Américaine et des Caraïbes du XX siècle*. ALLCA, Roma, Bulzoni Editore, 1988, p.23/34.

11 - Giuseppe Tavani. *idem*.

L'histoire de ce phénomène culturel nous ramène dans l'Allemagne de l'époque romantique. En exaltant la tradition nationale, le romantisme donne leurs lettres de noblesse aux documents de la littérature allemande; un mécénat patriote et éclairé commence à les recueillir à l'égal des manuscrits grecs ou latins. Au milieu du XIX siècle, l'Allemagne compte déjà plus d'une centaine de collections importantes - quatre fois plus que la France à la même époque. A la fin du siècle, ce mouvement culmine dans les fastes inauguraux du 'Goethe und Shiller-Archiv' de Weimar; le manuscrit moderne est devenu monument national". (12)

A análise conjuntural de dois especialistas, de crítica textual (Spina) e de crítica genética (L. Hay), aproxima os dois momentos marcantes na história da filologia - seu nascimento e sua adequação ao manuscrito de novo tipo - que eclodiram movidos pela mesma necessidade de valorização da herança deixada pelos escritores, preservação e revitalização da memória, numa perspectiva de afirmação da identidade cultural.

O manuscrito começa a se enriquecer de um novo significado: o de testemunho do trabalho do escritor, e exigindo, por isso, um método também novo de abordagem, que procure descobrir, *por trás da superfície do texto constituído, uma pluralidade de textos virtuais*. A palavra também desliga-se do sentido etimológico, de feito à mão. Um manuscrito pode ser batido à máquina, digitado no computador, ditado num gravador; as provas tipográficas, revisadas mas não autorizadas para edição, também são manuscritos.

12 - Louis Hay. *L'Ancien et le Nouveau Monde: l'édition du texte*. In *Littérature Latino-Américaine...*, cit, p. 87/102.

Goethe, citado por Louis Hay,(13) usou pela primeira vez a expressão "evolução genética" de uma obra e escreveu, já em 1840: *On ne peut embrasser les ouvrages de la nature et de l'art quand ils sont achevés; il faut les saisir au vol, à l'état naissant, si l'on veut parvenir à les comprendre* (14). Mas foi na França onde se desenvolveram as discussões e os trabalhos sobre esta nova maneira de refletir a respeito do manuscrito moderno, objeto dos estudos genéticos.

Durante a década de 1960, o crescimento da crítica genética foi retardado pela penetração do estruturalismo em várias áreas das ciências humanas. Embora com uma concepção bastante diferenciada sobre o texto, que entendia como um sistema fechado, uma entidade fixa, o estruturalismo foi muito útil à crítica genética: despertou o interesse pelo texto e forneceu, indiretamente, o corpo de doutrina com cujo apoio a nova disciplina elaborou os seus próprios conceitos.

Uma série de fatores contribuiu para que a crítica genética pudesse estruturar-se organicamente através de conceitos e terminologia específicos: os escritores começaram, eles próprios, a guardar seus manuscritos e a refletir criticamente sobre a criação literária; houve um desenvolvimento editorial muito intenso e o avanço da tecnologia criou mecanismos (leitura ótica, raios ultravioleta e infra-vermelho) que facilitam a leitura e decifração dos manuscritos, a observação de detalhes de sua materialidade que passavam despercebidos ao olhar; a vulgarização da informática,

13 - Louis Hay, cit.

14 - Louis Hay, *La Critique Génétique: origines et perspectives*, in *Essais de critique génétique*, Paris, Flammarion, 1979, 227/236.

permitindo guardar um estoque maior de dados, e em menor tempo, confrontá-los e quantificá-los etc, com menores possibilidades de erros.

Mas se com o estruturalismo a crítica genética estabelece uma relação de oposição - uma vez que partem de pontos de vista divergentes em relação ao texto - com a crítica textual clássica sua relação é de cooperação; a crítica genética empresta da edótica - com adequações - a sequência de etapas que esta cumpre no seu exercício de realização do texto crítico: a *recensio* - inventário do material existente para a organização de um dossiê; a *estemática* - que organiza a árvore genealógica dos manuscritos. Tendo como objetivo a busca do arquétipo ou do melhor manuscrito, ou ainda a restituição ao texto de *sua dignidade de sujeito da história*, a crítica textual, para definir um estema, parte do testemunho mais recente para o mais antigo.

Por sua vez, os estudos genéticos voltados à reconstituição da gênese dos manuscritos, para observar a escritura *in fieri*, trilham o caminho inverso: do manuscrito mais antigo para o mais recente. Quando se trata do estabelecimento do texto impresso, a edótica utiliza os manuscritos como material subsidiário, enquanto que, para a crítica genética, estes formam o próprio *corpus* do trabalho crítico.

Finalmente, o último instrumento da crítica textual que vem prestar serviço à crítica genética é a *collatio* - o confronto entre os testemunhos, para que seja possível a classificação genética: *sur l'axe paradigmaticque pour les états successifs d'élaboration du même fragment; et sur l'axe syntagmaticque pour*

l'enchaînement de ces différents fragments.(15)

Percorrido este caminho, será possível realizarem-se os dois momentos dos estudos genéticos: a genética textual, que estuda a história externa e interna dos manuscritos, para reconstituir a sua gênese; e a crítica genética que procura compreender a dinâmica da escritura; elucidar os mistérios da criação e elaborar conceitos, métodos e técnicas que permitam estudar cientificamente o manuscrito moderno, como define de Biasi.

Dificuldade a enfrentar é a complexidade do material com o qual se vai trabalhar. Tanto que, a nosso ver, as análises genéticas já realizadas podem ser utilizadas como orientação, não como modelo. No entanto, embora sejam diversas e particularíssimas as técnicas de cada escritor, logo, o dossiê de cada obra - completo ou não - há diretrizes, como as definidas por de Biasi, que podem ser seguidas observando-se, naturalmente, as especificidades de cada conjunto documental com o qual se vai trabalhar.

Pierre-Marc de Biasi em seu ensaio *La critique génétique* define três grandes momentos do estudo genético dos manuscritos organizados em um dossiê: as fases da gênese - pré-redacional, redacional, pré-editorial e editorial; a genética textual - momento em que se reconstitui cronologicamente a gênese material da obra, a

sua decifração e transcrição; e, finalmente, a crítica genética.

A primeira tarefa do pesquisador, ao se dispor a estudar a gênese de uma obra, é realizar um inventário de todos os testemunhos encontrados. É o dossiê de gênese da obra que permitirá o surgimento das quatro fases genéticas que englobam os manuscritos, desde o projeto inicial até as provas autorizadas para impressão.

a) A fase pré-redacional se caracteriza por um tipo de manuscrito que corresponde, no Arquivo Guimarães Rosa, àqueles que se encontram na série *Estudos para obra*: são listas de nomes, títulos, recortes, verbetes, informações de terceiros. Nesta fase, poderá haver uma etapa *pré-inicial exploratória*, na qual a obra existe apenas como projeto - que poderá ser abandonado e retomado depois, ou não. "Quiterinha", por exemplo, existe apenas sob a forma de pequenas frases e esboços e consta de um índice - portanto, tem um registro de nascimento. A mesma coisa em relação ao "Homem que sabia latim". Quando, porém, não há testemunho escrito deste ponto de partida, os registros colaboram com a história externa do manuscrito, não com sua gênese. Maria Célia Leonel nos fornece informações sobre o conto "Buriti" que consideramos elucidativa dessa distinção:

Buriti, a que o romancista afirma ter "assistido" em 1948, conta com o emprego de muitos e muitos registros da *Grande excursão a Minas*, resultado da viagem de 1945 e, em menor número, de *A boiada de 1952*. Tal constatação autoriza a formulação de hipóteses acerca da concepção e gestação dessa novela: a um núcleo antigo, juntaram-

se componentes da região visitada em 1945, ou por outra, a estória nasceria - em 1948 -, já enformada por esses elementos, sendo aperfeiçoada nos anos subsequentes.

Essas anotações de viagens foram reaproveitadas também em outras novelas como "A estória de Lélío e Lina", "Uma estória de amor", "Cara-de-Bronze", "Recado do Morro". Mas não se pode dizer que em 1945, ou 1952, haja um ponto de partida de qualquer uma delas. Como diz Maria Célia, "Buriti" só "nasceu em 1948". A evidência do reaproveitamento mostrada pela pesquisadora e a informação prestada pelo escritor são valiosas para a contextualização de "Buriti".

O mesmo acontece em relação a *Tutaméia*. No posfácio de *Sezão*, Guimarães Rosa diz que já está pensando no próximo livro que se chamará *Tutaméia*. No entanto, não há um único fragmento desse projeto; um título é tudo que existe. É uma informação que estimula a pesquisa e enriquece a história externa da obra, mas não entra na composição do dossiê de gênese.

O momento seguinte é o de decisão e de programação, quando o projeto começa a ser viabilizado e são elaboradas as primeiras páginas.

b) A fase redacional é "o coração da obra", onde se localizam os rascunhos. Neste momento podem aparecer também notas, listas etc, mas já relacionadas com a própria redação. O autor já tem um plano e um dossiê com informações de cunho histórico, social, político, etc, uma "documentação de atmosfera", que a narrativa deverá abordar. Lembremos os mapas feitos por Guimarães Rosa de

lugares onde se desenrolam cenas de *Grande Sertão: Veredas*, ou páginas e páginas sobre assuntos religiosos (missa, procissão, a Festa do Divino, etc) reunidos para a narrativa *O Imperador*.

A segunda etapa da fase redacional, *O dossiê de redação ou rascunhos da obra*, caracteriza-se pelas várias tentativas de redação; páginas rasuradas e recopiadas. Lembramos aqui o Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras que teve um longo percurso que resultou em várias versões.

No momento dos cenários desenvolvidos as listas da fase anterior já começam a participar da obra de forma recriada e os rascunhos vão ficando mais articulados, embora sem preocupações com uma organização interna da narrativa. Podem aparecer espaços em branco que serão preenchidos com nomes de personagens, lugares, etc. No dossiê de "Bicho Mau" há meia página, em papel jornal (transcrito na parte 4 deste trabalho), que é bem o exemplo dessa etapa.

O momento dos esbocos e dos rascunhos é o da releitura do rascunho, quando a redação começa a se ampliar com acréscimos nas margens, entrelinhas, setas, chaves, etc. É, por exemplo, o caso do primeiro rascunho de *Grande Sertão: Veredas*.

Finalmente, a última etapa da fase redacional é a passagem do rascunho a limpo, a tarefa de torná-lo mais legível. As supressões são em muito maior número que os acréscimos e a redação procura a concisão. Como a anterior, esta etapa ainda é um momento do manuscrito de trabalho.

c) Na fase prè-editorial situa-se o momento do manuscrito

definitivo. É o último estágio do autógrafo. Em Guimarães Rosa aparece já datilografado, mas as intervenções manuscritas lhe asseguram ainda o valor de autógrafo. O manuscrito é então confiado a um profissional, o copista, o autor relê, corrige as falhas e o entrega à casa editora. As provas tipográficas poderão ser várias, conforme as modificações e correções que o autor executa, e, ao conseguir deixar o texto no estado que julga definitivo, diz de Biasi que a tradição manda que seja assinado sob a menção manuscrita "bon à tirer". A partir deste momento termina o espaço do *avant-texte* e inicia-se o do texto.

No entanto, a fase editorial não encerra necessariamente os estudos genéticos. Enquanto o autor estiver vivo, terá o direito de rever e modificar todas as edições que saírem - Guimarães Rosa corrigiu *Sagarana* até a 5ª edição. Mas estas transformações, embora - diz de Biasi - sejam ainda da competência dos estudos genéticos, não têm o mesmo estatuto dos manuscrito da fase *prè-editorial*.

Adequando essa metodologia ao estudo do conto "Bicho Mau", compusemos um dossiê com todos os documentos relacionados a sua gênese; estudamos sua história externa (materialidade) e procuramos estabelecer uma cronologia entre eles. Com isso foi possível confrontar os manuscritos e tentar interpretar o processo genético da escritura. Estamos utilizando os termos "escritura" e "texto" segundo a conceituação de R. Debray-Genette que distingue fenômeno de escritura de fenômeno de textualização e pensa o texto *comme le produit historique de l'écriture, organisée en commencement et fin, voire finalité* (16) Esta formulação expressa um conceito de texto

16 - Apud Pierre-Marc de Biasi, cit, p. 34.

que se aproxima do de Biasi, quando, ao classificar as fases da gênese, chama texto à edição definitiva, autorizada pelo autor.

Neste sentido, "Bicho Mau" não tem um texto definitivo e, para fazer essa afirmação, apóiamos-nos não só na própria história do conto, mas num argumento de autoridade que é a Nota Introdutória de Paulo Rónai ao livro *Estas Estórias*, de Guimarães Rosa (edição póstuma). Profundo conhecedor da obra e do escritor, com quem conviveu durante muitos anos, Paulo Rónai diz que aos contos inéditos, em vida do autor, e que foram incluídos nesse livro, faltava uma última demão. Sendo assim, "Bicho Mau" deve ser encarado ainda como escritura, uma obra em processo de criação. Portanto, sempre que for necessário usar, para clareza da exposição, a palavra texto em relação ao conto, nós a colocaremos entre aspas.

Pudemos, num primeiro momento, no dossiê organizado, distinguir três ordens de documentos:

- 1 - listas de palavras e expressões,
 - listas de títulos de livros e contos,
 - plano de redação,
 - frases,
 - verbetes de dicionário parte transcritos, parte recriados,
 - esboços de redação datilografados,
 - rascunhos manuscritos (1 folha inteira, outras com pequenos trechos: narrativa, diálogos,

- índices de livros nos quais está incluído "Bicho Mau",

- informações prestadas por terceiros sobre temas

que interessam ao conto;

2 - 4 "textos" completos e um "texto" que corresponde à

metade dos outros quatro.

3 - documentos para-textuais: informações de interesse

para a história externa do conto,

entrevistas, correspondência.

Para levantar a história externa dos manuscritos, datá-los e decifrar-lhes o processo de gênese, dividimos o dossiê em dois: o dossiê dos manuscritos, numa fase de elaboração mais avançada, e o dossiê de documentação redacional. Os documentos para-textuais constituem a base de apoio para o estudo das condições de produção e contextualização do conto.

OS MANUSCRITOS

*"Eu trazia sempre os ouvidos
atentos, escutava tudo o que
podia e comecei a transformar
em lenda o ambiente que me
rodeava."*

J. Guimarães Rosa - Literatura é Vida.

A trajetória de "Bicho Mau"

Para proceder à reconstituição da história do conto desde o projeto que lhe deu origem até o seu estágio mais recente organizei dois dossiês: um composto pelos manuscritos numa fase de elaboração mais avançada - fase redacional - e outro pelos documentos que lhes serviram de ponto de partida: listas, informações dicionarizadas, rascunhos. Para estudo do primeiro dossiê segui três vias paralelas de pesquisa: os para-textos - informações que não se relacionam diretamente com o enunciado literário mas o contextualizam: anotações marginais feitas no manuscrito mas externos à narrativa, cartas, entrevistas, depoimentos de terceiros, documentação pessoal e profissional, ou seja, informações que compõem um quadro das condições em que a obra foi produzida; a história externa do manuscrito - dados sobre seus aspectos materiais ; e a história interna, através do levantamento das variantes.

De 1929 a 1930, Guimarães Rosa havia publicado, três contos na revista O Cruzeiro: "O Mistério de Highmore Hall", "Chronos Kal Anagke" e "Caçadores de Camurça" e, em O Jornal, o conto "Makiné". Em 1936, seu livro de poesias Magma foi premiado

pela Academia Brasileira de Letras e Guilherme de Almeida, membro da comissão julgadora, assim termina o seu parecer: (...) *que seja o 1º prêmio do Concurso de Poesia de 1936 concedido ao livro "Magma", de João Guimarães Rosa; e que não seja a ninguém, neste torneio, conferido o 2º prêmio, tão distanciados estão do primeiro premiado os demais concorrentes.*(1)

O autor reapareceu em 1937 quando a Livraria e Editora José Olympio lançou o concurso literário Humberto de Campos.

Queria ganhar o concurso, claro! Mas, principalmente, precisava de fazer uma experiência. Como as minhas relações literárias eram quase nenhuma e eu sentia falta de que alguém me dissesse se aquilo valia alguma coisa, recorri anonimamente aos membros da comissão julgadora do concurso Humberto de Campos (...)(2)

Sobre as fases genéticas iniciais (pré-redacional e redacional) dessa obra enviada ao concurso, não há registro, apenas informações prestadas pelo autor e por terceiros.

Ao decidir-se a participar no concurso, Guimarães Rosa, segundo conta em carta a João Condé, que a publicou, estabeleceu as seguintes diretrizes que orientariam sua criação: pensaria na palavra arte como corpo e como alma; faria novelas- uma série de *Histórias adultas da Carochinha* - num total de 12, que se passariam

1 - Vilma Guimarães Rosa. *Relembramentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983, p.72.

2 - Entrevista a José César Borba, in Cecília de Lara, cit.

no interior de Minas,

Porque tinha muitas saudades de lá. Porque conhecia um pouco melhor a terra, a gente, bichos, árvores. Porque o povo do interior - sem convenções, "poses" - dá melhores personagens de parábolas. O estilo seria pessoal e desligado de preconceitos a respeito de normas, modas, tendências, escolas literárias, doutrinas, conceitos, atualidades e tradições;

sem lugar comum (3) e com precisão micromilimétrica. Além disso, trabalharia a língua nos estados líquido, sólido e gasoso.

Então - diz ele - passei horas de dias, fechado no quarto, cantando cantigas sertanejas, dialogando com vaqueiros de velha lembrança, "revendo" paisagens da minha terra, e aboiando para um gado imenso. Quando a máquina esteve pronta, parti. Lembro-me de que foi num domingo, de manhã. O livro foi escrito - quase todo na cama, a lápis, em cadernos de 100 folhas - em sete meses (...). Lá por novembro, contratei com uma datilógrafa a passagem a limpo. E, a 31 de dezembro de 1937 entreguei o original, às 5 e meia da tarde na Livraria José Olympio. O título escolhido era "Sezão"; mas para melhor resguardar o anonimato, pespeguei no cartapácio, à última hora, este

3 - Fugir ao lugar comum foi sempre uma grande preocupação do autor o que se reflete em sua correspondência com os tradutores. Entre vários exemplos, citamos este, de uma carta a Harriet de Onís: "Mas, o mais importante, sempre, é fugirmos das formas estáticas, sedijas, inertes, estereotipadas, lugares-comuns, etc. Meus livros são feitos, ou querem ser pelo menos, à base de uma dinâmica ousada, que,

rótulo simples: "Contos (título provisório, a ser substituído) por Viator(...)" (4).

A partir dessas informações e com os documentos que o Arquivo do IEB nos oferecia, procuramos reconstituir a trajetória de Seção e, por conseguinte, de "Bicho Mau".

Regra geral, os concursos pedem, no mínimo dois exemplares dos manuscritos aos candidatos. No entanto, Guimarães Rosa diz que entregou "o original" à José Olympio; Marques Rebelo - um dos membros do júri - diz que *Era um grosso original encadernado com cuidado, quinhentas páginas de papel relatório, espaço dois, cerrado atochado - assustava muito e que, depois de lido, passara-o a Prudente de Moraes neto.* (5). A notícia que temos, então, desse arquétipo - sobre o manuscrito a lápis, do qual foi copiado não há nem vestígios - refere-se a duas cópias: uma enviada ao concurso e outra que o autor levou para a Europa. Em Baden-Baden - onde esteve internado quando da ruptura entre Brasil e Alemanha - mostrou-a a Cícero Dias que o animou a publicá-lo.(6)

Tendo sido também membro do júri do concurso, Graciliano Ramos diz que, após o resultado, e não se sentindo feliz com o seu

se não for atendida, o resultado será pobre e ineficaz" - 4/11/1964 - CT2C)
 4 - João Guimarães Rosa. Confissões. (Carta a João Condé - Letras e Artes, Supl. d'A Manhã, Rio de Janeiro, 1942. A data da entrega dos originais pode ser aferida também na carta a Vicente de Guimarães, de 28/01/38: "Terminei o livro de contos que apresentei ao concurso 'Humberto de Campos', da Livraria José Olympio. Adiarão o julgamento para setembro, aliás". In Vicente Guimarães. Joãozinho. Infância de João Guimarães Rosa. José Olympio, Rio de Janeiro, 1972, p. 126/7.
 5 - Marques Rebelo - Sagarana, in Katia Bueno Romanelli, cit.
 6 - Rubem Braga. Gente da cidade. Guimarães Rosa, vaqueiro. In Cecília de Lara, cit.

próprio julgamento - que contribuiu para premiar o livro de Luis Jardim, *Maria Perigosa* - procurou entrar em contato com o autor dos Contos:

Viator desapareceu sem deixar vestígio (...) Em conversa com J. Olympio, referi-me a ele. Se se cortassem alguns contos, publicar-se-ia um bom livro. E o meu amigo, com entusiasmo fácil, logo se pôs em busca do escritor misterioso, chegou a sugerir-me um artigo, espécie de anúncio. Todas as pesquisas foram inúteis.(7)

Portanto, se o autor não foi encontrado, o original não poderia ter-lhe sido devolvido. Pelo menos, não imediatamente.

No final de 1944, voltando de Bogotá, Guimarães Rosa encontra-se com Graciliano Ramos e diz-lhe que *Havia suprimido os contos mais fracos. E emendara os restantes(...).*(8) Na entrevista a José César Borba, já citada, o escritor lembra essa época:

Foi um custo para achar um apartamento. E só depois, então, é que tornei a pegar no livro. Fiz-lhe pouquíssimas alterações, de forma ou estilo, limitando-me a suprimir em uma ou duas histórias, parágrafos que me pareceram supérfluos para o público (...) Não fazendo referência aos contos excluídos, o autor leva a crer que, ao dar a entrevista, já pensava em Sagarana na sua organização definitiva.

7 - Graciliano Ramos. *Confissões de Bastidores*. In *Sagarana*. 15ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

8 - idem.

Os contos suprimidos são aqueles que sofreram as críticas de Graciliano Ramos: *Por outro lado enjoei um doutor impossível, feito cavador de enxada, o namoro de um engenheiro com uma professorinha e passagens que me sugeriam propaganda de soro antiofídico.* (9) A exclusão, pode-se deste modo concluir, foi em decorrência do julgamento realizado mais de um ano depois da abertura das inscrições.

No Arquivo há três conjuntos de documentos que correspondem a um mesmo momento redacional, isto é, três suportes físicos para um mesmo manuscrito: dois volumes encadernados (um em preto, e outro em vermelho) que têm na lombada: J. Guimarães Rosa, no alto; *Sezão*, 1937, no meio; e J.G.R. na parte inferior. A página de rosto é manuscrita, em nanquim. (10) Cada volume contém 12 contos. O terceiro conjunto está no Arquivo, na série Originais, nas pastas de 1 a 5, sob o título de *Sagarana*, contendo nove contos. As folhas foram cortadas e sofreram acréscimos com outro tipo de papel e máquina, configurando um manuscrito que resulta de uma montagem, e é o testemunho mais antigo de *Sagarana*, o segundo livro de Guimarães Rosa (o primeiro, *Magma*, continua inédito) (11) Dos textos excluídos, apenas "Bicho Mau", parte desse terceiro conjunto, foi conservado integralmente e está na pasta de nº 18 da série *Originais*.

9 - Graciliano Ramos, cit.

10 - Há mais 3 páginas de rosto, avulsas, de *Sezão*, em primeira via (E73)..

11 - "O livro de poesias, este ainda não existe, nunca cheguei a publicá-lo. Foi um `ouvrage de jeunesse`, depois disso minha maneira de sentir e conceber a poesia se transformou muito, distanciei-me demais dele. Um dia, sim, conto publicar outro livro de poesias. Mas quando?" Carta a Jean Jacques Villard, de 7 de abril de 1964. (CT2A) Em 1938, no entanto, ainda tinha intenção de publicá-lo: "Agora estou fazendo o último expurgo do `Magma`, que conto entregar ao editor no mês que

Guimarães Rosa fala a João Condé sobre os contos que não entraram em *Sagarana*: (*Questões de Família - História fraca, sincera demais, meio autobiográfica, mal realizada. Foi expelida do livro e definitivamente destruída*). (*Uma História de Amor - Um belo tema, que não consegui desenvolver razoavelmente. Teve o mesmo destino da novela anterior*)".

Não diríamos destruídas, - porque no Arquivo há duas versões: uma em Sezão e outra na série *Originals*, pasta de nº 6 - mas quase abandonadas. Há registro de que o autor, posteriormente a *Sezão*, novamente se ocupou delas. São três páginas datilografadas - com ortografia atualizada - de excertos de "Questões de Família" e "Uma História de Amor". Constam também de uma lista de títulos.(12)

Quanto a "Bicho Mau", teria deixado *de figurar no "Sagarana", porque não tem parentesco profundo com as nove histórias deste, com as quais se amadrinhara, apenas, por pertencer à mesma época e à mesma zona. Seu sentido é outro. Ficou guardada para outro livro de novelas, já concebido, e que, daqui a alguns anos, talvez seja escrito.*(13)

entra". (Carta de 28/01/38) Vicente Guimarães, cit.

12 - (E36 - Inéditos III) - com datas de 1942 a 1958, documento sem numeração, em papel sulfite, ms, sob o título "Dia a Dia: 1) Brasa Branca; 2) O Burrinho do Comte; 3) O trem de bois; 4) Carne pôdre contra fumo pôdre; 5) Mutirão; 6) Meu tio o iauareté; 7) Natal; 8) Bogotá (morte em vida); 9) O demônio na rua, no meio do redemoinho (Karma); 10) [ileg] (o marido, que teve a visão); 11) Uma história de amor; 12) (O homem com angina no peito)"; doc. 2: "22) Karma (cartomante); 23) Uniforme (o espelho); 24) Boicininga (BM-1); 25) Bicho Mau (BM-2); 26) Xantipa (A megera); 27) Bento-nladisso-Nhana-Paco-Pinguelo; 28) O achado antropológico (os índios redivivos); 29) (O gentio-rachador de lenha); 30) AULA DE ARABE". Obs: O nº 27 é o nome da personagem fabulosa de "Questões de Família"; P.Or.51: "Querência: Fora da Comarga; Bicho Mau; Pelo avêso; Por amor de (o rapto de Rosalina); Cara de Ferro; O Recado do Morro; Marça, Vermelha; Agua Acima; Uma história de amor"..

13 - João Guimarães Rosa, Confissões, cit.

"Bicho Mau" é o sexto conto, do conjunto de 12, que forma os volumes vermelho e preto de Sezão. Situa-se, nestes, entre "Minha Gente" e "Corpo Fechado". Como todos os outros, nasceu - e também aqui há somente a palavra do escritor como testemunho - das lembranças da vida de Guimarães Rosa em Minas, mais precisamente em Cordisburgo e Itaguara.

São duas regiões distintas, bem diferentes, em Minas Gerais. Aquela onde nasci, passei a infância e as férias da adolescência pertencem: "O burrinho pedrês"; "Corpo Fechado" - só o cenário, pois os fatos ou os seus elementos principais, vieram da outra zona; "A Hora e a Vez de Augusto Matraga" - só o início do conto, o resto sobe mais, no mapa; "Minha Gente" e "Duelo", se bem que o Turíbio Todo faça uma excursão pela outra região. A outra região é Itaguara, onde eu cliniquei mais tarde. A Itaguara devo estes contos: "A volta do marido pródigo"; "Sarapalha"; "São Marcos"; "Conversa de Bois". (14)

Embora não esteja explícito, "Bicho Mau" se passa também em Itaguara. Na versão que está em Sezão, (e na série Originais, pasta nº 18) algumas passagens chegam a ser mesmo autobiográficas:

Ora, o doutor estava sempre louquinho para ajudar o povo, higienizar os groteiros e corrigir o maior punhado de cousas erradas que pudesse. Assim, viera

14 - João César Borba. Histórias de Itaguara e Cordisburgo (entrevista com João Guimarães Rosa, domingo, 19/mar/1946. In Cecília de Lara, cit..

disposto a fazer um inquérito em regra. Mas, estava bem no caminho de "acertar errado", porque falava um pouco demais, e, como a sua estada ali datava apenas de quatro anos, faltavam-lhe ainda seis, para poder começar a conhecer o capiau. (p. 20)

"Uma História de amor" (de Sezão) e "Bicho Mau" estão marcados pelas lembranças de seu trabalho de médico do sertão: sua inexperiência, e a impotência e frustração diante da morte que não podia impedir. "Bicho Mau" é um espaço onde também se pode observar as muitas direções que tomavam seu interesse e curiosidade.

Dos 10 aos 14 anos apaixonou-se pela História Natural, colecionou borboletas, mosquitos, marimbondos, abelhas, a certa altura ficou com mania de cobras, quando ia a Cordisburgo saía pelo mato procurando cobras, um caboclo lhe disse: "menino, cobra e mulher não se campeia". (15)

Outros momentos ligam-se à infância do escritor como a brincadeira de pegar sanhaços usando papa-capins de isca; ou a referência ao Cédem, famoso cão de caça que havia em sua casa e que morreu de velhice.(16) No conto é o "Sédem, perdigueiro de estimação", vítima de mordida de cobra.

Na segunda parte do conto - da primeira e segunda versões

15 - Rubem Braga, Gente da cidade... in Cecília de Lara, cit.
16 - Vicente Guimarães, cit.

- vemos o jovem médico emaranhando-se nos limites entre o mito e a ciência, entre o racional e o irracional, e procurando derrotar a superstição com as armas de teorias científicas.

Contra o bicho mau que não tem pernas, mas pode ter duas cabeças, ou voar, ou mamar nas tetas das vacas e até das mulheres, ele lançava ofídios, viperídeos, crotalídeos. Não era uma batalha fácil e as abusões dos caipiras poderiam contaminá-lo. Reagiu, ao chegar no arraial: tinha também duas cobrinhas de ouro no anel de grau... Falou, alto, para quebrar o encanto bothrops atrox... trigonocephalus arboreus... isto sim, que era outra vez a ciência!... O soro era uma realidade! O resto, poesia, bobagem, doidice!... (p. 21)

Estas e outras passagens semelhantes enfraqueciam o conto, na opinião de Graciliano Ramos: *Ora essa! Discutimos literatura de ficção. Deixemos em paz o Instituto Butantã.*(17)

"Bicho Mau" deixou de figurar em *Sagarana* mas não foi abandonado. Os três manuscritos (em cinco suportes físicos) que temos da narrativa e sua inclusão em esboços de índices de livros , listas de títulos,(18) esquemas de redação, atestam a ligação do

17 - Graciliano Ramos, cit.

18 - Or.21 - "Estas Estórias: Bicho Mau; (cits); Confluência; Vaqueiro Mariano; O homem do Pinguelo; (vaq. Rigriz); Meu tio o Iauaretê; O burrinho do Comandante"; E.7(1), doc. nº 40: "m% - conversação (Titulo); m% Azulejos amarelos; m% - O grande samba disperso; m% - Aletria e Hermenêutica; m% - Câmara Clara; m% - Querência; Fora da Comarca; Bicho Mau; Rio acima; Marça, vermelha; Quatzo; Mutirão; Orangotango; Estória n. 34; Tutaméia; Rio Redondo; marimoto: No atol das Rocas; m% - Humoresca; m% - Opereta".E.9(2) - Animais, com datas de 1949 a 1955, doc.n. 104: "1 - A onça (gigante) má; 2 - A anta e o filhote; 3 - O papagaio que fugiu; 4 - A sucuri (Anaconda); 5 - As cobras (Bicho-Mau); 6 - O tamanduá; 7 - Meu tio o Iauaretê; 8 - O Gavião manso; 9 - O mão-pelada; 10 - A maitaca";

autor com o seu trabalho. Em três desses índices, com o título "Estas Estórias" e em um sem título, (19) "Bicho Mau" aparece ao lado de, por exemplo, "Os chapéus transeuntes" que foi escrito em 1963. (20) Tanto a declaração feita a Pedro Bloch como a data no final do conto confirmam isso. Então, até esta data, pelo menos, Guimarães Rosa mantinha o conto "Bicho Mau" atualizado. Em uma relação de títulos ele aparece ao lado de *Tutaméia*, que foi publicado em 1967. Mas a data de publicação não é dado confiável para se estabelecer uma cronologia, pois os contos de *Sagarana*, publicados em 1946, foram escritos em 1937. E o projeto de escrever *Tutaméia* já é anunciado no posfácio de *Sezão*. Fiquemos, portanto, com a data 1963 como a última mais provável em que "Bicho Mau" povoou as preocupações do autor. Além dos três manuscritos que estão nos volumes encadernados, há outros dois na série *Originais*, nas pastas de números 19 e 24.

19 - P.Or.13: "Estas Estórias: O Burrinho do Comandante; Retábulo de São Nunca; (Sopros e Rostos[ras]) Restinga; Os chapéus transeuntes; Com o Vaqueiro Mariano; O dar das pedras brilhantes; Meu tio o Iauaretê; Bicho Mau; A estória do homem do pinguelo; Páramo; Confluência; (Vaqueiro Rigriz)"; P.Or.13: [sem título] "1. O Burrinho do Comandante; 2. Estória do Homem do Pinguelo; 3. (Vaq. Rigriz); 4. Os Chapéus transeunte; Intermezzo: Com o Vaqueiro Mariano; 5. Bicho Mau; 6. Quiterinha; 7. (Sopros e Rostos); 8. Meu tio o Iauaretê; 9. O dar das Pedras Brilhantes"; P.Or.13: "Estas Estórias: *O Burrinho do Comandante; *A Estória do Homem do Pinguelo; Bicho Mau; *Os Chapéus Transeuntes; Com o Vaqueiro Mariano; Quitéria; O Esquecedor de Latim; O Dar das Pedras Brilhantes; *Meu tio o Iauaretê; Restinga; (Relíquia de São Nunca; Rigriz, Vaqueiro; Confluência)"; P.Or.13: "Estas Estórias: 1) - O Burrinho do Comandante; 2) - Bicho Mau; 3) - O dar das pedras brilhantes; 4) - Os chapéus transeuntes; Com o Vaqueiro Mariano; 5) - (Rigriz); 6) - (Quiterinha); 7) - A Estória do Homem do Pinguelo; 8) - Meu tio o Iauaretê; 9) - Sopros e Rostos [ras] Restinga".

20 - ("Estou trabalhando em várias coisas no momento. Sabe? Já entreguei ao Enio Silveira a minha Soberba, parte dos Sete pecados Capitais") Pedro Bloch. Uma não entrevista de Guimarães Rosa. In Cecília de Lara, cit.

Dossiê da fase redacional e a tradição de "Bicho Mau".

Eu não crio facilidade, crio dificuldade(21).

Paulo Rónai conta, num artigo republicado como Apêndice de Tutaméia, o seu diálogo com Guimarães Rosa a respeito da "armadilha" que este havia preparado no índice:

PR - Será a ordem alfabética em que os títulos estão arrumados?

GR - Olhe melhor: há dois que estão fora da ordem

PR - Por quê?

GR - Senão eles achavam tudo fácil.

Como dissemos, não há testemunho escrito das primeiras fases genéticas de "Bicho Mau". Temos três momentos redacionais, isto é, três tempos de redação (22) em cinco manuscritos datilografados, e para estabelecer a tradição entre eles, na falta de data expressa, adotamos certos critérios que foram sugeridos

21 - Idem.

22 - Chamamos de momento redacional àquele em que o "texto" materializa-se já de forma organizada graficamente e pertence à fase redacional. É o momento em que

pelos próprios manuscritos: tipo de papel, tipo da máquina de escrever, ortografia, levantamento das variantes.

O primeiro momento redacional é o manuscrito da pasta 18/19 da série *Originals*, datilografado, cópia com carbono, em espaço dois, com 34 a 35 linhas por página, em papel apergaminhado, de 32,5 x 22 cm. Numeração no canto direito superior: de [236. dat. ras] 238(ms) a [278. dat. ras] 279 (ms). O número datilografado é seguido de ponto [236.] e rasurado com um traço horizontal a tinta. O número manuscrito tem uma cor marrom, (pátina) característica do envelhecimento da tinta. A numeração datilografada omite o nº 237 (236, 238 etc), o que, na hipótese de ter acontecido o mesmo erro em páginas anteriores, justificaria a reenumeração manuscrita. A narrativa é dividida internamente por três pequenos traços e termina com 5 sinais em forma de 8. Há, na margem esquerda de todas as páginas, marcas de 4 tipos de armazenamento: 4 furos para acondicionamento em pasta com ferragens - que deixaram marcas de ferrugem; clips, grampos e colchetes. Na primeira página há destaques com cartuchos abertos ou hachurados, em grafite, lápis vermelho e verde; palavras e letras, na margem esquerda, também em lápis coloridos. Há poucas interferências nas páginas seguintes: 3 rasuras, acréscimos manuscritos, em grafite, ou datilografados. O autor utiliza ainda chaves manuscritas para inserir as correções imediatas. A 3ª linha da página 253 foi totalmente apagada, impossibilitando a leitura. No espaço foram datilografadas duas linhas, sem carbono.

vemos "o futuro texto emergir do caos dos rascunhos". (de Biasi, cit, p.17)

O segundo momento redacional está representado por três suportes físicos que têm em comum os mesmos elementos: papel, máquina, tempo de execução: 3 vias, sendo duas cópias com carbono. A 1a. e a 3a. vias fazem parte dos volumes encadernados de *Seção*; a 2a. via está acondicionada na pasta nº 18 da série *Originals*. São datilografadas em espaço dois, com 34 linhas por página. Papel apergaminhado, de 32,5 x 22cm, marca d'água TCJ BANKPOST 1906, tipo de livro de atas, com numeração impressa no canto superior direito. O conto "Bicho Mau" está numerado de 187 a 230, tendo no canto direito inferior números manuscritos, a lápis, de 1 a 43. Na encadernação, as folhas foram refileadas cortando, em algumas páginas, o número manuscrito; o que não acontece com a cópia que está em pasta.

A 3a. via (volume encadernado em vermelho), identificada como tal porque a impressão é mais fraca, está limpa, sem interferências posteriores; a 1a. via, (volume encadernado em preto), tem alguns acréscimos, supressões, anotações marginais manuscritos com grafite, de forma muito leve; a 2a. via (pasta 18 da série *Originals*) tem 2 furos para acondicionamento em pasta com ferragens que deixaram marcas de ferrugem na primeira página. Há marcas também de clips nas margens superior e inferior, à esquerda, e de grampos na margem esquerda. Na página. 187, margem direita, há um pequeno rasgo entre as linhas 10 e 11. Várias páginas conservam vestígios de cola, o que nos faz supor, que estavam encadernadas anteriormente, condição que explicaria por sua vez, a forma irregular da margem esquerda, como se as folhas tivessem sido arrancadas. Há muitas rasuras, cartuchos, linhas cruzadas que anulam

trechos, acréscimos nas entrelinhas, rasuras absolutas etc. Estas interferências foram realizadas com grafite, lápis coloridos, tinta. São utilizados chaves, ponto de interrogação, traços laterais. Na página 199, um dos furos para a ferragem foi circundado várias vezes com lápis preto e tinta azul. É uma ocorrência que não tem ligação com o "texto", mas sim com a escritura, na medida em que deixa perceber um momento de reflexão ou de distração à altura daquela passagem. Outro momento em que o escritor sai da atividade criadora é quando arma na margem esquerda da página 196 uma conta de somar.

O terceiro momento de redação é o manuscrito da pasta de número 24, da série *Originais*, datilografado em espaço dois, em dois tipos de papel: em sulfite - a primeira página -, e em folhas com o timbre do Ministério das Relações Exteriores e papel de Memorandum, com timbre da Secretaria de Estado das Relações Exteriores e margens de 2 cms (esquerda e direita). O texto está datilografado no verso. Numeração datilografada de 2 a 20 (números sublinhados), no canto direito superior. Na página 17, o número 1 está superposto ao sinal &. O número de toques, por linha, é menor que o dos outros "textos" (57 vs 68), mas o número de linhas é equivalente: está entre 35 e 36 por página. Nas páginas com margens, estas são texto ultrapassadas em 5 ou 6 linhas. A página 5 foi cortada à altura da linha 13 e colada sobre uma folha inteira de sulfite. Acréscimos, supressões, espaço em branco, cartuchos, hachuras e rasuras em grafite. A divisão interna é marcada por um cifrão (pp. 5 e 11) e 3 cifrões (pp. 14 e 20).

A partir de agora, esses três momentos serão nomeados BM1 (pastas nº 18 e 19 da série *Originais*), BM2 a,b,c (respectivamente: de Sezão, volume vermelho; Sezão, volume preto; pasta nº 18 da série *Originais*); BM3 (pasta 24 da série *Originais*).

Para a datação dos manuscritos, a sua história externa - sua materialidade - não era suficiente. Recorremos então aos paratextos (cartas, entrevistas, posfácio de *Sezão*) e variantes Para definir a posição de bml na cadeia genética, partindo sempre de fora para dentro, recorremos ao posfácio "Porteira de Fim de Estrada", que foi acrescentado ao volume (23) encadernado em vermelho, de Sezão- e que reproduzimos abaixo.

PORTEIRA DE FIM DE ESTRADA (24)

- *"Mestre Domingos, que vem fazer aqui?!...*

Mestre Domingos, que vem fazer aqui?!...

- *Vim buscar meia pataca,*

p`ra tomar meu paraty..."

(Cantiga antiga.)

"Sezão" e as outras histórias companheiras foram começadas e acabadas no formoso anno de 1937, precisamente

23 - O volume em vermelho é uma cópia com carbono, inclusive os títulos no índice. No entanto, o título do posfácio e os números das páginas estão em 1ª via, isto é, sem carbono.

24 - Em "Nota da Primeira Edição", em *Ave, Palavra*, Paulo Rónai diz que este livro deveria terminar por uma explicação: "Porteira de fim de estrada", que não chegou a ser escrita.

entre 20 de Maio e 4 de Dezembro, e mais ou menos na ordem em que estão seriadas aqui.

Bom tempo depois, o autor reviu o original do livro, e nelle mexeu, na fórma, mínimas modificações: nenhum accrésimo, quasi que suppressões sòmente, já que, neste alto genero de lavoura, mais valem capina e póda do que adubação e enxêrto.

Para falar a verdade, muita moita má ainda era a ser foiçada; mas, como, graças a Deus, não ha falta de alqueires limpos, melhor rende deixar quieto o matto velho, e ir plantar roça noutra grotta.

Tambem, ara!, isto já é falar de outro livro, o qual, si Deus dér à gente vida e saúde, vae prestar mais, chamar-se-á "TUTAMÉIA", e virá logo depois deste. Benza-os Deus!

E alleluia!...

=====

Dos cinco parágrafos, quatro estão localizados e datados em épocas bem definidas: o primeiro, com verbo no pretérito mais-que-perfeito, pertence a um passado histórico mais remoto: foram começadas e acabadas. É uma etapa encerrada; o segundo, no pretérito perfeito, numa instância temporal mais próxima, mas também

histórica; o terceiro e o quarto correspondem ao momento do discurso com verbos no futuro do pretérito, no presente e no futuro do presente. A distância que permeia o momento em que foi elaborada, vamos dizer, a primeira versão de *Sezão* e esta, é estabelecida pela expressão cristalizada "bom tempo depois" que, caracteriza o discurso como um relato histórico.

Ao dizer "bom tempo depois", o autor estabelece uma distância temporal entre este "texto" e aquele sobre o qual foram feitas as modificações anunciadas. Seguramente não foram neste, que está limpo; além disso, o posfácio foi escrito posteriormente, afirmação que, embora tautológica, é necessária para esclarecer as três instâncias de tempo aqui verificadas. Para reforçar essa idéia há o fato de que o título do posfácio foi acrescentado ao índice.

A numeração do "texto" (da série *Originais*, pasta de nº 18) começa na pag [236 dat. ras] 238ms, o que indica que pertence a um conjunto. Na pasta nº 6 da série *Originais* encontram-se os dois contos que integravam este conjunto e que o autor disse haver destruído. Datilografados no mesmo tipo de papel - apergaminhado - também em 1a. via. "Questões de Família" está numerado de [212. dat ras] 213ms a [235 dat ras] 237ms; "Uma História de Amor", de [310 dat ras] 311ms a [332 dat ras] 335ms. Neles constatamos os mesmos procedimentos de acréscimos, supressões e mudanças em relação a *Sezão*, já observados em "Bicho Mau".

Comparamos, então, BM1 com BM2 tomando, este, inicialmente, como base. Além de haver uma discrepância entre as

informações dos para-textos, as variantes encontradas a partir deste foco - e este é o dado determinante - não correspondiam a procedimentos utilizados pelo autor nas obras seguintes, mesmo em Sagarana que lhe estava mais próxima, cronologicamente.

Fizemos o caminho inverso, definindo como base o BM1, e as modificações verificadas encontram ressonância maior nos processos de criação de Guimarães Rosa.

Do ponto de vista gráfico foram feitas correções em erros datilográficos (25) cometidos pelo copista: a falta de uma letra em definitva > definitiva; e a troca do nome do personagem de Ignacio > Virgilio.(26)

As alterações ortográficas (mudança de z para s, de g para j, acréscimos de acentos) foram levadas em conta, embora até 1943 não houvesse um padrão rigoroso de uniformização da ortografia

Durante 20 anos, a Academia Brasileira de Letras aceitou e rejeitou, com emendas ou sem elas, a reforma ortográfica de Portugal, feita em 1911, a partir da proposta de Gonçalves Viana (28), até que em 1931 celebrou um acordo com a Academia de Ciências

25 - Enquanto o trabalho datilográfico de BM2 é profissional, o de BM1 é muito amadorístico com letras superpostas, margem direita irregular, letras nas entrelinhas etc.

26 - Nhó Virgilio é o personagem de "Uma história de amor", o 100 conto de *Sezão*.

28 - Em 1907 o filólogo Gonçalves Viana publica *Ortografia Nacional* onde estavam assentadas as bases das reformas posteriores: "não se duplicam consoantes; simplificam-se ou substituem-se os grupos ph, th, rh, ch; não se emprega y nem nem w; dentro de vócabulos não se escreve h; os ditongos orais ae, ao, eo oe

de Lisboa aceitando a reforma. Em 1934, oficializando o caos, a Constituição brasileira determinou a adoção da ortografia de 1891, na qual ela própria foi escrita. Num surpreendente ato de rebeldia, a ABL decidiu não seguir a Constituição e honrar o acordo assinado. Em 1943 houve um novo acordo com Portugal e o Brasil aceitou como orientação o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* da Academia de Ciências de Lisboa, o qual vigora até hoje, com pequenas alterações introduzidas, em 1971.

Uma característica de Guimarães Rosa sempre lembrada é que ele não seguia certas regras gramaticais, importando-lhe mais o efeito sonoro e visual da palavra - pois *as palavras têm canto e plumagem* (29) - do que normas ditadas por filólogos e gramáticos.

Confirmando esta peculiaridade do autor, a Editora José Olympio tinha o cuidado de acrescentar uma nota aos seus livros (30) *Ortografia de J.G.R: advertência necessária.* \$ *Em todos os seus escritos, João Guimarães Rosa fez questão de usar ortografia própria, divergente em muitos pontos da ortografia oficial. Respeitando a vontade do autor, continuamos a publicar sua obra conforme o "texto" originalmente fixado.*

No entanto, até *Sagarana* (1946), é difícil dizer o que é

substituem-se por ai, au, eu, oi; evitam-se consoantes inúteis; o pronome enclítico lo liga-se aos verbos por um traço; o emprego do s e do z é regulado pela etimologia e pelas tradições da língua; acentuam-se graficamente todos os vocábulos esdrúxulos; acentuam-se os homógrafos, não homofônicos; o acento grave pertence às vogais abertas, não tônicas").

29 - *Sagarana*, cit., p. 238

30 - *Grande Sertão: Veredas*, 8ª edição; *Noites do Sertão* (Corpo de Baile), 6ª edição; *Manuelzão e Miguilim* (Corpo de Baile), 5ª edição

competência linguística do autor ou incompetência da ABL, uma vez que as modificações parciais nas palavras são aleatórias. Já nos originais de *Sagarana*, montado, como falamos, com trechos recortados de *Sezão* (1937), o autor elimina as consoantes duplas, o h mudo intervocálico (dahi>daí), os th, ph; escreve o ditongo aberto com i, u, (vae>vai) sistematizando um trabalho que ele já havia começado no próprio *Sezão*. Depois da normatização ortográfica, aí sim, o que fica, faz parte do seu estilo.

Na polêmica que se criou em torno da proposta de unificação da língua portuguesa, Guimarães Rosa era o relator da Câmara de Letras e, antes de entrar no tema em discussão, diz, em terceira pessoa: Aliás, não quero estar fazendo propaganda, mas poderão ver que no próprio escritor Guimarães Rosa houve uma vontade de autodisciplina e ele se curvou ante regras que no começo infringia deliberadamente. (31)

Na pasta de nº 68 da série *Originais*, há um rascunho que parece ser de um pequeno ensaio onde Guimarães Rosa aborda vários temas: a influência que recebe de certos escritores; a ocorrência de intertextualidade em algumas de suas obras; e a crítica recebida por desvios gramaticais que comete e que ele confessa serem intencionais. Ao terminar diz: mas errei, sem querer, e tenho corrigido ouvou corrigir futuramente "lavourando de quente" - que deve ser "lavorando". Este manuscrito veio reforçar ainda mais a nossa hipótese de que as modificações intraverbais que ocorrem entre o manuscrito da pasta de nº 18/19 da série *Originais* e aquele do

volume de Seza_o, são mesmo correções intencionais.

Mary L. Daniel, (32) ao fazer um exaustivo estudo da obra de Guimarães Rosa do ponto de vista sintático, morfológico e retórico, diz *que raramente, porém, diverge do normal a ortografia rosiana, salvo nos casos de reprodução fonética(...)*(p.54). E, acreditamos, não só fonética, pois o próprio autor declara em carta à sua tradutora nos Estados Unidos, Harriet de Onís: *As palavras devem funcionar também por sua forma gráfica, sugestiva e sua sonoridade, contribuindo para criar uma espécie de "música subjacente"* (33). Assim, não seria gratuita a grafia de dança, que ele adotou sempre na forma francesa *dansa*; o acento agudo em *urubú* (D. Maria Augusta disse que ele não abria mão deste acento, porque era uma exigência da própria palavra).

E, uma vez que não se enquadram nestes casos, as substituições de *g>j* (*geito>jeito*), de *z>s* (*aza>asa*; *dezenhado>desenhado*; *mezes>meses*), são realmente correções as feitas em BM2 assim como a normatização da concordância verbal. Há ainda outros tipos de variantes que são bastante significativos e

32 - Mary Lou Daniel. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968 (Documentos Brasileiros, 133), p. 54 A autora, durante o trabalho, mantinha-se em contato com G. Rosa e refere-se, em seu livro, à correspondência trocada com ele. O escritor, em carta à sua tradutora nos Estados Unidos, Harriet de Onís, faz um apelo: "Dela, [de M.L. Daniel] o que eu sei dizer, é que gosta de meus livros e neles entende e compreende tudo, até as mais finas nuances de expressão. Quanto ao seu estilo na língua inglesa, não tenho informação. Gostaria porém de pedir à Amiga que, em tendo ocasião, aconselhe M. Knopf a utilizar, de qualquer maneira, Miss Daniel, seja como Tradutora, seja como auxiliar ou consulente".(CT2D)

33 - 11/02/64 (CT2B). G. Rosa lamenta que *Sagarana* não tenha um tradutor com Meyer-Clason e Bizzarri. Mas, se o livro perdeu com a tradução de Harriet de Onís, ganharam os estudiosos do escritor a correspondência mantida com ela. São cartas preciosas para a compreensão da poética de G. Rosa

determinantes para a cronologia de "Bicho Mau".

A eliminação do supérfluo, daquilo que Guimarães Rosa chama "gordura excessiva, num corpo de mulher elegante" (34) (linhas do corpo fluindo por linhas fluindo; copo de sacudir dados por copo de dados; do pó de ópio bruto por do ópio bruto); recurso que encaminha para uma concisão, uma economia lexical que chegaria ao quase dissecação de *Grande Sertão: Veredas*. No romance, escolhidas ao acaso, podemos ver as seguintes passagens do 1º Rascunho para a 2ª edição: Mas Diadorim me fazia jurar mil vezes o que êle quisesse. E dava como exemplo a regra de ferro de Joãozinho Bem-Bem, que diziam que tirava tôda soberania e valentia - as maiores do mundo - do obedecido preceito de não querer saber nada com mulher. Prometi. O texto definitivo ficou assim: *Mas Diadorim dava como exemplo a regra de ferro de Joãozinho Bem-Bem - o sempre sem mulher, mas valente em qualquer praça. Prometi.; ou essa outra: eu respondi. Ele me deu a mão, demorado. Eu sentia um rompante de espírito, um forte fogo de afeto. A doçura verde do olhar(...)* que ficou assim: *eu respondi. Os afetos. Doçura do olhar (...)*

No entanto, havia um complicador: a data 1937 no dorso dos volumes encadernados de *Sezão*. Aqui cabem duas suposições possíveis: a) Guimarães Rosa entregou dois volumes encadernados à Editora, com o título *Contos* e autoria de Viator. Ao recebê-los de volta, retirou a página de rosto, substituiu pela atual, com o

34 - "(...) quanto a condensarmos mais, cortando fora palavras e expressões dispensáveis, que só servem para tornar o texto óbvio, pesado e frouxo. São como a gordura excessiva, num corpo de mulher elegante ou de um atleta(...)" CT2D, carta de 24/03/1964.

título *Sezão* e seu próprio nome, acrescentando as informações, que já vimos, no dorso; b) os volumes do Arquivo são as suas cópias e nelas fez os acréscimos a que nos referimos. A primeira, embora possível, não é provável porque o posfácio diz claramente que aqueles são os contos terminados em dezembro de 1937, nos quais o autor, bom tempo depois fez modificações. A segunda, mais razoável, também fica enfraquecida pela mesma razão. Portanto, acreditamos que o autor quis deixar registrada a data em que a obra foi tornada pública.

Juntando todos os indícios poderíamos formular uma hipótese sobre a trajetória de "Bicho Mau": 1) manuscrito a lápis, em caderno de cem folhas; 2) cópia realizada pela datilógrafa contratada e entregue à J.Olympio; 3) manuscrito chamado por nós BM1; 4) volumes encadernados de *Sezão*. O BM1 poderia ser a cópia do manuscrito enviado ao concurso. Mas, qualquer que tenha sido o percurso seguido por estes volumes, não podemos abrir mão da anterioridade de BM1 em relação a *Sezão*: porque temos a palavra do autor em carta ao seu tio Vicente e no posfácio *Porteira de Fim de Estrada*; porque *Sagarana* foi montada com os "textos" de *Sezão* - o que indica sua posição mais recente - e não com os manuscritos de cujo conjunto faz parte o BM1; enfim, pela informação mais segura que nos é dada pelas variantes.

Na ordem, o manuscrito seguinte é o BM3, pois a atualização da ortografia leva, naturalmente, a colocá-lo em tal posição. Não considerando o fato de que foi utilizado por Paulo Rónai para publicação póstuma, em livro, procuramos outros indícios

- além da atualidade da ortografia (35), - que consideramos razão determinante - que ancorassem a sua eleição como versão mais recente.

Primeiro, ele incorpora as alterações ocorridas em BM2c; segundo, há 23 páginas a menos em relação aos anteriores e trechos que estavam nessas páginas que faltam encontram-se, hoje, em narrativas posteriores do escritor. Conhecemos o trânsito que existe nas obras de Guimarães Rosa, de personagens, situações, expressões etc. Maria Célia Leonel(36) analisa casos de intertextualidade em que uma mesma anotação de viagem, *Boiada 2*, por exemplo, foi reelaborada e transposta para "Miguilim" e "Buriti".

No caso de "Bicho Mau" o trecho recriado não tem presença simultânea em dois textos. Ele migra e desaparece do seu local de origem. Diante disso, e por considerarmos a intertextualidade um procedimento legítimo, foi a ortografia, mais uma vez, o fator decisivo na ordenação cronológica dos manuscritos.

Em BM1 e BM2, na segunda parte, não incluída em BM3, Nhô Ignacio, depois de mostrar as cobras ao médico, verifica se há milho no moinho porque: (...) *si a roda pega a andar, a pedra móe. E, si não tem o que moer, ela móe ela mesma(...)* Em *Grande Sertão: Veredas*, a mesma expressão metaforiza-se quando Riobaldo, numa pausa da luta, comenta a falação repetida e monótona de Zé Bebelo: A

35 - Já vimos que, cronologicamente, *Sagarana* é posterior a *Sezão* e nela, como se observa na *Serie Originais* (pastas 1 a 5) o autor procurou adaptar a ortografia às normas de 1943. Portanto, independente de estilo e idiosincrasias, a atualização ortográfica decide, neste caso, sobre a sua atualidade.

36 - Maria Célia de Moraes Leonel. Guimarães Rosa alquimista... cit.

mó de moinho, que, nela não caindo o que moer, mói assim mesmo, si mesma, mói, mói. (p. 307).

Outra passagem, também de trecho não utilizado na versão mais recente, foi incluída em "Tresaventura" (Tutaméia). Em BM1 e BM2 há uma situação vivida pela menina Miluca, quando começa a "era das cobras" na fazenda de Nhô Ignacio:

Todo-o-mundo acudiu, e viram, à beira do rêgo, entre o agrião e a salsa, uma boipéva afobada, atarefada, comendo uma rã. Desmandibulava-se toda, `naquela agonia`, engulindo e desengulindo. E, quando a rã entrava, a gente podia ver os seus mínimos contornos, vestida pelo sacco elastico da cobra; e, quando tornava a sahir, toda cheia de baba, ainda esperneava, meio viva. E, pertinho, sentada em cima da pedra, calmamente, como si a tragédia proxima não estivesse havendo, dava as costas uma outra rã, verde-esmeralda, de dorso anguloso, de olhos altos, de gordas côxas cuidadosamente dobrados (sic) sobre as pernas. Empinada, descansava os largos pés palmados. E meditava.\$ Percebendo as pessôas, a boipéva deixou a comida de-lado e entrou em defesa, passando a duas dimensões, aplainada contra o sólo, chata como uma corrêia, enquanto a rã da pedra pulava na agua empolada de bôlhas de outras várias rãs. (BM2, p. 217)

Em Tutaméia a espectadora era Dja:

O mal-assombro! Uma cobra, grande, com um sapo na boca, estrebuchando... os dois, marrons, da cõr da terra. O sapo quase já todo engolido, aos porpuxos: só se via dele a traseirinha com uma perna espichada para trás...\$ Dja tornou sobre si, de trabuz, por pau ou pedra, cuspiu na cobra. Atirou-lhe uma pedrada paleolítica, veloz como o amor. Aquilo desconcebeu-se. O círculo ab-rupto, o deslance: a cobra largara o sapo, e fugia-se assaz, às moitas folhucas, lefe-lefe-lhepte, como mais as boas cobras fazem. De outro lado, o sapo, na relvagem, a rojo se safando, só até com pouquinho pontinho de sangue, sobrevivo. O sapo tinha pedido socorro? Sapos rezam também - por força, ha_o-de! O sapo rezara.

A epígrafe do conto "Uma história de amor" do volume

Sezão:

Minha cuca, qu`é-dê minha cuca?...

Minha cuca, qu`é-dê minha cuca?...

Ai, minha cuca

que o matto me deu!..

O conto foi excluído de *Sagarana* e a epígrafe transportada para o corpo da novela "Campo Geral", sem nenhuma alteração, apenas com a ortografia atualizada.

Outro caso também interessante dessa agilidade dos textos

é o da epígrafe do posfácio de *Sezão* (volume encadernado em vermelho):

Mestre Domingos, que vem fazer aqui?!...

Mestre Domingos, que vem fazer aqui?!...

Vim buscar meia pataca,

p'ra tomar meu paraty...

(Cantiga antiga)

No conto "Cara-de-Bronze" ela aparece, também como epígrafe, e houve uma substituição de palavras: Cantiga antiga > Cantiga. Alvíssaras de alforria. Estes fatos, no entanto, não valem como prova de que o BM3 seja o "texto" definitivo, (37) apenas que é o último elo da cadeia genética. Nada nos autoriza a afirmar que o escritor não retomaria a estrutura anterior, permitindo que houvesse esse entrelaçamento entre suas obras.

* A diferença entre o texto definitivo, fixado, e os manuscritos anteriores à fase editorial (os *avant-textes*) é que estes se caracterizam como processo - e como tal estão sempre em movimento - com acréscimos e aparentes perdas que são retomadas em outro nível e num outro espaço. É o que ocorre em BM2. Os "textos"

37 - G. Tavani, lembrando Henri Godard diz que: "*il faut se délivrer de l'idée préconçue que tous les états textuels antérieurs au texte considéré achevé par l'auteur ou, encore mieux, au dernier texte publié de son vivant, soient toujours - par rapport à ceux-ci - des réalisations inférieures ou des étapes qui y mènent. (...) les leçons abandonnées ou refusées par l'auteur n'ont pas nécessairement moins de valeur que les autres(...)*". *L'édition critique des auteurs contemporaines: vérification méthodologique*. In op. cit. p.133-142

BM1 e BM2, que já estavam na fase do manuscrito do copista, em dado momento, passam a funcionar como avant-"textes" de BM3, fornecendo elementos para o seu dossiê de documentação redacional.

De "Bicho Mau" temos, então, três manuscritos com cinco suportes físicos, cinco testemunhos sobre os quais se inscrevem outras etapas da escritura. São lições que variam de uma a três em cada um deles. E não há um "texto" definitivo, todos sofreram intervenções. Assim, a proposta deste trabalho consiste não em estabelecer o texto definitivo ou encontrar aquele que esteja mais próximo da última vontade do autor, mas sim em - depois de ter estudado materialmente os manuscritos e definido sua tradição - observar os movimentos da escritura através do levantamento das variantes.

Segundo A. Houaiss, quando se dispõe de cinco testemunhos, o número de hipóteses estemáticas é de cerca de 4.000(38). Logicamente não ousamos tentar todas as possibilidades. Trabalhamos com os cinco "textos" num movimento em zigue-zague, em círculos, e estabelecemos uma cronologia a partir do estudo da história externa e interna dos manuscritos. Em pesquisas desta natureza, os resultados não podem ser definitivos, são apenas hipótese de trabalho, como aconselha Tavani, pois basta o surgimento de um outro elo nessa cadeia e ela terá que ser toda reformulada.

Até o momento, podemos organizar assim a cronologia do

38 - Antonio Houaiss. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro, INL/MEC, 1977, v.2, p. 220.

conto "Bicho Mau": há três manuscritos: BM1, BM2 (a, b,c - porque há três vias, sendo que duas vias são cópias com carbono) e BM3.

As várias retomadas do "texto" pelo autor propiciam o surgimento de duas, três ou mais lições em um mesmo suporte, isto é, uma mesma versão permite várias leituras: uma subjacente e outras que se vão sobrepondo a ela. Em "Bicho Mau" podemos observar as seguintes lições:

BM1 - lição subjacente, datilografada.

BM1* - acréscimos e supressões em grafite; correção de erros datilográficos.

BM1** - destaques, na página 1, com lápis coloridos, anotações marginais.

BM2 - um manuscrito com três suportes físicos diferenciados apenas pelo fato de serem uma primeira via e duas cópias com carbono. Esta circunstância determina a distinção em BM2a, BM2b e BM2c que, por sua vez, sofreram várias incursões:

BM2a - sem interferência do autor, portanto só permite uma leitura.

BM2b* - acréscimos e anotações marginais em grafite.

BM2c* - acréscimos , supressões e rasuras.

BM2c** - destaques com lápis coloridos na primeira página e sublinhas nas seguintes; anotações marginais e rasuras com grafite e lápis coloridos.

BM2c*** - anotações marginais extra-textuais.

BM3 - versão datilografada

BM3* - acréscimos, supressões, rasuras.(39)

O dossiê de documentação redacional

Guimarães Rosa era um pesquisador para quem a arte era produto não da genialidade mas, sobretudo, de muito trabalho, como dizia a G. Lorenz: Uma palavra, uma única palavra ou frase podem me manter ocupado durante horas ou dias. Para isso, não preciso forçosamente de um escritório. Gosto de pensar cavalgando, na fazenda, no sertão. Nas poucas entrevistas que concedeu e através dos seus personagens, referia-se às suas anotações. Na conversa que

39 - As versões datilografadas de "Bicho Mau" têm, no total, 192 páginas.

manteve com Pedro Bloch e que resultou no artigo "Uma não entrevista com Guimarães Rosa" - já referida neste trabalho - colhemos a informação: Você conhece os meus cadernos, não conhece? - faz ele.

Quando eu saio montado num cavalo, por minha Minas Gerais, vou tomando nota de coisas. O caderno fica impregnado de sangue de boi, suor de cavalo, folha machucada. Cada pássaro que voa, cada espécie, tem voo diferente. Quero descobrir o que caracteriza o voo de cada pássaro, em cada momento.(40)

Em um dos prefácios de Tutaméia, "Sobre a Escova e a Dúvida", onde expõe suas idéias estéticas, um prefácio-programa, por assim dizer, essa técnica de apreensão da realidade também está registrada. Não é uma informação anedótica. É, antes, a nosso ver, uma forma de fazer proselitismo da importância da pesquisa para o trabalho criador.:

Dr. João, na hora em que essa armadilha rolar no chão, que escrita bonita que o sr. vai fazer, hein? Os vaqueiros dos Gerais riem sem dificuldade. Zito só observou: - O sr. está assinando aí a qualquer bobajada? Antes apreciara minha caderneta atada a botão da camisa por cordel que prendia igual o lápis de duas pontas: - Acho bom vosso sistema...(p.161)

E é servindo-se desse estratagema que Guimarães Rosa entra em suas histórias e vira personagem. Em *Grande Sertão: Veredas*, está

40 - Pedro Bloch. "Uma não entrevista", cit.

conotado no interlocutor, cuja presença Riobaldo vai pontilhando no decorrer da narrativa:

O senhor escreva no caderno: sete páginas...(p.378); Campos do Tamanduá-tão - o senhor aí escreva: vinte páginas...(p.413); Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta...(p.451).

Em "O recado do morro" (CB), "é" o seo Alquiste, no lombo de um burro, pelas estradas do sertão, anotando tudo o que vê e ouve:

Frei Sinfrão recomendava a seo Alquiste que agora deixasse de tomar notas na caderneta. (p. 17); Mas seo Alquiste pegava no lápis e na caderneta, para lançar os assuntos diversos (p. 23); E o seu Olquiste estudava o que podia, escrevia a monte em seus muitos cadernos...(p. 27); Seu Olquiste agora desenhava na caderneta as alpercatas do Catraz. (p. 31); Mas achava mais graça nenhuma, no seu Olquiste, sempre nas manias de remexer e ver, e perguntar, e tomar o mundo por desenho e escrito. (p. 44); Seu Alquiste esvaziava de contínuo sua cerveja, e, zas na caderneta, escrevendo, escrevendo. (p. 60)

O resultado dessa pesquisa, do trabalho de conversar, perguntar, anotar, desenhar, colher, encontra-se no seu Arquivo. Localizamos a documentação relativa às fases pré-redacional e

redacional de "Bicho Mau" nas séries *Originals* e *Estudos para obra*, em diferentes tipos de suportes: folhas avulsas, sem numeração, em tamanho ofício, em papel jornal, ou sulfite com timbre do Ministério das Relações Exteriores ou da Secretaria de Estado das Relações Exteriores; fragmentos de papel, com marcas de clipe em alguns deles; outros estão colados em folhas grandes (33 x 21), cadernos (20 x 13); e cadernetas de espiral (13 x 10). Instrumentos também diversos foram utilizados nas anotações: grafite, lápis coloridos, tinta azul e vermelha, máquina de datilografia.

Há uma nítida diferença na forma como se apresentam os manuscritos (aqui, no seu sentido etimológico). Nas listas - da série *Originals* -, de um modo geral, a letra é apressada, há rasuras, chaves inserindo acréscimos, cartuchos, hachurados ou não, envolvendo palavras ou frases. Há folhas totalmente aproveitadas, com as margens invadidas de forma irregular, sendo necessário, em algumas, girar a folha para prosseguir a leitura. Já nos cadernos e cadernetas, a letra é mais caprichada, um trabalho onde se percebe que houve mais calma, mais tempo; tanto que, em certas páginas, as frases em grafite se alternam com outras em tinta azul. Isto sugere um trabalho passado a limpo. O autor mesmo confirma, em carta ao pai, ser essa a sua prática:

Como o senhor não deixará de ter notado, ele [Corpo de Baile] está cheio de coisas que o senhor me forneceu naquelas cartas e notas, extremamente valiosas para mim. Falando nisto, agora eu estou justamente relendo as mesmas, e passando para um caderno, classificadas e em ordem, todas as informações, para serem

aproveitadas em futuros livros. (41)

Guimarães Rosa anotava, ao lado dos registros - não em todos - títulos de contos, às vezes apenas um, às vezes um antes, outro depois. Ocorre também ponto de interrogação depois do título. Percebe-se que estas notas resultam de uma gestão porque, em geral, estão escritas nas margens e a letra novamente volta a ser menos elaborada.

Numa primeira coleta, horizontal, dos documentos relacionados a "Bicho Mau", reunimos todos os registros assinalados com o título do conto (B. Mau ou Bicho Mau). Depois, num mergulho mais profundo, aqueles sem referência, mas que têm relação com o conto. Estava então organizado, provisoriamente, o dossiê de documentação redacional. Provisório; porque um estudo como o que nos dispusemos a fazer só se poderá propor, a nosso ver, como hipótese de trabalho. Não podemos esquecer o caráter de estrutura aberta do manuscrito, sua mobilidade.

As Listas e rascunhos encontrados na série *Originais* não são datados. Já nos documentos da série *Estudos para obra*, as datas podem ser encontradas em um ou outro documento. A mais antiga está nas Listas referentes à *Grande Excursão a Minas* - 18.II.1945 (E26) e *Provérbios* - 1945 (E7-1); e, a mais recente, em *Provérbios* - maio, 1962; nos *Cadernos*, a mais antiga é 7.VII.1954 (CE 15), e a mais recente, 12.VII.1967 (CE 6); a *Caderneta* mais antiga é a de número 1 (Itália), de 19.10.1949, e a mais recente, a de número 7, de 1962.

41 - Vilma Guimarães Rosa. *Relembramentos...*, cit, p. 179/80.

Tendo "Bicho Mau" sido escrito em 1937, tais registros dificilmente poderiam pertencer à gênese do conto nos seus dois primeiros momentos redacionais (BM1 e BM2). Logo, a narrativa é que foi a fonte para essas anotações. Poderíamos supor que as listas manuscritas não datadas ficaram anos guardadas, e foram depois recopiadas. Mas essa hipótese não se sustenta quando observamos que a ortografia de BM1 e BM2 é anterior ao *Acordo Ortográfico* de 1943, e a das listas segue as normas deste. Logo, os manuscritos seriam parte da história genética de uma outra versão que, através da e comparação das peças, foi possível identificar como o momento redacional a que chamamos BM3.

A parte mais viva do processo de criação encontra-se nos manuscritos - listas e rascunhos - da fase pré-redacional e início da redacional. As subdivisões que de Biasi propõe para estas fases são metodologicamente interessantes - porque contemplam todas as técnicas de diversos escritores - mas, operacionalmente, revelam-se uma tarefa de difícil execução, pois a escritura não se faz de forma ordenada. Num mesmo suporte há palavras, frases, tentativas de elaboração já com parágrafos, diálogos, idas e vindas, aproveitamento, recusa, deslocamentos.

Procuramos, então, nos documentos que antecedem à redação do "texto", definir uma tipologia dos registros.

a) palavras - simplesmente jogadas na folha, sem aparente ligação entre si ou com os outros tipos de registro, por exemplo: retilínea, melindre, escrúpulo.

b) uma sequência de palavras relacionadas com um tema, por exemplo, cobra: *corda, rodilha, engatilhado, alças, sangue-frio, poliédrico.*

c) relação de nomes próprios: *Nhanhonha, D. Bernarda, Domiciano, Jacinto, Urbano, *o Janjo, Gregoriano, Batistão [ras] Nascimento, o Quilengue, Arlindo, * Mozár [ras], Eulina, Agueda.* Das palavras rasuradas, só Gregoriano foi utilizada no conto.

d) palavras que, ao serem passadas das listas dos Originais para os Estudos...receberam a marca pessoal do autor, m% [meu cem por cento]: *lividonho, trevoltoso, resfrieza, reprevenir, derradeirante, fraquifrouxo,* que são evidentes neologismos.

c) verbetes - de palavras, locuções e assuntos. Por exemplo, *crótalo = estojos córneos; tactura = ato de tatear.* Os assuntos geralmente são ligados a cobra: hábitos, muda da pele, ação do veneno, descrição dos locais onde vive. Na transcrição dos verbetes, podemos dizer que já existe interferência do escritor, tanto no ato de seleccioná-los quanto no de resumir o significado; de forma indireta ao "traduzi-los" poeticamente, e ainda, a partir da informações colhidas, criar expressões - marcadas com o sinal m% -em seguida à explicação dicionarizada. A seleção dos verbetes não objetivava as duas redações anteriores de BM1 e BM2, pois, como dissemos, são posteriores a estes. É como se o escritor estivesse aferindo, comprovando a justeza de seu emprego.

No nível de elaboração há desde pequenas unidades frásicas

até uma página inteira, mas sem aparente relação entre elas: um período não é o desenvolvimento de uma frase, nem se desdobra num parágrafo, e assim por diante. Como técnica pessoal de anotação, são geralmente as frases que apresentam aspecto mais interessante. *Feito bom sempre (começo); Modo-de-matéria (começo); Já o já não valia... (começo); Isto eu ouvi (começo de conto)*. Há continuação de frases: *..., assim, tempo dado; ... tão capaz quanto; ..., peremptório o tom*; e há uma frase em que, da palavra final, só foi definida a desinência: *um sonho não confuso - seus ...s*. Poucos desses registros foram aproveitados na narrativa.

Os rascunhos mais longos pertencem à parte da narrativa que não consta da última versão, e os que foram aproveitados sofreram modificações que visavam sobretudo a concisão. Há também uma meia página, datilografada, em papel jornal, com o título "Bicho Mau". Na quarta parte deste trabalho, onde fizemos o cotejo de BM1 com BM2, transcrevemos todos os registros da fase pre-redacional, negrito, no local onde foi inserida, para que o movimento da escritura seja mais facilmente observado.

A vida pública de "Bicho Mau"

O projeto editorial de Guimarães Rosa para "Bicho Mau"

está presente em quatro índices elaborados com o título *Estas Estórias*, um sem título e um com o título *Querência*. Com exceção deste, os outros formam-se sempre com as mesmas narrativas, que apenas mudam de posição na estrutura dos índices que é estável: a primeira parte tem um número fixo de títulos (quatro) dos quais, três já publicados - "A simples e exata estória do burrinho comandante", "Os chapéus transeuntes" e "O homem do Pinguelo" - e cinco inéditos - "Retábulo de São Nunca", "Bicho Mau", "O dar das pedras brilhantes", "Restinga" e "O vaqueiro Rigriz". Destes dois últimos há apenas algumas anotações. O primeiro conto, deste bloco, é sempre "A simples e exata estória do burrinho do comandante", e o quarto "Os chapeús transeuntes". No índice sem título, "Bicho Mau" é substituído pelo "Vaqueiro Rigriz".

Os dois planos dos índices são separados pela entrevista-retrato - na expressão de Paulo Rónai - "Com o Vaqueiro Mariano" que, no índice sem título chamava-se "Intermezzo: Com o Vaqueiro Mariano". Na parte inferior dos índices, o número de contos vai de 4 a 8 e "Bicho Mau" aparece duas vezes. Além de repetirem-se alguns títulos do primeiro plano, aparecem "Meu tio o Iauaretê", "Páramo", "Confluência", "Quiterinha" e "O esquecedor de latim". Dos três últimos há no Arquivo apenas anotações.

Os títulos de presença mais constante no primeiro bloco são "O burrinho do comandante" (4), "Os chapéus transeuntes" (4), "O homem do pinguelo" (2) e "Bicho Mau" (3); no segundo, "Meu tio o iauaretê" (4), "O dar das pedras brilhantes" (3), "O vaqueiro

Rigriz" (4), "O homem do pinguelo"(3) "Restinga (sopros e rostos)" (3).

O índice "Querência" é, provavelmente, o mais antigo. Dele consta apenas "Bicho Mau", ao lado de narrativas pertencentes a Corpo de Baile, publicado em 1946: "Cara de Ferro", "O recado do morro", "Uma história de amor" e "Por amor de (o rapto de Rosalina)". Os quatro outros índices seriam posteriores a 1963, uma vez que incluem "Os chapéus transeuntes" que, como sabemos, por informação do próprio autor, foi escrito nesta data.

Das narrativas inéditas em vida do autor, que têm um nível de elaboração mais próximo de um "texto" definitivo, "O dar das pedras brilhantes" teve, segundo informação de Paulo Rónai, na Nota Introdutória de *Estas Estórias*, um fragmento publicado numa entrevista feita por Pedro Bloch para a revista *Manchete*. "Bicho Mau" foi publicado no *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, domingo, 01 de dezembro de 1968.

O livro *Estas Estórias* publicado pela José Olympio Editora, em 1969, compõe-se de narrativas representativas de várias fases da vida de Guimarães Rosa. Das nove narrativas reunidas por Paulo Rónai, 4 foram publicadas por Guimarães Rosa em periódicos: "A simples e exata estória do burrinho do comandante" (*Senhor*, Rio de Janeiro, nº 14, abr/1960); "Entremeio com o Vaqueiro Mariano" (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26/10/1947 e, numa tiragem de 110 exemplares numerados e assinados, pela Ed. Hipocambo, de Niterói, em

1952): "A estória do Homem do Pinguelo" (*Senhor*, Rio de Janeiro, nº 37, mar/1962); "Meu tio o Iauaretê" (*Senhor*, Rio de Janeiro, nº 25, mar/1961). "Os chapéus transeuntes" abrem a coletânea Os sete pecados capitais (Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964). As outras - "Bicho Mau", "Páramo", "O dar das pedras brilhantes" e "Retábulo de São Nunca" - não foram submetidas à apreciação pública pelo autor.

Algumas diferenças entre os originais que estão no Arquivo e os textos publicados por Paulo Rónai não me davam a certeza sobre a versão utilizada pelo editor para a organização do volume: se os manuscritos ou os textos publicados em vida do autor. Dona Maria Augusta de Camargo Rocha, que ajudou Paulo Rónai a preparar a edição, informou que os textos utilizados para publicação foram mesmo os originais do Arquivo.

Após o levantamento de todas as versões existentes na série Originais procurei, a partir da observação do jogo das variantes, definir uma ordem cronológica (9) dos manuscritos de cada conto, embora a análise aprofundada de todas as narrativas constantes da edição corrente seja um projeto de desenvolvimento posterior. No momento quero tão somente registrar a presença dessa documentação. (Ver *Quêda* na página seguinte).

Na pasta nº 16 da série *Originais*, há 3 páginas (1-3) datilografadas em papel jornal, que consideramos importante registrar, embora antecipando um trabalho futuro, pois esclarece uma

Titulo	I Versões	I Obs:
1. A simples e exa-	IP.Or 14- p.(1)-30	IPag. rosto: A simples
burrinho do co-	I	I e exata estória do burrinho
mandante	I	I do comandante
	I	IPag.(1) - O Burrinho
	I	Idat e ms; intef. ms com tin-
	I	Ita e lápis vermelho
	IP.Or 21/22-p.(1)-39	Idat; sem interf.
2. Os chapéus tran-	IP.Or 17 -p. 1-33	Idat;c/ass. no final e data
seuntes	I	Ims: 21-IV-63; muitas interf.
	I	Ims
	IP.Or 15 -p. 1-33	Idat; c/ass no início e no
	I	I final ras; data ms: Rio,
	I	I abril/maio, 1963; interf.ms
	IP.Or 23 -p. 1-41	Idat; sem ass; sem data; pou-
	I	I cas interf.
	I	IPublicação em livro: vol. nº
	I	I 100029 c/interf.ms; vol. nº
	I	I 17167 c/ras e Ac ms /Os Sete
	I	I Ipecados capitais, Civ.Bras.
	I	I 1964/
3. Entremeio com o	IP.Or 15 -p.(1,2)-38	Idat; título ms em tinta azul
Vaqueiro Mariano	I	I interf. a tinta
	IP.Or.23/24 -p.(1,2,I	
	I 3)-38	Idat; poucas interf.c/grafite
	I	IPublic. em livro: vol. nº 57
	I	Ic/interf/ em grafite /Ed.
	I	I Hipocambo, 1952/
4. A estória do ho-	IP.Or.16/17 -p.1-25	Idat; interf. ms a tinta; ras
mem do Pinguelo	I	Ic/lápis ver; subl.grafite
	IP.Or. 14 -p. 1-25	Idat; título ms a tinta; in-
	I	I terf. ms; subl. lápis verm.
	IP.Or 22/23 -p. (1)-I	
	I 39	Idat; pags 23-25 em tinta a-
	I	Izul e verm; poucas interf;
	I	Isubl; indicações p/composi-
	I	Ição gráfica
5. Meu Tio o Iaua-	IP.Or.13 -p.(1)-34	Idat; título ms;interf. tinta
retê	I	Ie grafite
	IP.Or.21 -p.(1)-42	Idat; interf. ms; na p.5, em
	I	I grafite, a anotação na marg.
	I	I sup:"O conto é anterior a
	I	I G.S.V.

6. Bicho Mau	IP.Or.18/19 -p.238	I
	I /ms/-279 /ms/	I dat;interf. a tinta e lápis
	I	I colorido;nº dat. ras
	ISezão -p. 187-230	I vol. encadernado, verm; dat;
	I	I cópia c/carbono; 3º via, s/
	I	I interf.
	ISezão -p. 187-230	I vol. encadernado, preto;
	I	I dat; 1º via, interf.grafite
	IP.Or.18 -p. 187-	I dat;muitas interf;ras;Ac;a-
	I (230)	I notações
IP.Or.24 -p. (1)-20	I dat;interf.lápis coloridos	
IR/dc.7 -p.47-53	I Jornal do Comércio,RJ, do-	
I	I mingo, 1/12/68	
I	I	
7. Páramo.....	IP.Or.24/25 -p.(1)-	I dat. c/interf. ms
I.....(23)	I
	I	I
8. O dar das pedras brilhantes	IP.Or.25 - p.1-20	I dat; interf. ms
	I	I
	I	I
9. Retábulo de São Nunca	IP.Or.16 - p.1-7 e	I dat; interf. ms
	I 1-5	I
	IP.Or.16 -p. 1-14	I dat; ras; AC e SP
	IP.Or.25 -p. 1-14	I dat; interf.dat e ms
I	I	

dúvida levantada por Fernando Py(42) sobre a interrupção proposital ou não do conto "Retábulo de São Nunca" pelo autor.

Título: Retábulo de São Nunca

Subtítulo: Painei Segundo: as vertentes

O texto que segue dá continuidade à narrativa, com os comentários despertados pelo casamento inesperado de Ricarda Rolandina com o Dr. Soande. A página 3, de 19 linhas, se interrompe com vírgula, no meio da linha.

Está incompleta por razões^N que desconhecemos. É possível que o manuscrito tenha se perdido? O brusco desaparecimento do autor impediu-o de concluir^U? Considero a idéia de "truncamento proposital" do conto, sugerido por Fernando Py, improvável por dois motivos: primeiro, a página que se interrompe com uma vírgula é mais uma interrupção brusca do que proposital. D. Maria Augusta disse que Guimarães Rosa não esperava concluir um conto para começar outro, trabalhava sempre em mais de um; às vezes, deixava um de lado, algum tempo depois retornava a ele. Com o "Retábulo de São Nunca" pode ter acontecido que, enquanto aguardava a sua vez, foi surpreendido pelo desaparecimento do autor, ficando inconcluído. Segundo, o próprio título do conto. Preocupado com a "precisão micromilimétrica" (43) a ponto de adotá-la como ideal, por que

42 - Fernando Py. Estas estórias. In: *Guimarães Rosa/ coletânea organizada por Eduardo F. Coutinho*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; (Brasília): INL, 1983. (Col. Fortuna Crítica; v.6)

43 - Guimarães Rosa. Confissões. In: "Letras e Artes", suplemento do jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 21/jul/1946.

usaria a palavra Retábulo - que encerra a noção de vários painéis - quando iria pintar só um painel? Não podemos, em relação ao autor, utilizar a palavra impossível, mas esta atitude seria, no mínimo, insólita. É bem verdade que o conto fala de *um quadro, em madeira, de quatro panos, dobráveis, representando-se, num destes, o único que não de todo escalavrado no apagamento, alguma ação da vida do que ninguém sabia qual fosse - que Santo figurava* (p.204). Embora só um quadro tivesse *alguma ação de vida*, havia outros três. E o trecho inacabado do segundo painel, um dos panos que estaria "escalavrado no apagamento", poderia dar continuidade ao conto. Ou não.

Estas Estórias foi reimpressa pela Editora José Olympio, em 1976 e em 1985 teve uma nova edição (dita 3ª edição) pela Editora Nova Fronteira. Embora conserve a mesma estrutura da edição anterior - páginas introdutórias e notas de rodapé - esta apresenta erros de revisão, alguns deles interferindo mesmo no campo semântico.



Serra Calua = de queixo baixo e olhar
para o alto.

*

Choir de cunividade culada

*

Não de Buvio futura com a
meia-sorriso, manso, de queixo, estando
muito triste, se esforça por manter
aqui, agradar ao interlocutor.

*

E os demais circunstantes têm um
todas um aspecto fisionómico desali-
gado de qualquer coisa actual.

*

m. = na legitima defesa
do pudor.

*

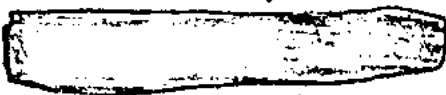
X à lobrigu

paredes e dentes

em = em viagem apertada

lôco de praça

em espiral de dentes
projeta



espiras

parte do nariz,

nos segmentos mais volumosos

razão = corte da vegetação arbórea

nem um frangincho melhor

aos se destorcendo
destacando em sentido
oposto

em mancha descolada (a cavalo)

Tarde, tarde, quase noite,

a curva foi
circundada
sentida a
curvatura

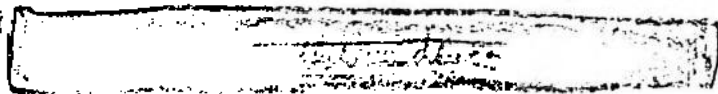


dar de largo de si = desempenhar-se da sua obrigação

fazer consciência de = ter escrúpulos

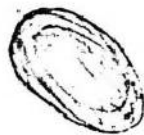
! Eleu de conta de seus pecados

! Estava aos dentes da consciência



REGIÃO DE ...

A dor reparava-as mais.



SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

- 1- O Burochefe do Comandante
- 2- Estímulo da Honra do Paizuelo
- 3- - (Voz. Rigido)
- 4- Os chapéus transmitidos

Entregue : COM O VAQUIRO MARIANO

- 5- Bicho Hum
 - 6- Qui Terinha
 - 7- (Sopros e Rostos)
 - 8- Men Tio o Iacquet
 - 9- O Jar das Pedras Brilhantes
-

ESTAS ESTÓRIAS

* O BURRINHO DO COMANDANTE

* A ESTÓRIA DO HOMEM DO PINGUELO

* BICHO MAU

* O S CHAPÉUS TRANSEÚNTES

COM O VAQUEIRO MARIANO

QUITÉRIA

O ESQUECEDOR DE LATIM

O DAR DAS PEDRAS BRILHANTES

* MEU TIO O IAVARETÉ

RESTINGA

(RELÍQUIA DE SÃO INUNCA

RIGRIZ, VAQUEIRO

CONFLUÊNCIA)

CONFRONTANDO OS MANUSCRITOS

*"Não procuro uma linguagem transparente.
Ao contrário, o leitor tem de ser
chocado, despertado de sua inércia
mental, da sua preguiça e dos
hábitos."*

*J. Guimarães Rosa - Carta a Harriet de
Onis, de 4/11/64.*

Critérios

Nesta etapa utilizo critérios elaborados pela equipe (1)- da qual faço parte - que prepara o texto genético-crítico de *Grande Sertão: Veredas* e foram adaptados às especificidades de "Bicho Mau"

Para o confronto entre BM1 e BM2 foi necessária uma reprodução xerográfica do primeiro ainda que ao preço de se criarem problemas. Este sistema não permitiu notas de rodapé, nem o registro das variantes numa coluna à direita do texto - o que tornaria a leitura bem mais confortável. O resultado da colação vem, então, imediatamente em seguida ao texto. Outro inconveniente da cópia xerox é que, por melhor que seja, não revela os diversos instrumentos utilizados na escritura (lápiz, caneta, tinta, cores), dificuldade que se procurou sanar com a descrição destes detalhes por ocasião do registro das lições sobrepostas ao "texto" subjacente. A reprodução fotográfica da primeira página de BM1 e BM2 visa ilustrar a descrição, e dar a conhecer uma técnica de trabalho de Guimarães Rosa. Frustrando qualquer veleidade de uma pesquisa sobre o significado das cores nos manuscritos do escritor, Dona Maria Augusta diz que nisso não há qualquer código secreto, apenas

1 - Coordenação: Profª Drª Walnice Nogueira Galvão; Supervisão: Profª Drª Cecília de Lara; Pesquisa: Profª Drª Lenira Marques Covizzi, Profª Maria Neuma Barreto Cavalcante, Profª Drª Maria Célia de Moraes Leonel, Profª Maria Lúcia Fernandes Guelfi, Profª Katia Bueno Romanelli.

uma atividade lúdica: Guimarães Rosa gostava de cores e em sua mesa havia sempre lápis coloridos, os quais ia pegando aleatoriamente. Podemos observar este prazer na série *Estudos para obra*, onde estão mapas dos cenários onde se desenrolam algumas narrativas, feitos com capricho, coloridos e bonitos.

Com relação aos manuscritos BM2 e BM3, em virtude das grandes diferenças entre eles, do ponto de vista da estrutura narrativa, foi necessário utilizar método diferente. BM3 - "texto" de referência - foi reproduzido integralmente em tipo normal, a seguir, em itálico, os trechos de BM2 que lhe serviram de referência e, na sequência, em negrito, os manuscritos do dossiê de documentação redacional. Manteve-se a grafia original em ambos os "textos". As campanhas realizadas sobre as lições sobrepostas estão referidas entre colchetes.

Variantes

- a) No cotejo entre os textos, foram registradas as suas variantes: ocorrência que marca a diferença entre o "texto" de base e o(s) texto(s) que o antecede(m).
- b) As variantes encontradas são do tipo: Supressão, Acréscimo, Substituição, Deslocamento, Modificação parcial, Registro duplo, Espaço em branco, Rasura absoluta.
- c) Registro duplo: quando acima da lição subjacente há uma lição manuscrita ou datilografada, sem sinal gráfico que indique seu lugar de inserção, o que mostra uma não escolha por parte do autor.
- d) Rasura absoluta: quando a leitura do texto subjacente é impossível.

- e) Modificaçãoⁿ Parcial é qualquer tipo de alteração inter? (supressão ou acréscimo de afixos; maiúscula > minúscula e vice-versa; mudança na ortografia)
- f) Os sinais gráficos que aparecem no texto só serão variantes quando as alterações que indicam não forem mantidas no texto com o qual se está comparando. Serão nomeados também quando ocorrerem dentro de uma variante.
- g) Como o autor usa parênteses, sempre que estes sinais aparecerem fazem parte do texto e não do aparato crítico.

Forma de registro das variantes

- a) Os manuscritos serão assim nomeados: BM, refere-se ao nome do conto: o número inteiro corresponde ao momento redacional; as letras (a, b, c) distinguem as três vias do segundo momento redacional; o(s) asterisco(s) as campanhas realizadas sobre a lição subjacente.
- b) na colação entre BM1 e BM2 estão indicadas, à esquerda, as páginas e linhas do texto de base; entre BM3 e BM2c, as páginas e linhas de BM3 e BM2c.
- c) a variante virá sempre entre duas invariantes, mesmo no caso em que a variante seja uma notação gráfica ou sinal de pontuação e, entre colchetes, as lições sobrepostas ao texto subjacente.
- d) quando houver mais de uma variante na mesma linha, ou em linhas seguidas mas muito próximas, serão indicadas num só registro
- e) a rasura absoluta será grafada com R maiúsculo.
- f) Serão usados asteriscos para indicar a posição da variante em relação à linha: ** entrelinha superior; *** entrelinha inferior; * na linha (quando em oposição às entrelinhas). Será usado o sinal + para indicar as variantes nas margens, com a localização entre

colchetes. Ex: + estava [marg. esq].

g) Quando houver uma variante dentro de outra, a globalizante virá entre chaves; e as interiores seguirão o critério geral de registro.

h) as ocorrências não verbais serão descritas entre colchetes.

Abreviaturas utilizadas

Deslocamento - DL

ponto - pt

vírgula - vg

ponto e vírgula - ptvg

ponto de interrogação - pt. inter

ponto de exclamação - pt. excl

reticências - retic

chave - ch

sinal de inversão - s. inv

travessão - trav

margem direita - marg. dir

margem esquerda - marg. esq

margem superior - marg. sup

margem inferior - marg. inf

cartucho - cart

hachura - hach

Or - Série Originais, seguida do número da pasta

E. série Estudos para obra, seguida do número da página

BICHO MÃO

Boidiniga

"Ele Bente em agua benta! Livre-se de cobra e de bicho peçonhento..."
(Oração para quem não tem polainas rezar antes de entrar no matto.)

BMI

B

Em pasto sujo, no cerrado, chão pedregoso, beira de roça ou toco de capoeira - no matto não entra - melhor ainda no campo ralo e encolado, há por aqui um bichinho que todo-mundo acharia interessante, pelo nome sympathico & distancia, não fôzesse o modo e a raiva que delle têm.

B

Bente não será, apesar da lana escamosa com que se veste, renovada mais de uma vez por anno, perdo-escuro-avermelha com rhombóedros limbo maduro, e da elegancia com que desliza, fazendo e desfazendo alças, volutas e cochlêas oscillantes. Mas engrossa muito depressa logo depois do peçoço, e tanto que assusta; e só toca o trinquedo da cauda nos momentos de notavel excitação.

X

Porque, de regra, elle é preguiçoso, muito contemplativo e calmo, e faz tudo com paz, criterio, e principalmente sem sangue-frio.

P

Mas tambem tem a sua neurasthenia e não gosta que o aborrecem. Provocado, é capaz de esperar mezes, tocando no mesmo lugar e entretendo-se, para passar o tempo, com trabalhos de alta chimica. E, como tem bôas agulhas e optima pontaria, e jamais perdêa, dá de quem passar! E muita gente passa.

Com, a boidiniga - macho soberbo, metro e oitenta da ponta do rostro é ultima das quatorze peças farfalhantes da cauda, grossa no meio do corpo como o tronco de uma veladeira adulta - passara os mezes frios jejando num buraco abandonado de tatá, inerte, atêrdido imóvel, para poder cuidar melhor dos detalhes

U

BICHO MÃO

"Ele Bente em agua benta! Livre-se de cobra e de bicho peçonhento..."
(Oração para quem não tem polainas rezar antes de entrar no matto.)

Em pasto sujo, no cerrado, chão pedregoso, beira de roça ou toco de capoeira, - no matto não entra, - melhor ainda no campo ralo e encolado, há por aqui um bichinho, que todo-mundo acharia interessante, quando tenhas, sympathico & distancia, não fôzesse o modo e a raiva que delle têm.

Bente não será, apesar da lana escamosa com que se veste, renovada mais de uma vez por anno, perdo-escuro-avermelha com rhombóedros limbo maduro, e da elegancia com que desliza, em contracções uniformes, intensa e desfazendo alças, volutas e cochlêas oscillantes, e accionando a um tempo toda a sua abundancia de costelas, que jogam e puzam outra p'a outra no canto e oitenta circunm ventrass. Mas engrossa muito depressa logo depois do peçoço, e tanto que assusta; e só toca o trinquedo da cauda nos momentos de notavel excitação.

Porque, de regra, elle é preguiçoso, muito contemplativo e calmo, e faz tudo com paz, criterio, e, principalmente, sangue-frio.

Mas tem tambem a sua neurasthenia, e não gosta que o aborrecem. Provocado, é capaz de esperar mezes, tocando no mesmo lugar, e entretendo-se, para passar o tempo, com trabalhos de alta chimica. E, como tem bôas agulhas e optima pontaria, e jamais perdêa, - dá de quem passar! E muita gente passa.

Com, a boidiniga - macho soberbo, metro e oitenta da ponta do rostro é ultima das quatorze peças farfalhantes da cauda,

BICHO MÁU

Boicuniga

"São Bento
em agua benta!
Livrae-me de cobra
e de bicho peçonhento..."

5 (Oração para quem não tem polainas
rezar antes de entrar no matto.)

Boicuniga

Em pasto sujo, no cerrado, chão pedrento, beira de roça ou bocca de capoeira - no matto não entra - melhor ainda no campo ralo e ensolado, ha-por aqui um tichinho que todo-o-mundo acharia interessante, pelo menos sympathico á distancia, não fôsses o medo e a raiva que delle têm.

10

Bonito não será, apesar da lona escamosa com que se veste, renovada mais de uma vez por anno, pardo-escuro-esverdeada com rhomboedros limão maduro, e da elegancia com que deslisa, fazendo e desfazendo alças, volutas e cochlêas oscillantes. Mas engrossa muito depressa logo depois do pescoço, e tanto que assusta; e só toca o brinquedo da cauda nos momentos de notavel excitação.

15

Porque, de regra, elle é preguiçoso, muito contemplativo e menso, e faz tudo com paz, criterio e principalmente sangue-frio.

20

Mas também tem a sua neurasthenia e não gosta que o aborreçam. Provocado, é capaz de esperar mezes, tocando no mesmo lugar e entretendo-se, para passar o tempo, com trabalhos de alta chimica. E, como tem boas agulhas e optima pontaria, e jamais perdôa, ai de quem passar! E muita gente passa.

25

Bem, a boicuniga - macho soberbo, metro e oitenta da ponta do rostro á ultima das quatorze peças farfalhantes da cauda, grossa no meio do corpo como o tronco de uma goiabeira adulta - passara os mezes frios jejuando num buraco abandonado de tatú, inorto, aborrecida e imovel, para poder cuidar melhor dos detalhes

30

Reptou.

Quando a velha casca, foveira, com o padrão impreciso e desbotadas as côres, se fendeu de labio a crotalo, ella saltou fóra como uma borboleta que se desembainha da pupa e es-
5 corregou da lura para o mundo vasto. Experimentou, em volteios incriveis, a elasticidade das linhas do corpo, fluindo e refluido, titillando cada millimetro quadrado do seu cylindro com a forquilha preta da lingua. Reptou.

Não que estivesse vaidosa da escamaria novinha em
10 folha, nem dos losangos granulados dos flancos. Mas começava a sentir um começo de fome, e a primavera vinha perto, com seus amores de obrigação.

Serpeou alguns palmos e logo estacou; porque Boicininga nunca tinha pressa, e, como era de-dia, seus olhos não dis-
15 tinguiam sufficientemente bem as bellezas naturaes. E o de que mais carecia no momento era de sol: alapardou-se em quatro circulos e meio, contínuos e concentricos, trazida a cauda cá adiante, com uma laçada bonita, ~~os appendices corneos sobre cruzando a nuca,~~ e ficou descongelando o corpo.

20 Só á noite, quando, no escuro, os seus olhinhos de pupilla a-pique acertaram de enxergar, foi que ella se desentortilhou e cobrejou mais avante, a procura de uma boa collocação. Certo, de todos os lados, estalavam correrias de preás e ratos silvestres, mas Boicininga resolvera adiar por uns dois ou tres dias
25 a refeição, que lhe iria trazer novo periodo de entorpecimento, com pesada digestão exigindo sésta gorda, mansa e molle até o fim.

Reptou por entre as pindahybas; fugiu dos tufos de mellado-branco, que lhe davam náuseas; varou as moitas de mijo-de-grillo; chegou num buraco, desceu buraco abaixo, subiu buraco aci-
30 ma; e parou na palhada, a igual distancia de uma surúge de cupim e de uma touça de cansação. Bom posto. Fizera trezentos metros em dez horas e actualmente se sentia fatigada; exploraria os arredores na outra noite.

Mas, no dia seguinte, despertou com um susto e teve
35 de se escur capim afóra. Não fôsse mesmo a providencial proximi-

dade do azeiro e mais da estrada, e Boicininga estaria perdida, com toda a sua calma e lentidão. Tinham posto fogo allí perto, e ella sabia, por anteriores experiencias pouco agradaveis, o que significava aquella barulheira estralejante, com gafanhotos pulando, 5 do, grasnidos de gaviões caçadores voando baixo, gritos de aves reclamando soccorro, o aroma caricioso do tinguy torrado, e um calorão gostoso, que dava até vontade da gente se fazer em cinco sinuosidades, de barriga branca para cima, para o desfrutar.

Fugiu da queimada, furiosa, e nem pôde escolher re- 10 fugio. Foi dar num noruegal, populoso de samambaias e tão escondido e frio, que por lá perdeu dois dias, alethargada; e quasi succumbiu.

Mas, afinal, no meio dia de segunda-feira, houve sol sufficiente e ella poude se desenvolver para um lugar mais alto. 15 Sempre tarda, mas com muita distincção e graça no porte e no trajar, vibrando á frente a dupla lingua tacteante, colleou, suavissima, com contracções uniformes, accionando a um tempo toda a sua abundancia de costellas, que jogam e puxam outra pós outra as cento e setenta escamas ventraes.

20 Deslocou-se até um lugar que achou maravilhoso, porque era quasi precisamente o que ella tinha encomendado nos interminaveis sonhos da sua hibernação. Bons ares, bom chão, bõa relva, esconderijos ao alcance, rastos de roedores, muito sol. Apenas a sombra do ipê-branco atrapalhava um pouco, mudando sempre de 25 área; e havia dois objectos esquisitos, com os quaes talvez não valesse a pena tomar liberdades - uma lata de kerozene, com agua pelo meio e um coitezinho fluctuando, e, ao pé, com a folha-de-flandres faiscante, um canecão.

Sempre dardejando a lingua, Boicininga distendeu todos os annéis marchetados, traçou um oito, depois um lemniscato, 30 depois um seis e depois ainda um arabesco bem tortuoso - um S itálico dentro de uma ellipse irregular, com o queixo na falda interna do corpo montanhoso e prismático. E, com tantos arqueamentos de syphão, não podia deixar de achar a vida optima.

35 Mas, de-seguro, havia uma conspiração contra o seu

bom humor: de um galho do páu-d'arco, pendia, como comprido sacco de anagem, um ninho de guaxe; e, em volta d'elle, o casal de passarinhos trabalhava com afinco, como si achassem que o mundo já estava para se acabar. Enquanto a femea, pousada no rebordo, sumia o corpozinho negro na cisterna do ninho, deixando de fóra só a tesoura amarella da cauda, o macho saltitava pelos ramos, dando risadas, volvendo a cabecinha para os lados e espiando as coisas por cima dos hombros.

E tanto pulou, que fez cahir um estilhaço de esgalho. Um graveto infimo e até florido, mas que rodopiou e veiu bater bem sobre o az-de-espadas da cabeça de Boicininga, que, no momento, só estava pedindo sossego, a graça de Deus e alguma consideração.

Prompta, reenrodilhou-se, rebolindo e cascalhando para tomar a postura defensiva de emergencia, com a cabeça um tanto alçada e o resto da corda comprimindo o sólo para trampolinar bem o arremesso. E a furia foi tanta, que as escamas, que nem grãos de arroz em casca, ramalharam e craquejaram, com o estremeção com que ella trouxe a raiva até aos cascaveis ócos, que badalaram sinistramente, como um copo de sacudir dados. Depois esmaecendo que nem o saccolejar de feijões em vagem sêcca. Até que silenciou.

Mas agora Boicininga tinha voltado com o odio do guizo ás presas, um odio que duraria muito tempo: até que ella pudes-se matar alguém.

E se recompoz, boleando o laço, sinuoseando, vagarosa, porque, até para se enovelar em guarda definitiva, a cascavel gasta muito tempo.

Mas, por fim, ficou mui tranquillã, absolutamente immovel, porque na rodilha tudo estava meticulosamente previsto, calculado e arranjado: a metade trazeira do corpo bem arrimada; o bote engatilhado na metade dianteira; alertada a elasticidade total dos musculos, para o recuo immediato; as bolsas fazendo trabalho extraordinario para fornecer boa dose da droga leitosa; e a arqueadura de logo após pescoço, que, tal qual fazem as gerças, mas não por belloza, as cobras sempre conservam, como uma reserva de movi-

mento para a cabeça, em caso de aggressão ou de fuga.

E, a partir desse momento, vista de frente ella seria mesmo horrenda. A começar pelos olhos, que não se podem fitar impunemente. Olhos que a principio parecem os de um boneca: soltos, sem vida, sujos, seccos, empoeirados; mas que, com o risco da pupilla a pino e com a ausencia de palpebras, logo emedrontam pela fixidez hypnotica dos olhos frios de um fakir.

O rosto de megéra, com mais dois orificios dos lados da cara, estylizado em granulações salientes, escamas carenadas, e a grande pala de boné cobrindo a testa como o beiral de um telhado.

E tudo isso faz ^{com} que ella seja, primeiro um ser vivo, muito vivo, muito humano, mas estranho: um louco em concentração involuntaria, uma estrige, uma velhinha velhissima. Depois, morto-vivo ou muito morto: um feto macerado, uma mumia, uma caveira, que emittia frialdade...

Por enquanto a bocca é irrisoriamente pequena, punctiforme: só a buraquinho para dar ás vezes passagem á lingua, onde parece ter-se refugiado toda a sua vida. Em seguida toma o geito de uma miniatura de bocca de peixe. E, no entanto, no momento de matar, essa bocca vae se escancarar, desmandibulada num esgar hediondo, de labio a labio em linha recta.

Mesmo a côr é apavorante: verde-murcho, verde livido, verde musgoso, hachureado, remoto, primevo, prisco. E essa macilencia, esse verdor desmaiado, antigo, antiquissimo, só rivaliza com o cheiro bafiento do pó de opio bruto da Anatolia para ser a coisa que mais atafadoramente pôde dar a idéia de velhice sem tempo, fóra da successão das éras.

Tanto que ella está quieta. Mas, si a gente olhar muito, ella parece recuar... vae recuando... vae recuando... fugindo para traz, em duração e extensão... E si a gente não fizer força, pende a cabeça e avança para o ridiculo facies. E, si ellas attrahem, deve ser esse o mecanismo da attracção.

E o ser vivo que se aventurasse agora em seu terreno no estaria perdido, porque cascavel impassivel é cascavel raivada, e cascavel raivada jamais falha o primeiro bote.

Boiciniça estava eterna.

Os homens que capinavam lá em-baixo não tinham podido ouvir o crotalar da tragica fanfarra. Não podiam adivinhar que a boicininga estava perto da lata de agua, dissimulada na grama, esperando. E eram pois tres homens e uma cobra, e o d'aquelles que tivesse sede primeiro teria de morrer.

João Ruivo, numa cachaça terrivel, fazia esforços para que os outros não notassem o seu máu estado. Seu Quinquim, filho do dono da fazenda, cantava, muito alegre, porque estava nos dias de ser pae. E o Egydio, abobado e humilde, puxava rijo no rabo da "jacaré". Estavam suados e cansados, mas as folhas das enxada subiam e desciam, aguentando em bom rythmo. E já descambava o sol de Agosto, sol de queimadas, bem recortado, não obumbrante e carmezim.

De repente, Egydio parou e levou a mão á testa, se enrugando. Olhou para lá: um raio tirava reflexos da lata de agua. Mas Egydio tinha encostado a ferramenta, havia pouco, para enrolar um cigarro. Seu Quinquim podia achar que era muita mandriagem. Egydio tinha nove filhos, afóra a mulher, para sustentar, e por isso estava sempre tímido. Também, nessa hora, alguém, longe, devia estar rezando por elle; porque elle resistiu e não foi beber.

João Ruivo vinha capinando na rabeira, porque não gostava nada nada de trabalhar. Bem que a cada minuto a sede crescia. Tinha a guela apertada e a bocca sêcca. Mas não gostava de agua. Gostava era de pinga. E, como gente ruim está livre de riscos, não foi.

Seu Quinquim continuava cantando. Devia ser, no máximo, dahi a tres semanas. A parteira já estava na fazenda... Virgínia estava passando muito bem... De certo que tinha de ser menino... A parteira já dera palpite. Primeiro filho... Homem!... Que bom!...

Seu Quinquim adorava a mulher. Na vespera, domingo, fôra ao arraial comprar bacalhau salgado, só porque ella tinha tido um desejo. No almoço de hoje tinha comido do bacalhau - não gos-

tava, mas ella pedira que elle comesse junto. Bacalhau salgado faz muita sêde: Por isso, sem saber, elle estava agora em grande inferioridade de condições. Só bebendo um golinho d'agua... Mas, não: devia dar o exemplo. Capinaria mais um trecho. Sinão o
5 João Ruivo ainda ia ficar mais malandro. E seu Quinquim redobra de vigor.

Com isso Egydio se acanha ainda mais. Bem que elle tinha visto o Patrãozinho dar idéia de querer ir beber, e se dispuzera a aproveitar e ir atraz. Mas, agora não. Só aguantan-
10 do mais um pouco...

O dia vae acabar. O sol está se pondo. Daqui a pouco vão largar o trabalho. Si até lá ninguem se offerecer ao bote da cascavel, o infeliz será mesmo o Egydio, a quem compete
carregar, de volta, lata, caneco e cuia.

15 Porem João Ruivo não tem medo de nada. Sem preceito nem respeito, não se aperta. Está com a bocca amargando; só bochechando um pouco.

Deixa a enxada em pé e vae. Mas, que anjo-da-guarda tremendo tem estes bebedos! Fez meia-volta. Retrocede.

20 - A gente pôde 'cascar um 'nanaz d'aquelles alli, Seu Quinquim?...

- Pôde, mas anda depressa!... Você não rendeu nada hoje, sua tarefa está por pouco adiante da metade.

João Ruivo, cynico, sorri. E corta caminho em di-
25 recção ás touceiras das bromelias da encosta, em lindo alinhamento de rosetas e balões de ouro de cocar. João Ruivo, por ora, está salvo.

Então seu Quinquim tambem para. Agora pôde aproveitar a folga... Um ananaz?... Não, dá muito trabalho... E estão
30 azedos, apertam na lingua, peores do que gravatás...

Caminha para a agua. E Egydio, que só estava esperando esse exemplo, vem logo atraz.

A vinte metros da lata de kerozene, a dezoito metros da serpente de guizos, seu Quinquim faz alto e se abaixa para agci-
35 tar uma perna da calça, que tinha descido. Sae um pouco do trilho,

dando caminho a Egidio. Mas Egidio tambem estaca, respeitoso, sem querer passar-lhe á frente. Prompto. Seu Quinquim concertou a calça, arregaçada acima dos joelhos. Tem pernas pelludas, mas muito claras, e pés tambem claros; porque está descalço.

5 Lugar limpo, nem é preciso a gente olhar para o chão. Mas o grito foi medonho: - Mãe valei-me minha Nossa Senhora!...

Perfeita na sua vigilancia, a boicininga viu o tornozelo avançando na area prohibida, e desfechou meio corpo, num desesperal 10 piralar de mola tensa, picando em cheio e regressando sobre si mesma, já com o segundo bote armado. E, como o pé, enorme, calcasse o chão, mais perto, ella se projectou inteira, como um elastico de gomma: outra picada e um laço cingindo os malleolos; com tanta furia que nem pôde desanzolar as presas e o chocalho vascolejou de 15 novo, matraqueando sêcco e soturno. E esse era o golpe arriscatudo, que a cascavel guarda para os grandes momentos.

E tudo isso durara um passo do homem. Tão ligeiro, que seu Quinquim sentiu os dois arremessos somados numa chibatada só.

20 - Minha Nossa Senhora! Valei-me!...

Derreou o busto e desceu instinctivamente a mão, á procura de um péu, de uma arma, de uma coisa qualquer. Pulou de lado, e a cascavel veio tambem. E, ao sentir o frio viscoso, a 25 constricção, e ao vêr o monstruoso rôlo polyedrico enroscado na sua canella, a repugnancia, a gastúra o pavor especifico que os ophidios inspiram ao homem, peór do que a sensação real do perigo, imobilizou-o todo, num ricto de estupor, cabellos arrepiados, olhos arregalados, malrosnando sons na garganta.

Egidio Souza, que vinha junto, quasi desmaiou. Afinal 30 nal pôde correr, atarantado, vendo se catava uma vara ou uma pedra e gritando "São Bento! São Bento! São Bento!..."

E foi o João Ruivo quem acudiu, de enxada erguida, doído para matar cobra. Enfiou a ponta do cabo no laço monstruoso e puxou para lá. Que nada! A cobra se desatou da perna de Seu 35 Quinquim, mas os dentes continuavam seguros. Foi preciso João Ruivo

tirar o facão e decepar-lhe o pescoço. Ahí, a dedos, arrancou a cabeça, tendo de lacerar as carnes do offendido.

Egydio amparou seu Quinquim, cambaleante, que só então pôde se lamentar:

5 - Estou morto, minha gente!... Estou morto...

E cahiu sentado no capim. Muito branco. E mastigava e engulia em sêcco.

João Ruivo, afadigado, sem perder um segundo, esmagara a cabeça da cascavel e agora retalhava o longo corpo, que ainda se mexia flagellando a esmo em energicas contorsões. Trouxe
10 qualquer coisa sangrenta, que disse ser o fígado e que foi esfregando na ferida. Com muito boa vontade e fedor de paraty.

Seu Quinquim gemeu:

- Não adianta!... Eu morro... Meu Deus do Céu!...

15 - e as lágrimas vieram-lhe aos olhos e o seu rosto parecia o de um menino afflicto.

- "Grita pra ver si alguém vem, molleza! ordenava João Ruivo a Egydio, enquanto, lesto, garrotava com o cinturão de couro a perna do mordido, logo abaixo do joelho.

20 - 'cúde, gente! - gritava Egydio como um desesperado.

Seu Quinquim soluçava, pensando na esposa, talvez. E as mãos tremulas apalpavam as medalhas de santos do pescoço.

João Ruivo agora mascava fumo para pôr na mordida.

25 - Dóe, Patrãozinho?...

- Não... Não... São Bento e Nossa Senhora que tomem conta de mim...

Um outro trabalhador, que campeava as vaccas fugidas para o chão da queimada, tinha ouvido os gritos e chegava.

30 Quando levantaram Seu Quinquim, elle pediu:

- Me dá meu chapéu, gente... 'panha meu chapéu allí, Egydio...

Gemeu e levaram-no, quasi carregado.

35 E a lata de agua ficou allí esquecida, perfeitamente inutil, como tudo o mais estava agora realizado e inutil, inclusive

o corpo atassalhado e malaxado de Boiciranga.

A fachada da casa grande, assobradado, de escada e varanda, ficava no fundo da praça - o eirado e os curraes. E, ladeando os curraes e o eirado, á direita: o paiol, a tulha, o 5 engenho, e moinho e o chiqueiro, e, á esquerda: a coberta dos carros, o deposito e a morada dos camaradas, para onde levaram seu Quinquim. E para isso tinham boas razões.

João Ruivo subiu para avisar:

- Um bicho máu offendeu seu Quinquim... Nós trouxe- 10 mos elle...

Nhô Ignacio não taqueou. Só fez carranca. E ordenou a seu Ricardinho:

- Corre lá no Jeronymo e fala só que um bicho máu offendeu seu irmão!... Vae correndo, ligeiro mesmo! E' só falar, 15 que elle lá sabe...

Mas o mulherio parecia ter adivinhado e accorrera. E Virginia, a esposa, ouviu e levantou os braços, exclamando:

- Coitado do meu marido!... Meu Deus do Céu! O que será do meu Joaquim!...

20 Ahi todes, inclusive a meninada, pegaram no choro e nos gritos, precisando que Nhô Ignacio interviesse, bravo:

- Quiéto, gente; deixa de bué, que Seu Quincas ainda está vivo e Deus é grande!... -

E desceu para vêr o doente.

25 Dona Calú, a mãe, lacrimejava mas aguentava na fitra, ainda tendo mão na nóra, que se arreplava, desvairada.

- Deixa de desatino, minha filha!... Que é isso?!... Tom fé em Deus! Olha que assim tu vae fazer mal á criancinha... Vae rezar, sosséga!...

30 Virginia desatabou, se desgrenhando ainda mais: - Coitado do meu filhinho, que vae nascer sem pae!...

Mas Dona Calú subjugou-a, quasi com violencia: - "Deixa de agouro, sate?!... Tu não é mais nenê, pra fazer cossas

lobagens!..."

É a outra: - "Me larga, me deixa ir para perto del-
le!..."

- Você sabe que não pôde! Nesse estado...

5 - Posso! Posso!... É' meu marido, eu quero ficar
perto d'elle, ao menos! Me deixa!..."

- Ir você não vae, de geito nenhum!... Você sabe
que mulher prenhe não pôde entrar no quarto de pessoa mordida de
bicho... Por amor d'elle mesmo, você devia deixar dessa doideira!..

10 - sibillou Dona Calú, arrastando Virginia, aos repellões.

Então a coitadinha se serenou e ficou abraçada com
a velha, chorando mansinho, toda sacudida de soluções.

- Minha filhinha, não vae ser nada, você vae ver...

- e Dona Calú, rígida, tesa, amparava-a e lhe afagava os cabellos.

15 As lagrimas lhe escorriam tambem pela cara, mas o seu era um choro
sobrio, sem esgar nem rumor.

Odorico, o filho mais moço, chegou:

- Elle quer ver a senhora, mãe...

Ahi, de chofre, Virginia se desprende do collo da

20 sogra:

- Elle está falando?!... Falou em meu nome?!...

Como é que elle está, hein?... Soffre muito?!... E o medico?!...

Já foram chamar o Doutor?!... O que é que estão esperando?!...

Dona Calú quiz explicar, meia no ser-geito:

25 - Já foi recado p'ra o Jeronymo benzedor, que cura...

- Mas, e o medico, tambem?... É' preciso ir chamar,
ligeiro, buscar recurso de pharmacia, remedios! Anda, Odórico, o
que é que você está esperando?!...

30 - O Jeronymo cura, mas a gente não pôde dar remedio
de pharmacia... - objectou Dona Calú, sempre com as mãos dobradas
no meio do peito.

Não! Pelo amor de Deus!... Por tudo que ha de san-
to!... - Atalhou Virginia, pulando no meio da sala, recrudescendo
de desvario. - Esses curandeiros não sabem nada! Cura é o nariz

35 d'elle! Não prestam para nada! É' preciso ir chamar o doutor!...

E Dona Calú teve de transigir:

- Você manda e desmanda o que quiser... Eu vou até lá... Vou falar com o Ignacio...

E saiu.

5 Mas Virginia avançou para o cunhado, agredindo-o quasi, com as mãos trementes.

- Então, Odórico?! Você vai deixar seu irmão morrer á mingua?! Vai ou não vai?! Então fala, que eu monto num cavallo e, assim mesmo neste estado, vou buscar ajuda no arraial!...

10 Odórico consternado, não topava com uma decisão. Afinal, tudo aquillo o cansava e opprimia. Havia uma vehemencia terrivel na cunhada. Elle queria libertar-se do ambiente... Gaguejava:

- 'tá bom... Lá vou...

15 - De galope, Odórico! Vai!.... Traz o doutor de qualquer jeito... Assim você ainda pôde salvar meu marido, assim você pôde salvar o seu irmão...

Os cabellos de Virginia se arapuavam, desfeitos. O corpo disforme. As pernas inchadas. Perdera os chinellos, e, cf-
20 fegante da lucta, muito brilho nos olhos vermelhos, foi, descalça, para a varanda.

De repente foi noite, como sempre é: a gente vê - ainda é tardinha, fecha os olhos, abre-os outra vez - anoiteceu. E alli, debruçada no parapeito, sem chorar mais, ella ficou ao re-
25 lento, bravamente, sem tirar a vista da casa lá em-baixo, onde havia luz e muita mexida, e onde o seu companheiro jazia a soffrer.

E lá em-baixo, estirado no catre, prostrado, com suor copioso no peito e tremor por todo o corpo, seu Quinquim gemia, fazendo força para não invocar, nem baixinho, nem em pensamento, o
30 nome da mulher.

Sentado aos pés do catre, Nhô Ignacio cobria e descobria a perna maltratada, para a examinar. Quasi não inflamara: sómente, ao redór da picada, uma zona escura.

- Dóe muito, Quincas?...

35 A resposta saiu a custo, gaguejada, com grande es-

forço de língua e lábios:

- Não... Só um pouco, na barriga da perna... Mas o corpo está dormente... o lado de cá está esquecido... e a gué-la está pegando a querer doer... Accende a luz, pae!...

5

-A luz está accesa Quincas: olha o lampeão ahí...

- Ahn... Então chega aqui mais p'ra perto, pae...

Não estou enxergando quasi... só vejo um vulto... Ai, meu Deus!... Já estou ficando cêgo p'ra morrer!... Não deixem eu morrer sem vêr Virginia!... Qu'ê-de Virginia?... Chama ella, pae!...

10

Os outros, que enchiam o quarto, silienciosos, estremeceram, com o pavor de catastrophes.

- Não fala!... Não fala o nome della, meu filho, pelo amor de Deus!... Isso de não enxergar, depois passa... Você não vae morrer não... Pensa na tua vida! Nella é que nem pensar você não deve!... E' só por emquanto... Amanhan você está são... O Jeronymo, a essa hora, já deve estar te benzendo de lá...

15

Bebe mais um gole...

Submisso, Seu Quinquim retombou no enxergão.

Dona Calú entrara sem barulho, e ficara no fundo.

20

Justino, a um aceno do Patrão, chegou com a cachaça.

- Bebe mais, meu filho... Espera... Deixa passarem esses vomitos... Agora, bebe... Tudo!... E' restillo do bom..

E amparava a nuca de filho, chegando-lhe á bocca o copo, que se esvasiava lentamente, com difficuldade, com os dentes chocando no vidro.

25

Outro copo cheio. Mais ainda. Todo o quarto rescendia a amor-de-canna.

As escondidas, João Ruivo esvasiava o resto da garrafa, mas alguem percebeu:

30

- Sae, bebado! Tu aqui nesse estado, de corno cheio! Não sabe que isso pode peorar Seu Quinquim?!...

Seu Quinquim gemeu, virou para o canto, e emsinou, derreado.

35

- Não lançou mais, está vendo?... Cachaça é bom para isso... não atrapalha... - Nhô Ignacio tinha vindo para per-

to de Dona Calú. Queria mostrar optimismo, mas a mascara da mulher, dura, hirta, o desmontou. E elle desolhou-a e mexeu nos bolsos procurando qualquor coizx.

A velha indagou:

5

- Perguntou por mim?...

- Não... Só pela...

- Você está maluco?! - e Dona Calú, rude e rápida, cortou-o, com um indicador nos labios e a outra mão tapando a bocca do marido.

10

- Não sou criança... Não ia falar... E você? O que é que tem de vir vêr aqui? Não deve!...

- Não estou grávida, não estou dando de mamar...

- Mas é mulher... Sempre não é bom, mulher...

Seu Ricardinho entrou, esbofado, offegante:

15

- Seu Jeronymo - Co... Seu Jeronymo me deu um copo d'agua p'ra beber... E falou: - Quando você chegar lá de volta, já vae achar seu irmão mais velho... Amanhan elle já está bom de todo... Depois-d'amanhan já vae poder andar e comer de tudo. E...

- E o que mais?!...

20

- Mas falou que era p'ra não dar nada a elle p'ra teter... Nem solimão, nem purgante, nem leite, nem remedio nenhum... Si dér, já sabe!... E nem reza nenhuma, nem deixar outra pessoa benzer... Só assim é que elle garante!...

25

Marido e mulher se sorriram, quasi. O filho agora apenas mexia a respiração de longo rythmo, extenuado no sopor do alcool e da peçonha.

- Está vendo?... Pegou no somno... Já melhorou...

- Bem. Agora eu vou-m' entora...

30

Estavam sérios, mas corria uma alegria no seu cochicho. E Nhô Ignacio dispensou tambem os camaradas.

Lá em-cima, na varanda, Dona Calú encontrou Virginia, que mantinha a sua vigília, ao sereno, no escuro.

- Entra p'ra dentro, minha filha, que a friagem vao te fazer mal... Elle já melhorou, graças a Deus...

35

- Já?!... Não falou que queria me vêr?!...

- Elle sabe que não póde... Amanhan, ou depois, sim...

- Deus é bom Pae!... -(Virginia tinha feito varias promessas) - A senhora póde ir dormir, que d'aqui a pouco eu entro.

5 Dona Calú não quiz insistir. Os outros já tinham chorado, rezado e ido para a cama. Dona Calú chegou a se ajoelhar diante do oratorio. Mas não rezou. Não! Qualquer reza podia atra-palhar a sympathia... Deus perdoaria, os santos não se zangavam, porque ella queria uma cousa, ardentemente uma cousa, só uma cousa: 10 salvar o seu filho.

Nhõ Ignacio abaixou a luz do lampeão e foi para a janella pitar. Mais de um cigarro.

Quando deu fé, a porteira bateu e um cavalleiro entrou no curral. Era Odórico com os remedios. O medico elle não 15 encontrara: estava fóra do arraial, lá p'ra lá do rio. Mas o phar-maceutico mandara o remedio - o sôro para injecção. Quatro am-polas. E o estojo com a seringa, alcool, algodão, iodo tudo. Ti-nha falado que nem precisava delle mesmo vir: era applicar tudo; só com duas, o doente já estaria fóra de perigo...

20 - 'tá direito. Me dá, e vae dormir...
- Mas sou eu que tenho de dar a injecção nelle, pae!..
- Você não sabe. Vae!...
- Não sei? Então, quem é que dá injecção de iodu-reto no senhor?!...

25 - Esta é differente... você não sabe...
- Elle me explicou direitinho... E' atôa...
- Pois eu tambem sei... Deixa que eu dou... Si fôr preciso, te chamo. Vae dormir!...

Do meio do eirado, como mancha branca no escuro, o 30 rapazinho ainda gritou:

- Diz ' que tem de lavar bem, depois de cada, sinão gruda tudo um vidro no outro, atôa, atôa...

Agora seu Quinquim revirou no catre, e recomeçou a gemer. E os gemidos foram crescendo. Nhõ Ignacio indagou:

35 - Dóe muito, meu filho?...

Mas o doente dormia. Gemia dormindo. E tremia.

Nhô Ignacio sungou a luz do lampeão. Enrolou outro cigarro e accen-
deu, mas jogou fóra, depressa, e ficou brincando de esparavatar o
rebôco da parede.

5 Até que Seu Quinquim se agitou, com gemidos mais
fortes. Chamou-o. Não ouvia. Sacudiu-o. Accordou.

- Dóe... muito... tudo!

O gaguejo parecia de outra voz. Elle quiz indicar
a perna com a mão, ou está se mexendo atôa, variando?

10 Nhô Ignacio abre mais a outra janella, para entrar
mais ar. A noite está muito quieta lá fóra. Cá dentro, estalam
as tábuas do catre.

Nhô Ignacio desfaz o embrulho da pharmacia. E si
aquillo podia salvar o Quincas?!... Si dêsse?... Si chamasse o
15 Odórico para dar a injecção?!...

Pega outra vez na caixinha com as ampolas. - Si
desse?!... Mas, e a recommendação do Jeronymo?!...

O alazão soprou e bateu com uma pata, na coberta do
curral. Ainda não quer dormir... bôa vida a delle... bôa vida
20 de toda criação!...

- Si desse?! chamar o Odórico, hein?...

Elle parou de gemer outra vez... Mas, é bom esperar
ainda um pouco... pode esperar ainda um pouco... Parece que elle
está melhorando... ha de melhorar!...

25 Friagem. Fecha as janellas.

Foi gemido? Será que elle vae gemer outra vez? Será
que elle vae gemer outra vez?!...

Mas, assim tambem, parece que elle está quieto de ma

Um raio de bicho zubbindo, lá no alto, perto dos cai-
30 bros. Um besouro? Não, não é tempo delles... Deve ser um marim-
bondo-caboclo, ruivo, ou um preto, marimbondo-tatú... Marimbondo
não traz máu agouro... Mas, é feio esse zunido delle...

Gemeu outra vez.

Nhô Ignacio quer fumar. Mas os dedos desencontrados
35 não conseguem enrolar a palha.

E o insecto com a zoeira... Besouro mangangá?

Não... Marimbondo... marimbondo... marimbondo... o marimbondo

-tatú se acostuma com as pessoas... E si o Quincas morresse?!... Não, vae ficar bom!... O marimbondo-mosquito é rajadinho e pequeno, faz a caixa nos buracos do chão... Que noite, meu Deus!... Não pôde mais... Deve dar... Dar o remedio e esquecer o resto...

5. Anda e volta, vae e vem, dosesperado, ansioso. Não pôde mais.. Vem até ao catre:

- Quincas, Quincas! Escuta! Você quer tomar o remedio... a injeção?!...

Seu Quinquim não responde... Nem gagueja... Não está enxergando mais nada desta vida, e faz um esforço tremendo para respirar. Mas gemer pôde, e ás vezes grita, de dôr.

E' preciso andar depressa... Vae dar a injeção. Sim, vae dar. Vae dar!... Mas... o Jeronymo disse: "Não dar nada..." Só assim elle garante... Amanhan estará bom... O Jeronymo é negro velho, sabe... Quantas pessoas mesmo o Jeronymo já curou?... Que inferno a gente não saber!... O bicho cahiu perto do lampeão... Não é marimbondo-tatú. E' um marimbondo cassununga, com lindos reflexos verde-azulados... Elles teem uma casa comprida, na parede da tulha... parece uma combuca...

20 Não, não; o Jeronymo sabe!... E' preciso a gente ter fé, para ajudar!...

E Nhô Ignacio aperta a ampola na mão. Cortou-se com os cacos de vidro. Não importa. Tem mais tres. Atira-as contra a parede. O liquido espirrou longe. Agora, não tem mais esse martyrio. E até o doente se acalmou. Vae melhorar.

E Nhô Ignacio agora pode assentar-se na beira do catre, e passa os dedos pela testa do filho e afaga-lhe as mãos, cheio de uma ternura enorme e com muita paz no coração.

Assim, até alta madrugada, quando as convulsões de Seu Quinquim cessarem, e a cura já estava garantida. Ahí o pae pegou numa modorra, Cabeceou e dormiu. Tanto que não viu, cerca de uma hora depois, o filho melhorar bem. Melhorar e, daí a mais um pouco, morrer.

Morreu quando todos dormiam na casa grande, menos Virginia, que velava lá em cima, com rezas entrecortadas de explo-

sões de pranto.

- - -

Um dia, justo justo em sol e hora, depois do enterro, Virginia pôde adormecer, após as sofferimentos do parto prematuro. Tinham conseguido trazer o medico, - um moço de fóra, de outro Estado - que agora, depois de reenvalisada a ferramenta, conversava na sala, tomando café.

Todos, de olhos vermelhos, estavam lá: Nhô Ignacio, muito mais velho do que na vespera; Dona Calú, de quaixo baixo e olhos baixos; os rapazes; as filhas; os meninos, cheios de curiosidade calada; e outros parentes que tinham vindo e mais gentes de allí por perto.

O medico queria esclarecer alguns pontos, antes de se despedir. E isso devia ser sério, porque, quando elle soubera, no arraial, da historia da cobra, tinha tido uma discussão muito grande com o seu amigo pharmaceutico.

Ora, o doutor estava sempre louquinho por ajudar o povo, hygienizar os grotelros, e corrigir o maior punhado de cousas erradas que pudesse. Assim, viéra disposto a fazer um inquerito em regra. Mas estava bem no caminho de "acertar errado", porque falava um pouco demais e, como a sua estada allí datava apenas de quatro annos, faltavam-lhe ainda seis para começar a conhecer o capiáu.

- O sôro não podia deixar de salvar o seu filho, Nhô Ignacio! Só si tivesse sido uma picada na veia...

- E' isso, sim Senhor... numa veis... Foi na veia...

- Mas, como pôde saber o senhor que foi numa veia?...

- Ué, pois não é o senhor doutor quem está dizendo?!

Eu cá não sei nada, não entendo de nada, mas acredito no senhor... O pobre do Quincas não morreu?!... Pois foi na veia!... Por isso o coitadinho foi para o céu...

- Pois saiba o senhor, meu caro Nhô Ignacio, que não foi na veia!... Si fôsse teria sido fulminante, entende?!... Ora, o rapaz durou ainda muitas horas... Agora, diga-me, por favor, vocês sabem mesmo applicar a injeção, direitinho?!...

- Saber, sabemos... Direitinhozinho... O senhor vê, a gente que móra aqui nessas brenhas, contando só com a ajuda de Deus, tem de apprender muitas coisas... O Odórico sabe, o Ricardinho sabe, a Dejanira sabe só de vêr, mas nunca dou, eu sei... Temos os aviamentos todos, agulha, tudo. Eu-cá tomo tres vezes na semana uma injeção de iodureto... Até e' bom o Senhor ver, p'ra me dizer si devo continuar... E' favor... Calú, vae ver, p'ra eu mostrar a bulla a seu doutor!...

Mas o medico insistiu:

10 - Então, não teria sido outra qualidade de cobra? hein?!... Vocês teem mesmo a certeza? Reconheceram a cascavel, o crotalus terrificus, ou crotalus horridus? Não seria uma lache-sis?... Na pressa de matar o ophidio, não poderiam ter-se-enganado?...

15 Quando a tirada herpetologica e repolhuda findou, com o fluxo do folego, Nhô Ignacio riu, pela primeira vez, mas respondeu, maciissimo:

- Sim Senhor, seu doutor... Isso sim, de occordio... algum engano é capaz que tenha havido... Vamos ver... O'Odórico! 20 Vae ver si o Nico está por ahí... João Kuivo deu p'ra elle o cho-calho da bicha... Manda elle trazer!... E' pequeno p'ra o tama-nho de que ella era, mas, só vendo, seu doutor!... Um corninboque de quatorze campainhazinhas só!... Ella tinha mudado a casca de novo, estava bem pintada... Mas, isso de engano pode lá ser mesmo, 25 porque a gente daqui é muito mesmo ignorante de tudo...

Ahí o doutor se atrapalhou bastante, porque não sabia si o fazendeiro estava zombando ou não. Mas não podia estar, porque falava com o sorriso manso de quem, estando muito triste, deseja mesmo assim agradar ao interlocutor. E os demais circunstan- 30 tes tinham todos um aspecto physionomico desligado de qualquer coisa actual. A sciencia não podia emprestar a munheca para um capiáu torcer:

- Outra coisa, Nhô Ignacio: não deram ao docente nenhum remedio de curandeiro, hein?... Garrafadas, calomelano com 35 caldo de limão, hê?!...

- Sim senhor, seu doutor... Remedio de curandeiro,

isso não se deu... Remedio até que não se deu, não foi, Calú?...

5 - Mas, Nhô Ignacio, me disseram que o senhor tem ahí nas suas terras, como aggregado, um charlatão desses... Não tem?... Então, como foi que o senhor não o procurou? Me desculpe, mas acreditar não posso!...

10 - Sim senhor, seu doutor... O senhor está falando é do Jeronymo Cobra, não é mesmo?... Dou casa p'ra elle morar e tres alqueires p'ra plantar á terça... É um coitado!... Não cura coisa nenhuma desta vida... Mas como todo-o-mundo fala que elle entende de tratar de mordeduras... Só fez foi uma sympathia, de longe... Nem viu o Quincas... Só a sympathia... coisa que eu pensava que não fazia mal...

- Hein?! Não faz mal?!

E o doutor apostrophou, eloquentissimo:

15 - Não faz mal?!... Mas o senhor, Nhô Ignacio, que é um homem intelligente, sério, um fazendeiro dos mais progressistas, tolerando e sustentando um curandeiro, um impostor, preto ignorante, explorador, fanatico, um canalha de charlate?!...

20 Á medida que falava, o tom da voz subia, e elle fulminava Nhô Ignacio á distancia, com golpes do fura-bolo, tal e qual devia ter feito aos ophiolatrias babilonios o celebre propheta Daniel.

25 - Faz muito mal! Essas crendices prejudicam... Isso é um atrazo que eu não posso comprehender em homem do seu valor! O senhor devia mandal-o embora, já ! Que elle vá explorar outros mais atrazados! Isso aqui não é mais sertão... Faça-o arruzar já a trouxa, Nhô Ignacio! Eu, si estivesse no...

- Minha filha! Que é isso? Volta p'r'a cama! Tu tá doida p'ra quebrar resguardo assim no primeiro dia?!...

30 Era Dona Calú falando, porque era Virginia surgindo á porta do quarto, desgrenhada, descalça, muito pallida; cadaverica, como o lençol em que se enrolara ás pressas; esbugalhando os olhos e segurando á cintura a roupa, na legitima defesa do pudor. Da cama, tinha ouvido o fim do discurso e:

35 - Fala, seu doutor! Fala para elles tocarem esse

negro, esse feiticcio miseravel! Foi elle quem matou o pobre do meu marido!... Estou sem marido e sem filho, pobre de mim! Por causa de um negro sujo, que tem pacto com o demonio!... - e desprendeu o choro forte.

5 Dona Calú, Thereza, todos tinham corrido, mas Virginia se debatia, phrenetica, contra os que a queriam reconduzir ao leito:

- Não vou!... Vou mas é m'embora!... Enquanto esse benzedor amaldiçado estiver por ahí, não fico nesta casa! Me larguem, não vou!...

- Póde ir sossegada, minha filha! - falou Nhô Ignacio, se levantando, hirto, com voz cortante e um brilho náu nos olhos - Póde ir que o homem vai embora mesmo, agorinha mesmo, já-já!... O' João Ruivo! O' Peroncio!... Vocês vão lá no Jeronymo, e enxotam aquelle coisa ruim, por bem ou por mal!... Que elle vá pra bem longe daqui!... Depois vocês tocam fogo na castia dele!... Não tenham medo... Podem dizer que eu dei ordem e que vocês estão só é me obedecendo!..."

20 Ahí Virginia banteou num desmaio e foi carregada para o fundo do quarto.

O doutor entrou para tomar-lhe o pulso. Mexeu lá por dentro e voltou, procurando o lavatorio de tripé, para asseiar as mãos. Dona Calú veio com a toalha. De cabeça baixa, olhando para o anel do medico, sussurrou:

25 - O seu doutor não repara, não é?... Ella é muito bôazinha, mas tem o genio differente de nós todos daqui... E' assim meio esturdia... Ao depois, ella está assim nesse estado... não se importa de dar espectaculo... Mas o senhor não repara, não é?...

30 Tranquillizada com a resposta do medico, continuou a murmurar. Mas o outro não comprehendia até onde ella queria chegar, com aquellas phrases insinuadas, cochichadas, indo, tacteando, recuando, enquanto os olhos se não desfitavam agora do rosto do homem, cutando signaes de reacções. Por fim, Dona Calú teve que se explicar:

35

- Eu queria pedir ao senhor... O senhor não se altera, não é?... P'ra falar com o Ignacio p'ra elle não mandar o Jeronymo-Cobra ir s'embora... O senhor tem razão, eu sei!... Muita razão!... Nós somos uma cambada de atrazadões, não sabemos nada, não valemos nada mesmo... Mas, seu Doutor, eu lhe juro que si o Jeronymo não fôr s'embora, nós não occupamos elle nunca mais, p'ra sympathia de curar mordida de cobra! Nunca mais!... Assim não faz mal elle ficar lá na choça, não é mesmo? Terá algum mal nisso?... O senhor podia falar com o Ignacio... Eu tenho medo, porque sou mãe... Tenho meus netinhos aqui, seu doutor!... Tenho medo da vingança do negro..."

Dona Calú supplicava, terna e fletil como um namorado cahidinho. Mas o medico não se entregou: sentia muito não poder attender o pedido... Para qualquer outra cousa estava ás ordens, mas... E, "Minha Senhora" para cá e para lá, deu cutros conselhos á velha, que agora sorria, comprehensiva, concordando, concordando. Impassivel. Mas piscava muito, o peito arfava um pouquinho mais, a côr do rosto ficou, por momentos, mais escura, e, a cada momento, ella se distrahia de escutar e olhava, sempre para a mesma direcção. Com as palpebras muito baixas, olhos quasi cerrados. Olhar de intenso odio, que ia para os lados do quarto onde a nora guardava o seu resguardo.

Ahi, Nhô Ignacio chamou o doutor para espiar uma coisa na varanda.

- Já tiçaram fôgo no ninho do satanaz! Ói' alli!...

Acolá adiante, de uma bocaina bitoquenta e tufada de arvoredos, subia a fumaça. Primo Antonio, que estava junto, se benzeu:

- "Cruz' crêdo! Desconjuro! Olha, Ignacio: até a fumaça está indo direitinho que nem uma cobra... Aquillo é arte do capêta... Uma surucucú de rio grande..."

- Que cobra, que nada! - Agora, uma vez empenhado a fundo, Nhô Ignacio se sentia decidido e energico - Você, primo, parece que nunca viu uma fogueira boa lavourando!... Pois toda fumaça não é assim?!...

Chega de sonhar com cobra!.. E por falar, eu gostava mas era que aquellas lá do sujeitinho estivessem torrando agora allí!...

O doutor ficou curioso:

5 - Que, Nhô Ignacio, o curandeiro tem cobras em casa?!...

- Sim senhor, seu doutor... Tem sim... Só para fazer medo nos outros!... Tem umas serepentes pretas, grandes, brilhando, que eu nem sei que nome têm... Tem uma coral bonita, 10 que mora dentro de uma cabaça pendurada no meio da casa... Tem uma giboiona que dorme dentro da gamella... Sei lá o que mais!... Uma porcaria de bicho ruim, mas o mais venenoso é elle mesmo!...

- Pena, Nhô Ignacio. Eu gostava de ter visto isso... - E quasi que o medico ia acrescentando que, a não ser 15 pintada ou no cinema, não se recordava de jamais ter visto uma cobra.

- Por isso não seu doutor. Vou lhe mostrar as nossas, mansas... Odórico, vae ver si ellas estão agora lá no moinho!...

20 E' um casal... Ellas servem para pegar ratos. Melhor do que gato! Não sei como foi que ellas se acostumaram ahí e ficaram mansinhas, da gente poder pegar e pôr no collo... Quando eu comprei a fazenda já encontrei ellas, e o vendedor me cobrou mais dez mil reis por cada uma... Passam perto da gente, andam no 25 engenho, entram dentro de casa... De vez em quando, somem... Acho que ellas vão dar cria no matto. O povo dahí por perto sabe que ellas são criação de casa e quem acha ellas não mata. Depois voltam...

- E cobras venenosas? Ha muitas por aqui perto?

30 - Sim senhor, tem alguma... Allí no bréjo tem muita. Mas ellas não chegam até cá...

- Cascavel tambem?

- Não, senhor... Cascavel só ahí nos pastos, em lugar onde tem pedras, onde bate muito sol... Vamos lá, seu doutor...

35 o Odórico está batendo com a mão que a gente pôde ir que ellas es-

tão lá no moinho... Venha vêr...

Emquanto desciam a escada e quando atravessavam o eirado, Nhô Ignacio ia falando de cobras e o doutor rebatendo-lhe as afirmações.

5 Porque, aquillo que para um não passava de ophídios, viperideos, crotalideos e outros nomes, para o outro era: um bicho máu que não tem pernas, mas que ás vezes pôde ter duas cabeças; que attrahe passarinhos com o olhar; que avôa quando está com rai-
 10 tro de uma garrafa d'agua; que quando entra no rio, para nadar ou pescar, deixa o veneno cá fóra, guardado numa folha da margem... Com a urutú marcada com uma cruz na cabeça, porque "jurou vingança" e por isso "quando não mata aleija"; com giboias que mamam no úbere das vaccas e até no peito de mulheres; com outras giboias
 15 que, em mordendo homem ou criação, deixam o mordido, para o resto da vida, com o corpo todo giboicamente pintado... E todas ellas, todas, em se lhes batendo com um raminho de arruda ou jogando-se-lhes agua benta, São-João á meia-noite, rolarão de costas e morrerão escabujando, mas mostrando antes de morrer as quatro patinhas que,
 20 por um castigo de Deus, ellas trazem escondidas sob a escamaria do ventre...

E os dois não podiam entender-se, porquanto nem de longe desconfiavam que os seus respectivos animaes eram interplanetariamente diferentes.

25 Mas Nhô Virgilio ia concordando de-mentira, e assim o outro podia comprazer-se em ensinar. E como, no fundo, ambos estavam sentindo immensa piedade pela ignorancia do parceiro, estava tudo muito bem, e assim chegaram ao moinho - uma casinha commum, visto pela frente; visto por traz, uma palafita, cujos pilotis eram
 30 estacas limosas, emergindo de um buraco, molhado e cheio de samambaias e outras.

Entraram. Bafio. Pó de milho, poeira de fubá por todos os lados.

- Ói'u'a dellas alli! - mostrou Odórico.

35 Na parede do fundo, no alto, quasi rente ao tecto,

havia uma janellinha de grades, horizontalmente alongada. Allí, entortilhado, entre-laçado nos varões de madeira, o corpo da pa-pa-rato: nos intervallos das barras sobresahiam os grossos nós escuros, mas a cabeça não se via.

5 - Está dormindo, seu doutor... Isso é cobra que gosta de trepar em arvore... Mas a companheira della deve de estar aqui por perto... Vigia allí...

Nhõ Ignacio afastara um jacá de espigas de milho e mostrava uma rodilha densa e complicada, qual um cabo jogado a um
10 canto de convez. A cabeça era pequena demais para os volvos superpostos, grossos como um antebraço de onça, forrados de minusculas escamas hexagonaes bem inbricadas, com malhas circinadas, mais escuras, e com annéis irisados até. Nos segmentos mais volumosos, notava-se o offêgo da respiração; e, sendo o batido de um corpo
15 que respira adormecido o aspecto mais innocente e apiedador que pode exhibir um sêr vivo, tinha-se de attribuir candura e infancia áquelle amontoado de roscas humidas, e isso era o mais horrivel de tudo.

Odórico deu com o pé no rolo negro, e logo toda a
20 massa se agitou, em espiraes desencontradas, com framitos escorregadios, retornos flacidos, aros se distorcendo, deslizando em sentido opposto, reentrando, num peganhento escorrer de corpo sobre corpo.

E, quanto mais aquellas argolas se abalavam, mais
25 impossivel de se desenrolar parecia o desconforme novello: a cobra já estava a caminho e ninguem poderia dizer em que direcção acabava ella de zarpar; até que a cabeça se desescondeu. E aquelles movimentos de circumducção e remeleixo enervavam e hypnotizavam a gente.

30 O medico sentiu que, se olhasse mais, deixar-se-ia contaminar pelos abusões dos capiáus:

- Bem, Nhõ Ignacio, vamo-nos embora, que já está meio tarde... Já sellaram meu cavallo?...

- Vae ver, Odórico... Podemos ir, seu doutor...
35 Me deixa só ver si tem milho p'ra cahir... Porque si a roda pega

a andar a pedra móe..E, si não tem o que moer, ella móe ella mes-
mo... Promptinho, seu doutor, podemos ir..."

A cobra agora se libertara toda, numa corda sinuo-
sa, longa mais de dois metros, e vinha atraz delles, ondulando
5 lenta. A cabeça chata, deprimida, erguida a um dedo do chão, avan-
çava como o limpá-trilhos de uma locomotiva que estivesse sempre
a surgir de uma nova curva.

- Olha a outra descendo! Vigia só, seu doutor!...

Dependurada, ainda presa lá em-cima a uma das bar-
10 ras por uma volta-furtada da cauda, a cobra preta oscilava, alcan-
do-se em recurrencia retorcida, como si quizesse subir em torno
de si mesma. E açoitava mollemente a parede. Por fim adheriu de
ventre, collou-se, desfez a laçada do rabo e veiu descendo, que
não melhor si andasse no plano. A dois palmos do chão, projectou
15 a cabeça e o pescoço, como si os tivesse destacado do resto e joga-
do fóra lá adiante.

Mas com um tombo sêcco o corpo cahiu atraz, arquea-
do num seguimento nervoso de espiras.

- Quasi sempre ellas fazem assim... Uma está ás ve-
20 zes longe da outra, sem nem poder ver a outra... Accorda, anda pa-
ra uma banda... E a companheira, sem enxergar, sem cuvir assovio
nenhum, sem combinação, vae relando tambem para o mesmo lado, o mes-
mo tanto, certinho... E ficam nessa brincadeira muito tempo, sem-
pre na mesma distancia... Bicho exquisito!...

25 Bicho exquisito!... Animal estranho... De regresso
ao arraial, o medico vinha pensando nas cobras, mas já não tem nas
opistoglyphas, solenoglyphas e quejandas tristes vaccas-de-leite
de Eutantan.

A serpente - conselheira de Eva e sabotadora de
30 edens... A serpente de Moysés... A áspide cleopatricida... Ceras-
tas da India, a naja tripudiante, intemorata frente ao tigre real...
Viboras filiformes dissimulando vinganças em cestinhos de violetas...
Os pythons sagrados, Salammbô ... Uma mulher loira exhibindo-se no
circo, vestida de lamê colubrino, domadora de anacondas que a seu
35 chamado sahiam de caixões ferrados com areia humida; uma noite um

dos monstros fugia da prisão e rastejava á procura da mulher - para matar? para amar?... Homens atirados em poços cheios de reptis emaranhados, sibilando, que horror!... Uma serpente marinha, prediluviãna, amarella com grandes malhas negras, emergindo da onda frouxa de um golfo para se enroscar num barquinho de pescadores, constringindo madeiras e carnes e levando tudo para a muda profundidade abyssal... Nos altares, sob os pés da Virgem... Eungarus guardiães de thezouros de rajahs... Cobras emplumadas aztecas... A cobra-de-fogo, a cobra-grande, mãe da noite, a cobra preta... Quetzalcoatl, Boiassú, Boitatá, Boiuna... A serpente devia ser mesmo differente, não era um animal como os outros... Com o mysterio da tentação, a plasticidade do peccado, a inexorabilidade da morte... O tanatophidio, as machinas de morte, necessarias, terrivelmente necessarias, executoras impassiveis...

Reagiu, ao chegar ao arraial: tinha tambem duas cobrinhas de ouro no anel de gráu... Falou, alto, para quebrar o encanto: trionocephalus arboreus... bothrops atrox... Issc sim, que era outra vez a sciencia!... O sôro era uma realidade! O resto, poesia, bobagem, doidice!...

E á noite, enquanto o pharmaceutico lhe preparava um vasto cocktail - xarope de baunilha, essencia de framboêsa, rhum, uma gotta de badiana e o mais que é segredo - elle proferiu, entre outros desatafos eloquentes:

- Fui lá e fiz com que mandassem o charlata embora...

Viu?!... E' a luta da luz contra as trévas: sciencia versus superstição!... E comecei bem, graças a Deus!...

Bem grandes e com serviços bem complicados eram a fazenda e a casa da fazenda. Dona Calú tinha outros filhos e filhas, e outras nôras, mais os netinhos. Nhô Ignacio vendera o cavallo que tinha sido de seu Quinquim e distribuira todos os seus tons e as suas roupas. E os dias iam correndo, conforme sempre foi o costume dos dias.

Mas... Mas havia Virginia tambem, muito branca no

vestido preto, os cabellos despenteados, sempre de olhos avermelhados mas sem que ninguém a visse chorando, longinqua, silenciosa, deslizando pelo corredor.

5 Fimdo o resguardo, ella não tinha querido ir embora. Os irmãos tinham vindo com o fito de a reconduzir para a casa materna, longe, nas Almas, onde ella mais facilmente poderia esquecer a sua desdita. Mas Virginia sacudira a cabeça:

- "Não. Quero ficar ainda um pouco. Ha de ser pouco tempo..." - E accrescentara, olhando para os sogros, com um sorriso crispado e um ar enigmatico, que atrapalhou os velhos:...

10 - "Si vocês não acharem que eu sou pesada demais... si não fôr transtorno..."

Ficou e todos tratavam-na bem. Mas, quando Nhô Ignacio, numa qualquer manhã bonita, calculando o lucro da venda dos capados com a alta magnifica do toucinho, ou projectando aproveitar o brejinho de baixo para mais outro arrozal, pegava a cantarolar, dava logo com a nora olhando para elle fixamente, com olhos de censura. E, quando Dona Calú acarinhava ao regaço um dos netinhos, estremecia e se voltava, rapida, desconfiada de que Virginia

15 a estivesse vigiando por detraz, com aquelle geito de Nossa Senhora das Dôres no andor. E talvez fôsse pura coisa delles mesmos, mesmo porque Virginia não somnava nem com a vida nem com os movimentos humanos dos que mexiam ao seu redór.

25 E tinha as suas razões, ah! que esplendidas razões... Mal se livrara do resguardo e da cama, tinha querido conversar com o João Ruivo.

Indagou de tudo, tim-tim por tim-tim, como fôra a cobra, o lugar, a scena, as palavras. Depois, perguntou si elle sabia alguma coisa a respeito de casaes de cobras unidos por um amor

30 feroz, guardando-se fidelidade absoluta... Tinha ouvido contar essas cousas... Seria verdade?!... - indagava, ansiosa.

Era sim... João Ruivo, sempre meio embriagado, talvez ebrio e meio então, comia de olhos as pernas nûas, o relevo dos seios e o rosto da moça. E estava se peccando todo.

35 - E' isso mesmo! O macho ou a femea, por exemplo,

morrendo, o outro que não morreu volta no mesmo lugar, por exemplo, p'ra tirar vingança, p'ra se lembrar... p'ra chorar seu bem-querer...

5 - 'Quer dizer que nenhum nunca se esqueça do compa-
nheiro?!...

Os olhos de João Ruivo brilharam, azarolhados, as azas do nariz batiam, e elle fungou:

- Não, de jeito nenhuma! Não pôde!... Nunca que esquece seu querer-bem que foi matado...

10 Ahí Virginia pedia para elle ir com ella, para mostrar o lugar. E tão sôfrega, que nem reparou na avidez com que o bebedor lhe namorava as formas turgidas, e o elemental jogo de ancas, enquanto que, subitamente inspirado, ia engendrando novas phantasias platonicas, por conta do amor dos reptis.

15 E assim, depois disso, ella passou a fazer demorados passeios duas, tres vezes por dia, e esses passeios a conduziam sempre ao arrampado do espigão do páu-d'arco.

Nhô Ignacio cochichou para Dona Calú:

- Será que a pobre terá ficado meia gira?

20 E Dona Calú resmungou para Nhô Ignacio:

- Nada. Isso passa. Até é bom ella andar para ir se esquecendo... Já está em tempo!... Nunca vi tanta falta de fé-em-Deus e de resignação...

25 Ora pois, um dia antes, Otacilio tinha matado uma jararaca-da-barriga vermelha, que sahira detraz de um monte de estêrco e quasi o alcançara. Mas, justo, justo, foi só um dia depois que ellas começaram a chegar. E foi assim:

30 Os meninos tinham ido pegar passarinhos no pastinho do fundo do quintal - o melhor ponto, por estar a meio caminho, entre o arrozal e o pomar. Depois de collocar na forquilha do pé de murta a gaiola com o pintasilgo "de chama", esperavam, caladinhos e a boa distancia, que outros pintasilgos tivessem a bondade de vir grudar os pezinhos num dos seis poleiros de arame, empapados de visgo de gamelleira. Mas, antes, tinham capturado tres papa-ca-

pins, que deixaram noutra gaiola, posta no meio da grama alta.

Bem que, no mais bonito das sensações, elles es-
cutaram pios e o bater de azas de passarinhos afflictos. Mas não
deram importancia.

5

Só quando aquelle pintasilgo arrepiado - "mestre-
cantador que escaramuçava os outros pintasilgos machos e que do-
brava o pio cinco vezes no bamburral da baixada" - veiu, olhou,
recuou, voltou, esvoaçou, cantou de longe, cantou de perto e: -
Êpa!... - se atolou com os dedinhos todos, descachindo como um

10

trapezista, dando de azas, espalhando penninhas e pipilando por soc-
corro, e quando Mundico correu na frente para buscar a gaiola gran-
de, foi que viu, se assustou e gritou:

- Cruz credo, Chiquito! Corre aqui, que os papa-ca-
pins todos viraram cobra!...

15

E tinham virado mesmo. Ou, melhor: dentro da gaiola,
em vez de passarinhos, se esparramava uma cipó, verdissima, só
a barriga amarella. Sahindo do capim, ella se tinha insinuado por
entre as varetas - a cipó é uma camarada esguia, fina, agil, ele-
gantissima, bailarina de maxixe, fascinante e insinuante - almo-
çara uma por uma as avezinhas, e, agora, subitamente engordada, não
cabia mais para sahir e estava empanzinada demais para atinar com
uma solução.

20

Os grandes, em casa, mataram a cipó e acharam graça.

25

Mas, quasi na mesma hora, Milúca, que tinha ido na
horta apanhar couve, desandava a gritar, horrorizada. Todo-o-mun-
do acudiu, e viram, á beira do rêgo, entre o agrião e a salsa, uma
boipeva afobada, atarefada, comendo uma rã. Desmandibulava-se
toda, "naquella agonia", engulindo e desengulindo. E, quando a
rã entrava, a gente podia ver os seus minimos contornos, vestida
pelo sacco elastico da cobra; e, quando tornava a sahir, toda cheia
de baba, ainda esperneava, meio viva. E, pertinho, sentada em cima
da pedra, calmamente, como si a tragedia proxima não estivesse ha-
vendo, dava as costas uma outra rã, verde-esmeralda, de dorso angu-
loso, de olhos altos, de gordas côxas cuidadosamente dobradas sobre
as perninhas. Empinada, descansava os largos pés palmados. E me-

35

ditava.

Percebendo as pessoas, a boipéva deixou a comida de-lado e entrou em defesa, passando a duas dimensões, aplainada contra o sólo, chata como uma corrêia, enquanto a rã da pedra pu-
5 lava na agua empolada de bôlhas de outras varias rãs.

Matou-se a boipéva e riu-se.

Porem, á tarde, tiveram de massacrar tambem uma gi-
boia volumosa e luxuosa, recém-sahida da tinturaria, a qual, com
espalhafato de preto, béije o alaranjado, rondava o gallinheiro,
10 caçando geito de entrar.

Ahi, e já era tempo, afinal, todos começaram a pen-
sar no feiticeiro, e ficaram amedrontados. Mas ninguem não falou
nada para os outros, como manda, nestas roças, a bôa educação.

Ninguem não falou no Jeronymo-Cobra tambem no outro
15 dia, quando ^o cavallo pombo de Nhô Ignacio foi encontrado morto no
pastinho, picado e repicado, com duas jararacas, das maiores, das
do papo amarello, montando guarda ao corpo. E nem ainda quando o bur-
rinho das latas de leite, que era animal scismado, refugou ao passar no
trilho do pasto-de-cima, e, na moite de bengo, para avisar que es-
20 tava e matava, uma cascavel tarará-tarará-taralhou.

Mas, no dia quarto da éra das cobras, foi muito mais
sério e mais feio. Dona Calú ia para a decoada ou para o estaleiro
de estender roupas e, ao passar perto da laranjeira, foi obrigada
á dar um grito, varios pulinhos para traz e outros gritos, enquan-
25 to que, assobiando colérica, com escandaloso estrepito de escamas
e muito estardalhaço nas folhas seccas, recolhia o bote fracassado
uma urutú, irada e espessa.

Bem que a urutú pintada está sempre alerta. Mas é
excessivamente furiosa e não tem discernimento. Sempre inoportuna,
30 despediu o arremesso um decimo de segundo adiantada e deixou de al-
cançar, por dois centímetros, o pé direito da fazendeira. E, agora,
deprimia-se, irritadissima, para jogar golpes para todos os lados,
como si o ar ^{alguma} tivesse culpa.

Só depois de a ter attingido com duas balas de win-
35 chester foi que seu Ricardinho teve coragem de chegar perto, para

acabou-a a foçadas. Ahí todo-o-mundo veio espiar a cruz da testa e o lindo dezenho em dupla fileira de U U U.

Mas tiveram de dar um chá a Dona Calú, que palpitava angustiada, pedindo aos outros que examinassem, pela vigésima
5 vez, si não havia nenhum signal de dentadas em seu misero corpo. E todos se admiraram de ver então Virginia, sahindo do seu alheamento, vir afflicta, pressurosa, perguntando somente:

- Foi cascavel?! Foi?!...

E, ao responderem-lhe que não, mostrou um ar de decepção tamanha, que Dona Calú enfuriou:
10

- Queria que fôsse, é?!... Pois uma cruzeiro mesmo chegava para acabar commigo, si Deus não me protegesse!...

Virginia nem se importou, parecendo não ter escutado. Deu as costas e voltou a enfiar-se no quarto.

15 - Parece que ella queria era a minha morte!... Eu não fiz nada a ella, sempre tratei ella bem... Não sei de que raça de gente mais malagradecida que é essa mulher!...

Nhô Ignacio interveiu, porem, conciliante:

20 - Não diz isso, Calú... Você bem que está vendo que ella está meio pancada... É por amor do filho nosso, que Deus guarde no céu...

- Eu dou o desconto... Tenho até pena della, coitada... Mas esse geito de querer-bem nem Deus não manda!... Era melhor ella rezar pelo descanso da alma delle!...

25 - Nhô Ignacio suspirou fundo. Odórico veio com outra noticia, péssima em taes condições: as papa-ratos do moinho tinham morrido. Estavam no engenho, de barriga branca para cima, como duas minhocas enormes, rodeadas pelas formigas...

Ahí os dois velhos pensaram, se olharam, não se olharam, e Dona Calú sussurrou, como que com medo de falar alto:
30

- E elle... E' elle que está querendo tirar forra de nós... Bem que eu disse... Bem que eu falei...

- Deixa de historias, mulher!... Não tem novidade nenhuma!... Urutú é cobra que gosta de apparecer perto de casa...
35 Não lembra aquella que os porcos mataram e comeram dentro da céva?..

- Você está namparreando, Ignacio... Isso quando foi que foi?!... Tem mais de uns dez annos... E' elle, Ignacio meu filho!... Você não está querendo acreditar, mas eu tenho a certeza!... Tem uma coisa me contando... Quando eu falo, você
5 sabe que sempre dá certo...

- O bréjo está cheio de toda raça de cobra, Calú...

- Mas, porque é que é que só agora é que ellas estão sahindo e vindo cá p'ra riba?!... Pelo amor de Deus, Ignacio, me attende!... Lembra dos nossos netinhos!... Qualquer hora, Deus
10 me livre e guarde , pôde acontecer alguma coisa que eu nem quero pensar!... Manda buscar o Jeronymo outra vez, homem!... Dá outro rancho para elle... Sinão elle não descansa enquanto não acabar com a gente e com a familia toda da gente!...

Nhõ Ignacio olhava a sua velha, com uma ternura muito triste. E demorou muito para responder:
15

- Escuta, Calú... Eu indaguei... Todo o mundo me disse que a injecção da pharmacia cura, na certa, a mordida de qualquer cobra... A-poís...

Nhõ Ignacio reteve o que ia mas que não podia dizer.
20 Mas Dona Calú, no momento, possuía um mundo de comprehensão, De mãos sobre cruzadas no peito, cabeça baixa e olhos altos (e isso correspondia ao gesto de qualquer mulher de outra terra pegar na mão do marido e acarinhá-lo) - supplicou, mais vivamente:

- Eu sei... Eu sei...

25 Nhõ Ignacio teve um légeiro sobresalto de hombros, e ficou muito pallido.

- Póde ser, Ignacio... Mas nós não precisamos de pedir a elle para fazer sympathia, si algum dia, Deus livre guarde, alguem fôr mordido... O que foi errado, foi, e passou... Mas, tem
30 pena de nós todos!... Manda buscar elle, Ignacio!...

- Não!... Tem paciencia, Calú, mas isso, de geito nenhum que eu não faço! ... Não. Espera ao menos até a Virginia ir s'ombora... Ella disse que vae breva...

- Deus queira!... - E Dona Calú suspirou e não insistiu mais, porque conhecia bem o marido.
35

Mas Nhô Ignacio, antes de se affastar falou, baixinho:

- Que isso é coisa delle, pôde ser mesmo. eu sei... Mas Deus é grande e ha de tomar conta da gente, minha velha!...

5 Depois, não houve mais sossego possível na Fazenda do Sacco-do-Carurú. Todos os dias appareciam cobras no pateo, no quintal, na horta: jararacas principalmente, que são as cobrinhas mais baratas em toda a parte. Debaixo do coradoiro, as lavadeiras toparam de uma vez com dois jararacussús-do-bréjo. Houve outra urutú, na porta da cozinha. O Séden, perdigueiro de estimação, foi picado no focinho e morreu, depois de dois dias de paralytia, fazendo muita pena em todos.

Até uma jararaquinha-do-campo, de focinho pontudo, foi achada na paiol, onde havia uma gallinha chocando os ovos num 15 balaio. Fulminou a chocadeira e encaracolou por cima do calor dos ovos o seu corpo côr de terra vermelha, pintado de cinzento.

Todos viviam num susto continuo, pensando que ia surgir de cada canto uma cascavel caudisonante, ^{ou} o corpo hediondamente grosso de uma urutú de cabeça em ponta de lança e focinho ta- 20 lhado em bisél. E todos diziam ter visto mais serpentes do que era crível, divisadas nas moitas e nas galhadas das arvores. Já ninguém ousava ir colher fructas na chacara, e afastar-se do terreirinho batido era façanha de alto atrevimento. De noite, antes de ir para a cama, calafetavam portas e janellas, perscrutando como- 25 do por comodo, esquadrinhando o casarão. Era o pavor e aquillo assim não podia continuar.

Cochichavam, ás escondidas de Nhô Ignacio, que prohibira comentarios acerca do curandeiro, e tal.

Só Virginia, sempre soturna e isolada, continuava 30 alheia a todo esse panico, fazendo imperturbavelmente as suas peregrinações ao arrampado do espigão do páu-d'arco.

Mal dava o ar da sua graça para perguntar si não appareciam tambem cascevéis. E Dona Culú, que nem podia mais olhar para a nóra, queixou-se a Nhô Ignacio:

35 - Ella é quem está chamando as cobras!... Tenho qua-

si certeza!... E' elle mandando a praga p'ra riba de nós e ella invocando tudo quanto é raça de serepente... Eu acabo doida com este inferno!... Tenho até um repente de fazer uma doideira e tocar ella d'aqui...

5

Nhô Ignacio falou, sómente:

- Tu está ensaiando? Não cáia nessa!...

E seu olhar foi tal, que a mulher murchou e deslisou para longe.

Ora, a noticia da invasão da fazenda pelos ophidios
10 chegara até ao arraial, e o doutor, já agora munido de boas leituras, de laços especiaes e de caixas-jaulas julgou de seu estricto dever comparecer e funcionar.

Nhô Ignacio recebeu-o muito bem, e gostou de ouvil-o
15 dizer que ficaria lá até que tivesse a oportunidade de apanhar uma cobra viva, para uma boa demonstração.

João Ruivo, que voluntariamente se addira ao clinico, contava que as cascaveis enchiam os pastos. A gente passava e ouvia batido de chocalho nas moitas...

Mas, quando o medico, entusiasmado, quiz que elle
20 lhe servisse de guia, João Ruivo foi categorico na recusa:

- Isso não, seu doutor... De geito nenhum!... Não dá certo! Mulher e cobra não se campeia!...

Todavia, não foi preciso esperar muito. Estava na
25 fazenda havia menos de tres horas, quando gritaram chamando, que tinha uma jararaca no terreiro, discutindo com o gato.

Era de facto uma jararaca, minuscula; entre adulto e filhote, porque a cauda não era mais branca e tambem não estava
30 ainda completamente preta. A cabecinha lanceolada frechava sem interrupção, o corpo chicoteando o ar, em vinte, trinta botes, desferidos a torto e direito.

O gato andava-lhe á roda, negaceando. Deitado, deslisava de barriga, suavemente, lentissimo. Quasi ao alcance da me-
35 gêra enfuriada, elle se retrahia. Dava um salto fingido. Outro salto, procurando colher a inimiga por detraz... Tudo isso muito scientifica e esportivamente, mas inutil, porque a cobra estava

tão movimentada, que, no instante, não tinha mesmo frente e nem
traz. Também não conseguia alcançar o bichano, pois que a jararaca,
tal qual sua prima urutú, é uma péssima espadachim: falta-lhe
o pleno controle dos nervos e quasi sempre erra o bote. Quem lhe
5 déra a firmeza e a segurança de uma cascavel!...

- Ella pôde morder que não adianta - explicou Nhô
Ignacio - Elle passa a linguinha no logar offendido e tira o veneno...
Só si fôr picado nas costas, onde a língua não alcança...

Agora o gato emendava tres saltos, enquanto a jararaca
10 dava dez botes furiosos e lamentavelmente frustrados e, antes
do decimo primeiro, rebolava na poeira, a uma patada certa com
que o felino, no ar, a meio pulo, lhe apanhara cabeça.

E então o gato se affastou de cauda alçada, sem maior
interesse para a lucta, porque era um gato de estimação, muito gordo
15 e bem nutrido, que não tinha nenhuma precisão de comer cobra.

E a jararaca se humilhou e quiz fugir, mas não sabia
rastejar depressa, e o medico veiu com o laço de couro na ponta
do pé e puxou o cordél enforcando-a a meio. O corpo pendeu,
muito bonito, verde-cinzento-amarellado, com um serrote preto de-
20 nhado em cada flanco; e, estando o pescoço apertado fino, a cabeça
ficou direitinho um ferro de lança ou um coração pontudo, com uma
risca negra de cada olho a cada canto da bocca.

Então o medico levantou-a no ar como um trophéu, pegou-lhe,
25 fauces, exhibiu-lhe os dentes; fez uma prelecção em regra; e em-
purrou as espiraes recalcitrantes para dentro da caixa, socando tudo
bem para dentro, como quem mexe marmelada no tacho; fechou e,
radiante, veiu para o centro das duas dezenas de homens, mulheres
e meninos, com o ar de quem exigia applausos.

30 - Sim Senhor! O seu Doutor sabe de tudo! - approvou
Nhô Ignacio, basculando a cabeça.

Os outros embasbacavam-se mesmo em silencio.

Mas, nunca se haverá de saber por que cargas de agua e
heróico prodigio de coragem, repentina, Chiquita, que era a
35 mais tímida e medrosa de todas, perguntou, vermelhinha, e angus-

tiadíssima, com o seu jeito de uma que soffresse mania de perseguição:

- O seu Doutor agora vae desmanchar as artes do Jeronymo, p'ra não vir mais cobras por aqui?!...

5

O medico fremiu de ansia apostolica: era chegado o grande momento de dar o golpe de misericórdia na superstição daquella gente, firmando o seu definitivo prestigio. E, de facto, era, e para isso bastava dizer que sim, que ia proceder ao contra-feitiço, e mudar logo a conversa para um assumpto differente, de preferencia alegre.

10

Mas o Doutor estava apenas havia quatro annos e vinte e nove dias no arraial e pois não podia saber d'aquillo, e foi declamando, porque já tinha tido tempo de formar algumas theorias estonteantes:

15

- Não ha feitiço nenhum, por isso não posso desmanchar cousa alguma, Senhorita!... Essas cobras estão vindo do bréjo, onde, segundo Nhô Ignacio contou-me, ha dellas em abundancia. Querem uma prova? Bil-a: não appareceu nenhuma cascavel, não foi? Simplesmente porque cascavel não é cobra de bréjos!... Que acha disso, Nhô Ignacio?...

20

- Sim Senhor! Muito bem... Isso mesmo...

Abanou a cabeça affirmativamente, e todos fizeram o mesmo, como si orchestra obediente ao maestro.

25

- Vejamos agora a causa, porque não ha effeito sem causa, porque do contrario... Bem, a causa existe e é simples: o tal curandeiro, de nefasta lembrança, deve ter tido occasião de fazer qualquer coisa no bréjo... Nhô Ignacio dissera-me que elle tinha em sua casa umas cobras pretas, brilhantes. Devem ser mussuranas - uma especie de cobras ophiophagas, isto é, que comem as outras... Ou as mussuranas fugiram para o bréjo, onde poderiam encontrar caça farta, ou elle as foi collocar lá, de maldade, sabendo que as outras cobras fugiriam fatalmente para aqui. Tambem pôde ser que tenha sido outro cobrifugo, isto é, um objecto ou substancia qualquer que tenha o dom de espantar as cobras: uma planta ou qualquer outra coisa...

35

- Formiga catingueira-preta... ou chifre de veado queimado, ás vez... opinou Nhô Ignacio.

O medico já estava de folego fino, de tanto dar aula, e tambem achou de boa politica concordar:

5 - Ou chifre de veado, porque não?!... O senhor teve uma idéia luminosa... Uma trouvaille, Nhô Ignacio!

Agora, ouçam-me bem: o numero de cobras que tem seu habitat no pantano não póde ser infinito, é claro. Póde ser que ainda appareça uma ou outra dellas, vinda de lá, mas vocês podem
10 estar sossegados, que, ja, já, se acabam... Não concordam com os meus argumentos? -

- Sim Senhor!... Sim Senhor!... - E era tão calmo e sincero o assentimento das physionomias e o sussuro admirativo, que o doutor se sentiu victorioso em toda a linha e deu por bem
15 empregada a sua viagem, tudo isso porque, como já dissemos e nem era preciso dizer, ainda não apprendera a conhecer o capiáu mineiro.

Mas, de qual jeito, pareceu que a visita do medico tinha melhorado as coisas na fazenda. Passaram-se dois dias calmos, sem o alarma de cobra á vista e a tresgritada invocação a São Bento
20 e o appello aos rapazes com os respectivos porrêtes.

E o pessoal já se animava a visitar a zona perigosa, a terra-de-ninguem, que se estendia da porta da cozinha ao charco da baixada.

Então ahí é que houve o Didi, mais as suas descobertas.
25

Didi era um buchuchú de dois annos e meio, usando a sua giria toda especial, umas perninhas grossas, e, na carinha rechonchuda, uns olhos muito espertos.

Pilhou-se, pois, solto, e desceu para o quintal, de
30 camisola amarrada alta nas costas e com a boquinha lambuzada de caldo de feijão.

Mexeu aqui e allí, e, de repente, deslumbrado, pegou a rir e a falar botagens, batendo palmas pela descoberta de uma te-

téia de brinquedo!

Não era uma casca de laranja! Era uma fita grossa, muito grossa, de um bellissimo vermelho, com rodellas pretas e brancas, aos grupos de tres.

5 Didi estendeu a mãozinha para pegar aquella lindoza de coisa, quando a cachorrinha preta avançou com latidos furiosos, e a fita começou a se mexer. E ahí Didi se assustou e desandou a chorar.

10 Odórico estava perto. Correu, puxou o sobrinho, passou-o ás mulheres, que chegavam aos gritos, e, apanhando um páu, levantou a boicoral no ar. A cobra, com o esplendido colorido prestigiado pelo sol, enroscou em torçal uma ponta na outra, desenroscou, e escorregou, para o lado da cabeça, como uma gravata teimosa que desce de um cabide. Fez um caracol no chão e expirou, triturada pelo cacete.

Todo o mulherio chorava, falando em anjo-da-guarda e em milagres, e o Didi passava de mão em mão, para, alternadamente, ouvir ralhos, ganhar beijos ou receber palmadas.

20 Dona Calú ahí foi procurar o marido. E falou-lhe com uma energia que nunca tivera em toda a sua vida: que não queria saber mais de nora viuva, nem de doutor, nem de nada! Zelava pela vida dos seus netinhos, e competia ao esposo, si tivesse consciencia e a cabeça em seu lugar, fazer outro tanto! Que elle mandasse, já e já, chamar o Jeronymo! Mandasse até cavallo arreado para o preto!... Ou então, arranjasse capanga e mandasse matar o curandeiro, obrigando-o, antes de morrer, a desmanchar a coisa feita! Das duas uma!

30 Nhô Ignacio não resistiu. Já tinha pensado numa solução: mandava-se buscar o preto e dava-se uma satisfação ao Doutor disse tudo não tendo Virginia necessidade nenhuma de saber.

Mas mal sahio para mandar um portador, e Dona Calú, já apaziguada, deu de cara com a nora, que, com olhar fixo e rosto irado, a enfrentou:

35 - Vocês pensam que eu não escutei?! Ouvi tudo! Não era preciso esconder nada de mim... Por que?! Vocês é quem mandam.

Eu estou aqui por esmola...

- Não diz isso, minha filha...

Virginia riu, hysterica:

- Filha?! Deus me livre! Filha... ! Filho era o

5 Quinquim, que vocês mataram...

Dona Calú conteve a mão que ia estapear a viuva.

Mas, reagiu, terrivel:

- Não repete isso, sua doida! Desgraçada! Você não viu que nós fizemos tudo que podiamos? Tu pensa que só você 10 é quem gostava della?!... Ou você está com o juizo transtornado ou é ruim até o tutano, diaba!... Já aguentei muito por sua causa.. Agora, não aturo mais!... Tem mais gente aqui p'ra eu cuidar, entendeu, siá?!... Meninos innocentes, meus netinhos, ouviu?!...

- Pois podem botar até o preto para dentro de casa, 15 que eu aqui é que não fico mais!... Vou-me embora agora mesmo...

- Pois váe!...

- Vou e não volto mais... Deus que perdõe como eu perdão, a ignorancia de vocês!...

E, assim mesmo como estava, Virginia sahio.

20 Sahiu e, até na hora do jantar, não tinha voltado ainda. E chegou a noite, e nada della apparecer.

Dona Calú não disse pau e nem pedra, mas Nhô Ignacio deu por falta della, farejou catinga de raiva e perguntou.

- Sahiu, e, até agora... - responderam-lhe.

25 Nhô Ignacio esperou muito. Depois, fóra dos seus habitos foi ficando nervoso. Gastou cigarros. Andou para lá para cá, na varanda. Já estava escurão.

Lá dentro, alguma falou que Virginia estava meio doida e era bem capaz de ter ido se jogar no ribeirão. Foi quanto 30 bastou: ahí todos pegarem no choro que estavam guardando, num nervoso colectivo e gritado:

- Coitadinha da Virginia!... Tão infeliz! Tão boazinha que ella era, antes do seu Quinquim morrer!...

Dona Calú, já meio arrependida, procurou o marido:

35 - Tivemos uma conversa meio alterada, e ella sahio

e disse que não voltava...

- Onde é que ella costuma ir, quando sáe por ahí?!...

Diz'que é no lançante do páu-d'arco, onde o Quincas foi offendido...

5 - Vamos lá! Já!... Odórico, Ricardinho, Agnello! Algum traz luz! Anda!...

O grupo atravessou o eirado e o curral, e foi, em silencio. Nhô Ignacio á frente, andando ligeiro. A noite ainda estava escura, mas já fresca, quasi fria. Poucas estrellinhas tinham apparecido. E um curiango de azas silenciosas ia voando, pou-
10 sando e voando, servindo de guia caminho adiante. Chegaram.

- Accóde aqui, Paé! - gritou Odórico.

Debaixo do ipê, um vulto deitado. Virginia.

Chegaram as luzes. A moça tiritava. A blusa esta-
15 va empapada do sangue que lhe fluia de entre os labios, das narinas, da pelle dos braços, de todo o corpo.

Estava numa especie de somno pesado, e Nhô Ignacio teve de sacudir e gritar muito, para que ella abrisse um pouco os olhos. Ainda murmurou, com uma surdina de voz:

20 - A cascavel está ahí, atraz da arvore... Não vão pisar nella, gente... Não chana nenhum doutor... Não quero remédios... quero é só morrer... Rezem muito por mim... e por elle..

- Mas, como foi isso, minha filha?!... Como foi?! - indagava Nhô Ignacio, desesperado, procurando o lugar da picada.

25 Achou logo, porque toda a mão, antebraço e braço direitos estavam desconformes, numa inchação que vinha das unhas ao hombro.

- Foi cedinho... logo que eu cheguei aqui. Eu vinha todo o dia esperar ella... sabia que ella tinha de vir... E'
30 a cascavel companheira da outra, da que morreu... Dei a mão para ella picar... Picou muitas vezes... Fiquei com medo... Ella é muito grande, muito feia... Mas eu quero é ir para junto do meu marido!... Façam a Deus para me perdcar!...

- Espera um pouco, minha filha... Chega a luz, Ricardinho!... Me dá a foice, Agnello!...

35

O bicho máu lá e tava enrodilhado, um bolo negro com diâmetros robustos e o velludo tarjado de linhas obliquas amarellas. E era um jararacussú, o surucucú-tapete, de cabeça ainda mais triangular do que as outras serpentes, de focinho truncado, de 5 vestidura de placas enormes e de olhos esbugalhados nas orbitas oblongas; o urutú-dourado, recordista em quantidade de veneno, que, quando pica, innocula até á gotta derradeira; o cobra monstro, o rei da morte no matto, o exterminador.

Porque Virginia não entendia de cobras, e, para 10 quem não entende de cobras, é muito facil tomar por toque de chocalho a bulha ameaçadora das escamas e o assobio de guerra da jararacussú.

Nhõ Ignacio metteu a foice com gosto. Depois jogou os restos na noita, para que não ficassem espinhos venenosos por 15 alli.

E, voltando para junto da moribunda, fez signal para os filhos e disse:

- Era mesmo a outra cascavel, minha filha... Agora, deixa eu te levar para casa...

20 Ergueu-a, sem esforço, e carregou-a como si fôsse uma meninazinha. E, como si fôsse uma meninazinha, ella gemeu, debilmente.

Não havia nenhuma mudança na noite. As mesmas estrellas, o vento frio, o curiango latendo 25 do stapas.

Sómente, o grupo vinha mais vagaroso. Cada vez mais de vagar. Na passagem do tamarindeiro, Virginia mudou de geito nos braços do velho. Banbeou. A cabeça descahiu. Ficou dura. Dormiu. Dormiu e esfriou mais.

30 Ahí, o velho parou:
- Tirem meu chapéo... Chega a vela mais cá p'ra perto, Agnello!... E agora podemos ir mais sem pressa, rezando por alma desta pobrezinha, que deixou de soffrer...

1- Confronto de BM1 com BM2

P. 238

- L.1/6 - BM2c** - [epígrafe ras, em lápis roxo,c/traços que se cruzam]
- L.5/6 - BM2** - +preguiçosa [ms, grafite, marg.esq da epígrafe]
- L.8 - BM2 - capoeira,- no matto não entra, - melhor
- L.9/10 - BM2c** - [há por aqui um bichinho, que todo-
-o-mundo acharia interessante, quando menos,
sympathico á distancia : no cart. sombreado c/
grafite]
- L.9 - BM2 - bichinho, que
- L.10 - BM2 - interessante, quando menos
- L.10 ...BM2 - menos sympathico
- L.10 - BM2 - não fôsse o medo e a raiva que delle teem. \$ Bonito
- L.12 - BM2* - [bonito não será: ras],
- L.12 - BM2 - lona cascosa com
- L.13 - BM2c* - [*pardo-escuro-esverdeada **pardo-preto-verde** ms,
láp lápis roxo]
- L.13 - BM2 - que desliza, em contracções uniformes,[D1 da p.240 L.17]
fazendo
- L.13 - BM2c* - [em contracções uniformes: no cart.,grafite]
- L.15 - BM2 - oscillantes, *e accionando a um tempo toda a
sua abundância de costelas, que jogam e puxam
outra pós outra as cento e setenta escamas
ventraes. [D1 da p.240,L.17/9] Mas

- L.14/5 - BM2c** - [e ventraes.: no cart: lápis roxo]
- L.1/18 - BMc** - [trecho ras, c/traços vert; lápis preto]
- L.19 - BM2c* - [o brinquedo da cauda: ras]
- L.19/20- BMc* - [contem-*plativo e manso: ras]
- L.20 - BMc - [paz,criterio: ras]
- L.20 - BM2 - criterio, e
- L.20 - BM2c - [paz, criterio: ras]
- L.20 - BM2 - e, principalmente
- L.20/1 - BM2 - principalmente, sangue-frio
- L.21 - BM2 - Mas tem tambem a sua neurasthenia, e
- L.21 - BM2c* - [sua neurasthenia: ras]
- L.23 - BM2 - esperar meses, tocaindo
- L.24 - BM2 - lugar, e
- L.26 - BM2 - perdôa - ái
- L.19/26 -BM2c** - [plativo...passa: trecho ras c/traços vert; lápis preto]
- L.28/9 - BM2 - cauda, grosso no
- L.30 - BM2 - os meses frios
- L.29/31- BM2c** - [grosso...num:trecho ras c/traços vert; lapis preto]
- P.239
- BM2** - [o nº da pag, 189, ras c/ traços
- L.3 - BM2 - a crótalo , ella
- L.4 - BM2 - fóra, como uma borboleta que se desembainha da pupa, e
- L.5/6 BM2 - volteios lânguidos, a
- L.6 - BM2 - linhas, fluindo
- L.10 - BM2 - [cada millimetro quadrado do seu cylindro: subl]
- L.9/10- BM2 - em fôlha, nem

- L.9/10 - BM2* - e [fôlha: subl. grafite]
- L.11 - BM2 - um comêço de
- L.13 - BM2 - palmas, e
- L.16 - BM2 - alapardou-se, em
- L.17 - BM2 - concentricos, - trazida
- L.18 - BM2 - bonita e os
- L.18/9 - BM2 - nuca, - e
- L.22 - BM2 - avante, em procura
- L.23/4 BM2 - silvestres; mas
- L.24/5 - BM2 - ou três dias
- L.27 - BM2c** - {as pinda[h ras]*y ** [pt inter. ms lápis roxo]bas
fugiu}
- L.27/8 - BM2 - tufo do mellado-branco
- L.28/9 - BM2 - de sangue-de-christo e mijo-de-grillo
- L.32 - BM2 - horas, e
- L.35 - BM2 - escoar urgente capim
- L.1/35 - BM2c - [trecho ras, lápis preto]
- P.240
- L.6/7 - BM2c - [o aroma caricioso do tinguy torrado, e um calorço
gostoso, que dava até vontade da gente subl; lápis
verm]
- L.9 - BM2 - queimada, colleando furiosa, e nem pode escolher
- L.9/10 -BM2b* - +[O nº 2 ms, grafite, marg. esq]
- L.11 - BM2 - alethargada, e
- L.1/12 -BM2c** - [trecho ras c/ traços vert, lápis preto]
- L.13 - BM2 - meio de
- L.1/7 - BM2 - alto.[D1 p.p 238] Deslocou-se
- L.20 - BM2 - um ponto que

- L.22 - BM2 - hibernação: bons ares
- L.27 - BM2 - um coitézinho fluctuando
- L.14/28 -BMc** - [2 traços vert, marg. esq. tinta azul; trecho ras,
lápiz preto]
- L.29 - BM2 - Sempre tateando com a dupla língua
- L.30 - BM2 - os anéis marchetados
- L.31 - BM2 - seis, e
- L.31/2 - BM2 - um S_italico dentro de uma elipse irregular -, posto o
- L.33 - BM2 - E, assim com
- L.23/4 - BM2 - vida óptima. \$ Mas
- L.29/35 -BM2 - [trecho ras, lápiz preto]

P.241

- L.1 - BM2 - páu-d'arco , pendia
- L.4 - BM2 - a fêmea, pousada
- L.4/7 -BM2c** - +[traço vert, lápiz verm, marg esq]
- L.11 - BM2 - bem sôbre o
- L.12 - BM2 - pedindo sossêgo, a
- L.11/2 -BM2b* - [nã 2,ms, grafite, marg esq]
- L.14 - BM2 - reenrodilhou-se, rebulindo e cascalhando, para
- L.18 - BM2c** - [*craquejaram *pt inter. ms acima]
- L.19/20-BM2 - sinistramente . Como um copo de dados
- L.22 - BM2 - Mas, agora Boicininga tinha voltado com ódio do
- L.23 BM2 - as prêsas, um
- L.25/6 BM2 - sinuoseando, distinta e tarda porque
- L.26 - BM1* {definit**i[ms na ch]va}
- L.26 BM2 - a cascavél gasta
- L.30 - BM2 - metade traseira do

L.32 - BM2 - dos músculos, para

L.1/35 BM2c** - [trecho ras c/traços vert. lápis preto]

P.242

L.1 - BM2 - de fuga ou de agressão. \$ E

L.1 - BM2* - [linha ras; lápis preto]

L.3 - BM2 - que a gente não pode fitar

L.4 - BM2 - de uma boneca

L.5 - BM2 - sujos, empoeirados, secos; mas

L.6 - BM2 - pino, e

L.6/7 - BM2 - pela fria fixidez

L.7 - BM2 - hypnotica das vistas de

L.9 - BM2 - cara, estilizado em granulações salientes; as escamas
carenadas , e

L.10 - BM2 - testa, como

L.11 - BM1* - {faz**com [ms na ch]que}

L.11 - BM2 - primeiro, um

L.12 - BM2 - humano; mas

L.14 - BM2 - um feto macerado, uma múmia uma

L.15 - BM2 - que emittisse frialdade

L.16 - BM2 - enquanto, a

L.17 - BM2 - só o buraquinho

L.17/8 BM2 - onde se parece ter refugiado toda vida

L.16 - BM2 - seguida, torna

L.18/9- BM2 - o jeito de

L.25 - BM2 - do ópio bruto da Anatólia, para

L.28 - BM2 - Tanto, que ella está quiéta. Mas

L.30 - BM2 - para trás, em duração e extensão .E, si

- L.30/1- BM2 - fizer força, adianta a
- L.32 - BM2 - ellas attraem, deve
- L.32/3- BM2 - attracção. \$ Boicininga estava eterna [Dl p/L.
362] \$ E
- L.34 - BM2 - porque cascavél impassível é cascavél raivada e cascavél
raivada
- L.32/6 -BM2c** - [trecho ras c/traços vert; 2 traços diagonais
na marg. esq, lápis preto]
- P.243
- L.3 - BM2 - [linha espacejada, à máquina, p/dividir a narrativa]
- L.4 BM2 - pois três homens
- L.6 - BM4 - [numa cachaça terrível: ras, lápis verm>
- L.8/9 - BM2c -{filho do dono da fazenda [cantava ras, lápis azul],
muito alegre, porque estavamos dias de ser pae :traço
horiz, tinta azul, que ora ras, ora subl}
- L.10 - BM2 - da jacaré. Estavam
- L.11 - BM2 - bom rhythm. E
- L.11/4- BM2 - sol. \$ De
- L.1/14- BM2c** - [trecho ras c/traços vert, lápis preto]
- L.14 - BM2 - repente, o Egdio
- L.15/6- BM2c** - [um raio tirava reflexos da lata de água
ras, lápis verm].
- L.16 - BM2 - Mas o Egdio
- L.17/8- BM2c** - {mandriagem [subl c/2 traços, lápis azul
e verm]}.
- L.17/8 - BM2 - mandriagem. O Egdio
- L.19 - BM2c - [tímido :acento ms.

- L.19/20 - BM2c** - [Tambem, nessa hora, alguem, longe,
devia estar rezando por elle ras, lápis azul]
- L.21 - BM2c** - {rabeira [subl c/2 traços, lápis azul e
verm]}
- L.23 - BM2 - a goela apertada
- L.26/7 - BM2c** - [2 traços vert, lápis preto marg.esq]
- L.28 - BM2c** - [cantando: ras lápis verm]
- L.27 - BM2 - a três semanas
- L.29 - BM2 - Homem!... Que
- L.33/1 - BM2 - gostava muito, mas
- P.244
- L.7 - BM2 - isso o Egydio
- L.9 - BM2 - ir atrás. Mas
- L.13 - BM2 - da cascavél, o
- L.14 - BM2 - lata caneco
- L.11/4 - BM2c** - [2 traços vert, marg.esq, lápis azul]
- L.14/5 - BM2 - cuia. \$ Porém João Ruivo
- L.18 - BM2 - pé, e
- L.19 - BM2 - esses bêbedos! Fez
- L.19/20 - BM2 - meia-volta. Retrocedeu. \$ -A
- L.22/3 - BM2c - [Póde, mas anda depressa!...
Você não rendeu nada hoje: ras, lápis azul]
- L.22/3 - BM2c** - [2 traços vert, marg.esq, lápis azul]
- L.22/4 - BM2 - metade ... \$ Joao
- L.28 - BM2 - tambem pára. Agora
- L.29/30 - BM2 - estão azêdos, apertam
- L.14/5 - BM2c** - {*peores do **que nem [ms grafite]
gravatás}

- L.31 - BM2 - E o Egdio
 L.32/3 - BM2 - logo atrás. \$ A
 L.33 - BM2 - a dezenove e meio metros
 L.34 - BM2 - alto, e
 L.34/5 - BM2 - para ajeitar uma
 L.36/5 - BM2c** - [trecho ras, lápis preto]

P.245

- L.1 - BM2 - caminho ao Egdio
 L.1 - BM2 - Mas o Egdio
 L.4 - BM2 - pernas peludas, mas
 L.9 - BM2 - na zona proibida
 L.9 - BM2c* - {desfech*ou**a-se [ms] *meio corpo [no cart],
 num}
 L.10 - BM2c* - {tensa, [picando ras] **ferindo [ms na ch] em}
 L.11 - BM2 - pé, humano, enorme
 L.12/3 - BM2c* - {inteira *como um: [entre parênt] *elástico de
 gomma [entre parênt]: *outra picada **fincou
 [ms] }
 L.13/4 - BM2c* - {cingindo [Spp os/o ms] [malléolos ras];
 **tornozelos [ms] *com [no cart] tanto [Spp
 a/o] [vg ms] **furibunda [ms] *furia [no cart]
 que}
 L.13 - BM2 - os malléolos; que
 L.14 - BM2 - furia, que nem pode desanzolar
 L.14 - BM2 - as prêsas [ptvg ms] e
 L.14 - BM2c* - {[vascolejou ras] **agitou-se [ms]}
 L.15 - BM2 - matraqueando soturno e sêcco. E

- L.15 - BM2c* - [e sêcco. no cart]
- L.16 - BM2 - a cascavél guarda
- L.16 -BM2c* - [que a cascavél guarda para os
grandes momentos: ras].
- L.16/7 - BM2 - momentos. \$ Tudo
- L.20 - BM2c* - {só. \$-[trav ms] [Minha Nossa Senhora! ras]}
- L.23 - BM2 - a cascavél veiu .
- L.24 - BM2c* -{ vêr *o monstruoso rôlo polyedrico [no cart]
**a coisa [ms] *enroscado **enrolada [ms] na}
- L.25 - BM2 - sua canela, - a
- L.25 - BM2 - a *gastúra",o
- L.26/7 - BM2 - perigo, immobilizaram-no todo
- L.1/28 - BM2c -- [trecho ras c/ traços vert, cercaduras,
lâpis preto]
- L.29/30 - BM2 - Afinal, pode correr
- L.30/1 - Bm2 - pedra, e
- L.31 - BM2 - gritando: "São
- L.32 - BM2 - foi
- L.33/4 - BM2 - laço medonho, e
- L.34 - BM2 - de seu Quinquim
- 1.29/35 - BM2c** - [trecho ras lâpis preto]
- P.246
- L.2 - BM2 - offendido. \$ O Egidio
- L.4 - BM2 - então pode se
- L.5/6 - BM2 - morto... \$ Cahiu sentado
- L.6/7 - BM2 - mastigava sem nada e
- L.7/8 - BM2 - sêcco. Depois, ficou de bocca aberta, soprando

cansaço. \$ João

- L.9 - BM2 - da cascavél e
- L.10 - BM2 - esmo, em
- L.11 - BM2 - figado, e
- L.14/5 - BM2 - Céu!... - E as
- L.15/6 - BM2 - o de um
- L.16/7 - BM2 - afflicto. \$ - Grita
- L.17 - BM2 - pra vêr si alguem vêm molleza molleza! - ordenava
- L.18 - BM2 - Ruivo ao Egydio
- L.20 - BM2 - gritava o Egydio como um desatinado. \$ Seu
- L.22 - BM2 - esposa , talvez
- L.23/4 - BM2 - pescoço. \$ *Um outro trabalhador, que campeava
as vaccas fugidas para o chão da queimada, ti-
nha ouvido os gritos e chegara [Dl p/L. 23/9]
\$ João
- L.34/5- BM2c** - [Um... chegara ras]
- L.29/30 - BM2 - e chegara. \$ Quando levantaram seu Quinquim
- L.34/5 -BM2 - ficou para alli
- L.1/35 -BM2c** - [trecho ras, lápis preto]
- P.247
- L.1/2 - BM2c** - [cart.hach. entre as L.01/02 lápis preto,
centralizado, indicando esp]
- L.1/2 - BM2c* - {[A fachada da: ras] **Não levaram
o doente para a [ms]}
- L.1 - BM2c - {[assobradada...depósito: ras lápis preto]
**mas sim para [ms na ch] a}
- L.5 - BM2 - chiqueiro: e

- L.6 - BM2 - o depósito e
- L.2/3 - BM2c - {[para onde levaram seu Quinquim. E:
ras]**e [ms]}
- L.8/11 - BM2 - avisar; \$ - Nós trouxemos seu Quinquim... Um
bicho mau offendeu elle... \$ Nhô
- L.13 - BM2 - Jeronymo, e
- L.16 - BM2 - adivinhado, e
- L.11/16- BM2c** - [trecho Ras, lápis preto]
- L.8/16 - BM2c** - +[na marg. esq. em coluna 9+35=44: ras,lápis preto]
- L.17 - BM2 - ouviu, e
- L.20 - BM2 - Ahi, todas
- L.22 - BM2 - que o Quincas
- L.23 - BM2 - vivo, e
- L.23/4 - BM2 - grande!... - \$ E
- L.30/1 - BM2 - mais: \$ - Coitado
- L.32/3 - BM2 - violencia: \$ - Deixa
- L.34 - BM2 - mais nênen, p'ra fazer
- L.20/33- BM2c** - [trecho ras, lápis preto]

P.248

- L.1/2 -BM2 - bobagens!... \$ E
- L.2 - BM2 - outra: -" Me
- L.6/7 - BM2 - deixa!..." \$ - Ir
- L.7 - BM2 - de jeito nenhum
- L.8/9- BM2 - bicho mau... Por
- L.9/10 - BM2 - doideira!... sibilou Dona
- L.12/3 - BM2 - de soluços. \$ - Minha
- L.13/4 - BM2 - vae, vêr... \$ - E Dona

- L.14 - BM2 - Calú, rígida, tesa, amparava-a e afagava-lhe os
- L.15 - BM2 - lhe corriam também na cara
- L.15/6 -BM2 - choro sóbrio, sem esgar nem rumor. \$ Odórico, o
- L.18 - BM2 - quer vêr a
- L.22 - BM2 - hein?... E
- L.23/4 - BM2 - esperando para chamar o Doutor?!... \$ Dona
- L.24/5 - BM2 - no sem-jeito. \$ - Já
- L.31/2 - BM2 - peito. \$ - Não
- L.32/3 - BM2 - santo!... - atalhou Virginia
- L.34 - BM2 - desvario. - Curandeiro não sabe nada
- L.35 - BM2 - Não presta para
- L.1/35 - BM2c** - [trecho ras, lápis preto]
- P.249
- L.10 - BM2 - Odórico, consternado
- L.11/4 - BM2 - Afinal, tartamudeou: \$ - tá
- L.16 - BM2 - qualquer jeito... Assim
- L.19 - BM2 - os chinélos, e
- L.20/1 - BM2 - lucta, descalça, com muito brilho nos olhos
vermelhos, foi para
- L.22 - BM2 - repente, foi
- L.23 - BM2 - olhos, abre outra
- L.27 - BM2 - E, lá
- L.30/1- BM2c** - [um traço em lápis azul e um em lápis roxo
entre as L.30/1]
- L0.1/31 BM2c** - [trecho ras, traços vert, lápis preto]
- L.34 - BM2c*** - +[Sinal das présas: ms marg. dir]
- L.31/5 - BM2c** - [trecho ras, lápis azul]

L.35/1- BM2 - grande esforço de

P.250

L.2 - BM2c*** - +[Dificuldades para movimentar a cabeça: ms

marg.dir]

L.3 -BM2 - esquecido... E a

L.4 - BM2c*** - +[Ptose palpebral: ms marg.dir]

L.6/7 - BM2c*** -{p`ra *perto, pae... **urina avermelhada [ms]

Não

L.7 - BM2c* - {*quasi **nada [ms].}.

L.7 - BM2 - vulto... Ai, meu

L.5/8 - BM2c*** - +[Paresias parciais, até á paralisia completa

das pernas: ms marg. esq]

L.7/8 - BM2 - Deus... Já

L.10/1 - BM2 - quarto, silenciosos, estremeceram

L.10/3 - BM2c** - [cartucho em lápis azul,hachurado c/lápis

preto, em torno do furo da folha, marg. esq]

L.15 - BM2 - enquanto... Amanha você

L.16 - BM2 - a esta hora

L.18 - BM2 - Submisso, seu Quinquim

L.19 - BM2 - entrara, sem

L.22 - BM2 - esses vômitos... Agora

L.28/9 - BM2 - garrafa ; mas

L.30 - BM2 - Sae, bêbado! Tu

L.31 - BM2 - piorar seu Quinquim

L.1/31 -BM2c** - [trecho ras, lápis azul]

P.251

- L.1 - BM2 - mostrar coragem, mas
 L.2 - BM2 - desolhou-a, e
 L.8 - BM2 - maluco?! - E Dona
 L.12/3 - BM2 - de mamar... \$ - Mas
 L.15 - BM2 - Seu Jeronymo-Cob... Seu
 L.15 - BM2c* - {Jeronymo[hifen ras]Cob ...}
 L.16 - BM2 - beber, de sympathia... E
 L.17 - BM2 - melhor... Amanha elle
 L.18 - BM2 - melhor... Depois-d'amanha já
 L.23/4 - BM2 - elle aggarante!... \$ Marido
 L.25 - BM2 - longo rhythmo, extenuado
 L.25 - BM2 - no sopôr do
 L.29 - BM2 - uma alegriazinha no
 L.31 - BM1* - {varanda, [vg ms] Dona}
 L.35 - Bm2 - Já!... Ai, como Deus é bom!... Não
 L.35 - BM2c* - {já?!...A[spp i/h ms] como}

P.252

- L.1 - BM2 - pôde... Amanha, ou
 L.3/4 - BM2 - feito várias promessas.) - A
 L.4/5 - BM2 - entro... \$ Dona
 L.11 - BM2 - lampeão, e
 L.11/2 - BM2 - a janela, pitar
 L.13 - BM2 - bateu, e
 L.16/7 - BM2 - Quatro ampólas. E
 L.16/7 - BM2b - {Quatro ampól*a**1 [ms]}
 L.17 - BM2 - iodo, tudo
 L.18 - BM2bm2 - era applicarem tudo

- L.21 - BM2 - Mas, sou
- L.1/35 - BM2c** - [trecho ras, traços vert, horiz, diag, lápis azul]
- L.31/2 BM2c - {tudo [um vidro no outro, atôa, atôa...:subl c/lápis verm] \$ Agora}
- P.253
- L.2/5 - BM2 - cigarro, e ficou alisando, sem acção para o accender. \$ Até
- L.3 - BM1* - {de es*g[ms]aravatar }
- L.6/7 - BM2 - Sacudiu-o. Acordou. \$ - Dóe
- L.20 - BM2b* - [pequeno traço ao lado do nº da pag. no canto inferior]
- L.10 - BM2 - outra janela para
- L.14 - BM2 - { desse [pt inter ras]}
- L.16 - Bm2 - as ampólas. Si
- L.16 - BM2b* - { as ampól*a**1 [ms] }
- L.16/7 -BM2 - Si desse?!...Mas
- L.19 - BM2 - dormir... Boa vida
- L.19/20- BM2 - vida a de
- L.21 - BM2 - Si desse?! Chamar
- L.23 - BM2 - pouco... Póde esperar
- L.24 - BM2 - melhorando... Há de
- L.24 - BM2c* - {Há[hifen ms]de}
- L.25 - BM2 - as janelas. \$ Foi
- L.29 - BM1* - {zu[spp n/m ms]bindo}
- L.34/5 - BM2 - dedos, desencontrados, na_o
- L.37 - Bm2 - marimbondo...O marimbondo

L.1/37 - Bm2c - [trecho ras lápis azul]

P.254

L.7/8 - Bm2 - remedio... A injeccao

L.14 - Bm2 - garante... Amanha estará

L.22 - Bm2 - a ampola na

L.22 - Bm2b* - {a ampô*1**1[ms]a na}

L.23 - Bm2 - mais três. Atira-as

L.25 - Bm2c*** - +[Morte pela paralisia dos músculos
respiratórios :ms marg. dir]

L.26 - Bm2 - agora pôde assentar-se

L.27/8 - Bm2c*** - {as *maos, cheio *(lentamente) [ms] de}

L.28 - Bm2 - enorme, e

L.29/30 - Bm2 - de seu Quinquim

L.31 - Bm2 - modorra , cabeceou e

L.32 - Bm2 - bem. Melhorou e

L.33/4 - Bm2 - pouco, morreu. \$ Morreu

L.1/35 - Bm2c - [trecho ras lápis azul]

P.255

L.2 - Bm2 - dia - justo, justo, em sol e hora - depois
do entêrro, Virginia

L.3 - Bm2 - Virginia pode adormecer

L.5 - Bm2 - que, agora

L.8 - Bm2 - na véspera; Dona

L.10 - Bm2 - vindo, e

L.17 - Bm2 - grotteiros, e

L.19 - Bm2 - Mas, estava

- L.20 - BM2 - demais, e
 L.20 - BM2 - seis, para
 L.21 - BM2 - para poder começar veia...foi
 L.25 - BM2 - sim senhor...numa
 L.1/34 BM2c** [trecho ras, lápis preto]

P.256

- L.2 - BM2 - aqui nestas brenhas
 L.5 - BM2 - tudo. Eu cá tomo três vezes
 L.7 - BM2 - Senhor vêr, para me
 L.7/8 -BM2 - vae buscar, p`ra
 L.11/2 -BM2 - a cascavél, a crotalus
 L.13/5 -BM2 - poderiam ter-se enganado? \$ Quando
 L.16 -BM2 - do fôlego, Nhô
 L.18 -BM2 - doutor... Isto sim
 L.18/9 -BM2 - de ocôrdo... algum
 L.19 -BM2 - vamos vêr... 6 Odórico
 L.21 - BM2 - pequeno, p`ra
 L.22 -BM2 - era ; mas
 L.22/3 -BM2 - Um cornimbóque de
 L.25/6 -BM2 - tudo... - \$ Ahi
 L.27 -BM2 - Mas, não
 L.28 -BM2 - manso, de
 L.31 -BM2 - a munhéca para
 L.1/35 -BM2c** - [trecho ras, traços diag, lápis preto]

P.257

- L.4 -BM2b* - {não **o [ms na ch] procurou}

- L.7/8 BM2 - e três alqueires
 L.9 -BM2 - Mas, como
 L.18 -BM2 - de "charlata">?!... \$ 0
 L.20 -BM2 - do fura-bôlo, tal
 L.21 -BM2c* - {babilonios [o celebre ras] **o[ms] propheta}
 L.24 -BM2 - um atraso, que
 L.26 -BM2 - mais atrasados! Isto aqui
 L.28/9 -BM2 - Tu `tá doida
 L.1/35 -BM2c - [trecho ras, lápis preto]

P.258

- L.3/4 -BM2 - demonio!...-E desprendeu
 L.5 - Bm2 - Calú, Theresa, todos
 L.6 - BM2 - debatia, frenética, contra
 L.9 - BM2 - Não fica nesta
 L.13 - BM2 - olhos. - Póde ir que
 L.14 - BM2 - já-já!...6 João Ruivo! O Peroncio
 L.14/5- Bm2 - Jeronymo Cobra, e
 L.15 - Bm2 - aquelle coisa-ruim, por
 L.16 - Bm2 - vá para bem
 L.19 - Bm2 - desmaio, e]
 L.24 - BM2 - o anél do
 L.27 - BM2 - meio estúrdia... Ao
 L.34 - BM2 - de reacções. Por

P.259

- L.2 - BM2 - é?... Para falar
 L.2 - BM2 - Ignacio para elle

- L.4 - Bm2 - de atrasado^{es}, não
- L.6 - Bm2 - elle, nunca
- L.6/7 - Bm2 - mais, para sympathia
- L.11/2 - Bm2 - negro...\$ Dona
- L.12 - Bm2 - e fébil como
- L.12/3- Bm2 - namorado. Mas
- L.17 - Bm2 - muito ; o
- L.17/8- Bm2 - mais ; a cor do rosto ficou por momentos, mais escura.

E o

- L.19 - Bm1* - {momento, [vg ms] ella}
- L.19 - Bm2 - momento ella se distrahia de escutar,e
- L.19/20 Bm2 - sempre na mesma
- L.31 - Bm2 - Uma surucuiú de
- L.32 - Bm2 - nada! (agora, uma
- L.33 - Bm2 - e enérgico) - Você
- L.35/1- Bm2 - assim?!...Chega
- L.1/35- Bm2c** - [trecho ras, lápis preto]

P.260

- L.1/6 - Bm2c - [trecho ras lápis preto]
- L.13/7- Bm2 - isso... \$ - Por
- L.17 - Bm2 - não, seu
- L.18/20 Bm2 - moinho!... É
- L.20 - Bm2 - pegar rato. Melhor
- L.23 - Bm2 - fazenda, já
- L.27 - Bm2 - casa, e
- L.31/2- Bm2 - cá...\$ - Cascavél tambem
- L.33 - Bm2 - senhor... Cascavél, só

L.35 -BM2 - ir, que

P.261

L.2 - BM2 - escada, e

L.6 - BM2- nomes taes, para

L.8 - Bm2 - que attrae passarinhos

L.10 - Bm2 - que, quando

L.11 - BM2 - margem ; com a

L.12/3- BM2 - vingança, e, por isso, "quando não mata, aleija

L.13/4- BM2 - que mamam nos úberes das

L.14 - BM2 - até nos peitos das mulheres

L.5/7 -BM2c** - [com outras giboias que, em

mordendo homem ou criação, deixam o mordido

para o resto: subl, lápis verm]

L.15 - BM2 - mordido , para

L.16 - BM2 - vida , com

L.16 - BM2 - pintado ; e todas

L.16/8 - BM2c** - [2 traços vert e um x, lápis azul, marg. esq]

L.18/9 - BM2c** -[São-João... quatro: subl, lápis verm

L.19 - BM2 - patinhas, que

L.22/4 - BM2c** - [trecho no cart hachureado, lápis preto]

L.17 - BM2 - Nhô Ignacio ia

L.25 - BM2 - concordando, de-mentira

L.26/7 - BM2 - fundo, cada um estava sentindo

L.29 - BM2 - por trás, uma

L.29/31- BM2c** - [2 traços vert, e a pal. MOINHO em lápis verm,
subl]

P.262

- L.1 - BM2 - uma janelinha de
- L.2 - BM1* - {entre *- [ms]laçado}
- L.2 - BM2 - entortilhado, entrelaçado nos
- L.3/4 - BM2c** - [grossos nós escuros :subl, tinta azul]
- L.5 - BM2 - doutor... Isto é
- L.8 - BM2 - milho, e
- L.10 - BM2 - de convés. A
- L.13 - BM2 - com anéis irisados
- L.19 - BM2 - no rôlo molle, e
- L.20/1 - BM2 - escorregadios, retôrnos fláccidos, aros
- L.21/2 - BM2 - distorcendo, deslizando em sentidos oppostos, reentrando
- L.25 - BM2 - desconforme novêlo: a
- L.26 BM2 - caminho, e
- L.30/3 BM2c** - [trecho ras, lápis roxo]
- L.316 BM2 - contaminar pelas abusoes
- L.35 BM2 - milho para cahir
- L.35 BM2 - Porque, si

P.263

- L.1 BM2 - andar, a
- L.1 BM2 - móe. E, si
- L.1/2 BM2 - ella mesma... Promptinho
- L.2/3 BM2 - ir..." \$ A
- L.4 BM2 - metros; e vinha atrás delles
- L.12/1 -BM2 - cobra oscillava, alçando-se
- L.12 -BM2 - fim, adheriu
- L.13 -BM2 - rabo, e

- L.16/7 -BM2 - adiante. Mas
- L.17 -BM2 - cahiu tambem, arqueado
- L.20 -BM2 - poder vêr a outra... Acorda, anda
- L.22 -BM2 - tambem para o
- L.24/5 -BM2 - Bicho esquisito!... \$ Bicho esquisito!... Animal
- L.25/8 -BM2c** - [trecho ras, em lápis verm e roxo]
- L.27 -BM2 - solenoglyphas, e
- L.30 -BM2 - A serpe de
- L.30/5 -BM2c** -{[traço vert. em lápis verm]
 +out[subl] A serpente eterna [ms,lápis
 Obs: o desalinhamento da frase permite
 também a leitura: A eterna serpente]}
- L.30/2 -BM2 - cleopatricida... Viboras
- L.33 -BM2 - sagrados, Salammbô... Uma
- L.34 - BM2 - anacondas, que
- L.35 - BM2 - chamado sahiam
- P.264
- L.3 - Bm2 - sibilando ; que
- L.7/8 -BM2 - Virgem... Cerastas guardiãs
- L.8 - BM2 - de thesouros de
- L.13 -BM2 - de envenenar, necessárias
- L.13 -BM2 - chegar no arraial
- L.16 -BM2 - no anél de
- L.17/8 -BM2 - encanto: bothrops atrox... trigonocephalus
arborea ... Isto sim
- L.22 -BM2 - badiana, e o mais, que
- L.24 -BM2 - o "charlata" embora
- L.26/7 -BM2 - [linha espacejada dividindo a narrativa]

- L.29 - BM2 - outras novas, mais
- L.30 -BM2 - Quinquim, e
- P.265
- L.1 -BM2 - despenteados; sempre
- L.1/2 -BM2 - avermelhados, mas
- L.2 -BM2 - chorando ; longinqua silenciosa, deslizando pelo
- L.5 -BM2 - vindo, com
- L.5 -BM2 - de reconduzil-a à casa
- L.7/8 -BM2 - cabeça: \$ -"Na_o
- L.9 -BM2 - tempo... - E
- L.12/1 -BM2 - velhos:... - Si
- L.11/2 -BM2 - demais... Si não
- L.12/3 -BM2 - transtorno...\$ Ficou, e
- L.14 -BM2 - qualquer manha bonita
- L.19 -BM2 - voltava, rápida, desconfiada
- L.20 -BM2 - por detrás, com
- L.20/1 -BM2 - aquelle jeito de Nossa Senhora das dôres
no andôr. E
- L.29 -BM2 - cobras, unidos
- L.31 - BM2 - verdade?!... - interrogava, ansiosa
- L.32/3 -BM2 - meio ébrio, talvez ébrio e
- L.33 -BM2b** - [traço vert, grafite, marg. esq]
- L.35 -BM2 - a fêmea, por
- P.266
- L.6 -BM2 - Ruivo brilhavam , azarolhados
- L.6/7 -BM2 - as asas do
- L.8 -BM2 - de jeito nenhum
- L.11/2 -BM2 - o bêbedo lhe

- L.13/4 -BM2 - novas fantasias platonicas
- L.16 -BM2 - duas, três vezes
- L.21 -BM2 - andar, para
- L.23/4 -Bm2 - [linha espaçada dividindo a narrativa]
- L.25 -BM2 - uma jararaca-da-barriga-vermelha, que
- L.25 -BM2 - sahira de detrás de
- L.26/7 -BM2 - depois, que
- L.26/7 -BM2c** - {depois, **disso [ms grafite] que}
- L.29 - BM2 caminho, entre
- L.25/34 BM2c** - {+out [ms no cart;] [traço vert, lápis
preto, marg. esq; abrange o \$ todo]}
- L.33 -BM2 - arame , empapados
- L.34/1 -BM2 - capturado três papa-capins
- P.267
- L.3 -BM2 - de asas de
- L.5/6 -BM2 - arrepiado - mestre-cantador
- L.5/6 -BM2b* - {mestre[hifen ras]cantador }
- L.7 -BM2 - baixada - veiu
- L.10 -BM2 - de asas, espalhando
- L.13 -BM2 - Cruz crêdo, Chiquito
- L.21 -BM2 - sahir, e
- L.23 -BM2 - os grande em
- L.24 -BM2 - mesma da hora
- L.26/7 -BM2 - uma poipéva afobada
- L.29 -BM2 - seus mínimos contornos
- L.34 -BM2 - cuidadosamente dobrados sobre
- L.35 -BM2 - as pernas. Empinada

L.51 -BM2 - outras várias rãs

L.6/9 - BM2b* - [traço grafite, marg. esq]

P.268

L.8 -BM2 - giboia, volumosa

L.9 -BM2 - com um espalhafato

L.10 -BM2 - caçando jeito de

L.11 -BM2 - tempo, todos começaram afinal a

L.15 - BM1* - -{quando [ch ms p/ inserir o art dat] cavallo}

L.17 -BM2 - amarello, fazendo velório ao

L.20 -BM2 - uma cascavél tarará-tarará-taralho

L.24 -BM2 - para trás, e

L.25 -BM2 - escandaloso estrépito de

L.26 -BM2 - folhas sêccas, recolhia

L.27/8 -BM2 - e espêssa. \$ Bem que a urutú pintada
está constantemente alerta

L.29 -BM2 - furiosa, e

L.29/30-BM2 - inoportuna, despedira o

L.30 -BM2 - um décimo de segundo adiantada, e deixara de

L.31/2 -BM2 - E ,agora depremia-se

L.33 -BM2 - {ar [é que:ras] tivesse **alguma [ms na ch] culpa}

-BM2b* - [pequeno traço, grafite, marg. inf. canto
direito, ao lado do nº ms]

P.269

L.2 -BM2 - lindo desenho em

L.7/8 -BM2 - perguntando somente: \$ - Foi cascavél?! Foi

L.18 -BM2 - interveiu, porém, conciliante

- L.20 -BM2 - meio "pancada"... E
 L.23 -BM2 - Mas, esse jeito de querer bem, nem
 L.31 -BM2 - tirar fórra de

P.270

- L.7 -BM2 - porque que é que só
 L.10 - BM2 - guarde!, póde
 L.10 -BM2 - coisa, que
 L.12 -BM2 - rancho p`ra elle
 L.16/7 -BM2 - indaguei... Todo-o-mundo me
 L.20 - BM2 - compretensa_o de
 L.22 -BM2 - mulher, de outra terra, pegar
 L.31/2 -BM2 - mas, isso, de jeito nenhum

P. 271

- L.1 -BM2 - se afastar, falou
 L.6 -BM2 - mais sossêgo possível
 L.11 -BM2 - focinho, e
 L.11/2 -BM2b - [traço vert, grafite, marg. esq]
 L.18 -BM2 - surgir, de cada canto, uma uma cascavél caudisonante
 L.18 - BM1* - caudisoante [ch ms p/ inserir a conj] o
 L.19 -BM2 - urutú, de
 L.24 -BM2 - e janelas, perscrutando
 L.25 -BM2 - pavor, e
 L.30 -BM2 - esse pânico, fazendo
 L.32 -BM2 - graça, e só para
 L.34 -BM2 - a nora, queixou-se

P.272

- L.1 -BM2 - nós, e
- L.6 -BM2 - está *ensaiando [sem grifo] p`ra doida? Não
- L.7/8 -BM2 - e deslizou para
- L.11 -BM2 - caixas-jaulas, julgou
- L.13 -BM2 - bem, e
- L.17 -BM2 - as cascavéis enchiam
- L.20 -BM2 - foi categórico na
- L.21 -BM2 - De jeito nenhum
- L.24 -BM2 - de três horas
- L.27 -BM2 - cauda já não
- L.29 -BM2 - interrupção, e o corpo chicoteava o
- L.29/30 -BM2 - trinta bôtes, desferidos
- L.31/2 -BM2b* - {desli*s**z[ms]ava}
- L.32 -BM2 - barriga, lentamente, suavissimo. Quasi
- L.33 -BM2 - um saldo fingido
- L.34 -BM2 - por detrás... Tudo

P.273

- L.1/2 -BM2 - nem trás. Também
- L.4 -BM2 - o bóte. Quem
- L.5 -BM2 - uma cascavél!... \$ Ella
- L.6/7 -BM2 - adianta... - explicou nhô. - Elle
- L.7 -BM2 - offendido, e
- L.8 -BM2 - Só morre si fôr mordido nas
- L.8 -BM2 - não dá p`ra ir... \$ Agora
- L.9 -BM2 - emendava três saltos
- L.11 -BM2 - certa, com

- L.13 -BM2 - se afastou, de
- L.14 -BM2 - interesse, porque
- L.16 -BM2 - fugir; mas
- L.17 -BM2 - veio, com
- L.18 -BM2 - páu, e puxou o cordél, enforcando-a
- L.19 - BM2 verde-cinzento-amarellado com
- L.19 -BM2 - preto desenhado em
- L.23/4 -BM1* - {pegou-*lhe[c/subl ms]}
- L.24 -BM2 - cobreiro, fêl-a escancarar
- L.54 -BM2 - quem exigisse applausos
- L.31/2 -BM2 - cabeça. \$ E os
- L.34 -BM2 - coragem repentina

P.274

- L.1 -BM2 - seu jeito de uma que soffresse de mania
- L.4/5 -BM2 - Jeronymo, para na_o
- L.5 -BM2 - de ânsia apostolica
- L.7 -BM2 - firmando assim o
- L.7/8 - BM2 - era ; e
- L.8 -BM2 - bastava só dizer
- L.12 -BM2 - arraial, e
- L.18 -BM2 - nenhuma cascavél, não_o
- L.19 -BM2 - porque cascavél não
- L.25 -BM2 - porque, do
- L.33 -BM2 - outro o cobrifugo
- L.33/4 -BM2 - qualquer, que
- L.34/5 -BM2 - planta, ou

P.275

- L.1/2 -BM2 - veado torrado, às vez
- L.3 -BM2 - de fôlego fino
- L.6 - BM2 - {Uma *trouvaille [no cart], Nhô}
- L.6/7 -BM2 - Ignacio!...Agora
- L.7/8 -BM2 - que teem seu *habitat [s/ grifo] no pântano não
- L.11/2 -BM2 - argumentos?!... \$ - Sim
- L.14 -BM2 - linha, e
- L.15 -BM2 - dissemos, e
- L.16 -BM2 - dizer, elle ainda
- L.16 - BM2* - {o [capiou mineiro:ras] **aquela gente [ms]}.
- L.16/7 -BM2 - [linha espacej p/ dividir a narrativa]
- L.17 -BM2 - de qualquer jeito, pareceu
- L.19 -BM2 - vista, e
- L.19 -BM2b* - {e **a[ms] tresgritada}
- L.19/20-BM2 - Bento, e
- L.20 -BM2 - porrêtes. E
- L.27 -BM2 - sua gíria toda
- L.29 -BM2 - pois, sôlto, e
- L.32 -BM2 - Mexeu daqui e dali, e

P.276

- L.4/5 -BM2 - de três. \$ Didi
- L.13 -BM2 - escorregou para
- L.13/6 -BM2b* -[traço vert, grafite, marg. esq]
- L.14 -BM2 - chao, e
- L.15/6 -BM2 - pelo cacête. \$ Todo
- L.17/8 -BM2 - alternadamente, ouvir

- L.23 -BM2 - seu lugar, fazer
 L.25 - BM2 - Ou, então
 L.26 -BM2 - a coisa-feita! Das
 L.29 -BM2 - uma satisfação ao doutor, disso
 L.31 -BM2 - Mas, mal saíu elle para
 L.32 -BM2 - apaziguada, dava de cara com a nóra, que
 L.35 -BM2 - mim... Porque?! Vocês

P.277

- L.4 - BM2 - riu, hystérica: \$ - Filha
 L.8 - BM2b - {doida[ms cart]}
 L.10/1 -BM2 - transtornado, ou
 L.11 - BM2 - {diaba [no cart]}
 L.12 -BM2 - aqui para eu
 L.17 -BM2 - perdõe, como
 L.22 -BM2 - disse páu e
 L.22 -BM2 - pedra ; mas
 L.27 - BM2 - raiva, e
 L.27 - Bm2b - {estava escur[ao: ras] **o[ms]}

P.278

- L.10 - BM2 - de asas silenciosas
 L.11/2 -BM2 - chegaram. \$ - Acóde aqui
 L.15 -BM2 - sangue, que
 L.20 -BM2 - A cascavél está ahi, atrás da
 L.25/6 -BM2 - braço direito estavam
 L.28 -BM2 - cedinho... Logo que
 L.29 -BM2 - todo dia

L.29 -BM2 - ella... Sabia que

L.30 -BM2 - a cascavél companheira

P.2791

L.1 - BM2 - O bicho-máu lá estava enrodilhado, um bólo negro

L.3 - BM2b - um jararacussú o *surucucú-tapête, de

L.3 - BM2b - {surucucú tapête [ms no cart]}

L.5 - BM2 - enormes, e

L.6 - BM2 - oblongas o

L.7 - BM2 - derradeira. O

L.14 - BM2 - ficassem "espinhos venenosos" por

L.18 - BM2 - outra cascavél, minha

L.19 - BM2 - levar p`r`a casa

L.20 - BM2 - sem esforço, e

L.24 - BM2 - noite : as mesmas

L.25/6 - BM2 - etapas \$ Sômente, o

L.27 - BM2 - de jeito nos

L.32 - BM2 - E, agora

L.32 - BM2 - agora, podemos

L.(16) - BM2c* - {+ecos de longínqua(s) alegria(s) [ms, tinta
marg. inf.]}

2- Confronto de BM2 com BM3

BM3,p.1- marg. sup. [BICHO MAU, cx alta,no cart. hachur]

BM2, p.187, marg.sup. BICHO MAU [com grifo]

BM3, p.1 - [sem epigrafe]

BM3,p.1,L.1 - \$ { Saía *o monstro [no cart] de seu antro, devagar,
medonho modo, se arrastava: no cart. hach}

BM3, p.1 -L.2/3 - Era só um linear, elementarmente reduzido, colado
mole ao chão, tortuoso e intenso

Or.,19 - tortuosos

A cobra tortuosa

BM3 - p.1, L.3/5 - enorme, com metro e sessenta do extremo das nari-
nas à última das peças farfalhantes do chocalho. Era
uma boicininga - a serpente.

BM2 - p.187-L.29/30 - Bom, a boiciniga [sic] - macho soberbo, metro
e oitenta da ponta do rostro à última das quatorze peças
farfalhantes da cauda

Or.,19 - quatorze peças da cauda

BM3 - p.1, L.6 - \$ Fazia sol [vg ras] e ela, começada a aquecer-se,
desenrodilhando-se

BM2 - p.188, L.18/20 - E o de que mais carecia no momento era de
sol: alapardou-se, em quatro círculos e meio, continuos e

concentricos

EM3, p.1, L.6/7 - deixava o buraco abandonado de tatu onde passara inerte
os meses frios

EM2 - p.188, L.2/4 - passara os meses frios jejuando num buraco
abandonado de tatú, inerte, abnegada e imovel, para poder
cuidar melhor dos detalhes da toilette

EM3 - p.1, L.7/9 - e largara aos pedaços a velha casca, já foveira,
com impreciso o padrão e desbotadas as côres.

EM2 - p.188, L.5/6 - Quando a velha casca, foveira, com o padrão
impreciso e desbotadas as côres, se fendeu de labio a crótalo

Or.,19 - crótalo = estojos córneos

EM3 - p.1, L.9/11 - De pele mudada, agora, não reluzia, entretanto,
senão se resguardava em fôscas aspereza, quase crêsca, pardo
-prêto-verde com losangos amarelados nos flancos

EM2 - p.187, L.11/6- apesar da lona cascosa com que se veste, renovada
mais de uma vez por anno, pardo-escuro-esverdeada com
rhombóedros limão maduro, e da elegancia com que desliza, em
contrações uniformes

Or., - Cascavel + parda, com losangos orlados de claro

- 1) ondulação horizontal
- 2) progressão retilínea (mov. sucessivo das placas
ventrais)
- 3) (Combinação 1+2)
- 4) sinuoso lateral, à maneira de hélice (na areia)

Or.,19 Cobras (muda)

Uma exfoliação: da camada superficial do tegumento. A epiderme se destaca inteira, sob a forma de uma membrana flexível, transparente, trazendo as impressões das escamas e placas.

Uma a duas semanas antes, o tegumento toma uma tonalidade cinzento-azulado, baça, os olhos adquirem aspecto progressivamente leitoso, até completa opacidade, com perda temporária da visão, e a serpente deixa de se alimentar, tornando-se entorpecida. A queda da pele, que se inicia pelos lábios, é facilitada pelos acidentes do solo: o animal se esfrega, angustiado, nos galhos secos e pedras, até se libertar totalmente da "casca".

Periodicidade da muda:

surucucu = 1 vez por ano

sucuri = 8 vezes " "

jiboia = 6 " " "

cascavel - 4 " " " (Cascan E.Unidos)

urutu: nos arrozais

BM3 - p.1, L.11/2 - enrossando [sic] muito logo após o pescoço; e tanto, que assustava:

BM2 - p.187, L.18/9- Mas engrossa muito depressa logo depois do pescoço, e tanto que assusta; e só toca o brinquedo da cauda nos momentos de notavel excitação

BM3, p.1, L.12/5 - espêso desmedido o meio do corpo - um duro [vg ras]

brusco troço de matéria. Mas que vivia, afundadamente, separadamente, necessitada apenas a ****querer** [ms na ch] viver, à custa do que fôsse, de qualquer outra vida fora da sua { [S: ras] ****s** [ms na ch]urgia [seta deslocando p/linha inf] [como uma condensação de mal e maldade: ras, no cart] }.

BM2- p.188-L.1 - grosso no meio do corpo como o tronco de uma goiabeira adulta

Or.,19 - erguido o 3º anterior, grosso[subl.espacej] como um braço = arabesco ou hierograma*

*BM3 - p.1, L.16/9 - \$ Deslizou, ainda hesitante, *surgia [D1 da L. ant.] ****aos** poucos [ms na ch] como se de si se desembainhasse [2 pts. ras; pt ms] provava a própria elasticidade, fluindo e refluindo, em contrações uniformes, titilando cada ponto de sua massa com a fina forquilha preta da língua: achava-se.*

BM2 - p.188, L.6/11 - ella saltou fóra, como uma borboleta que se desembainha da pupa, e escorregou da lura para o mundo vasto. Experimentou, em volteios lânguidos, a elasticidade das linhas, fluindo e refluindo, titillando cada millimetro quadrado do seu cylindro com a forquilha preta da lingua. E gostou.

BM3, p.1, L.19/20 - Serpeara poucos palmos, contudo, e encolhendo-se, num incomplêto volteio, se deteve.

BM2, p.188, L.16 - Serpeou alguns palmos, e logo estacou

BM3 - p.1, L.20/1 - Decerto se antecipara, vindo de um longo jejum e obedecendo à primavera, a uma bronca obrigação de amor.

BM2 - p.188, L.13/5 - *Mas começava a sentir um começo de fome, e a primavera vinha perto, com seus amores de obrigação.*

BM3 -p.1, L.21/3 - Perto, de todos os lados, com efeito, pairavam cheiros bons de alimento, onde antes haviam estalado na relva correrias de preás e de ratos silvestres;

BM2 - p.188, L.26/7 - *Perto, de todos os lados, estalavam correrias de preás e ratos silvestres*

BM3, p.1, L.23/4 - de dia, porém, ela não conseguia ver o suficiente;

BM2 - p.188, L.17/8 - *e, como era de-dia, seus olhos não distinguiam sufficientemente bem as bellezas naturaes*

Or.,19 - miopia diurna

BM3 - p.1, L.24/6 - só à noite, quando, no escuro, seus olhinhos de pupila a-pique acertassem de enxergar, é que [poderia: ras] *iria [ms na ch] tentar a caça.

BM2 - p.188, L.23 - *Só à noite, quando, no escuro, os seus olhinhos de pupilla a-pique acertaram de enxergar, foi que ella se desentortilhou e cobrejou mais avante, em procura de uma boa collocação*

Or., 19 - pupila em fenda vertical

- animal da noite

BM3 - p.1, L.1/3 - \$ Satisfazia estímulo mais premente,todavia, movendo-se àquela hora, recobrava-se em todas as suas partes,

se descongelava.

EM2 - p.188, L.22 - e ficou descongelando o corpo

EM3 - p.2, L.3/4 - Reptou por entre os assa-peixes, fugiu dos tufos do capim-meloso, que a nauseavam,

EM2 - p.188, L.30/1 - Reptou por entre as *pind[ahy ras][c/pt inter.acima]; fugiu dos tufos do mellado-branco, que lhe davam náuseas;

E23 - doc. 26 - Assa-peixe = banhos nos ataques de hemorroidas. *0
suco das folhas novas: é colírio [c/grifo] -
Dicionário P. Correia

EM3, p.2, L.4/5 - chegou a mais metros; fatigara-se

EM2c - p.188, L.34 - Fizera trezentos metros em dez horas, e
e p.189, L.1/2 - atualmente se sentia fatigada;

EM3 - p 2, L.5/8 - Mas precisava era de um pasto sujo, ou do cerrado, beira de roça ou boca de capoeira - no mato não entrava nunca - ; [ptvg ms]melhor ainda um campo ralo e ensolado, pedregoso.

EM2 - p.187, L.1/3 - Em pasto sujo, no cerrado, chão pedrento,
beira de roça ou bocca de capoeira, - no matto não entra, -
melhor ainda no campo ralo e ensolado

Or., 19 - Cascavel = prefere o campo ou a capoeira, principalmente se pedregosos e sêcos

E23 - doc. 8 - CAMPO SUJO = árvores mais baixas e mais espalhadas,
desaparecendo o caráter de "cerrado" do campo
CAMPO LIMPO = é uma estepe; solo mais pobre e mais

seco. Quase só os tufos baixos das gramíneas; entre eles, crescem, aqui e ali, a longas distâncias, uma árvore enfezada ou um arbusto anão: os quais se aninham junto ao chão e formam uma grande almofada, cobrindo um metro quadrado ou mais. Quase que há campos limpos só nos pontos altos dos chapadões. O campo sujo e o campo limpo são as terras mais pobres do Planalto Central. Não prestam para nada = m% = "para fazer longe"

BM3, p.2, L. 8/13 - De novo se mexeu, ora coleando com amplas sinuosidades oscilantes, ora escorregando reta sobre o ventre, quando o terreno facilitava. Contornou as moitas de sangue-de-cristo e mijo-de-grilo, e parou na palhada, a igual distância de um montículo de cupins e de uma tr[Spp o/i]lha de gado.

BM2 - p.187, L.15/6 - *fazendo e desfazendo alças, volutas e cochleás oscillantes,*

BM2 - p.188, L.31/4 - *varou as moitas de sangue-de-christo e mijo de-grillo; chegou num buraco, desceu buraco abaixo, subiu buraco acima; e parou na palhada, a igual distancia de uma surúge de cupim e de uma touça de cansação*

BM3 - p.2, L.13/21 - Reconhecia, porém, o lugar, de antiga ocasião, em que mal escapara de morrer, numa queimada: recordava a súbita balbúrdia estralejante, com gafanhotos pulando, grasnidos e vultos de gaviões-caçadores voando baixo, pios de aves reclamando socorro, e o calorão crescente, os ardidos e abafantes rebojos da fumaça, que tornavam em castigo e perigo

as mais amenas essências, mesmo o frescor de exalação das almêcegas resinosas ou o aroma caricioso do tingui torrado.

BM2 - p.189, L.6/12 - *Tinham posto fogo allí perto, e ella sabia, por anteriores experiencias pouco agradaveis, o que significava aquella barulheira estralejante, com gafanhotos pulando, grasnidos de gaviões caçadores voando baixo, gritos de aves reclamando socorro, o aroma caricioso do tinguy torrado,*

BM3 - p.2, L.22/5 - \$ *Sabia também obscuramente, que, para diante, iria descer num noruegal, tão sombrio no esconso, que ali teria prestes de aletargar-se em irresistível modorra, conforme anteriores experiências pouco agradáveis.*

BM2 - p.189, L.13/6 - *Fugiu da queimada, colleando furiosa, e nem poude escolher refúgio. Foi dar num noruegal, populoso de samambaias, e tão esconso e frio, que por lá perdeu dois dias, alethargada, e quasi succumbiu*

BM3 - p.2, L.25/8 - *Torceu rumo, desenvolvendo-se num rojar apenas um tanto menos tardo. Levava horas, sabia avançar sempre se escondendo, tudo nela era pavorosa cautela, jamais se apressava.*

BM2 - p.189, L.3/6 - *Mas, no dia seguinte, despertou com um susto e teve de se escoar urgente capim afóra. Não fósse mesmo a providencial proximidade do aceiro e mais da estrada, e Boicininga estaria perdida, com toda a sua calma e lentidão*

BM3 - p.2, L.28/36 - *Buscava espaço mais alto. Seguidamente assim*

e p.3, L.1/3 rastejou, até que veio dar em sítio propício.

§ Soerguida então um mínimo a frente, sem supérfluos movimentos, a cobra sentia o derredor: debaixo do ipê-branco, junto de uma touça de mastruço, com a proximidade de pedras, esconderijos ao alcance, rastros frescos de roedores, som agudo nenhum - justo quase o que ela desejara, nas intermináveis vigílias de sua hibernação. Só a sombra da árvore mudava sucessivamente de área, revelando a presença de objetos estranhos: uma lata com água e um coitêzinho flutuando, e, ao pé, com a fôlha-de-flandres faiscante, um canecão.

BM2 - p.189, L.17/27 - Mas, afinal, no meio de segunda-feira, houve sol suficiente e ella poudese desenvolver para um lugar mais alto. Deslocou-se até um ponto que achou maravilhoso, porque era quasi precisamente o que ella tinha encommendado nos interminaveis sonhos da sua hibernação: bons ares, bom chão, bca relva, esconderijos ao alcance, rastros de roedores, muito sol. Apenas a sombra do ipê-branco atrapalhava um pouco, mudando sempre de área; e havia dois objectos esquisitos, com os quaes talvez não valesse a pena tomar liberdades - uma lata de kerozene, com agua pelo meio e um coitêzinho flutuando, e, ao pé, com a folha-de-flandres faiscante, um canecão.

Or., 19 - Só ouvem os sons agudos

BM3 - p.3, L.4/6 - § Sempre a tactear, vibrando a língua bífida, Boicininga se *r[ms]ecolheu, com um frêmito de retornos flácidos, em recorrência retorcida,

BM2 - p.189, L.28/31 - *Sempre tateando com a dupla lingua, Boicinga distendeu todos os anéis marchetados, traçou um oito, depois um lemniscato, depois um seis, e depois ainda um arabesco bem tortuoso- um S itálico dentro de uma ellipse irregular ,*

Or., 19 - *tactura = ato de tactear*

Or., 19 - *enovelar-se/novelo*

corda

rodilha

engatilhado

alças

poliédrico

BM3 - p.3,L.6/7 - *no escorrer de corpo sôbre corpo; enrolava-se em rôscas, já era um novêlo:*

BM2, p.212,L.14/7 - *reentrando, num peganhento escorrer de corpo sobre corpo. \$ E, quanto mais aquellas argolas se abalavam,mais impossivel de se desenrolar parecia o desconforme novêlo*

BM3 - p.3, L.8/9 - *a cabeça furtada, reentrada até ao centro dos grossos nós escuros, apoiada numa falda do tronco;*

BM2 - p.189, L.31/2 - *posto o queixo na falda interna do corpo montanhoso e prismático*

BM3, p.3, L.9/10 - *trazida a ponta do rabo com os cascavéis a cruzarem sôbre a nuca.*

BM2 - p.188, L.20/2 - *trazida a cauda cá adiante, com uma laçada bonita e os appendices corneos sobre cruzando a nuca, - e*

ficou descongelando o corpo

Or., 19 - maracá = chocalho, anéis córneos

Or., 19 - guizo caudal

chocalho = anéis córneos, imbricados entre si

Or., 19 - chocalho = anéis córneos, cada "muda"

BM3 - p.3, L.11/5 - Em alguma parte, naquilo, notava-se um ritmado palpitar, o ténue elevar-se e abater-se da respiração de [uma ras] criatura adormecida - o aspecto mais inocente e apiedador que pode oferecer um ser vivo. Tinha-se de atribuir candura ou infância àquele amontoado repelente.

BM2 - p.212, L.5/10 - Nos segmentos mais volumosos, notava-se o offêgo da respiração; e, sendo o batido de um corpo que respira adormecido o aspecto mais innocente e apiedador que pode exhibir um sér vivo, tinha-se de attribuir candura e infancia áquelle amontoado de roscas humidas, e isso era o mais horrivel de tudo.

BM3 - p.3, L.16/23 - § Porém, do ipê-branco, pendia, como comprida sacola de aniagem, um ninho de guaxes; e, em volta, o casal de pássaros operava com capricho, rematando-lhe a construção. Enquanto afême[Spp se/az]asinha, pousada no rebôrdo, se sumia lá por dentro, deixada de fora só a tesoura de penas amarelas, o macho salti[Spp c/t]ava pelos ramos, aos risos, voltando-se para os lados e espiando as coisas do mundo por cima dos ombros.

BM2 - p.190, L.1/9 - Mas, de-seguro, havia uma conspiração contra o

*seu bom humor: de um galho do páu-d'arco pendia, como
comprido sacco de aniagem, um ninho de guaxe; e, em volta
delle, o casal de passarinhos trabalhava com afinco, como si
achassem que o mundo já estava para se acabar. Enquanto a
fêmea, pousada no rebordo, sumia o corpozinho negro na
cisterna do ninho, deixando de fóra sóa tesoura amarella da
cauda, o macho salpelos ramos, dando risadas, volvendo a
cabecinha para os lados e espiando as coisas por cima dos hombros*

Cad. 2 - João Congo - passarinho meio sem-vergonha, invade os ninhos dos
outros, conquista as mulheres dos outros e volta para o seu
ninho onde a sua o espera. Faz um ninho só de gravetos,
dependuradinho nos galhos (ao lado um desenho com a legenda:
ninho de João congo)

E1(3) doc.149 - m% - marimbondos penduraram no ipê sua casola, côr de
cinza e em forma de um coração [B em lápis azul e, entre parênt.
pt inter.c./lápis azul]

E26 - doc. 9 - guaxe: ninhos superpostos, se balançando [GM- sem
indicação do conto]

EM3 - p.3. L,24/6 - \$E tanto pulou, que fez cair um estilhaço de
galho. Um graveto, cavaco infimo, e até florido,mas que
rodopiou no ar e veio bater rente Boicininga.

EM2 - p.190, L.10/2 - E tanto pulou, que fez cahir um estilhaço de
esgalho. Um graveto infimo e até florido, mas que rodopiou
e veio bater bem sôbre o az-de-espadas da cabeça de Boicininga

EM3 - p.4, L.26/8 - Súbita: como se distendeu e levantou-se, já em
guarda, na postura defensiva de emergência,

armado o arremêso.

BM2 -p.190, L.15/8 - Prompta, reenrodilhou-se, rebulindo e cascalhando, para tomar a postura defensiva de emergencia, com a cabeça um tanto alçada e o resto da corda comprimindo o sólo para trampolinar bem o arremesso

BM3 -p.3, L.28/30- Suspenso o têrço dianteiro, numa flexuosa arqueadura, e contudo hirta, em riste a cabeçum az-de-espadas.

BM2 -p.190,L.31/3 - a metade traseira do corpo bem arrimada; o bote engatilhado na metade dianteira; alertada a elasticidade total dos músculos, para o recúo immediato

*BM3 -p. 3, L.30/7 -Sua fúria e ira derramaram-se tão prontas, que e p. 4, L.1 as escamas do corpo, que nem arroz em casca, ramalharam e craquejaram, num estremeção escorrido até aos ócos apêndices córneos da cauda, erguida a prumo, que tocaram sinistramente. Foi um tatar - *o [ms na ch] badalar de um copo de dados - um crepitar, longo tempo - depois esmaecendo, qual o sacolejar feijões numa vagem sêca.
\$ Silenciou.*

BM2 - p.190, L.18/22 - E a furia foi tanta, que as escamas, que nem grãos de arroz em casca, ramalharam e craquejaram, com o estremeção com que ella trouxe a raiva até aos cascaveis ócos, que badalaram sinistramente. Como um copo de dados. Depois esmaecendo que nem o saccolejar de feijões em vagem sêcca. Até que silenciou.

BM3 -p. 4, L.1/4 - Rebulindo, a serpe se recompunha, para

quedar aparentemente prostrada, calculada imóvel.

Desentorpecera-se de todo, porém, e jazia em secreta excitação.

BM2 - p. 190, L.23/5 - Mas, agora Boicininga tinha voltado com o odio, do guizo ás prêsas, um odio que duraria muito tempo: até que ella pudesse matar alguém.

BM3 - p.4, L.4/6 - Provocada, Boicininga se fizera a tensão de um ódio único, expectante, que deveria durar muito. Poderia esperar, semanas, tocando no mesmo lugar.

BM2 - p.190, L.26/8 - E se recompoz, boleando o laço, sinuoseando, distincta e tarda, porque, até para se enovelar em guarda definitiva, a cascavél gasta muito tempo

BM2 - p.187, L.25/6 - Provocado, é capaz de esperar mêsés, tocando no mesmo lugar, e entretendo-se, para passar o tempo, com trabalhos de alta chimica. E, como tem bóas agulhas e optima pontaria,

Or., 19 - aguda como uma agulha

Or., 19 - tensão

BM3 -p.4, L.6/11 - Tudo existia agora demais, em tórno dela, tudo a ameaçava. Ai de quem por ali viesse a passar, quem perto dela se aventurasse. Porque nela a vontade de ódio se prendera, ininterrupta: sob uma falsa paciência, maldita, uma espécie desesperada de pudor.

BM3 -p. 4, L.12/3 - \$ E, a partir dêsse momento, vista de frente, ella seria ainda mais hórrida

BM2 -p.191,L.4/5 -E, a partir desse momento, vista de frente ella
seria mesmo horrenda

BM3 -p.4, L.13/6 - No rosto de megera - escabroso de granulações
saliente [sic], com dois orificios laterais, com as escamas
carenadas e a pala de boné cobrindo a testa, como um beiral -

BM2 -p.191, L.10/3- O rosto de megêra, com mais dois orificios dos
lados da cara, estilizado em granulações salientes; as escamas
carenadas e a grande pala do boné cobrindo a testa, como o
beiral de um telhado.

BM3 -p.4, L.-16/20 - os olhos, que a principio lembravam os de uma
boneca: sôltos, sem vida, sujos, empoeirados, secos; mas
que, com o escuro risco vertical e a ausência de pálpebras,
logo amedrontavam, pela fria fixidez hipnótica de olhos de
um faquir.

BM2 -p.191,L.6/9 -Olhos que a principio parecem os de uma boneca:
soltos, sem vida, sujos, empoeirados, sêccos; mas que, com o
risco da pupilla a pino, e com a ausencia de palpebras, logo
amedrontam pela fria fixidez hypnotica das vistas de um fakir.

Or., 19 - (Olhos de Boicininga):

ausência

pelicula *sôbre[subl.spacej] o Nada

BM3 -p.4, L.20/3 - Tanto, que está quieta. Mas, se olhada muito,
parece retroceder, vai recuando, fugindo, em duração e
extensão, se a gente não resistir adianta-se para o trágico
fácies.

BM2 -p.191,L.31/4 - *Tanto, que ella está quiéta. Mas, si a gente olhar muito, ella parece recuar... vae recuando... vae recuando... fugindo para trás, em duração e extensão... É, si a gente não fizer fôrça, adianta a cabeça e avança para o ridiculo facies*

BM3 -p. 4, L.23/9 -Onde, por enquanto, a bôca era punctiforme, ridiculamente pequena, só um furo, mínimo, para dar saída à língua, onde parecia ter-se refugiado tôda pulsação vital; em seguida tomava o jeito da miniatura de uma bôca de pe[Spp o/i]xe; e, no entanto, no relâmpago de picar, essa bôca iria escancara-se, num esgar, desmandibulada imensa, pla[Spp h/n]a de ponta a ponta

BM2 -p.191, L.19/24 - Por enquanto, a bocca é irrisoriamente pequena, punctiforme: só o buraquinho para dar ás vezes passagem á língua, onde se parece ter refugiado toda a vida. Em seguida, toma o jeito de uma miniatura de bocca de peixe. É, no entanto, no momento de matar, essa bocca vae se escancarar, desmandibulada num esgar hediondo, de labio a labio em linha recta.

BM3 -p.4, L.30/5 - \$Tudo a desmarcava. Mesmo a côr - um verde murcho, verde lívido, sôbre negro, hachureado [sic], musgoso, remoto, primevo, prisco; êsse verdor desmaiado, antigo, que se juntava ao cheiro, bafiento, de rato, de ópio bruto, para mais angustiantemente darem idéia de velhice sem tempo, fora *da sucessão das **do fundo das [ms] eras.

BM2 -p.191,L.25/30 - *Mesmo a côr é apavorante: verde-murcho, verde*

livido, verde musgoso, hachureado, remoto, primevo, prisco. É essa macilencia, esse verdor desmaiado, antigo, antiquissimo, só rivaliza com o cheiro bafiento do ópio bruto da Anatólia, para ser a coisa que mais abafadoramente pôde dar a idéia de velhice sem tempo, fóra da successão das éras

Or., 19 - das entranhas das eras

BM3 -p.5, L.1/6 - \$ Porque tudo fazia que ela semelhasse, primeiro, um ser vivo, muito vivo, muito perdido e humano; muito estranho: um louco, em concentração involuntária, uma estrige, uma velhinha velhissima. Depois, um morto vivo, ou muito morto, um feto macerado, uma múmia [sic] uma caveira - que emitisse frialdade.

BM2 -p.191, L.14/8- *É tudo isso faz que ella seja, primeiro, um ser vivo, muito vivo, muito humano; mas estranho: um louco em concentração involuntária, uma estrige, uma velhinha velhissima. Depois, morto-vivo ou muito morto: um feto macerado, uma múmia, uma caveira, que emittisse frialdade*

BM3 -p.5, L.6/8 - Era um problema terrífico. Era a morte. Boicininga estava eterna. Talvez necessária.

BM2 -p.192, L.2/5 - *Boicininga estava eterna. \$ É o ser vivo que se aventurasse agora em seu terreno estaria perdido, porque cascavél impassível é cascavél raivada, e cascavél raivada jamais falha do primeiro bote.*

BM3 - p. 5, [cifração entre as linhas 8/9 - divisão inter. da narrat.]

BM3 -p5, L.9/13 - \$ Uns homens, que trabalhavam mais abaixo, não ti-

nham escutado o crotalar da t[Spp rág/étr]ica fanfarra, não podiam saber da presença de Boicininga, latente na erva, junto da lata d'água. Eram, por enquanto, cinco. Eles roçavam na aba da encosta, preparando chão para o plantio.

BM2 -p.191,L.6/9- \$ Os homens que capinavam lá em-baixo não tinham podido ouvir o crotalar da tragica fanfarra. Não podiam adivinhar que a boicininga estava perto da lata de agua, dissimulada na grama, esperando

Or.,19 - [ms] -Os homens que [capinavam ras] ****trabalhavam,****

lá embaixo não tinham podido ouvir o crotalar da trágica fanfarra. Não podiam adivinhar que a boicininga estava perto da lata de água, dissimulada no capim e fôlhas sêcas, esperando. Eram cinco homens e uma cobra, e o daqueles que tivesse sede primeiro teria de morrer.\$ Eles roçavam, no baixo da encosta, preparavam o terreno para o plantio de feijão. + João Ruivo, Mozár, Gregoriano, Batistão, o Janjo, Seu Quinquim [marg. dir]

EM3,p.6, L.1/10- \$ Iam com muita regra, tão a rijo como podia ser. As fôlhas das enxadas subiam e desciam, a cortar o matinho, aguentando o rojão em boa cadência. O calor ainda era forte, o dia violento. Descalços, alguns déles nus das cinturas para cima, curvados, despejavam suor, com saúde de fôlegos. Não falavam entre si, capinador quase não conversa. Só, de raro, ouvia-se alguma voz de trabalho, em meio ao batidão ritmante: \$ - Ehm? \$ - Hem!

E.23, doc.26 - CAPINA = eitos. Todo o mundo naquêle "batidão".

Batido ritmado. Malandro: tôda a hora está encabando

a enxada. Capinador quase não conversa. Entre cantigas: vivas e goles. Quem tira a cantiga. [Nota, dat, fornecida por Américo Barbosa] [não tem indicação do conto]

E25 - doc. 70 - com muita regra (Bicho Mau?)

E25 - doc. 56 - , "tão rijo como podia ser" (Bicho mau ?)

E27 - doc. 27 - m% - o dia violento (Bicho Mau?)

E27 - doc. 6 - m% - voz de trabalho (Bicho Mau?)

E25 - doc. 72 - Khém? - Hem (Bicho Mau?)

BM3, p.6, L.11/4 - \$ Puxariam até à tarde. [No mais alto, o ponta, o prêto Gregoriano. De contra-corte, a seguir, João Ruivo. O Egídio, no meio. De contra-beirada, o Jimino. Manuel da Serra, cá embaixo, como beiradeiro: no cart, ras, graf]

Or., 19 - O Egídio, arrimado a um mourão

Manuel da Serra, de chapelão na cabeça, paletó comprido, claro.

Um vultozinho - o Jimino

João Ruivo, que quieto não parava

o prêto Gregoriano

BM3, p.6, L.15/22 - \$ Entretanto, chegara também o seo Quinquim, filho do dono da fazenda. Viera para ver, não precisava de pegar no pesado. Mas o seo Quinquim se sentia cheio de ardor, e queria acoroçoar os outros. Pelo que era ali o chefe de lavoura, era quem iria botar roça, por própria conta. Seo Quinquim tomou lugar entre Manuel da Serra e o Jimino, e foi rompendo, com muita vontade. Redobrou-se o vigor da

labutação, as enxadas timbravam.

BM2 -p.193,L.4/11- \$ Seu Quinquim adorava a mulher. Na vespera, domingo, fôra ao arraial comprar bacalhau salgado, só porque ella tinha tido um desejo. No almoço de hoje tinha comido do bacalhau - não gostava muito, mas ella pedira que elle comesse junto. Bacalhau salgado faz muita sede. Por isso, sem saber, elle estava agora em grande inferioridade de condições. Só bebendo um golinho d'água... Mas, não: devia dar o exemplo. Capinaria mais um trecho. Sinão o João Ruivo ainda ia ficar mais malandro. E seu Quinquim redobra de vigor.

E27 - doc. 41 - m% Entretempo, (começo de parágrafo) (B.Mau?)

EM3,p.6, L.22/5 - Só era um dia muito claro, ainda não muito triste.

E sendo pois assim, seis homens, e uma cobra; e o daqueles que tivesse sede primeiro, provavelmente teria de morrer.

BM2,p.192,L.9/10 - E eram pois três homens e uma cobra, e o d'aquelles que tivesse sede primeiro teria de morrer.

E15(1) - doc.35 - m% - sendo pois assim, (Bicho Mau ?)

E14(1) - doc. 72 - m% - Só era um dia triste

EM3,p.6, L.26/30 - \$ E êles estavam no ignorar. Sujeitos a seus corpos, seus músculos, pouco e mal ali tentavam algum pensamento. Davam o de seu, viviam o esforço do instante, com nenhuma margens. Nem sabiam de nada, a vida tomava conta dêles. Ganhavam seu pão. Aquelas caras suavam.

E.24,doc 18 - m% - Aquelas caras suavam, -

BM3,p.6, L.31/3 - \$ De repente, o Egídio parou e levou mão à testa, se enxugando. Olhou para lá. O sol tirava um reflexo na lata, que reluzia.

BM2,p.192,L.18/9 - \$ De repente, o Egydio parou e levou a mão á testa, se enxugando. Olhou para lá: um raio tirava reflexos da lata de agua.

BM3,p.6, L.33/7 - Aquela lata carecia de ser mudada de lugar, a e p.7, L.1/3 - água se esquentava. Mas o Egídio havia encostado ainda havia pouco a ferramenta, para enrolar um cigarro, seo Quinquim podia pensar que fôsse mandriagem. O Egídio tinha nove filhos pequenos para sustentar, além da mulher e sogra, todos com sadia fome e fraca saúde. Por isso, mais triste, mais tímido, sentia a goela apertada e a boca áspera.

BM2,p.192,L.20/3 - Mas o Egydio tinha encostado a ferramenta, havia pouco, para enrolar um cigarro. Seu Quinquim podia achar que era muita mandriagem. O Egydio tinha nove filhos, afóra a mulher, para sustentar, e por isso estava sempre tímido.

BM3 - p.7, L.3/16 - O Egídio não cogitava em que, se agorinha morresse, ganharia o prêmio de uma libertação; tão pouco cuidasse que **a **sua*** morte poderia deixar no duro desamparo os que dependiam de seu amor e de seu dever. O Egídio achava um sossêgo para a idéia, quando brandia a enxada. \$ Prêto Gregoriano, [o ponta: ras] era quem se achava mais perto da lata d'água, e talvez, portanto, em perigo mais fácil. E êle era o mais velho de todos, de

cabelos embranquecidos, tinha vivido muito, demais, já pisava a tristeza da idade. Se bem dividisse com Manuel da Serra a fama de melhor trabalhador, seu lidar não produzia mais tanto, êle se fatigava sempre, volta e meia tinha de estacar, num esbafo, doía-lhe o peito, doíam as cadeiras, ficava com os bofes secos.

E25 - doc. 70 - m% - bofes sêcos (sêde) (Bicho Mau?)

EM3 - p.7, L.16/27 - Precisava de um repouso, de um longo repouso, de arriar o fardo. Só que o trabalho distraía-o também das melancólicas lembranças, fuligem de recordações. As vêzes, gostaria de dar uma conversa, da qual esperasse não sabia que desconhecido consôlo, que conselhos de animação. Tinha mêdo de pensar no adiante, mêdo do que ia querendo imaginar. O prêto Gregoriano rezava, apenas, e se pacientava. \$ Manuel da Serra, prêto também, graúdo, espadaúdo, era ali o mais competente braço, cabo mestre no trabalho, e homem de muita razão.

E27 - doc. 28 - m% Homem de muito boa razão (Bicho Mau?)

EM3 - p.7, L.27/37 - - "Eu, cá, pra comer e no trabucar, não e p.8, L.1/4 - sou mesquinho..." - êle mesmo de si dizia. Viúvo, pai e avô, assim contudo ainda vivia muito por si, capaz de astutas alegrias. Esperava a hora da janta: - "Hora de Deus, a hora abençoada!..." E esperava uma festa, que ia haver, no sábadó, no Joaquim Sabino, aonde ia ir uma mulher chamada a Macambira. Tudo o entusiasmava, êle se gabava de guiar valentemente o pessoal, e se influí*r[na

chja ainda mais com a chegada do seo Quinquim. Manuel da Serra, sem que bem o soubesse, se achava apropiad*o[ms] e pronto para qualquer comprida viagem. \$ João Ruivo, cachaceiro, treteiro, ruim, lardeia o quanto pode, a tôda hora está encabando a enxada, se negando seja que fugindo, quebrando a canga. Vadiava sem preceito nem respeito, prezava-se de muito esperto.

BM2, p.192, L.25/9 - João Ruivo vinha capinando na rabeira, porque não gostava nada nada de trabalhar. Bem que a cada minuto a sêde crescia. Tinha a goela apertada e a bocca sêcca. Mas não gostava de agua. Gostava era de pinga. E, como gente ruim está livre de riscos, não foi.

p.192, L.20/3 - Porém João Ruivo não tem medo de nada. Sem preceito nem respeito, não se aperta. Está com a bocca amargando; só bochechando um pouco.

E27 - doc. 28 - m% - Prezava-se de muito esperto (Bicho Mau?)

BM3, p.8, L.4/10 - Vem-lhe forte a coisa. João Ruivo deixa em pé a enxada, e vai. A passo firme. A meio do que caminha, porém, pára. Retrocede. - "Só `cascar um ananás, ali?" - roga permissão. Por ora, dessa não-feita, está salvo. Toma em direção às touceiras das bromélias, que crescem e amadurecem na meia-encosta.

BM2, p.193, L.23/32 - \$ Deixa a enxada em pé, e vae. Mas, que anjo-da -guarda tremendo teem esses bêbedos! Fez meia-volta. Retrocedeu. \$ - A gente póde `cascar um `nanaz d`aquelles alli, Seu Quinquim?... \$ -Póde, mas anda depressa!... Você não rendeu nada hoje, sua tarefa está por pouco adiante

da metade... \$ João Ruivo, cynico, sorri. E corta caminho em direcção ás touceiras das bromelias da encosta, em lindo alinhamento de rosetas e balões de ouro de cocar. João Ruivo, por ora, está salvo.

R.23, doc. 26 - Ananás-do-campo - brácteas vermelho vivo, e flores violáceas. Folhas de verde muito claro. Espalham-se no solo, em forma de estrela. [não há indicação do conto]

R25 - doc.a/n - Ananás = abacaxi selvagem (não cultiv.) [sem indic.do conto]

BM3 - p. 8, L.10/23 - Manuel da Serra ainda comenta, despectivo:- "Isto não é de meus consumos..." E o Jimino assiste muito àquilo, talvez com inveja. Porque o Jimino, quase um menino, estranhado, abobado e humilde, jamais acharia em si coragem para proceder assim. \$ O Jimino não aprendeu ainda a aguentar uma idéia firme mais ou menos na cabeça, sua sina não está ainda em nenhum poder dele. É um ser enfezado, mal desenvolvido, num corpo sem esperanças; fôsse êle o que morresse, que era que assim o mundo perdia? É já descambava o sol. [Spp O/C]om pouco mais, vão largar o trabalho. Se até lá, no findar do prazo, nenhum outro se oferecer ao bote da cascavel, o infeliz será mesmo o Jimino, a quem compete carregar, de volta, lata, caneco e cuia.

BM2,p.193,L.16/9 - \$ O dia vae acabar. O sol está se pondo. Daqui a pouco vão largar o trabalho. Si até lá ninguem se offerecer ao bote da cascavél, o infeliz será mesmo o Egydio, a quem compete carregar, de volta, lata

caneco e cuia.

BM3,p.8, L.24/7 - \$ Seo Quinquim olhou, também. Teria por gosto aproveitar uma curta folga. Colhêr um ananás? Não, dava muito trabalho. E estão azedos, decerto, apertam na língua, piores do que os gravatás.

BM2,p.193,L.33,4 - \$ *Então seu Quinquim também pára. Agora pôde p.194,L.1 -aproveitar a folga... Um ananaz?... Não, dá muito trabalho... E estão azêdos, apertam na língua, peores do que gravatás...*

BM3,p.8, L.27/31 - Seo Quinquim se mostra alegre, às vêzes banzativo, ora a dar um ar de riso, êle está nos dias de ser pai. Não tardava mais uma semana, a parteira já viera para a fazenda. Ah, fazia votos por que fôsse um menino.

BM2,p.192,L.30/1 - \$ *Seu Quinquim continuava cantando. Devia ser, no p.193,L.1/3 - maximo, dahi a três semanas. A parteira já estava na fazenda...Virginia esta passando muito bem... De certo que tinha de ser menino... A parteira já dera palpite. Primeiro filho... Homem... Que bom!...*

BM3 - p.8, L.31/6 - Um menino, para crescer forte, trabalhador, para p.9, L.1/17 continuar o continuado... Aquêle lugar, ali, iria dar uma boa roça, um feijoal e tanto, o chão era fresco, quase noruego, terra descansada... Sim, muito alegre, por porfia, por cima da caixinha fechada da tristeza. Nisso que não queria pensar, em que já se acostumara a não pensar. Na mulher, que não gostava dêle; na verdade, não gostava? Parecia que não tinha

gostado, nunca, só mesmo por conta da aferrada teima dêle é que ela um dia, por fim, concordara de casar; mas não mudara em nada, com o vir do tempo, não se acostumara em nenhum carinho, não aprendera os possíveis de amor. Natureza das pessoas é caminho ocultado, no estudo de se desentender. A mulher, Virgínia... essas coisas desencontradas da vida. Mas, com a vinda do filho, agora, aparecia também nova esperança, quem sabe... Ah, com o filho, a vida para o seo Quinquim subia por outra vertente, finda uma etapa. O feijão, aqui, vai dar, sobêrbo, o chão é o que vale, o refrigério do lugar... O feijão carece de três chuvas: uma semeado, outra [Esp. brco], [pt interr. marg.dir] a terceira na flôr... Isto a gente podia fiar do tempo, do bom ano... E - quem sabe da vida é a vida... O dia é que vai acabar, o sol já caído. Havia sede.

BM2, p.193, L.16 - \$ O dia vae acabar. O sol está se pondo.

K27 - doc. 39 - m% - Havia sede (Bicho Mau?)

BM3, p.9, L.18/9 - Em súbito, seo Quinquim cessa o serviço, anda.

João Ruivo pega do exemplo, também vem.

BM2, p.193, L.33 - \$ Então seu Quinquim também pára.

p.194, L.2/3 - Caminha para a agua. É o Egydio, que só estava esperando esse exemplo, vem logo atrás

BM3 - p.9, L.19/24 - Prêto Gregoriano acompanha-os, êle sorr[Spp o/i]u-se menos tristonho, se persignou. E Manuel da Serra, a seguir, com suas tão extensar passadas, não há ladeira que o acanhe. E o Egídio, fazendo o

cortêjo. Por final, o Jimino, que fechava a rabeira.

Caminham para a água.

BM3 -p.9, L.24/5 - São já poucos metros, só, entre o cá e o lá.

E27 - doc. 43 - m% - entre o cá e o lá (Bicho Mau?)

BM3 - p.9, L.26/9 - \$ João Ruivo, que vinha em segundo, retarda-se,

parece que deixou cair alguma coisa. Prêto

Gregoriano se detém também, espera. Mas Manuel da

Serra passa adiante, com a continuação do andar.

E25 - doc. 75 - m%, com a continuação do andar [Bicho Mau?]

BM3 - p. 9, L.29/37 - Emparelha-se quase com o seo Quinquim, vão a

e p. 10, L.1/4 modo que proseando. A bem pouquinhos palmos da lata de

querozene, da serpente de guizos, no ter de passar por.

Em fato, da morte. Manuel da Serra ri grosso, gostado.

O Egidio tossiu, mais atrás. Seo Quinquim fez alto, e se

abaixa para ajeitar uma perna da calça, que tinha

descido. Saiu um pouco do trilho. Mas Manuel da Serra

por sua vez estaca, respeitoso, sem querer tomar-lhe a

dianteira, pelo espaço mínimo, que medeava. Seo

Quinquim acertou a barra da calça, arregaçou-a até

quase ao joelho. Também está descalço. O lugar é

limpo, nem é preciso a gente olhar para o chão; algo

está-lhe diante do pé...

BM2, p.194, L.4/12 - A vinte metros da lata de kerozene, a dezenove e

meio metros da serpente de guizos, seu Quinquim faz

alto, e se abaixa para ajeitar uma perna da calça,

que tinha descido. São um pouco do trilho, dando

caminho ao Egydio. Mas o Egydio também estaca, respeitoso, sem querer passar-lhe á frente. Prompto. Seu Quinquim concertou a calça, arregaçada acima dos joelhos. Tem pernas pelludas, mas muito claras, e pés também claros; poruge está descalço. \$ Lugar limpo, nem é preciso a gente olhar para o chão.

E27 - Doc 43 - entre o cá e o lá. Bicho mau?

BM3,p.10, L.5/10 - \$ Só foi um grito, todo, sustoso, desde entranhas:

- "Minha Nossa Senhora!..." A cobra picara. A coisa golpeara, se desfechara - feito um disparo de labareda. Picara duas vêzes. E o chocalho matraqueou de novo, soturno, sêco. Tudo durara um passo do homem,[há vg] Tão ligeiro, que seo Quinquim sentira os dois ímpetos numa açoitada só.

EM2,p.194,L.13/25 - \$ *Perfeita na sua vigilancia, a boicininga viu o tornozelo avançando na zona prohibida, e desfechou meio corpo, num desespiralar de mola tensa, picando em cheio e regressando sobre si mesma, já com o segundo bote armado. E, como o pé, humano, enorme, calcasse o chão, mais perto, ella se projectou inteira, como um elástico de gomma; outra picada e um laço cingindo os malléolos; com tanta furia que nem poude desanzolar as prêsas; e o chocalho vasculejou de novo, matraqueando soturno e sêcco. E esse era o golpe arrisca-tudo, que a cascavél guarda para os grandes momentos.\$ Tudo isto durara um passo do homem. Tão ligeiro, que seu Quinquim sentiu os dois arremessos sommados numa chibatada só.*

EM7 doc. 5 - m% - numa elasticidade de labareda [Bicho Mau?]

EM3,p.10, L.11 - \$ - Valei-me...

EM2,p.194,L.26 - - Minha Nossa Senhora! Valei-me!...

EM3,p.110, L.12/9 - \$ Derreou o busto e desceu mão, à tonta e à pronta, por um pau, uma arma, um trem qualquer. E viu, aquilo: a rodilha monstruosa, que se enroscava e vibrava, enorminho bôlo, num roçagar rude, um frio ferver. O asco, pavor e gastura, imobilizaram-no, num ricto de estupor. Seo Quinquim, altos os cabelos, arregalava os olhos para a visão constringente, odiosa, e [Spp n/ê]le malros[Spp h/n]ava sons na garganta.

EM2,p.194,L.27/34 - \$ *Derreou o busto e desceu instinctivamente a mão, á procura de um páu, de uma arma, de uma coisa qualquer. Pulou de lado, e a cascavél veiu tambem. E, ao sentir o frio viscoso, a constricção, e ao vêr o monstruoso rôlo polyedrico enroscado na sua canela, - a repugnancia, a "gastúra", o pavor especifico que os ophidios inspiram ao homem, peór do que a sensação real do perigo, immobilizaram-no todo, num ricto de estupor, cabellos arrepiados, olhos arregalados, malrosnando sons na garganta*

EM3,p.10, L.20/1 - \$ Uns dos companheiros gritaram, se atarantavam: -

"São Bento! São Bento!...

EM2,p.195,L.1/3 - *Egydio Souza, que vinha junto, quasi desmaiou.*

Afinal, poudo correr, atarantado, vendo se catava uma

vara ou uma pedra, e gritando: "São Bento! São Bento!..." - São Bento!..."

EM3,p.10, L.21/5 - Mas João Ruivo acudira, brutesco, resolvido,

brandia o facão, dava cabo da cobra. Manuel da Serra amparara seo Quinquim, cambaleante, só a se lastimar" - "Estou morto, minha gente... estou morto..."

EM2,p.195,L.4/12 - E foi João Ruivo quem acudiu, de enxada erguida,

doido para matar cobra. Enfiou a ponta do cabo no laço medonho, e puxou para lá. Que nada! A cobra se desatou da perna de seu Quinquim, mas os dentes continuavam seguros. Foi preciso João Ruivo tirar o facão e decepar-lhe o pescoço. Ahí, a dedos, arrancou a cabeça, tendo de lacerar as carnes do offendido. \$0 Egydio amparou seu Quinquim, cambaleante, que só então pode se lamentar: \$ -Estou morto, minha gente!... Estou morto...

EM3,p.10, L.26/9 - \$ Cairá sôbre os joelhos, caía sentado no capim,

caiu e estendeu-se ao comprido. Pintara-se muito branco, mastigava sem nada e engolia em sêco. Depois, ficou de bôca aberta, soprando cansaço.

EM2,p.195,L.13/5 - Cahiu sentado no capim. Muito branco. E

mastigava sem nada e engulia em sêcco. Depois, ficou de bocca aberta, soprando cansaço.

E15(2) - doc.59 - Bento caíra sobre os joelhos

EM3,p.10, L.30/3- \$ João Ruivo, afadigado, retalhara o corpo da

cascaavel, que ainda se retorcia, longo ao léu,

flagelando a êsmo. Trouxe qualquer coisa sangrenta, que disse ser o fígado, e que foi esfregando no ponto da picada.

BM2, p.195, L.16/9 - João Ruivo, afadigado, sem perder um segundo, esmagara a cabeça da cascavél e agora retalhava o longo corpo, que ainda se mexia flagellando a esmo, em energicas contorsões. Trouxe qualquer coisa sangrenta, que disse ser o fígado, e que foi esfregando na ferida. Com muito bôa vontade e fedor de paraty

BM3, p.10, L.33,4 - MAnuel [sic] da Serra garrotava a perna de seo Quinquim, com uma correia.

BM2, p.195, L.25/7 - -Grita pra vêr si alguém vêm,, molleza! - ordenava João Ruivo ao Egdio, enquanto, lesto, garrotava com o cinturão de couro a perna do mordido, logo abaixo do joelho

BM3, p.10, L.34/5 - João Ruivo agora mas cava [sic]fumo, para pôr na mordida. Seo Quinquim gemeu:

BM2, p.195, L.34 - João Ruivo agora mascava fumo para pôr na mordida.

BM3, p.11, L.1/7 - gemeu: [sic] \$ -Não adianta... Já estou padecendo uma tontura... São Bento e a minha Nossa Senhora!..." \$ Soluçava manso, lágrimas vieram-lhe aos olhos, as mãos trêmulas apalpavam as medalhas de santos do pescoço, seu rosto parecia o de um menino aflito. Transpirava copiosamente. Gemeu, e levaram-no, carregado.

BM2,p.195,L.22/4 - - \$ Não adianta!... Eu morro... Meu Deus do

Céu!... - E as lágrimas vieram-lhe aos olhos e o seu rosto parecia o de um menino afflicto.\$ -Grita pra vêr si alguém vêm, molleza! - ordenava João Ruivo ao Egydio, enquanto, lesto, garrotava com o cinturão de couro a perna do mordido, logo abaixo do joelho. \$- 'cúde, gente! - gritava o Egydio, como um desatinado. \$ Seu Quinquim soluçava, pensando na esposa talvez. E as mãos trémulas apalpavam as medalhas de santos do pescoço. \$ Um outro trabalhador, que campeava as vaccas fugidas para o chão da queimada, tinha ouvido os gritos e chegara.

p.196,L.7 - Gemeu, e levaram-no, quasi carregado

BM3,p.11, L.8/11 - \$ O sol entrou. E a lata d'água ficou para ali, esquecida, inútil, como tudo o mais estava agora realizado e inútil, inclusive o corpo atassalhado e malaxado de Boicininga.

BM2,p.196,L.8/10 - \$ E a lata de agua ficou para alli esquecida, perfeitamente inutil, como tudo o mais estava agora realizado e inutil, inclusive o corpo atassalhado e malaxado de Boicininga.

Bm3, p.11, [cifrão entre as linhas 11/2]

BM3 - p.11, L.12/6 - \$ Não levaram o doente para a casa-grande da fazenda, mas sim trataram de o conduzir até a uma moradia de camaradas, que ficava cá embaixo, de um dos lados do eirado, entre o paiol e o engenho. E para tanto teriam

suas certas razões. Adiantando-se dos demais, foi

João Ruivo quem veio e subiu, para informar:

BM2 - p.196, L.11/6 - *A fachada da casa grande, assobradada, de escada e varanda, ficava no fundo da praça - o eirado e os curraes. E, ladeando os curraes e o eirado, á direita: o paiol, a tulha, o engenho, o moinho e o chiqueiro; e, á esquerda: a coberta dos carros, o depósito e a morada dos camaradas, para onde levaram seu Quinquim. para isso tinham boas razões. \$ João Ruivo subiu para avisar:*

BM3 - p.11, L.18/9 - \$ *A gente trouxemos o seo Quinquim... Um bicho mau ofendeu a êle...*

BM2 - p.196, L.18/9 - - \$ *Nós trouxemos seu Quinquim... Um bicho máu offendeu elle...*

BM3 - p.11, L.20/3 - \$ *Nhô de Barros, o pai, não baqueou. Sômente d[Spp d/e]lesceu muito os braços, como que esticados, sob simples estremecer, e, levantados os ombros, se endireitava, entretanto enquanto. Deu uma ordem*

BM2 - p.196, L.20/1 - \$ *Nhô Ignacio não baqueou. Só fez carranca. E ordenou a seu Ricardinho*

Or., 19 - *Nhanhonha \$ Dona Bernarda \$ Dimiciano \$ Jacinto \$ [o Janjo ras] \$ [Gregoriano ras]\$ [Batistão ras] \$ Nascimento \$ o Quilengue \$ Arlindo \$ Mozár \$ Eulina \$ Agueda*

BM3 - p.11, L.24/6 - \$ *-Seo Dinho, corre ligeiro, no Jerônimo, e fala que um bicho mau ofendeu o seu irmão. Chega dizer isso, que êle lá sabe...*

BM2 - p.196, L.22/4 - -§- Corre lá no Jeronymo, e fala só que um bicho máu offendeu seu irmão!... Vae correndo, ligeiro mesmo! É só falar, que elle lá sabe...

BM3 - p.11, L.27/33 - § Mas as mulheres, e os meninos, acorreram; pareciam ter adivinhado, no lúcido, tonteante atinar, com que as desditas vêm de dentro. Olhavam-se, feito se pedissem uns aos outros um tico de salvação, e contudo de brusco alheados de entre si, isolados mais, sequestrados pelo sobressalto. Todos, sem ajuntar idéias, tinham, primeiro, contundente, a crença no pior.

BM2 - p.196, L.25/6 - § Mas o mulhero parecia ter adivinhado, e accorrera.

E24 - doc. 58 - m% - sem ajuntar idéias

BM3 - p.12, L.1/14- § -"Essas coisas, esta vida..." - começou Nhô de Barros, lamuriado; mas logo reforçou a voz, em tom geral: - "Há de ser nada, o Quincas vai ficar bom!..." Já indo para sair, fêz gesto de não querer que ninguém o seguisse. Nem Dona Calú, que *ainda [na ch] silenciava, nessa hesitação em principiar a sofrer, dos velhos, que antes param em si, e demoram um instante, como se buscassem, prèviamente em seu íntimo algum apóio, quaisquer antigos e provados recursos de consôlo. Seu olhar e o de Nhô de Barros, juntos, foram para Virginia, a espôsa, que lívida, pasma, não dava acôrdo de coisa nenhuma. Olhavam para o seu rosto, e

para o seu ventre cresci[Spp d/o] \$ - "Ele está vivo, Deus é grande!" - e Dona Calú deixou correr as primeiras lágrimas; mas o seu era um choro sóbrio, manso, sem esgar nem rumor.

EM2 - p.196, L.26/31 - E Virginia, a esposa, ouviu, e levantou os braços, exclamando: \$ - Coitado do meu marido!... Meu Deus do Céu! O que será do meu Joaquim!... \$ Ahi, todas, inclusive a meninada, pegaram no choro e nos gritos, precisando que Nhô Ignacio interviesse, bravo: \$ - Quiéto, gente; deixa de bué, que o Quincas p.197, L.1 - ainda está vivo, e Deus é grande!... -

Or., 19 - -Essas coisas... -[ileg. ras] \$ -"Essas coisas, esta vida..." - começou a tartamudear Nhô de Barros; mas terminou, reforçando a voz: - "Isto não há de ser nada, com o Quincas!" Já ia saindo, a descer a escada da varanda, com um meio gesto quis dizer que os outros ali ficassem, ****que**** esperassem. +E voltou-se ainda [marg.dir] [Dona Calú ras] ****para**** Dona Calu ****calada ras na ch**] silenciava, [Ras] nessa demora que têm os velhos, uma hesitação antes de começar a sofrer, que antes aguardam, param um momento, como se buscassem previamente, de dentro de si, antigos e provados [aprovados ras] apoios, recursos de consôlo. \$ Ambos olharam para Virginia, a esposa, que parara, pasma, lívida, estreitada, não dava acôrdo de coisa nenhuma. Olhavam para o seu rosto, e para o seu ventre crescido

E25. doc. 83 - não dava acôrdo de coisa nenhuma

BM3 - p.12, L.15/39 - \$ Então, Virginia, como se recuperasse um perdido fôlego, gritou, se desabafou: - "Coitado do meu filhinho, que vai nascer sem pai..." E era estranho ver como, de súbito, sem que tivesse feito qualquer brusquidão de movimento, ela se desgrenhara. \$ - "Não agoura, menina... Não agoura!" - ralhou, baixo, Dona Calú, se benzendo. \$ - "Meu marido..." - gemeu apenas Virginia, tôda [Ras] sacudida de soluços, ela parecia uma pessoa ansiando por sair dêste mundo. \$ Mas Dona Calú, que se aproximara, nela quase encostada, sussurrou, inesperadamente ríspida, como se com ódio e náusea: - "Agora é que você fala assim, dêste jeito? [aspas ras] Agora?!..." - \$ Virginia parecia não entender. As duas estavam de fato a sós, na sala-de-fora, todos os outros tinham ido para a varanda, para ver Nhô de Barros, que a passos compridos lá transpunha o eirado. Dona Calú continuou: \$ - Agora, então, [V ras parc]ocê já gosta dêle?!" - sibilara. \$ Virginia **baixou os olhos, [na ch] ainda não entendia, [mas o ras] o olhar [da outra ras] de Dona Calú subjugava-a. Mas, pronto, ergueu de novo a cabeça,

BM3 - p.13, L.1/29 - [numa ras] numa audácia de angústia: \$ - E meu marido, eu quero ir para perto dêle!" \$ -"Ir, você não vai, de jeito nenhum. Você sabe que mulher prenhe não pode entrar em casa em que esteja pessoa ofendida de bicho mau? Por amor dêle, mesmo, então,

você devia deixar dessa doideira!... \$ E Dona Calú quis segurá-la, nem de leve, porém, chegou a tocar-lhe. Virginia, mesma, se abraçara com a outra, começando outro pranto. Juntas, choravam mais amplo, e de outra maneira. \$ Tudo o que houve, não foi longo. Interromperam-nas os outros, assustados de fora daquela estreita lamentação. E chegara o Odórico, vindo de lá, da moradia dos camaradas, êle se esforçava por mostrar um sorriso, saído de pesada seriedade. \$ - O Quincas está sossegado, Mãe... \$ Ai, resposta sôbre resposta, falaram as duas, de novo apartadas, falavam um rude desentendimento, uma aversão crescente, [Dona Calú ras] era como se, materialmente, mesmo, as duas vozes se defrontassem, se empurrassem, no ar, igualmente implacáveis, se bem que uma soasse quase indecisa, branda, e a outra vibrasse num ímpeto de frenesi: \$ - Ele melhorou? Disse que quer me ver?... E o médico? Já foram chamar o doutor?... - e Virginia avançara para o cunhado, segurava-lhe os braços, agarrava-o, seus olhos eram para doer nêle. \$ - Já foi recado p`ra o Jerônimo Benzedor, que cura... - Dona Calú [acento ms] quis explicar, sua mansidão era extrema, aguda.

BM2 - p.197, L.2/34 - \$ E desceu para vêr o doente. \$ Dona Calú, a mãe, lacrimejava mas aguentava na fibra, ainda tendo mão na nóra, que se arrepejava, desvairada. \$ -Deixa de desatino, minha filha!... Que é isso?!... Tem fé em Deus. Olha que assim tu vae fazer mal á

criancinha... Vae rezar, sosséga!... \$ Virginia desabafou, se desgrenhando ainda mais: \$ - Coitado do meu filhinho, que vae nascer sem pae!... \$ Mas Dona Calú subjuguou-a, quasi com violencia: \$ - Deixa de agouro, sabe?!... Tu não é mais nênem, p'ra fazer dessas bobagens!... \$ E a outra: - Me larga, me deixa ir para perto d'elle!... \$ - Você sabe que não pôde! Nesse estado... \$ - Posso! Posso!... E meu marido, eu quero ficar perto d'elle, ao menos! Me deixa!... \$ - Ir você não vae, de jeito nenhum!... Você sabe que mulher prenhe não pôde entrar no quarto de pessoa mordida de bicho máu... Por amor d'elle mesmo, você devia deixar dessa doideira!... - sibilou Dona Calú, arrastando Virginia, aos repellões. \$ Então a coitadinha serenou e ficou abraçada com a velha, chorando mansinho, toda sacudida de soluços. \$ - Minha filha, não vae ser nada, você vae vêr... - \$ E Dona Calú, rígida, tésa, amparava-a e afagava-lhe os cabellos. As lagrimas lhe corriam tambem na cara, mas o seu era um choro sóbrio, sem esgar nem rumor. \$ Odórico, o filho mais moço, chegou: \$ -Elle quer vêr a senhora, mãe... \$ Ahi, de chofre, Virginia se desprende do collo da sogra: \$ - Elle está falando?!... Falou em meu nome?!... Como é que elle está, hein?... E o medico?!... Já foram chamar o Doutor?!...

p.198,L.1/2 - O que é que estão esperando para chamar o Doutor?!...

Dona Calú quiz explicar, meia no sem-jeito: \$ - Já

foi recado p'ra o Jeronymo benzedor, que cura...

E25. doc. 83 - começou outro pranto

EM3 - p.13, L.30/5 - \$ - Mas, e o médico também?... É preciso ir
chamar, ligeiro, buscar recurso de farmácia,
remédios! Anda, Odórico, o que é que você está
esperando?!... \$O Jerônimo cura, mas a gente não pode dar
remédio de farmácia, minha filha... - Dona Calú
[Spp do/cr]uzara as mãos, ao peito.

EM2 - p.198, L.7/9 - \$ - *O Jeronymo cura, mas a gente não póde dar
remedio de pharmacia... - objectou Dona Calú, sempre
com as mãos dobradas no meio do peito.*

EM3 - p.14, L.1/26 - \$ - Não! Pelo amor de Deus!... Curandeiro não
sabe de nada, é homem ignorante. É preciso é de ir,
já, chamar o doutor... \$ - Pois seja, menina. Você
manda e desmanda, o que bem entender... Eu vou até lá,
vou falar com o Inácio... \$ Dona Calú [acento ma] saiu, sua
lentidão era astuta e digna, tôda um pouquinho de
terríveis fôrças, uma vontade que se economizava. \$
Mas Virginia recrudesceu de seu desvario, dirigindo-se
ao rapaz: \$ - Então, Odórico? De galope, vai! Traz o
doutor, de qualquer jeito. Assim você ainda pode salvar
meu marido, pode salvar o seu irmão... \$ - Está bem. Lá
vou... - o outro obedeceu, consternado, tartamudeara.
Foi pegar o chapéu, e se foi. \$ Sôlta, só, Virginia
ofegava, parecia vencida por fadiga imensa, não
chorava mais. Veio para a varanda, debruçou-se no

parapeito. De repente, foi noite, anoitecera assim, era o corpo da noite, apenas, e, lá embaixo, a casa de moradia dos camaradas, onde havia uma luzinha. Era uma mulher com os cabelos arapoados, desfeitos, o corpo disforme, as pernas inchadas, **os inflamados olhos vermelhos, [na ch] descalça, como perdera os chinelos, até as feições do rosto estavam mudadas. Era uma mulher, ao relento, parada, estreitada, ante o corpo da noite, podia voar dali, coração e carne. Seu clarear de dor era uma descoberta, que acaso ela mesma ignorava.

EM3 - p.14 - [três cifrões, fim da página]

E27 doc. 28 - m% - o corpo da noite

Or., 19 - Então, o sofrimento [abriu ras] acendeu [na ch] para ela todas as *luzes [na ch]/

EM3 - p.15, L.1/4 - \$E, cá embaixo, estirado no catre, prostrado, com suor copioso no peito e tremor por todo o corpo, seu Quinquim gemia, fazendo força para não invocar, nem em pensamento, a lembrança e o nome da mulher.

EM2 - p.199, L.4/7 - \$ E, lá em-baixo, estirado no catre, prostrado, com suor copioso no peito e tremor por todo corpo, seu Quinquim gemia, fazendo força para não invocar, nem baixinho, nem em pensamento, o nome da mulher.

EM3 - p.15, L.5/B - \$ Sentado aos pés do catre, Nhô de Barros descobria a perna maltratada, para a examinar. Não

inflamara, quase. Só, ao redor do sinal das prêsas da cobra, formara-se uma zona escura[ms na ch]a.

BM2 - p.199,L.8/10 - \$ Sentado aos pés do catre, Nhô Ignacio cobria e descobria a perna maltratada, para a examinar. Quasi não inflamara: sômente, ao redór da picada, uma zona escura.

BM3 - p.15,L.9/17 - \$ Doi,Quincas? \$ -... Nos braços, na barriga da perna, no corpo quase todo... A nu[Spp va/ca ms] está dura, estou ficando todo duro, o corpo todo dormente... êste lado de cá está esquecido. E a goela está começando a doer também... Acende a luz, Pai! \$ A resposta saíra a custo, com grande esforço de lábios e língua. Seo Quinquim mal podia movimentar a cabeça. E suas pálpebras estavam muito caídas.

BM2,p.199,L.11/6 - \$ -Dóe muito, Quincas?... \$ A resposta saíu a custo, gaguejada, com grande esforço de lingua e labios: \$ - Não... Só um pouco, na barriga da perna... Mas o corpo está dormente... o lado de cá está esquecido... E a guéla está pegando a querer doer... Accende a luz, pae!...

BM3 - p.15, L.18/22 - \$ A luz está acêsa, Quincas. Olha o lampeão aqui...\$ - Ahn... Então vosmecê chegue mais para perto, Pai... Não estou enxergando. Ai, meu Deus, será que eu já estou ficando cego para morrer?... Virginia...

BM2 - p.199,L.16/20 - \$ A luz está accesa Quincas: olha o lampeão ahi... \$ - Ahn...Então chega aqui mais p`ra perto,

*pae... Não estou enxergando quasi ... Só vejo um vulto...
 Ai, meu Deus... Já estou ficando cego p'ra morrer!... Não
 deixem eu morrer sem vêr Virginia!... Qu'ê-de Virginia?...
 Chama ella, pae*

Or., 19 - Cascavel:

- 1) perturb. ou abolição da visão
- 2) ap. locomotor até à paralisia
- 3) parada respiratória morte

BM3 - p.15,L.23/35 - \$ Os outros, que se achavam no quarto,

*entreolharam-se, sob susto supersti[Spp z/c ms]ioso. Nhô
 de Barros teve mão no filho: \$ - Não fala! Não fala o
 nome, pelo amor de Deus! Nela, por ora, é que você nem
 botar a idéia, um tiquinho, você não deve... Você não
 sabe que faz mal? [pt excl.ras]- e esfregava-lhe a perna,
 de leve, maquinal e insistentemente, perdia-se naquilo;
 amaciando muitíssimo a voz, continuava: - "Isto de não
 enxergar, depois passa. Você não vai ter nada, não...
 Pensa na tua vida com saúde... É só um por enquanto...
 Amanhã, depo[Spp s/i]s d'amanhã, você está sarado, bom. O
 Jerônimo, a esta hora, já deve de estar te benzendo,
 de lá... Bebe mais um gole..."*

BM2 - p.199,L.21/8 - \$ Os outros, que enchiam o quarto, silenciosos,

*estremeceram, com o pavor de catastrophes. \$ Não fala!...
 Não fala o nome della, meu filho, pelo amor de Deus!...
 Isso de não enxergar, depois passa... Você não vae morrer
 não... Pensa na tua vida! Nella é que nem pensar você não
 deve!... É só por enquanto... Amanhã você está são... O*

Jeronymo, a esta hora, já deve estar te benzendo de lá...

Bebe mais um gole...

BM3 - p.16, L.1/2 - \$ João Ru*i[ms]vo trazia a cachaça. Submisso, seo Quinquim se alongou de todo no enxergão.

BM2 -p. 199,L.29 - \$ Submisso, seu Quinquim retombou no enxergão.

BM3 - p.16, L.3/13 - \$ - "Mais, mais, meu filho... Espera... Deixa passar essa ânsia de vômitos... Agora, bebe, tudo. É restilo do bom." \$ E amparava-lhe a cabeça, chegando -lhe à boca o copo, que se esvaziava lentamente, com os dentes se chocando contra o vidro. Seo *Q[ms na ch]uinquim gemeu mais, não conseguia cuspir o amargo do final, enfim virou-se um pouco para o canto, e amainou, derreado. \$ De repente, escutou-se, ao fundo, um cochicho, balbucio de reza. Dona Calú entrara, sem rumor, no escondido, ali permanecia.

BM2 - p.199,L.30/2 - \$ Dona Calú entrara, sem barulho, e ficara no fundo. Justino, a um aceno do Patrão, chegou com a cachaça. \$ - Bebe mais, meu filho... Espera... Deixa passarem

p.200,L.1/12 -esses vômitos... Agora, bebe... Tudo!... É restillo do bom... \$ E amparava a nuca do filho, chegando-lhe á bocca o copo, que se esvasiava lentamente, com dificuldade, com os dentes chocando no vidro. \$ Outro copo cheio. Mais ainda. Todo o quarto rêsencia a amor-de-canna. \$ As escondidas, João Ruivo esvasiava o resto da garrafa; mas alguém percebeu: \$ - Sae,

bêbado! Tu aqui nesse estado, de corno cheio! Não sabe que isso pode piorar seu Quinquim?!... \$ Seu Quinquim gemeu, virou para o canto, e amainou, derreado.

Or., 19 - Cascavel - Não doi no lugar. Doi na nuca. Náusea e vômitos, diarréia. Sangue na urina, (É um Neasvengift)

BM3 - p.16, L.14/20 - \$ Nhô de Barros veio para junto dela: - "Não lançou mais, está vendo? Cachaça é bom, para isso... não atrapalha..." - Ele queria mostrar firmeza, mas a máscara da mulher, dura, hirta, o desconcertou. E ele fugiu com os olhos, e mexeu nos bolsos, procurando qualquer coisa. \$ " - Ele perguntou por mim? " - a velha indagou. \$ - "A, não... Só perguntou foi pela [retic.ras]-

BM2 - p.200, L.13/20 - \$ - Não lançou mais, está vendo?... Cachaça é bom para isso... não atrapalha... - Nhô Ignacio tinha vindo para perto de Dona Calú. Queria mostrar coragem, mas a máscara da mulher, dura, hirta, o desmontou. E elle desolhou-a, e mexeu nos bolsos procurando qualquer coisa. \$ A velha indagou: \$ - Perguntou por mim?...\$ - Não... Só pela...

BM3 - p.16, L.21/3 - \$ - "Você está[p ras] dôido?!" - e Dona Calú, rude, rápida, cortou-o, com um indicador nos lábios e a outra mão fazendo menção de lhe tapar a boca.

BM2 - p.200, L.21/3 - \$ - Você está maluco?! - E Dona Calú, rude e rápida, cortou-o, com um indicador nos lábios e a outra

mão tapando a boca do marido.

BM3 - -p.16,L.24/5 - \$ - "Não sou criança... Não ia falar... E, você, mesma? O que é que tem de vir ver, aqui? Não deve!"

BM2 - p.200,L.24/5 - \$ - *Não sou criança... Não ia falar... E você? O que é que tem de vir vêr aqui? Não deve!...*

BM3 -p.16,L.26/8- \$ - "Eu não estou grávida, não estou dando de mamar..." \$ - "Mas é mulher... - Sempre não é bom, mulher..."

BM2 - p.200,L.26/7 - \$ - *Não estou grávida, não estou dando de mamar... \$ - Mas é mulher... Sempre não é bom, mulher...*

BM3 - p.16, L.29,36 - \$ Voltaram-se. O Ricardinho vinha entrando: \$ e p.17, L.1/3 - "Seu Jerônimo Cob- ... Seu Jerônimo me deu um copo d'água para beber, de simpatia... E falou: " - Quando você che[Spp h/g]lar em casa de volta, já vai achar seu irmão mais melhorado..." Mas falou que é para não se dar a êle remédio nenhum, nem solimão, nem purgante, nem leite... E nem reza nenhuma, nem deixar [benzer ras] outra pessoa benzer! Só assim dêsse jeito é que êle agarante." \$ [Dáip ras] Daí, os velhos quase se sorr*i**r**am. Dái [sic], estavam sérios, mas em seu cochicho corria uma alegriazinha de desafôgo:

BM2 - p.200/28/33 - \$ *Seu Ricardinho entrou, esbofado, offegante: \$ Seu Jeronymo-Cob... - Seu Jeronymo me deu um copo d'agua*

p`ra beber, de sympathy ... E falou: - Quando vocé chegar lá de volta, já vae achar seu irmão mais melhor... Amanhã elle já está bom de todo... Depois -d`amanhã já vae poder andar e comer de tudo. E...

*p.201,L.1/9 - \$ E o que mais?!... \$ - Mas falou que era p`ra não dar nada a elle p`ra beber... Nem solimão, nem purgante, nem leite, nem remedio nenhum... Si dér, já sabe!... E nem reza nenhuma, nem deixar outra pessoa benzer... Só assim é que elle agarante!... \$ Marido e mulher se sorriram, quasi. O filho agora apenas mexia a respiração de longo rhythm, extenuado no sopôr do alcool e da peçonha.
\$ - Está vendo?... Pegou no somno... Já melhorou...*

*BM3 - p.17, L.4/15 - \$"Está vendo? Pegou no sono... Já melhorou..."
\$ - "Está bem. Todos pagam pelo que um padece. Inácio, eu agora vou-me embora..." \$ Saiu, no sereno, no escuro, na friagem. [Spp s/S ms]ubiu à casa, ia se recol[Spp j/h]er ao quarto, mas não rezaria ajoelhada diante do oratório, qualquer reza podia prejudicar a simpatia. Deus perdoava, os Santos não se zangavam[Spp vg/m]. \$ Nhô de Barros dispensou também os camaradas. Ficado só com o filho, abaixou a luz do lamp[Spp e/i ms]ão, e foi para a janela, pitar. Mais de um cigarro. Seo Quinquim, agora, apenas cumpria a respiração de longo ritmo, extenuado no sopor do álcool e da peçonha.*

BM2 - p.201,L.10/ - \$ - Bem. Agora eu vou-m`embora... \$ Estavam

sérios, mas corria uma alegriazinha no seu cochicho. E Nhô Ignacio dispensou também os camaradas. \$ Lá em-cima, na varanda, Dona Calú encontrou Virginia, que mantinha a sua vigília, ao sereno, no escuro. \$ - Entra p`ra dentro, minha filha, que a friagem vae te fazer mal... Elle já melhorou, graças a Deus... \$ - Já?!... Ah, como Deus é bom!... Não falou que queria me vêr?!... \$ - Elle sabe que não póde... Amanhã, ou depois, sim... \$ - Deus é bom Pae!... - (Virginia tinha feito várias promessas.) - A senhora póde ir dormir, que d`aqui a pouco eu entro... \$ Dona Calú não quiz insistir. Os outros já tinham chorado, rezado e ido para a cama. Dona Calú chegou a se ajoelhar diante do oratorio. Mas não rezou. Não! Qualquer reza podia atrapalhar a *sympathia* ... Deus perdoaria, os santos não se zangavam, porque ella queria uma cousa, ardentemente uma cousa, só uma cousa: salvar o seu filho. \$ Nhô Ignacio abaixou a luz do lampeão, e foi para a janela, pitar. Mais de um cigarro.

EM3 - p.17,L.16/24 - \$ Quando deu fé, a porteira bateu, e um cavaleiro entrou no patio. Era o Odórico, com os remédios. O médico, êle não encontrara, no arraial, estava fora. Mas o farmacêutico mandara o[v ras] [s ras] sôro, para injeção. Eram quatro ampôlas [há vg] E o estôjo, com a seringa, algodão, iôdo, tudo. Tinha fala*d[ms]o que nem precisava dêle mesmo vir: era aplicarem; só com duas, e o doente já estaria a

salvo de perigo. \$ - "[Spp apostr/E ms]stá direito. Me dá, e vai dormir." [aspas ms]

BM2 - p.201, L.31/4 - \$ Quando deu fé, a porteira bateu, e um cavalleiro entrou no curral. Era Odórico com os remedios. O medico elle não encontrara: estava fóra do arraial, lá p'ra lá do rio. Mas o pharmaceutico mandara o remedio - o sóro para injeção. Quatro ampólas.

p.202, L.1/4 - E o estojo com a seringa, alcool, algodão, iodo, tudo. Tinha falado que nem precisava delle mesmo vir: era applicarem tudo; só com duas, o doente já estaria fóra de perigo... \$ - `tá direito. Me dá, e vae dormir...

BM3 - p.17, L.25/8 - \$ - "Mas, so[Spp i/u] eu que tenho de dar a injeção nêle, Pai... Sei tudo, explicado di[Spp e/r ms]leitinho..." \$ - "Pois eu também sei. Se carecer, te chamo. Vai dormir.

BM2 - p.202, L.5/13 - \$ Mas, sou eu que tenho de dar a injeção nelle, pae!... \$ - Você não sabe. Vae!... \$ - Não sei? Então, quem é que dá injeção de iodureto no senhor?!... \$ - Esta é differente... você não sabe... \$ - Elle me explicou direitinho... É atôa... \$ - Pois eu também sei... Deixa que eu dou... Si fôr preciso, te chamo. Vae dormir!...

BM3 - p.17, L.29/32 - \$ Do meio do eirado, o rapaz ainda volveu nos passos, para avisar: - "Disse que a gente tem de lavar bem, depois de cada, que senão pega e gruda [Spp o/u]m

vidro no outro, atoa, atoa...

BM2 - p.202,L.5/17 - \$ *Do meio do eirado, como mancha branca no escuro, o rapazinho ainda gritou: \$ - Diz` que tem de lavar bem, depois de cada, sinão gruda tudo um vidro no outro, atôa, atôa...*

BM3 - p.17, L.33/6 - \$ *Agora seo Quinquim revirava no catre, tremia, recomeçando a gemer, os gemidos iam crescendo, gemia dormindo, êle mais se agitou. O velho chamou-o. Ele acordou; gaguejou próprio:*

BM2 - p.202,L.18/25 - \$ *Agora seu Quinquim revirou no catre, e recomeçou a gemer. E os gemidos foram crescendo. Nhô Ignacio indagou: \$ - Dóe muito, meu filho?... \$ Mas o doente dormia. Gemia dormindo. E tremia. Nhô Ignacio sungou a luz do lampeão. Enrolou outro cigarro, e ficou alisando, sem acção para o accender. \$ Até que seu Quinquim se agitou, com gemidos mais fortes. Chamou-o. Não ouvia. Sacudiu-o. Acordou.*

BM3 - p.17, L.37- \$ - *"Doi... muito... tudo! \$ O que parecia de e p.18,L.1/3 - outra voz, já de outra pessoa. Ele quis mostrar a perna, com a mão, ou está se mexendo a-toa, variando?*

BM2 - p.202,L.26/8 - \$ - *Dóe... muito... tudo! \$ O gaguejo parecia de outra voz. Elle quiz indicar a perna com a mão, ou está se mexendo atôa, variando?*

BM3 - p.18, L.4/6 - \$ *Nhô de Barros espera, espera. Abre mais a*

janela, para entrar mais ar. A noite está muito quieta, lá fora.

BM2 - p.202, L.29/31 - \$ Nhô Ignacio abre mais a outra janela, para entrar mais ar. A noite está muito quieta lá fóra. Cá dentro, estalam as tábuas do catre.

BM3 - p.18, L.7/19 - Nhô de Barros desfaz o embrulho da farmácia.

Pega a caixinha, com as ampôlas. O remédio, ali, acondicionado, tudo tão correto, limpo, rico, tão de se impor. Remédio, às vêzes cura, às vêzes não... O Jerônimo declarou, êle sabe! O Quincas está melhor, agora só falta a dôr ir a se calmar... \$ O alazão soprou e bateu com uma pata, na cobertura do curral. Ainda não quer dormir, cavalo são quase que nunca dorme... Boa vida, a dêle. Boa vida, a de tôda criação... Se chamasse o Odórico? O Odórico, a esta hora, já estará deitado? O Quincas parou outra vez de gemer. Mas, é bom esperar ainda um pouco... Parece que êle está melhorando... Há de melhorar.

BM2 - p.202, L.32/4 - \$ Nhô Ignacio desfraz o embrulho da pharmacia.

E si aquillo podia salvar o Quincas?!... Si dêsse?... Si chamasse o Odórico para dar a injecção?!...

p.203, L.1/9 - \$ Pega outra vez na caixinha com as ampôlas. - Si

dêsse?!... Mas, e a recommendação do Jeronymo?!... \$ O alazão soprou e bateu com uma pata, na cobertura do curral. Ainda não quer dormir... Bôa vida a delle... bôa vida a de toda criação!... \$ Si dêsse?! Chamar o Odórico, hein?... \$ Elle parou de gemer outra vez... Mas, é bom

*esperar ainda um pouco... Póde esperar ainda um pouco...
Parece que elle está melhorando... Há de melhorar!...*

BM3 - p.18, L.20/36 - \$ Friagem. Fecha a janela. \$ Foi gemido? Será
p.19, L.1/10 - que êle inda vai tornar a gemer? Mas, assim, também,
parece que êle está quieto demais. Agora, é um raio de
bicho, zunindo, lá no alto, perto dos caibros. Besouro?
Não, deve ser um marimbondo-caboclo, ruivo, ou um dos
prêtos, marimbondo-tatú... Marimbondo não traz nau
agouro... Mas é feio, êsse zunido dêle... Gemeu! A gente,
por bem dizer, não está no poder de fazer nada. É a
injeção, o remédio? Estúrdio - que, em certas horas, a
gente mal que consegue enrolar a palha de um cigarro;
velhice, isto dos dedos, que tremem, desencontrados... E
o bichinho, esta zoeira... Besouro mangangá? Não...
Marimbondo... marimbondo... marimbondo... O marimbondo
-tatú se acostuma com as pessoas... É se o Quincas morr-
... Não! Ele vai ficar bom!... O marimbondo-[Spp
tatú/mosq]uito é rajadinho e pequeno, faz a caixa nos
buracos do chão... Que noite, meu Deus! \$ A gente não
aguenta, não aguenta, estas coisas, não se aguenta
mais... O remédio, a injeção, a gente dá, de uma vez,
deve de, a gente esquece o resto restante, que há, vem
uma hora em que tudo passa, no mais ou menos, se acaba...
\$ Aqui é a porta. Três passos. Esta janela, a gente
deixa aberta, ou fechada. As pernas da gente envelhecem
mais primeiro que o corpo... A gente bebe um golinho de

cachaça. Agora, só chegando mais perto, se chegando, para se conhecer o estado da cara do doente:

BM2 - p.203, L.10/29 - \$ Friagem. Fecha as janelas. \$ Foi gemido?

Será que elle vae gemer outra vez? Será que elle vae gemer outra vez?!... \$ Mas, assim também, parece que elle está quieto de mais. \$ Um raio de bicho zumbindo, lá no alto, perto dos caibros. Um besouro? Não, não é tempo delles... Deve ser um marimbondo-caboclo, ruivo, ou um preto, marimbondo-tatú... Marimbondo não traz máu agouro... Mas, é feio esse zunido delle... \$ Gemeu outra vez. \$ Nhô Ignacio quer fumar. Mas os dedos desencontrados, não conseguem enrolar a palha. \$ É o inseto com a zoeira... Besouro mangangá? Não... Marimbondo... marimbondo...marimbondo... O marimbondo-tatú se acostuma com as pessoas... É si o Quincas morresse?!... Não, vae ficar bom!... O marimbondo-mosquito é rajadinho e pequeno, faz a caixa nos buracos do chão... Que noite, meu Deus!... Não póde mais... Deve dar...Dar o remedio e esquecer o resto... \$ Anda e volta, vae e vem, desesperado, ansioso. Não póde mais. Vem até ao catre:

BM3 - p.19, L.11/6 - \$ - "Quincas... Quincas, escuta. Você quer tomar o remédio de farmácia, a injeção?" \$ Não dá resposta. Nem não gaguejou. A fôrça, aferrada, que êle está fazendo, o coitado do corpo dêle, para o viver de tomar ar... Mas, gemer, pode, às vêzes, até, meio que grita, de dôres...

EM2 - p.203, L.30/4 - \$ - Quincas, Quincas! Escuta! Você quer tomar o remédio... A injeção?!... \$ Seu Quinquim não responde... Nem gagueja... Não está enxergando mais nada desta vida, e faz um esforço tremendo para respirar. Mas, gemer pôde, e às vezes grita, de dôr.

EM3 - p.19, L.17/36 - \$ Carece de se andar depressa... Dar a injeção? E o que o Jerônimo falou? "Não dar nada..." Só assim é que êle agarante. O Jerônimo é negro velho, sabe. Quantas pessoas, mesmo, o Jerônimo já curou? Amanhã, o Quincas está bom. Agora, é preciso a gente também tomar outro gole, isto, sim, é que é paga promessa, o cheiro forçoso da cachaça, o amor-d[Spp d/e]e-cana... Que inferno, a gente não saber, certo, sempre, a coisa que a gente tem mesmo de fazer: e que devia de ser uma só, mandada alto, escrita em tudo, estreita, a ordem... \$ Mas, o que a vida é, é que a gente tem de aguentar estas horas, em tôdas essas instâncias... De tudo, a [Spp f/g]gente tem de fazer consciência, e curtir curto, [Spp d/s]em poder tomar conselho, sem ganhar sentido... A mocidade da gente já vai longe, um dia nunca é igual a outro d[Spp u/ila]... Tudo desarranjado, neste mundo. Calú [acento ms] era quem devia também, de estar aqui, se não fôsse caso de bicho mau, as mulheres é que têm mais jeito para as coisas assim de repente diferentes, mulher é que sabe mais, [Spp m/s]abem que sabem.

EM3 - p. 20, L.1/13 - \$ O bichinho caiu perto do lamp[Spp e/i

ms]ão... Não é marimbondo-tatú [acento ms]. É um cassununga, êle tira êstes brilhos rebrilhos, verde, em azulados. Eles têm uma casa, comprida, na parede de fora da tulha, ela parece uma combuca... Não, não; o Jerônimo sabe! É preci[Spp d/s]o só a gente ter fé, para ajudar... \$ São só êstes vidrinhos, garrafinhas, do farmacêutico. Oi! quebrou sem custo, na mão da gente, os caquinhos de vidro cortam, está dando sangue... Faz mal não. Ainda tem mais três, iguais. A [Spp h/g]ente joga na parede. Era só uma aguinha, só, espirrou longe... Agora, não tem mais êsse martírio, e até o doente se quietou, vai melhorar... Ah...

EM2 - p.204, L.1/14 - \$ É preciso andar depressa... Vae dar a

injecção. Sim, vae dar. Vae dar!... Mas... o Jeronymo disse: "Não dar nada..." Só assim elle garante... Amanhã estará bom... O Jeronymo é negro velho, sabe... Quantas pessoas mesmo o Jeronymo já curou?... Que inferno a gente não saber!... O bicho cahiu perto do lampeão... Não é marimbondo-tatú. É um marimbondo cassununga, com lindos reflexos verde-azulados... Elles teem uma casa comprida na parede da tulha... parece uma combuca... \$ Não, não; o Jeronymo sabe!... É preciso a gente ter fé, para ajudar!... \$ É Nhô Ignacio aperta a ampôla na mão. Cortou-se com os cacos de vidro. Não importa. Tem mais três. Atira-as contra a parede. O liquido espirrou longe. Agora, não tem mais esse martyrio. E até o doente se acalmou. Vae

melhorar.

E14(1), doc. 16 - em tôdas essas instâncias

EM3 - p.20, L.14/7 - \$ Vai melhorar. A gente passa os dedos na testa dêle, está fresca, fria, as mãos - êle está em paz - ah, a um filho a gente quer tanto bem, um filho é um filho; paz no coração.

EM2 - p.204,L.15/7 - \$ E Nhô Ignacio agora pôde assentar-se na beira do catre, e passa os dedos pela testa do filho e afaga-lhe as mãos, cheio de uma ternura enorme, e com muita paz no coração.

EM3-p.20, L.18/27 - \$ E já é madrugada, está sendo. O Quincas não se mexe mais com a dôr, não se torce. A gente está cansado, êste sono, carcaça do corpo pouco aguenta, Deus nos valha, aah... Oah... O Quincas não está mais naquele afã, aquilo, vagaroso, lá nêle, a pena pelo respirar... A gente cabeceia, a gente não pode [Spp g/f]echar os olhos, a gente fecha os olhos assim mesmo, a noite é grande demais, não [Spp x/s]e entend[Esp. brco], a gente não deve de pensar na morte... A morte, que quando chega é traiçoeira, mas Deus que nos proteja!...Aah... Amém...

EM2 - p. 204,L.18/25 - \$ Assim, até alta madrugada, quando as convulsões de seu Quinquim cessaram, e a cura já estava garantida. Ahi o pae pegou numa modorra, cabeceou e dormiu. Tanto que não viu, cerca de uma hora depois, o filho melhorar bem. Melhorou e, dahi a mais um

pouco, morreu. \$ Morreu quando todos dormiam na casa grande, menos Virginia, que velava lá em cima, com rezas entrecortadas de explosões de pranto.

Or., 19 - [Todos dormiam na casa-grande]

Menos:

VIRGINIA, que velava, lá em cima, com rezas, de joelhos, entrecortadas de explosões de pranto]

(E Calú...)

(E os outros: Gregoriano, Rgídio, J. Ruivo, Jimino, M. da Serra, etc)

o Quincas, [o filho ras] ofendido de bicho mau, entre outros e outros.

P.Or 24 (entre as pags 1 e 2 de Páramo) [a mesma pasta em que está

B.Mau]

Papel sulfite

\$ Um dia, justo, justo, em sol e hora, depois do entérro de seo Quinquim, outro acontecimento calamitava a casa e a gente da fazenda. Virgínia, com o sofrer de muitas dôres tinha tido uma criança morta. Ela mesma [Ras c/tinta azul e lápis verm] permanecia igual a uma morta, em funda sonolência, na cama, no quarto, no escuro. Tão longe afundada, tão longemente, que os outros sentiam sua presença pela casa inteira, de um modo que os inquietava, **pareciam mais humildes. [na ch] Aquilo não era uma doença corporal, que desse apenas os graves cuidados. Era um quieto viajar, fazia outras distâncias, temia[m ras]-se-lhe a estranhadez da loucura. **- era alguma coisa que ela aceitava.** Trouxeram o médico, um moço de fora. \$ Nhô de Barros [Spp tivera/teve] que conversar muito com êle. Ele [Ras] quisera saber mais, sôbre seo Quinquim e a cobra, a picada. Dizia que o sôro não podia deixar de salvar o rapaz; a não ser se tivesse sido atingido [numa ras] numa

veia; mas, se fôsse numa veia, teria sido fulminante. Ora, seo Quinquim durara ainda muitas horas... Não teriam, acaso, dado ao doente [nenhum ras c/tinta azule lapis ver] ****algum**** remédio de curandeiro? Garrafadas, calomelano com caldo de limão? Sabia-se que era mantido, ali, na fazenda, como agregado, um dêsses, charlatão...[seta indicando inclusao do \$ seguinte] - "É um velho, um coitado. Dá-se casa p`ra êle morar, e três alqueires, p`ra plantar, à têrça... Ou teria sido outra qualidade de cobra? Teriam reconhecido bem a cascavel? \$ - "Sim senhor, seu doutor. Isto sim, algum engano era capaz que tivesse havido. Mas era cascavel mesmo, mesma, ela tinha mudado de novo, estava bem repintada, tinha o chocalho, um cornimboque de quatorze campainhazinhas, só..

Or., 19 - ... um cornimboque, de quatorze campainhazinhas

LENDO AS VARIANTES

*"Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luiz de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões."*

Caetano Veloso - Língua.

Com a transcrição dos manuscritos e o confronto entre eles - o que resultou na identificação de suas diferenças - deixa-se o espaço da genética textual e atinge-se o momento em que se procura interpretar essas diferenças, isto é, o espaço da crítica genética que não se coloca como objetivo do presente trabalho. Ainda assim, indiciamos alguns dados sobre os procedimentos utilizados por Guimarães Rosa, na elaboração de "Bicho Mau" que poderão elucidar os processos de criação no conjunto de suas obras.

A pesquisa mostra que as transformações ocorridas na passagem de BM1 para BM2 e de BM2 para BM3 se dão, fundamentalmente, em duas direções seguidas pelo autor na tessitura de sua narrativa. No primeiro confronto, revelam-se como dominantes os aspectos fonológico e sintático-estilísticos e no segundo aqueles ligados à estrutura da narrativa.

A definição das fases genéticas em que se situam os manuscritos de "Bicho Mau" leva a crer que os "textos" de BM1 e BM2 - em suas lições subjacentes - se encontram já num estágio pré-editorial, datilografados de forma cuidadosa, podendo-se pensar num trabalho profissional, isto é, um trabalho de copista, já revisados pelo autor. Quanto a BM3, seu estado ainda é o do manuscrito de trabalho, na fase redacional.

Embora também escrevesse à máquina,(1) Guimarães Rosa, segundo Dona Maria Augusta, antes de entregar os manuscritos à casa editora, fazia-os passar a limpo por um datilógrafo. Como são muitas

1 - "Agora mesmo bateu 70 páginas em uma semana, aproveitando as férias". Rubem

as variantes entre BM1 e BM2, podemos supor que, ou foram ditadas ao datilógrafo - o que seria muito penoso -, ou existiu uma versão emendada que serviu de referência para o copista, e que não foi localizada, sendo mais um elo perdido na árvore genealógica de "Bicho Mau".

Para a construção do BM3 houve uma desconstrução de BM1 e BM2 e as peças resultantes do desmonte sofreram acréscimos, supressões, deslocamentos e receberam o concurso de informações obtidas em dicionários e de terceiros. Procuraremos, a seguir, através das variantes encontradas, compreender os procedimentos que Guimarães Rosa utilizou para ir burilando a sua obra.

A interpretação dos manuscritos revelou que o autor realizou três campanhas sobre o "texto" que estamos chamando primeiro momento redacional, ou BM1. Uma delas é apenas a reenumeração autógrafa das páginas, como vimos na descrição do manuscrito, e não a consideramos uma lição, antes um elemento para sua história externa. Assim, é objeto da codicologia que estuda o documento em seus aspectos materiais: tinta, lápis, colagens, tipo da máquina etc. Veremos, a seguir, a apresentação das duas lições agregadas ao primeiro manuscrito de "Bicho Mau".

As mudanças significativas introduzidas na primeira campanha sobre o manuscrito (BM1*) foram : uma supressão, à página 268 e, como consequência, um acréscimo [o ar é que tivesse culpa> o ar tivesse alguma culpa]. O indefinido reforça a fragilidade da suposição que estaria sendo "levantada" pela jararaquinha. O

Braga. Gente da cidade. Guimarães Rosa, vaqueiro. In Cecilia de Lara, cit.

acrécimo, à página 242, da preposição [faz que > faz com que], neste caso sendo opcional, parece obedecer apenas a uma imposição rítmica, deixando a frase mais lenta. O acréscimo de duas vírgulas, à página 251 [na varanda, Dona], [a cada momento, ela] segue a sistemática do autor, neste texto, de separar com vírgulas os advérbios. Esta lição não foi transportada para Bm2, que incorporou apenas as correções dos erros do copista, e a vírgula acrescentada no primeiro exemplo.

A segunda campanha foi realizada apenas sobre a página 238 e a 1ª linha da página 239. Adotamos como critério para a sua apresentação, a transcrição da lição subjacente, registrando entre colchetes a lição BM1*. Quando há uma ocorrência (2) que engloba outras, esta, a global, virá entre chaves e as que participam dela, entre colchetes. O início da ocorrência é indicado, se necessário, por um asterisco e o final é marcado pelo colchete que encerra o comentário.

P. 238, L.1/31.

"São Bento

em agua benta!

Livrae-me de cobra

e de bicho peçonhento..."

(Oração para quem não tem polainas

rezar antes de entrar no matto.) [no cart., lápis vermelho; fora do cart., marg. esq., BOICININGA, lápis vermelho]

2 -São ocorrências porque apenas destacam trechos e, a não ser no aspecto visual, não estabelecem diferença com o texto subjacente.

Em pasto sujo, no cerrado, chão pedrento, beira de roça ou bocca de capoeira - no matto não entra - melhor ainda no campo ralo e ensolado, [no cart., lápis vermelho; BOICININGA, marg. esq., lápis vermelho, subli. saindo do cart., também c/ lápis vermelho] ha por aqui um bichinho que todo-o-mundo acharia interessante, pelo menos sympathico á distancia, não fôssem o medo e a raiva que delle têm. [no cart., hach., lápis preto]

*{Bonito não será, apesar da lona escamosa com que se veste, renovada mais de uma vez por anno, [pardo-escuro-esverdeada com rhomboedros: no cart., lápis verde, com seta em direção à marg. esq., também c/ lápis verde] limão maduro, e da elegancia com que deslisa, fazendo e desfazendo alças, volutas e cochléas oscillantes} [no cart., lápis vermelho, c/ seta indicando um B na marg. esq.; ambos c/ lápis vermelho] *Mas engrossa muito depressa logo depois do pescoço, e tanto que assusta; [no cart., lápis verde, e seta em direção à marg. esq., também c/ lápis verde] *e só toca o brinquedo da cauda nos momentos de notavel excitação. [no cart., c/ lápis vermelho; seta em direção à marg. esq., c/ lápis verde].*

*Porque, de regra, elle é preguiçoso, *muito contemplativo e manso, e faz tudo com criterio [no cart., hach. c/ lápis preto] e principalmente sangue-frio [no cart., c/ lápis vermelho; seta indicando um B ba marg. esq. ambos c/ lápis vermelho].*

**Mas tambem tem a sua neurasthenia e não gosta que o aborreçam. [no cart. hach. c/ lápis preto]. Provocado, é capaz de esperar mezes, tocando no mesmo lugar *e entretendo-se, para passar o tempo, com trabalhos de alta chimica. E, como tem boas*

agulhas e [no cart. hach. c/ lápis preto] optima pontaria e jamais perdõa, ái de quem passar! E muita gente passa. [no cart; c/ lápis preto e vermelho]

*Bom, a boiciniga [sic] - macho soberbo, metro e oitenta da ponta do rostro á ultima das quatorze peças farfalhantes da cauda, grossa no meio do corpo como o tronco de uma goiabeira adulta - passara os mezes frios jejuando num buraco abandonado de tatú, inerte, *abnegada [no cart., hach. c/ lápis preto] immoveel, *para poder cuidar melhor dos detalhes. [no cart. hach. c/ lápis preto]*

P.239, L.1

da toilette [no cart. hach. c/ lápis preto]

p. 239, L.7

E gostou. [no cart. hach. c/ lápis preto]

Estes destaques não trouxeram qualquer contribuição - de expansão ou economia - para BM1, nem para BM2, mas são peças do dossiê de BM3 em sua fase pré-redacional. As três vias de BM2 e suas respectivas lições aparecem na colação com BM1. BM2a, versão primorosamente datilografada, sem interferências posteriores, permite apenas uma leitura; *BM2b* tem pequenas alterações feitas a lápis, de ponta muito fina e escritas levemente. Como está em volume encadernado pode-se supor que o escritor não quisesse "danificar" o manuscrito. *BM2c* profusamente trabalhada encerra três lições.

A representação dessas campanhas por siglas, números,

letras, etc, e sua apresentação seqüencial não significa uma cristalização das diferentes etapas da obra. A hierarquização é necessária para que se possa acompanhar a técnica de trabalho do escritor, a evolução da sua escritura, mas não significa que cada manuscrito tenha superado o antecedente.

No caso específico de "Bicho Mau", os documentos foram considerados em sua individualidade, depois confrontados uns com os outros. Examinamos as lições BM1* e BM1**, isoladamente porque não colaboraram para a realização de BM2. A meu ver, há duas hipóteses para que isso tenha ocorrido: a) não foram consideradas relevantes ou b) são posteriores a BM2 e por isso, variantes apenas em relação à lição subjacente. Qualquer que tenha sido a razão, porém, optei por um registro que, não sobrecarregando o aparato crítico, permitisse maior clareza.

Na comparação dos "textos" subjacentes de BM1 com BM2, foram descritas no mesmo momento, as várias lições agregadas aos três suportes físicos - a, b, e c - de BM2 para permitir sua visualização global de BM2. Numa primeira releitura (BM2b*) do seu "texto", o escritor fez apenas algumas correções manuscritas, não repassadas para BM2c. Há, no entanto, na p.213, à altura das linhas 20/26, um traço na margem esquerda, a lápis, que corresponde a uma nota marginal, em BM2c**, em lápis vermelho: "out: A serpente eterna / a eterna serpente (o desalinhamento das palavras permite as duas leituras). Onde se conclui, mais uma vez, que os textos não eram deixados de lado, como etapas estanques, passando-se ao seguinte. Há momentos em que parece ter havido um trabalho simultâneo, como é o caso das primeiras páginas de BM1* e BM2c**.

BM1 é, até o momento, o segundo manuscrito (o primeiro é *Magma*) mais antigo do Arquivo, por isso, embora não haja mudanças, do ponto de vista de criação lexical, na passagem de BM1 para BM2, colhemos algumas amostras neste campo, pois representam a semente de um processo que se tornou predominante no estilo de Guimarães Rosa, a exploração do código linguístico em todas as suas virtualidades.

Desde a publicação de *Sagarana*, em 1946, a crítica tem destacado os aspectos linguísticos da obra, no que eles apresentam de inovação e sobretudo de renovação. Estas críticas podem ser extensivas a BM2, que pertenceu ao conjunto de contos publicados, posteriormente, sob o título de *Sagarana*, embora, não tenha sido, como este, retrabalhado mais detidamente, uma vez que já estava decidida a sua exclusão do volume..

O profundo conhecimento da língua fornecia a Guimarães Rosa instrumentos para o manejo de um vocabulário riquíssimo, recuperando formas arcaizantes, utilizando regionalismos, estrangeirismos, termos eruditos; explorando as possibilidades de expansão lexical a partir de recursos normatizados e virtuais da gramática mesma. Como faria um bom advogado, descobre as fissuras das regras para ali colocar uma cunha. Com seu trabalho paciente e persistente de velho minerador, Guimarães Rosa encontrava, no veio aberto, possibilidades quase infinitas que seriam manipuladas no seu caldeirão de alquimista. Sobre a língua no Brasil ele diz ao seu tio Vicente: *É preciso refundi-la no tacho, mexendo muitas horas. Derretê-la e*

trabalhá-la, em estado líquido e gasoso.(3)

Seu amor pela língua (*A língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente*)(4) leva-o a estudar outras línguas; e, a preocupação com a exatidão, a precisão da palavra, torna-o um leitor frenético de dicionários, como se pode observar no seu Arquivo e ele mesmo diz a G. Lorenz: *Hoje, um dicionário é ao mesmo tempo a melhor antologia lírica. Cada palavra é, segundo sua essência, um poema. Pense só em sua gênese. No dia em que completar cem anos, publicarei um livro, meu romance mais importante: um dicionário.*(5) E não só de dicionários, também das gramáticas normativa e histórica. O desejo de ir ao fundo, voltar às raízes para procurar o "quem" das coisas e encontrar a palavra em seu estado puro. (...) *quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar a luz segundo a minha imagem.*(6)

Na criação de neologismos, observa-se nos dois manuscritos as técnicas já apontadas em *Sagarana* e outras obras do autor. Um traço do seu estilo já bastante desenvolvido em *Sezão*, e que, com o passar das obras, se foi sofisticando no "Moimechego" [moi+me+ich+ego], no "Nominedômine", até chegar em *Deodorina - Diadorim* - que é, na definição exuberante de Augusto de Campos, *um caleidoscópio em miniatura de reverberações semânticas, suscitadas por associação formal.* (...)(7)

3 - Vicente Guimarães, op. cit, p. 138.

4 - Entrevista a G. Lorenz, *Literatura é vida. Arte em Revista*, ano I, nº 2. São Paulo, Kairós, mai/jun/1979.

5 - idem

6 - idem

7 - Augusto de Campos. Um lance de "Dês" do Grande Sertão. In *Guimarães Rosa* (org.)

Dia + adora

+ *im*

Diá + dor"

Muitos estudiosos de Guimarães Rosa, como Oswaldino Marques, Paulo Rónai, Fábio Freixeiro, Cavalcante Proença, Mary Lou Daniel, Edna Fernandes e Lenira Covizzi (8) destacam a liberdade, o ludismo com que ele manipulava a língua. Na tão citada - mas não suficientemente explorada - entrevista a G. Lorenz, o escritor dá uma explicação espiritualista para essa necessidade de nomear, de criar palavras: (...) *creio já ter vivido uma vez. Nesta vida, também fui brasileiro e me chamava João Guimarães Rosa. Quando escrevo, repito o que vivi antes. E para estas duas vidas um léxico apenas não me é suficiente.* (9)

Vejamos, em "Bicho Mau" (BM1 e BM2) alguns exemplos dessa técnica que assombrou os membros do júri do concurso Humberto de Campos:

- Crotalar - v. (do lat. *crotalus*) = cobra venenosa que tem na cauda um guizo; (e do gr. *króton*) = guizo, chocalho. Guimarães Rosa recupera o sentido original, grego: *Os homens que capinavam lá em-baixo não tinham podido ouvir o crotalar da tragica fanfarra.* Queremos chamar a atenção para, aqui, fanfarra (do fr. *fanfare* = melodias de caça) que, além de toda a carga semântica que traz ao contexto, faz-se acompanhar de *crotalar* e *trágica*, de sons fricativos e vibrantes, e as três juntas criam o clima de

Eduardo F. Coutinho, cit, p. 321-349

8 - Ver bibliografia no final do trabalho.

9 - Literatura e vida , cit. p. 9

expectativa e tensão, descrevem a disposição belicosa da cobra com mais força do que um parágrafo inteiro.

- Craquejar - v. (do ingl. crash (craque) = onomatopéia; imita o som de coisas que se quebram: (...) *as escamas, que nem grãos de arroz em casca, ramalharam e craquejaram (...)*

- Arapuar - Existe o verbo, mas com o sentido de zangar-se, irritar-se. Guimarães Rosa cria o seu verbo a partir de arapúá variante de irapúá (tupi)= cabeleira emaranhada. *Os cabelos de Virginia se arapuavam, desfeitos.*

- Mandriagem - (esp. mandria). O subst. é mandriice = preguiça. Aqui, por analogia com malandragem, vagabundagem. *Seu Quinquim podia achar que era muita mandriagem.*

- Biboquenta - (tupi = biboca) = cova; vale profundo (...) *de uma bocaina biboquenta e tufada de arvoredos, subia a fumaça.* Note-se também a aliteração combinada com assonância (bo,bi,bo,bi/ta, tu/ fa,fu).

- Azarolhado - adj. Caso de formação parassindética a partir de uma formação arbitrária = zarolho (estrábico) *Os olhos de João Ruivo brilharam, azarolhados.*

- Desentortilhar - Formação parassindética com empréstimo de vocábulo estrangeiro (esp. tortilla = dim. de torta = omelete em forma de trouxa) (...) *ella se desentortilhou e cobrejou mais avante(...)* Talvez por analogia com rodilha.

- Tanatofídio - (do gr. tanatos = deus da morte + ophidion

= cobra) *O tanatophidio, as machinas de morte (...)*

- Malrosnando - . Síntese expressiva formada pelo advérbio + o verbo onomatopaico. (...) *olhos arregalados, malrosnando sons na garganta*

- jiboicamente - (de jiboiar = digerir lentamente) - à maneira de. (...) *o corpo todo jiboicamente pintado...*

- sinuoseando = (de sinuoso + movimentos irregulares). Criação de um vocábulo mímico que sugere movimento ondulante e ao mesmo tempo insinuante, e reforça o ritmo dos versos pentassilábicos: *E se recompoz, boleando o laço, sinuoseando, distinta e tarda*

- Cascavéis - Guimarães Rosa revitaliza o substantivo, no seu sentido original de guizos, que a metonímia fez esquecer (Cobra com cascavel /guizo/ na cauda = cascavel) (...) *trouxe a raiva até aos cascaveis ôcos, que badalaram sinistramente (...)*

- Cochléas - O escritor mesmo explica esse neologismo: *cocléia - (do grego kôkhlios; já tínhamos cóclea, mas é chôcho; fiz o belo cocléia e ainda pretendo usar a outra forma, mas melhorada em cocla. Usei no sentido de concha de gasterópodo. Enriqueçamos: caracol fica para o molusco; cocleia, cóclea e cocla para a sua calcárea residênciazinha respectiva.)*" [série Originais, pasta de nº 25] o Mau: *volutas e cochléas oscillantes.*

Contribuindo para a concisão, aparecem as criações por derivação regressiva: o gaguejo, o charlata. Em contraposição, há uma ampliação com a redundância diminutiva : *campainhazinha;*

direitinhozinho

Regionalismos (MG) -

- Fouveira = roupa escura e desbotada: *Quando a velha casca, fouveira, com o padrão impreciso(...)*

- lançante - declive forte num cerro: *Diz`que é no lançante do páu-d`arco, onde o Quincas foi offendido...*

- surúje - montículo de terra: (...) *a igual distancia de uma surúje de cupim e de uma touça de cansação (...)* Em BM3, o escritor substitui o regionalismo pelo termo erudito: montículo.

- trem - qualquer objeto; treco: (...) *distribuiu todos os seus trens e as suas roupas (...)*

E os brasileirismos: *mamparrear* (usar evasivas), *gravatás* (planta da fam. das bromélias), *gastura* (irritação nervosa, aflição), *simpatia* (ritual, objeto ou remédio caseiro usados para prevenir ou curar doenças).

Interessante observar que as gírias, derivações e metáforas de origem popular, em BM2, sofrem um acréscimo de aspas ou grifo: *pancada* (louca); *jacaré* (enxada); *espinhos venenosos* (as presas da cobra); *charlata* (de charlatão); ocôrdo; serepente, avôa e o regionalismo *gastura*.

Outros exemplos ainda de expansão na formação afixal: *entortilhou*, *reenrodilhou*, *desespiralhar*, *desanzolar*, *desolhou*, *reenvalisada*, *desescondeu*, *desengulindo*, *tresgritada* (gritada três vezes); de economia, na aglutinação: *malagradecida*; e o traço tão

característico de Guimarães Rosa - a nominalização por justaposição: *ás-de-espadas, todo-o-mundo, pasto-de-cima, terra-de-ninguém.*

Palavras emprestadas de outras línguas : *hórrida, serpear, reptar, colubrino, facies, fauces* (lat); *estrixe* (gr); *voluta* (ital); *bisé* (fr); e o composto erudito, por aglutinação, *caudisonante* (do lat. caudi = cauda + sonante = soante).

Em "Bicho Mau" os termos técnicos e os eruditos são usados como notas de humor. Ao contrapor as duas formas de conhecimento - um adquirido na "escola da vida", transmitido através de gerações; o outro, nos bancos da escola e ainda mal digeridos - o autor ironiza a postura professoral e paternalista do médico e, por extensão, do escritor, em relação ao sertanejo. O narrador deixa isso claro: *Ora, o doutor estava sempre louquinho por ajudar o povo, higienizar os grotiros, e corrigir o maior punhado de cousas erradas que pudesse.(...) Mas estava bem no caminho de "acertar errado", porque falava um pouco demais e, como a sua estada allí datava apenas de quatro annos, faltavam-lhe ainda seis para começar a conhecer o capiáu.* (p.255)

Podemos ir mais longe e pensar num certo tipo de literatura regionalista produzida de fora para dentro:

E quasi que o medico ia accrescentando que, a não ser pintada ou no cinema, não se recordava de jamais ter visto uma cobra. (p.260) E os dois não podiam entender-se, porquanto nem de longe desconfiavam que os seus respectivos animaes eram interplanetariamente diferentes.
(p.261)

Antonio Cândido, em citação de M. Lou Daniel (11) fala sobre o regionalismo de Guimarães Rosa: *O aproveitamento literário do material observado na vida sertaneja se dá 'de dentro para fora', no espírito, mais que na forma.*

Deixamos de relacionar os 50 nomes de cobras (o conto tem 43 páginas) - em latim, grego, português - por não se tratarem de neologismos. Graciliano Ramos, ao condenar o conto porque continha *passagens que me sugeriam propaganda de soro antiofídico*, não viu a crítica autofágica que havia nessa *tirada herpetologica e repolhuda* - como diz o narrador.

Na verdade, o uso de termos técnicos e científicos nas obras de Guimarães Rosa chamam a atenção pela abundância. Lembremos o vocabulário relativo à marinha em "A simples e exata estória do burrinho do Comandante"; à flora e à fauna em "O Cara de Bronze" e "São Marcos" etc. Não é de estranhar que a série *Estudos para obra* reúna cerca de quatro mil documentos, muito deles com listas de vocabulário específico por área de interesse.

Embora também não se constituam diferenças entre BM1 e BM2, apenas levantamos alguns exemplos de reduplicação e repetição lexical, encontradas nos dois manuscritos, que ocorrem através de afixos revelando, já aqui, a tendência enfática do escritor: *campainhazinhas, direitinhozinho*; de advérbios, *não gostava nada nada; agorinha mesmo, já-já*; verbos, *parece recuar... vae recuando... vae recuando... fugindo para trás*; de substantivos, *Marimbondo... marimbondo... marimbondo... O marimbondo-tatú se acostuma*; de palavras cognatas: *velhinha velhíssima; guardava seu*

resguardo; gradação de palavras também do mesmo campo semântico: *remoto, primevo, prisco*; ou o encadeamento de verbos, *veiu, olhou, recuou, voltou, esvoaçou, cantou de longe, cantou de perto*; de adjetivos marcados pela aliteração: *esguia, fina, agil, elegantíssima, fascinante, insinuante*. Estes recursos concorrem para o estilo altamente enfático, e acima de tudo musical, de Guimarães Rosa.

A comparação entre BM1 e BM2 revelou uma evolução no fazer poético de Guimarães Rosa no sentido do aprofundamento das marcas que iriam definir, ao longo da trajetória do escritor, o seu estilo: concisão, sonoridade, precisão, oralidade.

Como dissemos no início, na evolução do processo de criação, em "Bicho Mau", não houve avanços no campo das criações linguísticas. Os neologismos que se transferiram de um manuscrito para o outro não fogem, geralmente, às possibilidades normatizadas no código gramatical, ou mesmo àquelas com existência ainda virtual. Mas, nas mudanças ocorridas entre BM1 e BM2, houve um enriquecimento nos níveis da sintaxe e do ritmo.

Guimarães Rosa em mais de uma oportunidade - nas poucas entrevistas e abundante correspondência com os tradutores - fala da sua luta, consciente e determinada, para romper as normas gramaticais: *Disso resultam meus livros, escritos em um idioma próprio, meu, e pode-se deduzir daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros.* (10) Vejamos alguns exemplos, pinçados em "Bicho Mau", dessa "divina" rebeldia.

10 -idem., p. 8

Procuraremos decifrar, inicialmente, entre as variantes encontradas na comparação entre os "textos" subjacentes de BM1 e BM2 relativas à pontuação e à sintaxe, aquelas que sejam referência para os procedimentos estilísticos de Guimarães Rosa. As modificações parciais - intraverbais - não foram consideradas porque, como vimos, ligam-se mais à história externa dos manuscritos do que à escritura mesma. São adequações a normas ortográficas ou, na falta destas, a busca de uma sistematização na sua própria escrita. Diríamos que revelam uma faceta da personalidade do autor - zelo, responsabilidade etc - não do seu estilo literário. Numa primeira visada, observamos em "Bicho Mau" dois recursos expressivos com presença bem demarcada, especialmente, na narrativa: as primeiras cinco páginas são dedicadas à descrição; as outras trinta e oito à narração e ao diálogo. Do ponto de vista da pontuação, essa divisão foi contemplada recebendo um tratamento que visa sobretudo ao ritmo e à oralidade.

Das 114 vírgulas acrescentadas, a maior parte incidiu na descrição, representando um aumento, por página, 2,5 (160%) maior do que o aumento, por página, na narrativa. Esta, recebeu uma quota menor, e ainda sofreu um corte de 14 vírgulas. Estas alterações contribuem para que o ritmo, na descrição, seja mais cadenciado, mais marcado; e mais arrastado na narrativa, tornando mais densa a atmosfera sob a qual vive a família de Nhô Ignacio, que acredita estar ameaçada pela vingança do feiticeiro.

Por outro lado, a fragmentação da frase, ao mesmo tempo que impede a fluidez do enunciado, transmite, de forma quase gestual, o movimento da serpente, que é acentuado pela escolha de verbos em

que se combinam a sonoridade e o efeito visual: *fazendo e desfazendo; fluindo e refluindo; reptou; coleou; saltou; reenrodilhou-se rebulindo e cascalhando; fugiu*. São impressões de movimento, rapidez, elasticidade, eletricidade.

Vejamos o parágrafo inicial da descrição e da narração, respectivamente (EM2 vem registrado entre colchetes):

Em pasto sujo, no cerrado, chão pedrento, beira de roça ou bocca de capoeira [,] - no matto não entra [,] - melhor ainda no campo ralo e ensolado, há por aqui um bichinho [,] que todo-o-mundo acharia interessante, [quando] pelo menos [,] sympathico á distancia, não [fôsse] fôssem o medo e a raiva que delle têm [teem].
(p.238)(11)

Os homens que capinavam lá em-baixo não tinham podido ouvir o crotalar da tragica fanfarra. Não podiam adivinhar que a boicininga estava perto da lata de agua, dissimulada na grama, esperando. E eram pois tres homens e uma cobra, e o d'aquelles que tivesse sede primeiro teria de morrer. (p.243)

O primeiro trecho compõe-se de um único período, com 10 vírgulas e uma oração parentética limitada por travessões. O segundo tem três períodos e três vírgulas. Estes dois parágrafos compõem o cenário onde se desenrolará a tragédia. Os atores são apresentados no seu meio e nos seus traços essenciais. Os homens trabalham, eles

11 - Para facilitar a localização dos exemplos na narrativa, estes serão seleccionados de EM1 informando-se, entre colchetes, a variante em EM2.

agem, mas são comandados pela fatalidade: a busca da sobrevivência (saciar a sede) trará conseqüentemente a morte. A cobra é, e o presente histórico (há) lhe confere eternidade.

O ritmo frasal também foi definido aqui. Para os homens que trabalham, um ritmo mais lento: são sujeitos, mas passivos, à mercê do destino. Para a cobra, um ritmo mais rápido: ela dá origem ao fato que se vai narrar, passando de objeto a sujeito; do ser que é, ao ser que faz.

O acréscimo de vírgulas, cadenciando o ritmo, aproxima a linguagem poética da linguagem coloquial do contador de histórias. No exemplo a seguir, veremos que a vírgula, além dessa função de atomizar a frase, ao anteceder a oração coordenada sindética, suaviza a pausa e enfatiza o conectivo encadeando as ações.

Fugiu da queimada, [colleando] furiosa, e nem pôde [poude] escolher refugio. Foi dar num noruegal, populoso de samambaias[,] e tão esconso e frio, que por lá perdeu dois dias alethargada;[,] e quasi succumbiu. (p.240)

O acréscimo de parágrafos, assim como as substituições de pontuação visam à passagem de pausas mais breves para mais longas, e ocorreram, na sua maioria, na narração. Já a supressão de parágrafos, geralmente nos diálogos, estabelece a simultaneidade de atos de fala e amplia o auditório, abrindo espaço para a polifonia:

(...) O senhor teve uma idéia luminosa... Uma trouvaille, Nhô Ignacio!... [Sp \$] Agora, ouçam-me bem: o número de cobras que tem [teem] seu habitat [s/grifo] no

pantano [pântano] não pôde ser infinito, é claro.(...)"
(p.225)

- *Por isso não, seu doutor. Vou lhe mostrar as
nossas, mansas... Odórico, vae ver [vêr] si ellas estão
agora lá no moinho!... [Sp \$] É um casal... Ellas servem
para pegar ratos [rato](...) (p. 210)*

- *Que cobra, que nada! - [(] Agora [agora], uma
vez empenhado a fundo, Nhô Ignacio se sentia decidido e
energico [enérgico] [)] - Você, primo, parece que nunca
viu uma fogueira bôa lavourando!... Pois toda fumaça não é
assim?!...[Sp \$] Chega de sonhar com cobra!... É por
falar, eu gostava mas era que aquellas lá do sujeitinho
estivessem torrando agora alli!... (p. 259/60)*

Neste último exemplo, há, além da expressão de várias atitudes de Nhô Ignacio - contestação, afirmação embutida numa interrogação, imposição, desejo - a participação direta do narrador numa interferência entre parênteses. A formação parentética sofreu seis acréscimos, com o uso de parênteses mesmo ou de travessões. Esta técnica aproxima o narrador do leitor/ouvinte, estabelecendo entre eles uma relação de cumplicidade ao incluí-lo no seu universo ficcional.

As substituições na pontuação acentuam a diferença rítmica entre descrição e narração e, em alguns casos, enfatizando elementos frásicos para indiciar a tragédia e desencadear a tensão:

(...) ella trouxe a raiva até aos cascaveis ôcos, que

badalaram sinistramente, como um copo de sacudir dados
[.Como um copo de dados] (p.,241)

GA ênfase, recaindo sobre o termo comparativo, chama atenção para sua carga simbólica: Boicininga prepara-se para o jogo da morte. Um dos homens será sorteado e ela, apenas um instrumento do destino.

Aproveitaremos o último exemplo para iniciar um novo tópico: como o escritor utiliza o código linguístico na passagem de BM1 para BM2.

A tentativa de montar um quadro estatístico das variantes encontradas, mostrou-se de difícil execução. No caso de Guimarães Rosa - e, como se depreende do estudo de edições críticas de obras de outros autores - aquilo que se definiu como uma supressão aqui, pode-se encontrar como acréscimo mais adiante, e vice-versa. Um caso que exige uma atenção especial é o deslocamento, pois o seu reaproveitamento às vezes se dá páginas adiante e, além da distância, no ato da transposição do termo ou termos, o autor pode fazer mudanças que confundem o pesquisador.

Na passagem de BM1 para BM2, do ponto de vista quantitativo, é possível fazer-se uma avaliação sobre o número de sinais de pontuação que sofreram alterações, quantificá-los concretamente, desligados de sua função. O mesmo ocorre com as modificações parciais para correção e sistematização ortográficas. Mas como contabilizar uma locução, uma crase? Diremos: substituição (acréscimo ou supressão) de palavras - preposição + substantivo ou preposição + artigo - ou de palavra? Em termos estatísticos, dizer

supressão de período e acréscimos de palavra ou palavras, o que representa?

A partir dessas considerações diremos apenas que as variantes entre BM1 e BM2, que incorrem sobre a pontuação, são numericamente mais significativas do que aquelas relativas aos aspectos sintáticos, sonoros e estilísticos. Mas seria arriscado e artificial dizer, matematicamente, se houve mais substituição, supressão ou acréscimo. Em termos absolutos, porém, é possível observar que houve mais variações na parte descritiva cujo referente é a cobra.

Vejamos alguns dos exemplos mais significativos dos recursos que Guimarães Rosa utiliza em "Bico Mau":

O adjetivo *impressivo* é substituído por outro mais expressivo que traduz com maior exatidão uma característica da cobra, destacada, posteriormente, pelo autor, em anotação marginal (*preguiçosa - BM2c***).

BM1 - p. 239, L.5/7 - *Experimentou, em volteios incríveis*

> - *Experimentou em volteios lânguidos*

Outra substituição de adjetivo por adjetivo realiza o movimento inverso: de expressivo para impressivo

BM1 - p.245, L.33/4 - *Enfiou a ponta no laço monstruoso*

> - *Enfiou a ponta no laço medonho*

O conteúdo semântico do adjetivo *medonho*, é ampliado,

estendendo-se ao aspecto assustador e, numa acepção popular, às dimensões da cobra (por ex, tive um trabalho medonho = tive um trabalho grande). Em BM3, na lição subjacente, atualiza apenas o sentido de medo: devagar, medonho modo, se arrastava

A preocupação com o detalhe leva o escritor a corrigir uma imprecisão que, embora pareça sem importância, compromete a verossimilhança na narrativa:

EM1 - p. 244, L.33/4 - A vinte metros da lata de querosene, a dezoito metros da serpente de guizos

> - A vinte metros da lata de querosena, a dezenove e meio metros da serpente de guizos

O mundo narrativo ficcional é construído com elementos do mundo real, e para que possamos decodificá-lo, é preciso que guarde as normas às quais estamos acostumados. Ora, dezoito metro significaria uma distância de dois metros entre a lata e a cobra e, portanto, entre a cobra e aquele que viesse beber água. O narrador já informara que a cascavel tinha um metro e oitenta, portanto o pulo deveria ser maior do que o seu tamanho. Se se tratasse de um animal alado e o conto se propusesse como fantástico a credibilidade estaria assegurada, o que não é o caso aqui, onde o bote até poderia ser concretizado, mas não a picada. Em BM3 esta distância não foi quantificada:

BM3 - p. 9, L.23/5 - Caminham para a água. São já poucos metros, só, entre o cá e o lá.

Neste exemplo também destacamos um procedimento do escritor

que, ainda incipiente em BM1 e BM2, já começa a se desenvolver em BM3: a mudança da categoria funcional das palavras: *o cá e o lá; os possíveis de amor; no escondido, ali permanecia; estavam no ignorar; um por enquanto.*

Ainda atendendo a essa exatidão, inverte os termos da frase seguinte:

BM1 - p. 242, L. 1 - *reserva de movimento para acabeça em caso de agressão ou de fuga*

> - *reserva de movimento para a cabeça em caso de fuga ou de agressão*

Páginas atrás, o narrador havia informado que a boicininga é um animal *contemplativo e manso*, que só ataca quando *provocado*, logo sua primeira reação será de fuga e não de agressão.

Tanto em *Grande Sertão: Veredas* quanto em "Bicho Mau", observamos que as supressões e os acréscimos não são tantos quanto parecem a um primeiro trabalho exploratório. Mais frequentes são os deslocamentos. Na passagem de BM2 para BM3 esta técnica é uma constante, tanto que não foi possível confrontá-los linha a linha. Há deslocamentos até com 25 páginas de permeio. Entre BM1 e BM2, há apenas um exemplo deste tipo; já em BM3 foram de tal ordem que poucos trechos podem ser confrontados pontualmente com a versão que o antecede. Nesta fase de trabalho de Guimarães Rosa, forma mais comum é o deslocamento simples, dentro da mesma frase

BM1 - p. 241, L.25/7 - *E se recompoz, boleando o laço. sinuoseando, vagarosa, porque, até para se enovelar em guarda*

definitiva, a cascavel gasta muito tempo

> - *E se recompoz, boleando o laço, sinuoseando, distinta e tarda, porque, até para se enovelar em guarda definitiva, a cascavel gasta muito tempo*

A substituição de vagarosa por distinta e tarda poderia ser apenas um caso de expansão, com a perda do adjetivo definidor e ganho de dois explicativos. Na verdade, a substituição de vagarosa por tarda, que vem atrelado à distinta contribui para a sonoridade com a aliteração t(i), t(a), t(a) e a assonância tarda, guarda, gasta. Esta mudança representa também uma condensação da frase anterior

BM1 - p. 240, L. 15 - *Sempre tarda, mas com muita distinção e graça no porte e no trajar, vibrando à frente a dupla língua tacteante, colleou suavissima*

A supressão deste trecho, em BM2, evitou o emprego anafórico do advérbio, 13 linhas abaixo: *Sempre tacteando*. A frase *Vibrando à frente a dupla língua tacteante* foi substituída por *sempre tacteando com a dupla língua*, em BM2, e, em BM3, as duas formas se fundiram para a construção de *Sempre a tactear, vibrando a língua bífida*. A substituição de dupla por bífida obedece também à busca da precisão: a cobra não tem duas línguas, mas uma língua fendida, como o próprio narrador já havia definido à página 239 (BM1): *titillando cada millimetro quadrado do seu cylindro com a forquilha preta da lingua*.

O restante do período em

BM1 - p. 240, L.17/9 - *contrações uniformes,*

*accionando, accionando a um tempo
toda a sua abundancia de costellas,
que jogam e puxam outra pós outra as
cento e setenta escamas ventraes*

foi deslocado para a página 187 de PM2. Este exemplo mostra bem a dinâmica da escritura e os "voiteios" executados pelo escritor na elaboração do seu estilo.

As substituições e deslocamentos, nos exemplos que se seguem, buscam a expressividade fônica:

BM1 - p. 242, L.6/7 - *logo amedrontam pela fixidez*

hypnotica dos olhos frios de um fakir

> - *logo amedrontam pela fria*

fixidez hypnotica das vistas e um fakir

O deslocamento de fria sequencia o som aliterante f e a substituição de olhos por vistas intensifica a assonância com i.

Guimarães Rosa, em carta a M. L. Daniel nega a busca deliberada da musicalidade pelo emprego de aliteração e assonância:

Nunca as emprego deliberadamente, mas, sim, de modo constante, automático, involuntário, inconsciente quase, instintivo. O mais sempre, só depois de pronta a frase é que vejo que usei e abusei delas. E, muitas vezes, temendo o

exagêro... desfaço-as.(12)

Possivelmente, foi esta a razão de ter retomado, em BM3, a forma anterior, de BM1:

BM3 - p. 4, L.19/20 - pela fria fixidez

hipnótica de olhos de um faquir.

A substituição, na frase seguinte, provoca a formação do quiasmo que, se configura uma construção elaborada, por outro lado cadencia o ritmo e aproxima-a da oralidade e dos ditos populares:

BM1 - p. 265, L.32/3 - sempre meio embriagado, talvez

ebrio e meio

> - sempre meio ebrio, talvez

ebrio e meio

Há uma nota de humor na substituição que segue:

BM1 - p. 268, L.17 - duas jararacas (...) montando

guarda ao corpo

> - duas jararacas (...) fazendo

velório ao corpo

No parágrafo em que faz uma retrospectiva da presença da cobra na vida do homem, desde o jardim do Éden, substitui a *serpente de Moisés* por a *serpe*, um termo mais literário, mais poético e que

também sugere antiguidade, velhice. Em carta ao seu tradutor para o alemão, Meyer-Clason, Guimarães Rosa explica: "Cobra", no Brasil é *Sammelbegriff* - É designação geral, para serpentes, sinônimo vulgar de "serpente" que é o nome mais erudito (se bem que o caipira também diga "serepente"); e de "serpe", que é poético. "Cobra" = ofídio, em geral.(13)

As vezes a concisão é necessária para criar atmosfera, adensar o clima que o excesso de detalhes amornou:

BM1 - p. 253, L.2/5 - *Enrolou outro cigarro e*

accendeu, mas jogou fóra, depressa, e

ficou brincando de esgaravatar o rebôco

da parede.

> - *Enrolou outro cigarro, e ficou*

alisando, sem acção para o accender.

Evitando, talvez, aumentar o fosso entre o médico e o capiáu, o erudito e o "ignorante", ou amenizar a crítica, suprime, em BM2, todo um período que, sendo parentético ainda realça mais a ironia:

BM1 - p. 260, L.13/6 - - *E quasi que o medico ia*

acrescentando que, a não ser pintada

ou no cinema, não se recordava de

jamais ter visto uma cobra.

O autor deixa momentaneamente a impessoalidade da narrativa e penetra no mundo que criou substituindo a estrutura indefinida pelo modalizador a gente:

BM1 - p. 242, L.3/4 - A começar pelos olhos, que não

se podem fitar impunemente.

> - A começar pelos olhos, que a

gente não pode fitar impunemente.

Procurando aproximar-se mais da linguagem coloquial acrescenta o artigo antes de nomes próprios : o Egidio (9 vezes).

O estilo altamente enfático de Guimarães Rosa, já começa a ser trabalhado neste conto no acréscimo, em EM2, de preposições e do verbo ser: *ficar para alli; na mesma da hora; sahira de detrás de; preciso é ir.*

Vejamos, finalmente, alguns exemplos de supressões que resultam em eliminação de pleonasmos, ou de "gorduras", na expressão do escritor, ou ainda, na concisão pela formação metonímica:

BM1 - p. 259, L.12/3 - terna e flebil como um

namorado cahidinho

> - terna e flebil como um namorado.

BM1 - p. 273, L.13/4 - sem maior interesse para a

lucta, porque era um gato de
estimação

> - sem maior interesse, porque era um
gato de estimação

*BM1 - p. 239, L.6/7 - a elasticidade das linhas do
corpo, fluindo e refluindo*

> - a elasticidade das linhas,
fluindo e refluindo

*BM1 - p. 241, L.19/20 - com o estremeção com que ella
trouxe a raiva até aos cascaveis
ôcos, que, badalaram sinistramente
como um copo de sacudir dados. Depois
esmaecendo que nem o saccolejar*

> - badalaram sinistramente. Como
um copo de dados. Depois (...)
saccolejar

Em Em3

> num estremeção escorrido até aos
ôcos apêndices córneos da cauda,
erguida a prumo que tocaram

sinistramente. Foi um tatarar - o

badalar de um copo de dados - um

crepitar, longo tempo - depois

esmaecendo, surdo, qual o sacolejar

BM1 - p. 242, L.25 - o cheiro bafiento do pó de opio

bruto

> - o cheiro bafiento do opio bruto

Nesta amostragem das variantes mais frequentes observadas na comparação das lições subjacentes de BM1 e BM2, procuramos compreender o processo, as técnicas utilizadas por Guimarães Rosa na elaboração de "Bicho Mau" e, como via de consequência, de seu estilo. Sobre essas lições subjacente, como vimos, foram realizadas campanhas que a pesquisa revelou serem posteriores a BM2 não tendo, por isso, contribuído para a redação deste.

Em BM2b (BM2a, lembremos, não foi alterado), como mostram as variantes, as interferências do autor não ultrapassam o nível ortográfico: a supressão do hífen na justaposição *mestre-cantador*, a substituição de *s>z* em *deslisava* - mantendo a coerência com o sentido da frase - *deslisar = alisar; deslizar = escorregar*. Sendo a frase : *Deitado, deslisava de barriga* a correção veio reparar um "cochilo", pois em todas as outras vezes em que este verbo aparece foi grafado corretamente. A sistemática do autor, nesta versão do conto, foi a de suprimir, em relação a BM1, as consoantes duplas (*novéllo>novêlo; annel>anêl; affastou>afastou; janellinha>janelinha;*

gotta>gota; mammam>mamam). No entanto, a palavra flácidos, que, em BM1 era grafada com um c em, BM2, passa para fláccidos; à ampola, é acrescentado um l [ms], na lição BM2b*. Há duas hipóteses: o escritor quis retomar a origem erudita destes vocábulos (do lat. flaccidu e ampulla) ou destacava o seu "estado sólido", o aspecto visual.(1)

Em BM2c foram realizadas três campanhas e acreditamos ter sido este manuscrito, juntamente com BM1, o ponto de partida para a realização de BM3. Estas lições foram transcritas no cotejo com BM1. São poucas as transposições destas lições para BM3.

As variantes entre BM2 e BM3 tornam mais evidente, a nosso ver, a mobilidade e a dinâmica do manuscrito em sua fase pre-editorial. A escritura é um processo e os testemunhos deste processo devem ser trabalhos dentro dessa perspectiva. Não há como compartimentalizar os manuscritos exatamente por causa deste caráter de vitalidade. O trabalho de criação não é linear e organizado como uma linha de montagem. Não há um manuscrito ótimo que dá origem ao seguinte, ou uma etapa superada por outra. Tudo se interliga, num caminho de idas e vindas ou, como diria Guimarães Rosa, um caminho em que zigue-vai-zague-vem (E 25). Um rascunho deixado adormecido pode ser, em dado momento, revitalizado, participando novamente do processo de criação.

"Contrairement à ce qui se passe dans le domaine des êtres vivants, la genèse d'un poème ou d'un roman n'obéit pas entièrement à un programme pré-existant, et

1 - "As palavras devem funcionar também por sua forma gráfica, sugestiva (...)"
Carta a Harriet de Onís, de 11/02/1964 (CT2B)

n'est régie ni par un processus unique, ni par un finalisme simple, ni même par le développement harmonieux d'un modèle; la perte, la dérive, l'imprévu ont une fréquence hautement plus probable que l'économie, la linéarité assurée, le prévisible. Genèse non pas organique, mais relevant plutôt de la combinatoire, d'une logique autre que celle du déterminisme de cause à effet; logique devant intégrer le vide aussi bien que le paradoxe du 'tiers inclus': non pas un être, mais une multiplicité de composants. (...)" (2)

Além das variações ocorridas entre BM1/BM2 e BM3, e que fomos mostrando ao longo da exposição, a passagem das primeiras versões para a mais recente, é marcada por transformações tão profundas - de ordem estrutural - que tornaram impraticável um cotejo linha a linha.

"Bicho Mau" (BM1 e BM2) descreve, num primeiro momento, os movimentos de uma cascavel, depois da muda de pele; em seguida, narra o trabalho de três homens num roçado de feijão e a picada de um deles pela cascavel; o trabalhador é levado para a fazenda. Durante a noite, luta contra a morte, enquanto o pai sofre o conflito de ter de decidir entre a simpatia preparada pelo feiticeiro e o soro antiofídico. Com a morte do rapaz, sua mulher perde a criança que esperava e aparece o médico que pressiona o fazendeiro para expulsar o charlatão. A partir daí, a fazenda começa a ser invadida por cobras e, apesar dos esforços do médico para convecer os capiaus de que ~~o~~ fato é um fenômeno natural e não uma vingança do preto, a viúva do rapaz também morre vítima de outra

2 - Jean Levailant, *Ecriture et génétique textuelle* in *Valéry à l'oeuvre*, apud Pierre-Marc de Biasi, cit.

cobra.

O elemento central do conto, (BM1 e BM2) a partir do próprio título, é a cobra. Em torno dele, desenvolvem-se dois núcleos dramáticos: a morte de seu Quinquim, e a procura da morte por Virginia. Entre os dois várias histórias são narradas, todas sob encerradas num tempo histórico: a era das cobras.

O manuscrito de BM3, construído com os ingredientes básicos às versões anteriores - tempo, espaço, ponto de vista, trama e personagens centrais - apresenta apenas o primeiro núcleo, o que, em termos de suporte físico, representa uma diferença de vinte e três páginas.

Destacamos aqui, as mudanças mais flagrantes do ponto de vista narrativo.

No dossiê de documentação redacional, encontra-se um esquema, preparado pelo autor, para desenvolvimento da narrativa:

1) o despertar: Seo-Quim, Virginia, A fazenda, a cobra, o pai, os irmãos e irmãs, a mãe, os empregados

2) na roça: os homens, Seo-Quim, a cobra, a picada

3) a noite, o pai, a madrugada e a morte

4) os dias - João Ruivo expulsa o curandeiro

5) - vou-me embora! (Virginia)

6) volta de Virginia

7) a morte de Virginia [série Originais, pasta n 19]

Outro documento, em 20 linhas datilografadas sobre papel jornal, indica que este esquema começou a ser desenvolvido:

"Bicho Mau"

Sim, a cabeça - dito, o começo - das terríveis coisas que já avançavam para acontecer, no estricito daqueles

dias, na fazenda [Esp. brco] tudo cabendo no possível, ninguém seria ainda de ver, de vislumbre, ou atinar de adivinhar-lhe sequer a sombra. Saía o monstro de todos os seus antros, mole devagar, medonho modo, se arrastava. Mesmo o velho [Esp. brco], o fazendeiro dono de lá, resignava-se miudamente à velhice, a isso a vida o acostumara; se temia, seriam outros os temores. Nem sua mulher, Dona Calu, [Esp. brco] Ou seus filhos e filhas, descuidosos em mocidade. Ou [Esp. brco], o filho mais velho, que a cêrca de um ano se casara, mas residia lá, com êles, com sua jovem e linda mulher. Nenhum dêles desconfiasse, do nada. A vida é nunca e onde. O mal não tem miôlo. A velha casa da fazenda [Esp. brco] repousava ainda, fechada, em herdado escuro.

[Esp. brco], entretanto, fôra o primeiro a pressentir o vir da madrugada. Ele despertava, com uma ânsia pequena, como se seus olhos tivessem entreaberto inútilmente, mas o contacto e o odor do corpo de sua mulh[Spp j/h]er, ali tão próximo, pronto faziam-no completamente acordado. Ele a amava. Ela dormia ainda. Ele sabia de cor cada detalhe do quarto, levantou-se, com macio jeito, sempre tinha uma estranha pressa de começar a vestir-se. Não queria fazer nenhum rumor. Era com o mesmo cuidado com que, nas últimas semanas, quando o ventre da mulher se aumentara, na gravidez adiantada, êle timbrava em (série Originais, pasta nº 24)

Acreditamos ter sido este rascunho o ponto de partida de BM3. O período: Saía o monstro de todos os seus antros, mole, devagar, medonho modo, se arrastava, com algumas modificações figura

como a primeira linha da lição subjacente de BM3, que foi rasurada. O rascunho começa a desenvolver o esquema redacional onde a cobra ocupa um lugar menos privilegiado.

Na passagem de BM2 para BM3 houve, inicialmente, a supressão do título que, neste último manuscrito está num cartucho, hachurado. A nosso ver, o título não estava ainda definido. Em BM1, há, em nota marginal, com lápis vermelho, o nome BOICININGA e, na série *Estudos para obra* (pasta nº 36 - Inéditos III, doc. de 1942 a 1958), um fragmento, com uma relação de nove títulos (numerados de 22 a 30) onde o número 24 é *Boicininga (BM-1)* e o 25, *Bicho Mau (BM-2)* e pode ser um indício de que o título do conto ainda não estava decidido, mas não foi possível determinar se este fragmento é anterior ou posterior a BM3.

É uma hipótese, apenas. O que há de concreto é a não titulação de BM3. Em relação à epígrafe, houve um movimento linear de elaboração: em BM1 está dentro de um cartucho, em BM2 rasurada e em BM3, suprimida. A epígrafe, uma oração a São Bento, protetor contra cobras, informa sobre a natureza regional do conto e antecipa o seu tema. Sua não inclusão, em BM3, corta a ligação da narrativa com um determinado espaço geográfico. (.) Observamos este fato, também, na lição BM2c** quando o escritor rasura a expressão "capiou mineiro" e acrescenta "aquela gente". Em *Grande Sertão: Veredas*, o escritor eliminou, no rascunho, uma passagem em que se referia ao cometa de Harley, o que poderia datar o fato narrado.

Já as primeiras páginas de BM1 e BM2 parecem ter sido trabalhadas simultaneamente. As cercaduras destacam características da cascavel - dimensões, hábitos, temperamento - que foram reelaboradas num outro nível, mais conciso, denso e teatral, em BM3. Nestas páginas,

Guimarães Rosa utilizou técnica diferente daquela dos documentos da série *Estudos para obra*. Nestes, como observou Maria Célia Leonel, os elementos que mereceram atenção são os rasurados ou hachurados. Em BM1 e BM2, ao contrário, aqueles deixados em claro é que foram utilizados em BM3.

Outra mudança profunda incide sobre os personagens. Nas primeiras versões, a cobra e sua maldade não se revelam inicialmente e ela é nomeada apenas no quinto parágrafo. O narrador camufla-a e também humaniza-a, mantendo com ela uma relação quase afetiva: "simpático, interessante, bichinho". Em BM3, a cascavel é apresentada, sem prefácio, e de forma degradada: "só um ser linearmente reduzido". Os personagens humanos - os trabalhadores -, em BM1 e BM2, são três, caracterizados em seus traços gerais: o tímido, o bêbado, o alegre. Em BM3, são acrescentados mais três trabalhadores e a história de cada um é narrada de tal forma a transformá-los em virtuais vítimas da cobra. Com este recurso, foi criado o suspense peculiar dos contos policiais, onde os envolvidos na trama reúnem elementos que os tornam suspeitos e a narrativa, antes clara, torna-se ambígua.

CONCLUSÃO

*"Às vezes a gente erra certo,
às vezes a gente acerta errado? - (Nhô
Inácio).*

J. Guimarães Rosa - Série Originais.

Ao terminarmos o estudo da gênese de "Bicho Mau", um ponto estava respondido: o conto não é um texto, nem mesmo está no último momento da fase redacional, que é manuscrito do copista. As razões que nos levam a esta conclusão estão colocadas tanto pela história externa do manuscrito quanto por sua história interna.

As supressões, as rasuras, os espaços em branco, confirmam BM3 como o manuscrito de trabalho do escritor. Este fato traz, como consequência, uma outra discussão: se, enquanto narrativa, ele é ou não um "texto" acabado.

Em BM3 e BM2 há dois núcleos dramáticos: a morte de Seu Quinquim - vítima da boicininga - e a procura da morte por Virginia. Em BM3 há apenas o primeiro núcleo. Como este é independente em relação ao segundo, BM3 poderá configurar-se como um corpo organicamente estruturado e, sem prejuízo, terminar aqui.

No dossiê de documentação redacional, encontramos três rascunhos, em papel do mesmo tipo utilizado em BM3: dois são trechos de falas do fazendeiro, após a morte do filho, portanto, partes integrantes do segundo núcleo dramático. O terceiro rascunho, em papel sulfite, sem margens, cobre toda a página e corresponde ao primeiro dia após a morte de Seu Quinquim.

Os rascunhos encontrados significariam a intenção do escritor de desenvolver a segunda parte ou a circunstância de pertencerem a um projeto abandonado. Colocamos esta reflexão como hipótese, pois apenas três rascunhos constituem uma amostragem pequena para que daí se possa tirar uma conclusão segura.

E, então, chegamos ao terceiro ponto: se "Bicho Mau" não apresenta um texto autorizado pelo autor e se o manuscrito mais recente não pode ser confirmado como obra acabada será pertinente a sua publicação, ou não? Em caso afirmativo, que critérios adotar?

O conto "Bicho Mau", na forma em que está em BM3 foi publicado no livro *Estas Estórias* e, antes disso, no *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, domingo, 01/12/68. O editor, Paulo Rónai, estruturou o volume em dois blocos: contos já editados anteriormente, e contos inéditos, em vida do autor. Na página de abertura para estes, o editor esclarece que se encontram "num estágio intermediário entre a estruturação inicial e a forma definitiva". A publicação foi realizada, segundo fomos informadas e as interferências do escritor, destacadas por Paulo Rónai, no rodapé, o confirmam, a partir dos manuscritos que estão no Arquivo. Foi um trabalho realizado com zelo e uma homenagem ao autor uma vez que procura respeitar-lhe o desejo. Como vimos, Guimarães Rosa elaborara projetos para um livro com o título *Estas Estórias*, embora com outra organização e um maior número de contos, alguns ainda por escrever.

Dos contos inéditos, em vida do autor, e publicados na edição comercial de *Estas Estórias*, apenas "Bicho Mau" tem mais de uma versão. "O dar das pedras brilhantes", tal como se encontra no Arquivo, poderá ser considerado em fase do manuscrito do copista: trabalho datilográfico profissional e poucas interferências do autor. "Páramo" está numa fase anterior: também com uma única versão, sofreu algumas interferências, e o espaço em branco, entre o penúltimo e o último parágrafos, sugere que uma nova revisão seria realizada. De "Retábulo de São Nunca" há, na série *Originais*, um manuscrito do Primeiro Painel, que foi publicado em *Estas Estórias*. Localizamos o Segundo Painel, incompleto, em três páginas datilogrfadas, terminadas por uma vírgula.

Concordamos com Paulo Rónai quando este caracteriza os contos inéditos, em vida do autor, como não definitivos, mas a diversa situação deles nos permite discutir sobre a sua completude.

Um Arquivo de acervos pessoais não é um museu de peças arqueológicas. Os manuscritos são peças vivas que devem ser estudadas cientificamente, tarefa que pode contar hoje com métodos e tecnologia avançados capazes de permitir um trabalho mais rigoroso do que era possível há alguns anos atrás. Mas esse trabalho só se justifica se puder ser divulgado para um público maior, não fique restrito aos pesquisadores de Arquivos.

Um manuscrito como "Bicho Mau" deve ser divulgado, mas observando-se alguns cuidados. Conhecendo suas versões anteriores,

sabemos, por exemplo, que a página manuscrita, com muitas supressões e algumas rasuras, é aquela que introduz a segunda parte da narrativa. Agregá-la a BM3, porém, é conferir a este estatuto de "texto" inacabado. Ela dilui a atmosfera gerada pela tragédia que se abateu sobre a família do fazendeiro; provoca a queda da tensão instaurada pelo conflito em que o velho pai se vê envolvido, tendo nas mãos a decisão sobre a vida do filho; e frustra a expectativa, porque é uma ponte para o nada.

Uma introdução deverá acompanhar a publicação de um tal manuscrito, constando nela uma descrição das peças dos dossiês dos documentos, sem a necessidade de transcrevê-las.

Observamos nos manuscritos de Guimarães Rosa que o escritor utiliza as mesmas técnicas quando imprime novas lições sobre os seus "textos": são colchetes, chaves, sinais de abertura de parágrafos, setas, barras, rasuras, rasuras legíveis com o x da máquina ou linhas espiraladas, horizontais, verticais; cartuchos hachurados ou não; nova lição em pedacinhos de papel colados à folha, e, mais comumente, anotada entre as linhas, e nas margens com setas puxando para baixo ou para cima. Às vezes, quando o espaço é pequeno, só é possível decifrar as palavras com lente de aumento, tal a pequenez ou acavalamento em que se encontram. Vez ou outra, encontramos anotações marginais inesperadas, como, por exemplo, a frase: "Viva o presidente Juscelino", no primeiro rascunho (1) de *Grande Sertão:*

1 - Guimarães Rocha chamou de primeiro e segundo rascunhos aos dois manuscritos de *Grande Sertão: Veredas*, embora já estivessem numa fase quase final de redação.

Veredas; ou uma conta de somar em "Bicho Mau", ou ainda, números que parecem ser de telefone, num rascunho do dossiê de documentação para o conto. Mas estes são procedimentos comuns à grande maioria dos escritores. Felizmente, Guimarães Rosa não chega a queimar com cigarro a palavra rejeitada, como fazia Graciliano Ramos e, muitas vezes, a lição subjacente pode ser recuperada quando examinada no microfilme com ampliação.

A letra de Guimarães Rosa é bastante legível e ele tem cuidado de repetir a palavra na margem quando na entrelinha pode provocar dúvidas. Isso acontece nos originais de *Sagarana*. Apesar disso, seus rascunhos são trabalhosos e cheios de armadilhas, mas a decifração, embora demorada, pode ser feita e chegar-se a conclusões pertinentes, sem prejuízo da fidelidade ao autor e ao seu texto.

No entanto, algumas interferências são de difícil interpretação: pontos de interrogação acima de palavras ou nas margens; palavras com sublinhas espacejadas; palavras dentro de cartucho; ou pequeno espaço pontilhado seguido de uma sílaba ou letra (.....ar;s) e ainda a ocorrência definida - pela equipe que prepara o texto genético-crítico de *Grande Sertão: Veredas* - como registro duplo ou triplo: logo acima, ou abaixo, ou acima e abaixo da palavra que está na linha, o autor registra outra, imediatamente, à máquina, ou manuscrita, em retomada posterior do texto, sem sinal indicativo do seu lugar de inserção na frase. No manuscrito, esta ocorrência configura uma não escolha. Quando há um texto posterior, ficamos conhecendo a opção feita que poderá, neste

caso, reverter nossas expectativas: uma das duas palavras é suprimida; as duas são suprimidas e substituídas por uma terceira; as duas são aproveitadas literalmente ou com modificação parcial em uma delas; ou aproveitadas com acréscimo de mais uma. Sem um texto de referência para comparação, será impossível dizer qual opção o escritor faria e, portanto, qual seria a variante.

A utilização do ponto de interrogação também não é fácil de definir. Em BM2, por exemplo, a palavra "pindahybas" teve o h rasurado e, acima dela, há um ponto de interrogação. Poderia ser uma dúvida relacionada com a ortografia. Como esta palavra não foi utilizada em BM3, não temos elementos para decodificar a interrogação. "Craquejaram", em BM2, também com ponto de interrogação, não sofreu qualquer alteração em BM3. A incerteza do pesquisador é procedente também quando o escritor sublinha uma palavra e anota um ponto de interrogação na margem, como é o caso de "folha" em BM2b, que permaneceu igual nos manuscritos seguintes.

Diante do exposto, a publicação de uma obra inédita, em vida do autor, deverá ancorar-se em estudos cuidadosos dos manuscritos e fazer-se acompanhar de um aparato crítico que traga ao leitor as reais condições do "texto". É bem verdade que o número de leitores para tal tipo de publicação será mais restrito e neste caso eles deverão vir ao texto e não o contrário. Afinal, Guimaraães Rosa esperava mais do seu leitor, queria-o mais ativo, dinâmico e participante, conforme a idéia de que ele *tenha de enfrentar um*

pouco o texto, como a um animal bravo e vivo.(2)

2 - Carta a Harriet de Onís, 24.04.1959 (CT2A).

BIBLIOGRAFIA

De João Guimarães Rosa

Sagarana. 15ª. ed. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1972.

Manuelzão e Miguilim (Corpo de Baile), 5ª ed., Rio de Janeiro. José Olympio, 1972.

No Urubuquaquá, no Pinhém (Corpo de Baile), 4ª ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1969.

Noites do Sertão (Corpo de Baile) 6ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

Grande Sertão: Veredas. 8ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.

Primeiras Estórias. 12ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981

Tutaméia (Terceiras Estórias). 5ª. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

Estas Estórias. 1ª ed. (póstuma), Ed. José Olympio, 1969: reimpressão, idem, 1976; 3ª. ed. Nova Fronteira, 1985

Ave, Palavra. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

J.GUIMARAES Rosa; correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri . ed. São Paulo, T.A. Queiroz/Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1980 (Bibl. de Letras e Ciências Humanas, série 1, Estudos Brasileiros, 2).

J.GUIMARAES Rosa; correspondência com a tradutora ^{para o} inglesa Harriet de Onís (Arquivo IEB/USP).

J.GUIMARAES Rosa; correspondência com o tradutor alemão Curt Meyer-Clason (Arquivo IEB/USP).

- J. GUIMARAES Rosa; correspondência com o tradutor francês
Jean Jacques Villard (Arquivo IEB/USP)
- J. GUIMARAES Rosa; CONFISSOES - Carta a João Condé - Letras
e Artes" (Supl. d' "A Manhã). 21 de julho de 1946.

Estudos sobre Guimarães Rosa

- CANDIDO, Antonio. Jagunços Mineiros de Cláudio a Guimarães
Rosa In: *Vários Escritos*. S. Paulo, Duas Cidades, 1977. p.
133-60.
- COUTINHO, Eduardo de Faria, org. *Guimarães Rosa*. Rio de
Janeiro, Civ. Brasileira; Brasília, INL, 1983, p. 500-13
(Fortuna Crítica, 6).
- COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e
Borges: (Crise da Mimese/Mimese da Crise)*. S. Paulo,
Atica, 1978 (Ensaio, 49).
- *João Guimarães Rosa Homem Plural Escritor Singular*.
São Paulo. Atual, 1988 (Lendo)
- DANIEL, MARY Lou. *João Guimarães Rosa: travessia Literária*
Rio de Janeiro, José Olympio, 1968 (Documentos Brasilei-
ros, 133)
- DANTAS, Paulo. *Sagarana emotiva; cartas de J. Guimarães Rosa*.
São Paulo, Duas Cidades, 1975.
- EM MEMORIA de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, Ed. José
Olympio, 1968.
- GALVAO, Walnice Nogueira. *As formas do falso: um estudo sobre
a ambiguidade em "Grande Sertão: Veredas"*. S. Paulo,

- Perspectiva, 1972. (Debates).
- . *Mitológica Rosiana*. São Paulo. Atica. 1978. (Ensaio, 37).
- GARBUGLIO, José Carlos. Guimarães Rosa, o pactário da língua. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, IEB/USP, 22:167-80, 1980.
- GUIMARAES, Vicente. *Joãozinho*. Infância de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro. José Olympio. 1972.
- LEITE, Ascendino. Arte e Céu, países de primeira necessidade ... Entrevista com J. Guimarães Rosa. *O Jornal*, 26 de maio de 1946 (Recorte, Arquivo Guimarães Rosa, IEB/USP, R2).
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco narrativo*. São Paulo Atica. 1985. (Série Princípios).
- LEONEL, Maria Célia de Moraes e VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Arquivo Guimarães Rosa. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, 24:117-80, 1982.
- LEONEL, Maria Célia de Moraes. *Guimarães Rosa Alquimista: Processos de Criação do Texto*. S Paulo, (Tese de Dout. mimeo. FFLCH/USP, 1985).
- LIMA, Sonia Maria van Dijck. *Gênese de uma Poética da Transtextualidade*. Apresentação do Discurso Hermiliano. São Paulo. (Tese de Dout. FFLCH/USP, 1988).
- LITERATURA e vida: um diálogo de Gunter W. Lorenz com João Guimarães Rosa. in *Arte em Revista*, ano I, nº 2, São Paulo, Kairós, ago/1979.
- PALMÉRIO, Mário. Evocação a Guimarães Rosa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 nov. 1968. Supl. Lit., 604:4.

- PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Trilhas no Grande Sertão*. In: ____
*Augusto dos Anjos e outros Ensaio*s. Rio de Janeiro, José
 Olympio. 1959. p. 151-241 (Documentos Brasileiros, 102).
- RIEDEL, Dirce. *O Mundo Sonoro de Guimarães Rosa*. Rio de
 Janeiro . (tese de concurso para cátedra de Português e
 Literatura do Curso Normal, do Instituto de Educação do
 Estado da Guanabara.). 1962.
- ROMANELLI, Kátia Bueno. *Sobre João Guimarães Rosa*. Os
 Primeiros Textos Críticos: Registros de 46 a 56. (inédito)
- RONAI, Paulo. Os prefácios de Tutaméia. In: ROSA, J.
 Guimarães. *Tutaméia; terceiras estórias*. 3ª ed. Rio de
 Janeiro, José Olympio, 1969. p. 193-7.
- ROSA, Vilma Guimarães. *Relembramentos: João Guimarães Rosa*,
 Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
- SCHWARZ, Roberto. "Grande Sertão": a fala In: _____. *A sereia
 e o desconfiado; ensaios críticos*. Rio de Janeiro, Paz e
 Terra, 1981. p. 37-41 (Literatura e teoria Literária, 37).
- VASCONCELOS, Sandra Guardini Teeixeira. *Baú de alfaias*. S.
 Paulo , 1984. (tese de Mestr. FFLCH/USP, mimeo).
- XISTO, Pedro et alii. *Guimarães Rosa em três dimensões* S.
 Paulo, Cons. Est. de Cult., 1970.

Geral

- ARAUJO, Emanuel. *A construção do livro*. Rio de Janeiro, Nova
 Fronteira, 1986.
- BELLEMIN-NOEL, Jean. Reproduir le manuscrit, présenter les

- brouillons, établir un avant-texte. *Littérature*. Genèse du texte. Paris, Larousse, 28:3, déc. 1977.
- . Le texte et l'avant-texte: les brouillons, établir un avant-texte. *LITTÉRATURE: genèse du texte*, Paris. Paris, Larousse, n° 28, déc. 1977, pp.318.
- BERGEZ, Daniel et alii. *Introduction aux Méthodes Critiques pour L'analyse Lit[eraire]*. Paris. 1990.
- BRUN, Bernard. L'édition d'un brouillon et son interprétation: le problème du "Contre Sainte-Beuve". In: HAY, Louis, ed. *Essais de critique génétique*. Paris, Flammarion, 1979. p. 151-61 (textes et Manuscrits).
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. v.5. Rio de Janeiro. Sul Americana. 1970.
- DEBRAY-Genette, Raymonde *Génétique et poétique: le cas Flaubert*. In: HAY, Louis, ed. *Essais de critique génétique*. Paris, Flammarion, 1979. p. 21-67 (Textes et Manuscrits).
- ECO, Umberto. *Leitura do Texto Literário*. Lector in fabula. Lisboa. Presença, 1979.
- I ENCONTRO DE CRITICA TEXTUAL: O Manuscrito Moderno e as Edições. São Paulo. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1985. Anais. 1986.
- II ENCONTRO DE Edição Crítica e Crítica Genética: Eclosão do Manuscrito. São Paulo. Universidade São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, s.d.
- GALVAO, Walnice Nogueira. *Introdução e Variantes e*

- comentários. In: CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Ed. crítica. S. Paulo. Brasiliense/ Secr. de Est. da Cult., 1985, p. 11-79 e 55-72.
- GOTLIB, Nadia Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo. Atica. 1985. (Série Princípios).
- GRÉSILLON, Almuth e WERNER, Michael. org.- *Leçons d'écriture ce que disent les manuscrits*. Paris, Minard, 1985.
- HAY, Louis. L'Ancien et le Nouveau Monde: l'édition du texte. (comunicação). In: *Litterature Latino-Americaine et des Caraïbes du XX siècle*. Roma, Ed. Bulzoni, 1988 p. 87-102.
- : "La Critique génétique: Origines et Perspectives", *Essais de Critique génétique*, Paris, Flammarion, 1979, pág. 128.
- HOUAISS, Antonio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro, INL/MEC, 1967, 2v.
- LARA, Cecília de. Introdução e Variantes e Comentários. In: ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Ed. crítica. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- : Comentários e notas à edição fac-similar de 1982 de Brás, Bexiga e Barra Funda. In: MACHADO, Antonio de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda; notícias de São Paulo*. Ed. fac-similar. S. Paulo, Impr. Of. do Est./Arquivo do Est., 1982.
- : Comentários e notas à edição fac similar de 1982 de Pathé Baby. In: MACHADO, Antonio de Alcântara. *Pathé Baby*. Ed. fac-similar. S. Paulo, Impr. Of. do Est./Arquivo do Est.

1982.

----- Comentários e notas à edição fac-similar de 1982 de Laranja da China. In: MACHADO, Antonio de Alcântara. *Laranja da China*. Ed. fac-similar. S. Paulo, Impr. Of., do Est/Arq. do Est., 1982.

----- *Provisório vs. Eterno*. João Guimarães Rosa: entrevista e retratos (org., seleção, introdução e notas).

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O Foco narrativo*. São Paulo. Atica. 1985. (Série Princípios).

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Introdução e Variantes e Comentários. In: ANDRADE, Mário de. *Macunaima o herói sem nenhum caráter*. Ed. crítica. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos/S. Paulo, Sec. da Cult. Ciênc. e Tecno, p.149-80.

----- Textos, etapas, variantes: o itinerário da escritura. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros/USP. nº31 1:147-159. 1990.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística*. Edusp. São Paulo. 1989.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. São Paulo. Edusp. 1967.

NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo, Perspectiva. 1969. (col. Debates).

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. Introdução crítico-filológica. In: ALENCAR, José de. *Iracema; lenda do Ceará*. Ed. do centenário organizada por M. C. Proença. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965, p. 3-41.

SEABRA, José Augusto. Problèmes méthodologiques de l'édition critique de l'oeuvre de Fernando Pessoa dans la collection ARCHIVES: le cas de "Mensagem". (comunicação) In: Litterature Latino-Americaine et des Caraïbes du XX siècle.

Roma, Bulzoni Ed., 1988. p. 205-13.

SEMINAIRES INTERNATIONAUX DE PARIS ET PORTO Litterature

Latino-Americaine Et Des caraïbes Du XX Siecle. Theorie

Et Pratique de L'Édition Critique. Paris. Bulzoni. 1988.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica*. São Paulo. Ed.

Universidade de São Paulo. 1977.

TAVANI, Giuseppe. Le texte: son importance, son

intangibilité. (conferência). In: idem, p. 23-34.

----- Teoria y metodologia de la edición crítica. In: idem, p. 35-51.

----- Los textos del Siglo XX. In: idem, p. 53-63.

----- Metodologia y práctica de la edición crítica de textos literarios contemporaneos. In: idem, p. 65-84.

----- Alguns problemas da Edição Crítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros/USP. 31:35-48. 1990.

WILLEMART, Philippe. *O manuscrito em Gustave Flaubert; transcrição, classificação, interpretação do proto-texto do 19º capítulo do conto "Hérodia"*. Boletim da Fac. Fil., Letr., e Ciênc. Hum., USP, São Paulo, n. 44, 1984 (Nova Série).